BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.1/358

Proc.: 896
Liv.: 01
Pag.: 28
Reg.: 882

OS GAROTOS DA BANDA

MART CROWLEY

BR DFANBSB NS.CPR TEA.PTE. 0376, p.2

D.F.S.P.
061097 -6 DEZ 68

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM 9/12/68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL – GB
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DR - GB

Of. nº 457/68 Em 03 de DEZEMBRO de 1 968

Do Chefe da Turma de Censura de Diversoes Públicas
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DPF-
Assunto: sôbre peça teatral

Senhor Chefe,

Cumprindo determinações dêsse SCDP, encaminho a V.Sa. o texto acompanhado da autorização da SBAT, referente a peça teatral de Mart Crowley, intitulada "OS GAROTOS DA BANDA"-(THE BOYS IN THE BAND), a fim de ser examinada por êsse Serviço.

Na oportunidade renovo a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

Marina de Mello Ferreira

MARINA DE MELLO FERREIRA
Chefe da TCDP-DR/GB.

SRA. / DA. - D. F. S. P.
RECEBI em 06/12/68 AS 14
ASS.
(CARGO SUBSTITUIÇÃO RECEBIMENTO (SERE))

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 3

3/1

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sêde: Av. Almirante Barroso, 97 · 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Encaminhe-se
Para Brasília
Em 3-12-68
Maria M. Ferreira

Rio de Janeiro, 2 de Dezembro de 1968

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA, duas cópias da peça:
OS GAROTOS DA BANDA - (THE BOYS IN THE BAND)
próxima apresentação da Conpanhia Antonio de Cabo
no Teatro SERRADOR
com estreia marcada para o dia 2 de Janeiro de 1969

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

D.P.F. - DELEGACIA - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 11289
DATA 3 / 12 / 1968
Ruth
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.4

OS GAROTOS DA BANDA
(THE BOYS IN THE BAND)
De Mart Crowley -Trad.I.M'
Bustamante

traduzida por:
I.M.BUSTAMANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.5

A peça é dividida em dois atos . A ação é continua e transcorre-se em uma noite,o tempo necessario,para , qus se represente o script .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.6

6/4

PERSONAGENS

MICHAEL — Menos de trinta anos, tipo comum, porem espertamente vestido e arrumado.

DONALD — Vinte e oito anos mais ou menos, liro, boa aparencia e tipo do americano, fugindo ao nordico .

EMORY — Entre vinte e trinta anos, pequeno e fragil, comum.

LARRY — Entre vinte e trinta anos, com muito senso e estilo ao se vestir. Olhos escuros idem cab elos, e muito bonito.

HANK — Entre trinta e trinta e cinco anos, bem conservados, alto forte atletico, e muito atrativo .

BERNARD — Vinte e oito anos, preto, alto, boa aparencia, educado, vestido em blazer e calça tipo Ivy's .

COWBOY — Vinte e dois anos, loiro, magro, bem contornado, extremamente lindo .

HAROLD — Entre trinta e trinta e cinco anos, o mais magro possivel, cabelo tipo Caetano Veloso, uma cara que impressiona pelos poros capilares supurados, (efeito de maquiagem) usando roupa avançada e colares .

ALAN — Trinta anos mais ou menos, aristrocatico, anglo saxonico, veste smoking.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.7

ATO 1

Cenario: apartamento duplex de muito bom gosto,consistindo-se de uma sala em baixo,e no andar superior o que seria o quarto e b anheiro .

Um toca-discos em cena. Musica tocada deve ser atual.Em New York a musica tocada era " O PATO" com o conjunto de Sergio Mendes .

Michael usa um safari,e calça Cardin,e sae da cosinha carregando consigo algumas garrafas de bebidas .
Atravessa a sala,para colocar as garrafas no bar . Olha para ver se a sala está em ordem. Caminha então para a escada improvisando uns passos de dança ao subir .

No quarto,ele passa pelo espelho e para,olhando-se como se estudasse seu cab elo e olhos .
Apanha um secador e pente,e começa a secar e pentear os cab elos .

A campainha toca. Michael como se não tivesse certeza de ter ouvido-a tocar,desliga o secador, e espera que toquem ou tra vez .

Tocam outra vez e mais longamente .

Michael,rapidamente desce a sala,desliga a vitrola,abre a porta ,e aparece DONALD,vestindo calça BEC's e camisa LACOSTE,carregando nas costas um saco tipo destes oferecido por cias. de aviação .

MICHAEL
Donald§ Voce está mais ou menos um dia e meio adiantado §

DONALD (entrando)
Eu lhe digo porque: é que o dr. cancelou a minha consulta de hoje §

MICHAEL
Cancelou ? Como é que voce entrou lá em baixo ?

DONALD
Não tinha ninguém e a porta estava aberta . Acho o porteiro saiu .

MICHAEL
Voce quer um drink ?

DONALD (indo p/ o quarto guardar sua bolsa)
Não antes de tomar um bom banho . Hoje eu quero descansar e desfrutar de uma coisa qualquer...

MICHAEL
Voce está deprimido por causa do medico ?

DONALD (retornando)
Claro que n ão. Eu j'a estava deprimido muito antes de ir a ele .

MICHAEL
Porque o puto cancelou a consulta ?

DONALD
Uma gripe ou coisa semelhante . Coitado parecia tão ruim ...

MICHAEL (mostrando um saco)
Ora,não se incomode. Isto aqui na minha mão lhe animará . Hoje fui fazer compras e comprei tudo que existe de b om. Veja :sabonetes,loçoes,perfumes.

DONALD (removendo suas meias e sapatos)
Pronto. já me sinto bem melhor .

MICHAEL (mostrando o conteudo do saco)
Uma escova de dentes só para voce,pois já estou farto de que voce só use a minha .

DONALD
...e como é que pensas que eu sinto ?

MICHAEL (mostrando uma lata de spray)
Isto também é para voce...algo especial chamado ...CONTROLE. E olhe,note que em nenhum lugar está escrito laquê...tem simplesmente as palavras , "PARA HOMENS" . E está escrito mais ou menos umas trinta e sete vezes em todos os lugares ao redor da lata .

DONALD
Isso é para convencer os machões de que eles também podem usa-lo sem receio,pois foi feito,para eles,exclusivamente.Está escrito na lata .

MICHAEL
Sim,mas isso não muda nada,continua sendo laquê,não é ? Não importa se eles chamem até de bagos .

(Donald ri)
Tudo iste vai para a sua prateleira,com uma inscrição : APRETECHOS DE BELEZA PARA OS SABADOS pertencentes a Donald §
Ah § Voce vai dormir aqui hoje ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.8

DONALD

Não. Eu volto hoje mesmo . Ainda fico atacado,toda a vez que venho a cidade por muito tempo . . Ainda não estou curado .

MICHAEL

Isto é o que voce diz todo fim de semana .

DONALD

Talvez quem sabe,depois de mais uns dez anos de analises,eu consiga ficar uma noite .

MICHAEL

Talvez quem sab e,depois de uns dez anos de analises,voce consiga mudar permanentemente para a cidade,em vez de morar no campo .

DONALD

Se eu viver até lá .

MICHAEL

Mas claro que voce viverá,isto é,se voce não se esb orrachar um destes dias bem cedinhos . Aliás,eu nunca entendi como voce pode enchaer a cara com martinis,cervejas,e outros drinks,e ainda conseguir dirigir de volta e chegar em casa in teiro .

DONALD

Pode acreditar . É mais fácil do que chegar aqui . Voce já teve um ataque de ansiedade dirigindo a 120 por hora ? Pois b em,hoje eu estava quase tendo um,correndo para chegar ao médico,e quando eu finalmente consigo , depois de enfrentar mil coisas,chego,me jogo no sofá e estou pronto para vomitar toda aquela ansiedade e depressão,ele se vira e diz: "Donald,infelismente eu tenho que cancelar mua consulta de hoje,pois quem está doente sou eu ."

MICHAEL

Porque voce não disse que estava mais doente que ele ?

DONALD

Mas eb está camsado de sab er disto .

(Donald vai ao quarto e joga seus sapatos e meias.
Michael o segue .)

MICHAEL

Porque o viado não te telefonou e cancelou ? Imagine se voce depois de ter guiado este tempo todo,só para ve-lo,não o encontrasse ? ia dar em nada .

DONALD (tirando a camisa)

Porque voce sempre o chama de viado ou puto ?

MICHAEL

Ora ! Quem é que já ouviu falar de um analista mesmo,que dê consultas a um só paciente durante duas horas,e num sabado a noite ?

DONALD

Porque ele prefere trabalhar aos sabados até tarde e descansar na segunda feira .

MICHAEL

Ah é ! Ele gosta de trabalhar tarde no sabado e descansar nas segundas ...? Afinal o que ele é ? Um psiquiatra ou um cabeleireiro ?

DONALD

Pra falar a verdade,ele é as duas coisas . Ele abre a minha cabeça e encolhe os meus pensamentos .

(deita na cama.)

E além do mais,eu tinha mesmo que vir a cidade para uma festa de aniversario não é ?

MICHAEL

Foi bom voce me lembrar. Se há uma coisa para a qual eu não estou preparado,é para ouvir cinco bichas loucas gritando "parabens prá voce" .

DONALD

E quem é que vem ?

MICHAEL

Só os amigos de Harold . É aniversario dele e eu quero que tudo seja de acôrdo com o que ele gosta . Não aguento mais ouvi-lo dizer"ninguem nunca faz nada para ninguem a não ser para eles mesmos ."

DONALD)

S'ele mesmo .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.9

MICHAEL

Eu acho que voce já conhece a todos . As mesmas bichas velhas e cansadas ,que voce já viu desde o começo do mundo .
Seremos oito ao todo,incluindo voce,Harold e eu .

DONALD

Voce por acaso está me chamando de bicha velha e cansada ?

MICHAEL

Oh...perdão...sete bichas velhas e cansadas e uma boneca ansiosa .

DONALD

Voce acha que Harold se importará por eu estar presente ? Afinal eu sou seu amigo e não dele .

MICHAEL

Se ele se importar,eu quero que morra.Olha eu vou parar de atrapalhar num segundo,só tenho mais uma coisa a fazer .

DONALD

Plastica já tão cedo ?

MICHAEL

Meu bem,eu tenho que escovar meu cabelo pela trigéssima vez. Cabelo,eu disse cabelo no singular . Isto porque meu cabelo sem exagero nenhum,está caindo visivelmente no chão,e bem depressa queridinha .

DONALD

Isso é paranoia.Voce ainda tem cabelo pasa .

MICHAEL

O que voce vê em sua frente,é uma obra prima de decepção . Meu couro cabeludo começa aqui .(indica a testa)
Tudo isto é torturadamente jogado para a frente,para cobrir as entradas .

DONALD

Bem eu espero que para sua salvação nenhum vento forte apareça .

MICHAEL

Se isto acontecer,estarei perdido . Terei então uma careca a mostra, e os ombros cheios de cabelos .
(michael enfia seus dedos nos cabelos,segurando-os em cima,para que Donald veja suas entradas .Donald fica em silencio.)
Que tal ?

MICHAEL

Chama-se "ficando velho". Mas uma coisa voce pode dizer para masturbar-se. voce certamente não precisa sempre aparentar o seu melhor .
(Ele tira o casaco e o joga na cama.Do banheiro tráz e dá a Donald um robe .
Donald ri,apanha o robe,e sai para o banheiro .
Michael apanha outro casaco e veste-se .)

MICHAEL

Mas afinal porque voce está deprimido ? Quero dizer sem ser pela coisa de sempre .
(Pausa)

DONALD (relutando)

Olha,eu realmente não quero falar sobre isto .

MICHAEL

Bom,se voce não quer falar,como é que podemos ter uma conversa profunda,... uma recompensadora,quente e significativa amizade ?

DONALD

É a sua .

MICHAEL

Cavalheiro,veja lá como fala.
(Pausa . Donald aparece na porta segurando um copo de agua e um vidro de pilulas . Michael olha .)

DONALD

É que eu hoje finalmente conclui que eu fui criado para ser um fracasso . Eu fui cuidadosamente preparado para isto .

(Pausa)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p-10

P/f

MICHAEL

Voce sabe,já houve um tempo em que voce poderia ter dito isto para mim e eu não conseguiria saber de que diab o voce estaria falando .

DONALD (toma algumas pilulas)

Claro . Tudo isto é culpa de Evelyn e Walter .

MICHAEL

Claro . Tu do é culpa sempre de mamãe e papai . Infelismente todos nós temos uma Evelyn e um Walter. São uns canalhas ! Hum...eu adoro esta palavra ... canalha ...e voce ? É tão Barbara Stanwick .

(faz a la Stanwick com os dentes cerrados e sexy.)

Me chama de vulgar seu canalha.

DONALD

Já vi que todos os vestigios de sanidade para esta noite foram oficialmente para o inferno .

MICHAEL

Donald,voce está tão sério hoje. Voce está faminto de distração e eu estou comendo por dois !

(canta imitando em gestos Judy Garland)

Forget your troubles ,come on get happy
Oh aleluia throw your blues away ...Forget your troubles...

(Vê que Donadd não está interessado...)

Voce já viu coisa mais chata do que uma bicha imitando Judy Garland?

DONALD

Já . Ou tra bicha imitando Bette Davis .

MICHAEL

Voltando ao assunto de Evelyn e Walter .

DONALD (desconversando)

A América é quadrada,mas os buracos americanos são redondos .

MICHAEL

Meu Deus ,os psiquiatras devem ficar doidos,de tanto ou virem contar como mamãe e papai transformaram seu lindo filhinho em uma linda bonecA .

DONALD

Já passamos esta fase . Hoje eu finalmente começo a ver como alguns pedaços relacionados com isto se encaixam neste quebra cab eças . Assim como eu nunca consegui terminar nada que houvesse começado em toda a minha vida ...minha compulsão neurótica de não ser bem sucedido . Eu descobri que somente quando eu falhava é que Evelyn me amava mais ...porque isto desgostava Walter que gostava da perfeição . Foi quando eu senti que quanto mais eu falhava ,mais amor ela me dava,para compensar-me,que eu comecei a identificar falha com ganhar cada vez mais o amôr de minha mãe . E eu comecei a falhar sempre,e sempre,e de propósito,para ser mais amado. Não terminei a universidade...não consegui nunca manter um emprego nesta cidade. Eu simplesmente me con formei com um quarto em cima de uma garage, e ser limpador de chãos,para me manter vivo. Fracasso é a unica coisa que me faz sentir em casa . Porque foi isso o que me ensinaram .

MICHAEL

Assassinos de sentimentos. Sim isto é o que eles são . Quantos sentimentos pode um destes assassinos matar ?

DONALD

Uma porção . Especialmente se eles tiverem as pessôas desde crianças .

(Pausa

Michael repentinamente tira o seu casaco e e joga-o no ar deixando-o cair em qualquer lugar descuidadamente . Apanha outro tipo Nehru e veste-se agora em traje completo,descendo para a sala . Donald segue-o .

Donald continuando...)

Hey,onde voce vai ?

MICHAEL

Preparar uns drinks . Eu acho que precisamos de uns trinta e sete .

DONALD

Onde voce arranjou este casaco ?

MICHAEL

Numa loja pequeninha na zona sul perto da grande ,chama-se Hermes (bilbequet)

DONALD

Eu quase que tenho de dar o rabo para limpar chão,e ganhar uns miseros , 45 dolares por semana , e voce aí valseando e jogando roupas carissimas no "ditto" .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.11

11/4

MICHAEL

O que eu joguei no chão do quarto é um casaco safari,que comprei em Paris.

DONALD

Pelo amor de Deus ...

MICHAEL

Voce bem poderia ter outro emprego se quisesse . Ninguem põe um revolver na sua testa te obrigando a ser um empregadinho . Isto como voce mesmo diz,é a sua neurose .

DONALD

Ihhh...e eu que pensava que nasci para isto ...

MICHAEL

Além do mais,só porque uso roupas caras,não quer dizer,necessariamente, que elas tenham sido pagas .

DONALD

Isto é como voce mesmo diz,a sua neurose .

MICHAEL

Bem eu sou um louco mimado. Daí...que posso eu saber de maturidade ? A única coisa matura que eu conheço é o Victor MATURE.aquele que fez vários filmes com Betty GRABLE .

(canta como Grable)

"I can't beguin to tell you
How much you mean to me ..."

Betty [illegible] cantou isto em 1945. 45 ? ...não 43 . Não 43 era aquele filme Coney Island,que mais tarde em 1950 foi refilmado com outro nome ...ah sim me lembro,As irmãs Dolly,foi em 45 .

DONALD

Como é que eu pude perder estes momentos importantes do cinema americano? Eu compreendo que exista gente afixionada por teatro,mas por cinema ? Há tanta porcaria que não penso nunca seriamente nele .

MICHAEL

Ch.me perdôe por ter ofendido o seu senso artistico . Mas no interior,nem sempre existem teatros de acôrdo com a sua finura (Pilheria)

DONALD

Graças ao cinema e sua tela branca,a sua neurose con seguiu um estilo . Burlar os credores,com sua bancade gente bem.

MICHAEL

E o que é que tem demais em ter-se a cabeça pendurada em dividas ? A unica coisa é que tem-se qu e ser muito vivaldino ,diria eu .

DONALD

Olha,pensando bem,voce é do tipo que faz todo mundo ter raiva das bichas .

MICHAEL

E voce Donald ? Por um acaso,voce acha-se dos que fazem-se respeitarem aos homosexuais ? Voce,o pontual,trabalhador,limpador de chãos,pagador sempre em dia das suas dividas,e a que não deve nada a ninguem ? A bicha boazinha.

DONALD

Eu sou uma b icha modelo ...uma fada .

(Michael pegou um papel e fita e começou a embrulhar o presente de aniversário de Harold.)

MICHAEL

Voce pensa que eu achava maravilhosa a minha vida ? Voar de Los Angeles, para Roma,de Acapulco para Amsterdam,apanhando uma porção de companias, para uma só noite,e uma porção de corôas em todos os caminhos,...só pelas contas a pagar ? pois saiba voce que o unico lugar e hora em q e eu não sentia tristeza e ficava até feliz,era no avião,quan do estava só,sem ninguem para me pertubar,livre de pagamentos,etc.

(Ele faz um laço e continua)

Cheio da Scandinavia ? que tal a Grécia ? Cansado de carne preta ? Que tal carne branca ? Cheio de cachaça ? que tal vodca ? Irritado com os homens? Quetal mulheres ? E o que voce acha de mulheres e homens juntos ? Que combinação heim ? E se voce não aguenta mais ninguem ,tente os narcoticos . Fumo ou pilulas,bolinhas ou o que voce quizer . Imagines qualquer outra coisa, que o nenem aqui,o mimado,corrompido,estupido,vazio,charmosso,chato,egoista possa ser classificado ? Em qual destes voce pensa que existe classe,e estilo Donald ? Hum ? É isto que voce pensa que perdeu ? Minhas históricas fugidas de paiz em paiz,festa em festa,cama em cama,ressaca em ressaca, de tudo em tudo ?

(pausa)

fuga,cobrança,fuga,compra,emprestimo,gastos, fuga,pedir,implorar,fuga fuga, desperdicio,desperdicio,desperdicio .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 12

12/

Michael continuando ...
E porque ? Porque ?

DONALD

Sim porque Michael ? Porque ?

MICHAEL

Olha eu realmente não quero falar sobre isto .

DONALD

Então como nós poderemos ter uma conversa profunda e significativa ?

MICHAEL

Oh,voce já sab e disso de cór . É sempre a mesma canção . Porque a minha Evelyn se recusava a deixar-me crescer . Ela tinha decidido que eu seria sempre uma criança,e ela fez um troço disto . E o meu Walter olhava e deixava-a fazer o que queria .

(pausa)

O que voce vê em sua frente,é uma criança de trinta anos .
E isto tudo foi feito em nome do amor ...ou o qu e ela chamava de amor. E provavelmente,siceramente acreditava que fosse amor ,quando o qu e realmente fazia,era satisfazer suas próprias necessidades...satisfazendo a sua solidão .

(pausa)

Imagine que ela me banhava na mesma banheira com ela,até que eu fiqu ei um pouco grande demais,para caber nós dois juntos na mesma banheira .
Ela me fazia dormir com ela na mesma cama,até que eu tinha 15 anos , e até que eu firmemente me recusei a passar mais uma noite lá com ela .

(pausa)

E voce sabe que até hoje ela ainda diz:"eu não me importo e não me interessa saber se voce já tem 27 anos,para mim voce continua sendo o meu filhinho,meu menino ".E eu fico louco com isso;será que aquela puta não vai nunca entender que o que eu serei sempre,é seu filho,e que já deixei de ser seu menino,por 23 anos ...

(pausa)

E não me entenda mal por favor. Eu sei que é facil falr e botar a culpa em Evelyn e Walter.E que nós somos indefesos e pobre vitimas . Mas eu cai muitas vezes num sofá e gastei muito dinheiro com psiquiatras para no final saber que ninguem é responsavel.
por ninguem,a não ser por si mesmo . Eu não tenho certeza mas quero acreditar que no geito patético deles,num geito perigoso,faziam isto porque me amavam demais .

(pausa)

Finis . Aplausos .

(Donald hesita,mas depois dirigi-se a Michael e põe seu braço sob re seu ombro e o abraça carinhosamente . É um gesto carinhoso e de compreensão .)

Não tem nada melhor do que sentir pena de si mesmo,não é ?

DONALD

Que nada rapaz .

MICHAEL (a la Bette Davis)

Eu adoro sentimentos baratos.

(se afasta de Donald que ainda o abraçava)

Pois bem,Hoje estou recebendo . Que queres beber ?

DONALD

Martini bem seco com gin,e uma rodelinha de limão ,e muito gelo.

MICHAEL (a la Garbo)

Prontinho ...

(Donald entra no banheiro,Michael para a cosinha se dirige. O telefone toca quando ele retorna da cosinha trazendo um balde de gelo,uma bandeja de prata,e um prato de canapés de caranguejos,cantarolando Acapulco.
O telefone toca .)

MICHAEL (respondendo)

Bastidores do teatro municipal...

(pausa)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.13

Michael continuando ...
Alan ? Meu chapa eu nem acredito . Onde você está ? Como é que vai ? Voce está aqui na cidade ? Chegou quando ? E Frances ? Ela veio contigo? ...ah,o que ? Não,não,eu...já estou comprometido hoje a noite . Não hoje não dá pé ...o que você quer dizer ? agora ? neste minuto ? Ah,Alan imagine você que hoje é aniversario de um grande amigo meu,e estou recebendo algumas pessôas aqui em casa...não,voce não chamaria isto de festa. be...claro...aliás,eu imagino que voce...como voce chamaria ...um terremoto talvez . Alan meu chapa,desculpe mas não dá pé mesmo .Não creio que voce compreenda...não é que seja jogo de cartas que tenha necessidade de parceiros não ...é que...é que...eu acho eu não gostaria de ve-lo por alguns minutos ... Alan ? Alan? que é que há rapaz ? Tem algum problema ? Alan ? Voce está chorando ? Não,não...tá legal,tá certo...pode sim... voce pode vir então ...tomaremos um drink rapido ok ? você está bem ? Claro .o mesmo endereço de sempre,você sabe onde é ...

(Devagar ele desliga o telephone e olha distante no espaço. Donald aparece banhado e vestido com camisa Lacoste azul.Faz pose.

DONALD
Bom...que tal? Estou lindo ?

(Michael olha)

MICHAEL
Você está absolutamente lindo...Parece merda mas lindo. Quem está para virar merda sou eu .

DONALD (meio desapontado)
As suas uvas estão ...como voce diz,azedas.

MICHAEL
Escuta. Voce não vai nem acreditar noque me acaba de acontecer .

DONALD
Onde está meu drink ?

MICHAEL
Eu não fis...eu estava no telephone .

(Donald vai ao bar e faz um drink para si.)
Meu antigo companheiro de quarto na minha cidade natal,acaba de me telefonar .

DONALD
Ele se chama Alan,não é ?

MICHAEL
Alan McCarthy. Ele veio numa viagem de negócios,ou algo semelhante,e está a caminho daqui .

DONALD
Meu chapa,espero que ele saiba pelo menos a letra do parabens prá voce.

MICHAEL
Escuta aqui Donald,o que é que eu vou fazer ? Ele é um quadrado. Não entende mesmo ...e além de tudo,é de cidade do interior.

(entre os dentes)
Ele é gente muito boa.

DONALD
E isso é muito importante .

MICHAEL
O que eu quero dizer é que ele é daquele que olha a gente de teatro por baixo.É um snob . E o que voce pensa que ele vai achar do showzinho que nós temos preparado para hoje ?

DONALD (bebendo seu drink)
Meu Deus.Isto vai ser bom .

MICHAEL
Quer um canapé de caranguejo ?

DONALD
Não ainda não . Depois . Mas porque voce convidou ele a vir aqui ?

MICHAEL
Ele que se convidou . Disse que tinha que me ver hoje,pois precisava falar comigo imediatamente . Ele perdeu o controle no telephone e começou a chorar ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.14

DONALD

Talvez esteja sentindo pena dele mesmo .

MICHAEL

E agora ? Que rabo de foguete...Ele é daquele que não demonstra nenhuma emoção . Nunca. Nem se ele estivesse num desastre de avião . Que é que vou fazer,Donald ?

DONALD

Ora,você se importa com o que ele pense ?

MICHAEL

Bem...não exatamente ...mas ...

DONALD

Ou você sente de repente vergonha dos seus amigos ?

MICHAEL

Donald,você é a unica pessôa que eu conheço,de quem eu sinto realmente vergonha . Algumas pessôas,sabe,tem diferentes idéias e modos de vida, do que voce e eu . E se nós os ignoramos,nós seremos tão quadrados e atrazados quanto eles,ou quanto nós pensamos que eles são .

DONALD

Sabe o que e voce é Michael ? Voce é realmente uma pessôa,"daquelas".

MICHAEL

Vai a merda tah?

(Michael atravessa e pega um canapé.)

Que er um agora ?

DONALD

Como é que voce conseguiu ser amigo dum cara chato e quadrado como esse?

MICHAEL

Olha,acredite se quizer,mas houve uma época em minha vida,em que eu não ia pelas ruas gritando que era bicha .

DONALD

Devia ser na época em que o mundo era todo cego .

MICHAEL

Olha,micha o papo tá legal ? Eu só me revelei quando deixei a universidade.

DONALD

Se não me engano,a primeira vez que nós nos conhecemos,foi em um bar entendido,e voce ainda não tinha entrado na universidade .

MICHAEL

Buceta !

DONALD (quase engasga)

Pucha pensei que voce fosse até alérgico a esta palavra .

MICHAEL

Voce tem certeza que não quer um canapé ?

DONALD

Por enquanto não,muito obrigado .

MICHAEL

Bem,a unica coisa que pode acontecer é ficar mais frio .
Que horas são ?

DONALD

Não sei,mas ainda é cêdo .

MICHAEL

Pucha,onde estará aquele cara ?

DONALD

Voce quer um pouco mais de soda ?

MICHAEL

O que ?

DONALD

No seu copo só tem soda. Não é gin como o meu,portanto ,voce quer um pouco mais de soda ?

MICHAEL

Não .

DONALD

Eu venho observando voce estes ultimos sábados. Vocêrealmente deixou de beber,não foi ?

MICHAEL

E de fumar tambem .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,P.15

DONALD

Também ? Há quanto tempo ?

MICHAEL

Cinco semanas .

DONALD

INCRIVEL .

MICHAEL

Eu achei Deus .

DONALD

Mais incrivel ainda .

MICHAEL

Porque ? Deus morreu ?

DONALD

Graças a Deus,ou seja a ele mesmo . E não fique tão assustado. Ele não gostaria de te ouvir mencionar seu nome .

MICHAEL

Ora você sempre disse que eu sabia beber melhor do que ninguem,e sem dar vexame .

DONALD

É que eu podia sempre ver quando vocêestava ficando alto...

MICHAEL

E eu não ficava feros .

DONALD

Você parece até mais feliz,Nota-se facilmente .

MICHAEL (calmamente)

Obrigado .

DONALD

Quem foi que conseguiu este milagre ? Seu psiquiatra ?

MICHAEL

Não . É claro que ele ajudou bastante,mas a verdade,é que compreendi que não conseguiria sobreviver a outra ressaca, só isto .Eu achei que não me seria possivel continuar depois daquela manhã .

DONALD

Depois de que manhã ?

MICHAEL

Sentia uma ansiedade,uma culpa,culpa enorme...verdadeira ou imaginaria , daquelas em que num segundo voce abre os olhos e pensa,"Oh meu Deus,qu e foi que eu fiz ontem a noite ?" E então...limpeza total .

DONALD

Me conta vai .

MICHAEL

Ai,o café,a aspirina,alka seltzer,dexamil,e aquele telephonema aos A.A. ...alcoolatras anonimos .

DONALD (brincando)

Alô.Aqui fala da associação Alcoolatras anonimos .

MICHAEL

Alô ? O senhor podia me informar,"eu estava muito ruim ontem a noite ? Será que eu fiz algo de errado ?

DONALD (rindo)

Tantas vêzes,tantas vêzes !

MICHAEL

Daí então,naquela de viver até a horado almoço,quando voce toma o seu primeiro bloody mary duplo...isto é,se voce conseguir esperar até a hora do almoço...ai meu chapa,voce já esta de porre, e fudido,sem nenhum uso para o resto da tarde . E a única cura é ir para a cama por 37 horas, mas,quem é que faz isto ? Em vez disso, você fica esperando a hora do aperitivo,e quando ela chega,voce já está pronto para o que a noite oferece,e que infelizmente,desgraçadamente é outra festa onde o mesmo circulo começa outra vez .

(pausa)

Fucha,eu estive nessa corda bamba durante muito tempo . Eu tinha que parar,ou então morrer de tonturas ou de desiquilibrio !

DONALD

E como é que uma cabeça pode pensar sem o fogo do alcool ?

MICHAEL

Bem...Todas estas coisas que voce já ouviu a respeito,são verdadeiras .

(pausa)

Nada pode ser comparado a experiencia de alguém funcionando em sua capacidade natural . A unicacoisa é que...eu seria capaz de matar por um drink...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.16

(a campainha toca)

DONALD

O colegial finalmente chegou...

MICHAEL

De repente me deu um soluço...

(ele chega a porta)

Escuta aqui,Donald ...

DONALD (rapidamente)

Michael,não me insulte querendo dar-me lições de etiqueta . Eu prometo sentar-me com as pernas abertas e manter minha vôz num tom de caixa registradora ...

MICHAEL

Donald,você é realmente uma bicha chata .

(a campainha toca varias vezes .Michael vai até a porta .Para um instante e abre-a deixando a vista Emory,Hank e Larry . Emory veste bermudas,meias e tenis,e sueter. Hank veste terno .Larry usa gola rolê e blaze . Larry,e Hank trazem embrulhos de presentes . Emory traz uma bandeja coberta e grande .

EMORY (de fora)

Atenção,isto é uma batida,todo mundo preso !

(esta entrada é acompanhada de uma gargalhada,e ele se lança a abraçar Michael cumprimentando-o,e refere-se ao prato.)

Hello darling ! Connie Casserole . Oh boneca,nem me pergunte !

MICHAEL (normal) para Emory.

Hello boneca . Ponha isto na cosinha .

(Emory vê Donald)

EMORY

Quem é esta boneca exotica heim ?

MICHAEL

Opa Hank,como vai Larry ?

(Eles se cumprimentam,dão as mãos,e entram . Michael olha do lado de fora da porta,volta a sala,e fecha a porta .)

DONALD

Como vai Emory ?

EMORY

Querida,eu pensei que você estivesse morta...Onde você tem escondido suas maraaaaaavilhosas qualidades ?

DONALD (para Emory)

Não more mais na cidade,já faz bastante tempo. É por isso que voce não me vê .

MICHAEL (para Larry e Hank)

Dê-me os presentes ...conde está o seu Emory ?

EMORY

Vai chegar mais tarde .

(Emory vai para a cosinha .Larry e Donald se olham.Hank dá a Michael os presentes . Larry se mostra preocupado.)

HANK

Larry ...LARRY !

LARRY

...o que ?

HANK

Entrege o presente a Michael .

LARRY

Oh...tome... Porque você não grita um pouco mais alto,assim até minha mãe poderá ouvi-lo ,lá da cidade em que ela mora .

HANK

Voce estava parado ai,como se tivesse em transe .

MECHAEL (para Larry e Hank.Emory volta em cena)

Você já conhece Donald,não é ?

DONALD (para Larry)

Claro.Prazer em reve-lo . Oba .(para Hank)

HANK (apertando as mãos)

Muito prazer .

MICHAEL

Eu pensava que voces se conhecessem .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.17

DONALD

Bem...

LARRY

Nós não nos conhecemos exatamente...mas...olá .

DONALD

Olá .

HANK

Mas o que ?

LARRY

Nós já nos vimos antes ...

MICHAEL

Humm...isto me sôa misterioso ...

HANK

Se vocês não se conhecem, como é que já se viram antes ?

LARRY

Que há de errado com o que eu disse ?

HANK

Aonde ?

EMORY (alto para Michael)

Eu acho que eles vão ter sua primeira briga .

LARRY

A primeira desde que saimos do táxi .

MICHAEL (referindo-se a Emory)

Hey,onde vocês encontraram este lixo ?

LARRY

Lá em baixo,encostado em um poste .

EMORY

E com uma orquidia atráz da orelha,e os lábios muito pintados,e ben vermelho maior do que minha boca ...

MICHAEL

Igualzinha a Maria Montez .

DONALD

Oh gente,por favôr .

EMORY

E o que é que você tem contra Maria Montez ? Ela era uma grande estrela .

MICHAEL

Escuta pessoal .O caso é o seguinte : um velho amigo meu de universidade , está na cidade,e está vindo aqui para um drink ben rápido,antes de um jantar que ele tem que ir . Mas acontece que,ele é um quadrado,daí...

LARRY

Quadrado ? Se é aquele que eu conheci,ele é mais quadrado que um tijolo !

MICHAEL

Não ,aquele era Justin Stuart .

HANK

Eu não me lembro de conhecer ninguém com este nome .

LARRY

Claro que não . Fui eu quem o chuheci .

MICHAEL

Bom,o caso é que este é outra pessôa .

DONALD

Alan McCarthy . Um amigo muito intimo,porém totalmente extranho .

MICHAEL

Não é que eu me importe com o que ele pense de mim,mas ...é que...ele não está ainda preparado para isto . E não creio que jamais fique . Voce compreende não é Hank ?

HANK

Perfeitamente .

LARRY

Honestamente,você acredita que ele não saiba nada sobre voce ?

MICHAEL

Se ele suspeita,nunca me deixou perceber .

EMORY

O que é que ele é ? Retardado mental ?

MICHAEL

Eu era super cuidadoso quando estava na universidade,e continuo sendo toda vez que o vejo . Não sei porque,mas sou .

DONALD

Imagine .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 18

18/

MICHAEL

Donald,para ele tenho certeza nós éramos os melhores amigos . E mostrar-lhe agora esta verdade sem nenhuma necessidade ,,acho que seria cruel . Não é certo .

LARRY

Que seja o que é certo .

MICHAEL

Mas claro. Se é errado de minha parte tentar esconder,que seja errado , e dai ? Qual é a bronca ?

DONALD

Não está aqui quem falou .

MICHAEL

Você mesmo tem que convir que é melhor lidar com o mundo do geito que ele é,do que fazer as coisas a nossa maneira,sem ligar para nada,e depois aguentar as consequências . Pelo menos isso voce entende,não é ?

DONALD

Agora que voce já traduziu para a lei dos homens,...eu entendo .

MICHAEL

Eu era exatamente igual a Alan quando estudámos juntos . Era muito procurado pelas garotas. Só usava calças largas e roupas bem quadradas . Até aquelas sapatões tipo lancha .

(olha Hank que usa o mesmo tipo de sapato mencionado)

Desculpe Hank,não quiz ofende-lo .

HANK

Não se preocupe,eu tenho pés grandes mesmo .

MICHAEL

E era machão as pampas . Eu não pensava que estava mentindo para mim mesmo . Eu realmente pensava que era quadrado .

EMORY (vindo de cima)

Escute...quem é que eu tenho que comer para ganhar um drink ?

MICHAEL

Será que você pode se acender em outra praça ?

(Emory se senta na escada)

Ou eu pensava que eu pensava,que era quadrado . Eu sei que eu não me revelei até depois que me diplomei .

DONALD

Ah é ? E que tal aqueles fins de semanas com os [illegible] do escola ?

MICHAEL

Sepito que naquela época eu ainda não era entendido . Eu estava ainda naquela base do "meu Deus,como eu bebi ontem a noite,tava num tremendo porre.

LARRY

Como é que é isso ?

MICHAEL

Aquela de "meu Deus como eu estava de porre ontem a noite" Voce já ouviu esta . Quando voce faz com um colega de colégio,numa noite,e no dia seguinte voce tem que enfrenta-lo,e dar uma desculpa qualquer,para justificar,assim como esta do "Puxa meu chapa,eu tava num tremendo porre ontem não foi ? Não me lembro de nada..."

(todos riem) DONALD

Voce era culpado sòmente porque é católico e não devia beber .

MICHAEL

Ora Donald,deixa de gozação . (pausa)
Nós todos de um geito ou de outro devemos sempre um geito,para desculpar-nossas ações . Mais tarde descobri que até Justin Stuart,um dos meus melhores amigos ...

DONALD

outro além de AlanMcCarthy ...

MICHAEL (dá uma olhada para Donald)

...andava fazendo a mesma coisa . A unicadiferença é que Justin ia fazer suas viraçãas , nas cidades vizinhas,onde ninguem o conhecia .

(Emory e Larry riem)

LARRY (para Hank)

Não te sêa familiar ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 19

MICHAEL

Claro . E muito antes de mim,Justin,e outros,Só Deus sabe quantos milhões de pessôas,iguais a nós,se revelaram também . A gente costumava sair para encher a cara um pouco . Alias esta historia de"Meu Deus como eu estava bebado ontem a noite" tinha a sua parte verdadeira . É que de fato nós todos nos embebedavamos ,mesmo . Só que nos lembravamos de perfeitamente tudo,claro .

(risada geral)

Rapaz eu costumava, beber muito para ter a coragem de ir a um bar entendido .

DONALD

Uma coisa é certa . Os tempos de fato mudaram bastante .

MICHAEL

Lógico . Ultimamente eu até tomei uma algeriza por bares . Todo mundo junto,parado,olhando uns para os outros,é como se fosse um eterno intervalo .

HANK (para Larry)

Não te sôa familiar ?

EMORY

Eu também não aguento mais esses bares . Voce fica a noite inteira olhando-se,pegando-se,e no fim da noite acaba mesmo é indo embora sem ninguem .

MICHAEL

E arrazado .

LARRY

Muita gente tem que ficar bebado primeiro para poder fazer sexo .

(uma olhada para Hank,que está meio chateado)

Assim me contaram ...

MICHAEL

Voce não se lembra Donald ? A primeira vez que nós fizemos,os estava tão bebado que quase não conseguia levantar .

DONALD

É . Voce estava tão alto que quase não conseguias levantar ...

MICHAEL (bancando o inocente)

Meus Deus,eu estava tão bebado que n"ao me lembro de nada ...

DONALD

Deixa de onda,voce bem que se lembra .

MICHAEL (canta para Donald)

Amigos...nunca mais amantes...

EMORY

Eu acho melhor voces serem,pois todos pensam e dizem que voces são .

DONALD

No duro mesmo,nós nunca fomos casos .

MICHAEL

Nunca tivemos tempo para isto . Nós nos conhecemos muito depressa,e não deu pé . (a campainha toca)

Ai meu Deus, deve ser Alan . Por favor gente.Escondam as plumas .
Todas muito quietas,ele só vai ficar uns minutos .

EMORY

Tudo para a proteção do sindicato,boneca .

MICHAEL

Isto é exatamente o que eu quero dizer,nada de frescura .

EMORY

Desculpe .

(fazendo vós grossa e bancando o cafagoste,olhando a Donald)

Quem é que voce acha vai ganhar o jogo hoje,hein meu chapa ?

DONALD

Que se fodam...

(mesmo tom de vóz,ou seja gozação.)

(Michael vai a porta.Aparece Bernard vestido com paletó esporte e calças Yvis (Ivy's)gravata e traz 2 garrafas de vinho .

EMORY

Oh,que decepção . É mais uma bicha .

BERNARD

Mas não uma bicha branca azêda ,como voce .

EMORY

Já sei,é a rainha de espadas ?

(Bernard entra e Michael olha no corredor.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, v.20

MICHAEL
Bernard,a porta lá em baixo está aberta ?
BERNARD
Estava,mas eu feichei-a .
MICHAEL
Otimo .
(Bernard deixa as garrafas de vinho no bar .
Se referindo as garrafas,Michael diz .)
Pode deixar,me dê . Deixe seu presente com os outros .
(Michael fecha a porta. O telephone toca .)

BERNARD
Como vai Larry ? Tudo certo Hank ?
MICHAEL
Deus da Babilonia . Donald sirva os drinks por favor .
(Michael dá as garrafas a Donald e vai atender o telephone .)

BERNARD (extendendo a mão .)
Como vai Donald ? Prazer em ve-lo .
DONALD
Bernard !!!
MICHAEL (respondendo o telephone)
Alô ? Alan ?
EMORY
Como vai Bernadette ? Alguém já lhe disse que voce é maravilhosa ,vestida de vermelho,circundada por ventiladores e milhoc...ões de plumas de avestruz ?
BERNARD (para Emory)
Voce é mesmo uma bicha doida ,heim tia . Vá fazer o bolo vá !
EMORY
Que história é esta de bolo ? Eu não vou fazer bolo nenhum,pois hoje não estou com espirito de Helena Sangirardi . Audéia !
LARRY
Fui eu quem inventou a idéia . Mas eu mandei trazerem um .
EMORY
Ah é ? E quantas velinhas voce mandou colocarem ? ...oitenta ?
MICHAEL
...o que ? ...Espere um pouco,vou trocar de telefone .
(Ele larga o telefone e vai para cima na extensão .)

LARRY
Michael, o bolo já chegou ?
MICHAEL
Não .
DONALD (para Michael quando este passa)
Qual é a bronca,heim ?
MICHAEL
E eu sei ?
(Para no meio da escada meio apavorado.)
Pessoal,tens bebidas e canapés de caranguejos ai em cima da mesinha . Sirvam-se a vontade .
(Donald balança a cabeça . Michael continua subindo .Larry atravessa a sala para o outro telefone .)

DONALD
Todo mundo quer um drink ?
(Hank e Bernard dis que sim com acabeça .)
EMORY
Voces já sabem da bossa de agora ? Existem garçonetes que servem sem a parte de cima do vestido e chamam-se TOP LESS,e eu vou lançar a bossa para voces servindo-os assim.
(Dizendo isto ele levanta a sweter,e mostra o peito nu.)
BERNARD
Por favor,Emory,nós dispensamos isto,pois ninguem aqui está a fim de ver suas banhas moles .
EMORY (para Hank e Larry)
Que é que voces querem beber heim bonecas ?
MICHAEL (apanhando o telephone)
Alô ? Sim...Alan ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.21

LARRY

Gin e tonica . Eu vou telefonar para ver o que aconteceu com o bolo .

EMORY

Um gin tonica ,e...

HANK

Tem cerveja ?

EMORY

Cerveja antes do jantar? Só os bofes bebem cerveja antes do jantar .

BERNARD

Pois o bofe ali quer cerveja...e daí ?

DONALD

Isto Bernard,...dá nela .

MICHAEL

...não Alan. Não seja tolo . Não tem nada que se desculpar .

EMORY

Choferes de caminhão...bombeiros...carpinteiros...estes são os índicos que tomam cerveja antes do jantar ,mas nunca professores de colégios. Estes só tomam sherry .

HANK

Mas este aqui toma cerveja.

(apontando a si mesmo)

EMORY

Bom talvez professores de colégio publico sim.

(para Larry)

Como é que uma pessôa sensível como voce ,aguenta este boi normando no mesmo lugar ?

LARRY (discando outra vez)

Eu não aguento mais ...

BERNARD

Emory,se voce vivesse com Hank ele lhe pediria em casamento em menos de 5minutos . Só Deus sabe como voce é sensivel .

EMORY

Porque eu não tenho uma melancia,senão eu colaria sua b oca com cera,dear.

MICHAEL

...Alan,não seja ridiculo .

DONALD

Toma aqui Hank .

HANK

Obrigado .

LARRY

Que merda,não respondem .

DONALD

Que voce vai beber Emory ?

BERNARD

Uma coisa bem fresca .

EMORY

Um vodca martini on the rocks . Please.

LARRY (desligando)

Bom,só nos resta agora esperar .

(Donald entrega a Larry seu drink...seus olhos se encontram outra vez . Um leve sorriso surge nos lábios de Larry . Donald volta ao bar para preparar o drink de Emory .)

MICHAEL

...amanhã no almoço . Ótimo. A uma hora...no restaurante do museu .Ótimo.

BERNARD (para Donald)

Tem lido muito ultimamente ?

DONALD

Dois ou tres livros . Eu li a obra completa de Doris Lessing esta semana . Eu tenho estado muito deprimido .

MICHAEL

...Alan esqueça,tôh legal ? Tchau.

(Michael desliga e senta-se.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.22

DONALD

As vezes a gente precisa parar de circular um pouco .

BERNARD

Bom eu continuo circulando todos os dias ...

DONALD

Desde que eu me mudei,só circulo aos sabados a noite,quando venho a cidade .

(Donald move os livros que estão no bar.)

HANK

Parece que voce fez o stoque da semana inteira.

(Michael levanta-se e desce.)

BERNARD

Voce deve estar brincando...isto dura no minimo,digo máximo 2 dias .

(referindo-se a quantidade de livros Donald trouxe,e estão no bar.)

EMORY

Para mim duraria 2 anos ,eu até hoje não consegui terminar a obra prima de Ernest Hemingway que começei a ler em 1915.

MICHAEL (para Donald)

Alan não virá mais .

DONALD

Ótimo,é bem melhor mesmo .

BERNARD

Uns bebem,outros comem,outros são toxicomos...

DONALD

E eu leio...

MICHAEL

Ele lê,e lê,e lê . É incrivel como seus olhos não vão parar do lado de trás de tão fundo que eles ficam .

HANK

Bem,pelo menos ele é um escapista construtivo .

MICHAEL

Yeah . E eu que faço. Tomo aviões . Não,eu não faço mais isso. Porque eu não tenho mais dinheiro ,é claro . Então ou vou aos banhos turcos.As vezes.

EMORY

Eu acho que vou fazer as duas coisas...Eu vou tomar um avião para um lugar onde me disseram tem ótimos banhos turcos...

(Michael decide trocar de roupa .Vai ao quarto e volta com um terno Nehru completo .

EMORY

Vou viajar para umas férias bem merecidas .

LARRY

Não vai fazer compras ?

EMORY

Eu talvez procure alguma coisa interessante para algum cliente,mas eu tenho andado tão ocupado ultimamente,que eu não me importaria se eu nunca mais visse um pedaço de fazenda na minha vida ,ou uma peça de mobilia . Eu vou é para a associação cristã dos moços,que dizem tem banhos turcos maravilhilhosos,e não vou sair de lá até que anunciem a partida do vôo 717 de volta para esta terrinha,isto uma semana depois .

BERNARD (para Emory)

Voce nunca aprenderá a se afastar dos banhos turcos,não é ? Lembra-se da ultima vez que voce estava na sala de vapôr,e chegou aquele crioléo,todo cabeludo e te fragou? Ai voce disse linda de morrer...ah...eu estou perdendo pêso...e ele disse...e eu estou te levando preso...e te arrastou pelo braço ? Era uma das costumeiras batidas .

(Todos riem)

EMORY

E voce tinha que contar,não é ? Não pode ficar calado .

(Donald atravessa para dar o drink a Emory.)

Obrigada bem. Voce mora com sua familia ?

DONALD

Móro. Mas não importa ,eles também são entendidos .

(Ele ri bate na perna de Hank,este se levanta e afasta-se. Para Michael diz:)

Que foi que aconteceu com Alan?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 23

MICHAEL

Ele de repente deu um troço exquisito,no telefone,e começou a se desculpar,varias vezes. Fez uma cena...sobre umas coisas que eu não entendi muito bem,e depois voltou a ser o mesmo Alan de sempre como se nada houvesse acontecido .

DONALD

É ,isto acontece .

MICHAEL

Bom,obviamente os canapés de caranguejos não funcionaram .

(ele começa a retirar a bandeja de canapés.)

EMORY

Não se atreva,se não quizer levar umas palmadas. Eu estou quase me decidindo a comer alguns .

MICHAEL

Coma que estão deliciosos.

(dá uma olhada para Donald)

Eu não comprecido porque certo tipo de gente ,tem alergia a caranguejos.

DONALD

As vezes voce me lembra das torturas chinesas . Aliás,eu retiro isto .As vezes voce me lembra de tudo que deve ser esquecido ...

MICHAEL

Putona...

(Hank põe uma musica)

BERNARD

Yeah ...baby . vamos ouvir isto .

EMORY

Uma batida de tambor,e seus olhos brilham igual como se fosse pae de santo. Isto é jaza minha santa .

(Bernard começa a estalar os dedos e move-se com a musica. Michael junta-se a ele.)

HANK

Por onde andará o Harold ?

EMORY

No mesmo lugar onde se põe frutas para congelar .

MICHAEL (para Donald)

Emory se refere a Harold como fruta congelada porque sua profissão antigamente era de dançarino em shows no gelo .

EMORY

Ela parecia a Sonja Hennie das bichas.

(Michael e Bernard dançam livremente.)

BERNARD (para Michael)

Se a mãe dele pudesse ve-lo agora,ela teria uma sincope cardiaca...

MICHAEL

Bernard,voce trouxe máquina fotografica ?

(a campainha toca. Emory deixa um suspiro.)

EMORY

Acudam que é a Maria Policia . Todo mundo desgruda um do outro .

(Michael vai a porta,abre-a,Hank diminui a musica. Michael olha no corredor.)

BERNARD

Provavelmente é Harold quem chega .

MICHAEL (grita de fora)

Não é não. É o rapaz da confeitaria trazendo o bolo .

LARRY

Ainda b eg .

EMORY (gritando para Michael)

Pergunta se ele tem alguma"bisnaga quentinha prá agora ."

HANK

Certa esta Emory,comporte-se.

BERNARD

O unico lugar que se pode leva-la,é para fora daonde esteja .

EMORY (para Hank)

Voce me lembra de uma professorinha bem velhinha e chata,muito rabugenta, que eu tive quando estava no colégio .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 24

HANK

E voce me lembra ... uma galinha depenada .

EMORY

Eu tenho certeza que voce diz isso no sentido bonito...

(Hank põe a musica de novo)

MICHAEL (volta com o bolo)

obrigado .

(Dito isso Michael leva o bolo ao cosinha)

LARRY

Bernard,voce conhece aquela ilha só de entendidos,chamada "ilha do fogo?" Onde todos vão nas férias e fins de semana ? Lá se faz uma dança chamada Madisen,voce conhece?

BERNARD

Conheço sim,mas já faz algum tempo que eu não vou lá. Não sei se ainda saberei dançar .

(Larry começa a dançar .)

EMORY

Eu me lembro .

(Ele pula e começa dançando.Larry e Bernard o acompanha...)

LARRY

Isto mesmo .

(Michael volta da cosinha e junta-se a eles.)

MICHAEL

Olha só . Até parece as rocketes do Radio City em New York,ou são as proprias

(Eles agora dançam precisamente iguais,como se fora rotina .
Donald vem e senta-se no braço do sofá e dá um gole no drink que bebe,e olha a dança .
Hank vai até o bar para apanhar outra vez cerveja .
A campainha toca,mas niguem aparece para abrir a porta. Michael que está muito entretido com a dança,pois agora juntou-se aos outros,não houve a campainha . Tocam outra vez . Hank olha hesitante para a porta.Olha Michael que não toma conhecimento ,assim como os demais que não notaram a campainha. Hank decide então abrir a porta que revela ALAN,em smoking .
A dança continua. Eles dançam,batem palmas acompanhando-se e rindo sem restrições .
De repente Michael olha meio assustado ou surpreso, e para de dançar . Donald também vê isto e para seguindo o olhar de Michael para ver o que fez este se assustar.Depois de ver ele se levanta.Michael vai a vitrola e a desliga,rapidamente . Larry e Emory,e Bernard , param,e olham todos para ver o que se passa .

MICHAEL

Alan ? Pensei que voce disse que não viria mais .

ALAN

Bem...eu...eu...desculpe-me ,Michael.

MICHAEL (forçadamente)

Nós...estavamos...fazendo uma brincadeira ...bobagens...

ALAN

Aliás...quando eu telefonei eu estava aqui pertinho,na sua esquina ...meu jantar não é longe daqui...e ...eu...

MICHAEL

...Emory estava nos mostrando esta dança hoba .

ALAN

...bem,quando ia passando por sua porta,lá em baixo,não havia porteiro e estava aberta,daí...eu...

MICHAEL

Deixe-me apresentar meus amigos. Este é Emory.

(Emory cumprimenta-o com uma reverencia.Michael quase o come com os olhos.)

Pessoal ,este é Alan . o meu amigo de que lhes falei .De outro lado , Larry,Hank,Bernard,Donald.

(eles todos dizem "oba" ou acenam com a cabeça .Bem informal.)

Alan,voce gostaria de um drink ?

ALAN

Não...obrigado ...eu não posso ficar...muito tempo,quer dizer...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 25

MICHAEL

Ora rapaz,agora que já estás,fiques um pouco. Vamos,que voce quer beber ?

AIAN

Voce por um acaso tem bourbon ?

MICHAEL

Eu acho que não . Deixei de beber bourbons . Voce terá que se conformar com vodca,gin,ou scotch .

DONALD

Ou cerveja .

AIAN

Scotch por favor,com gelo .

(Michael dirige-se ao bar.)

DONALD

Pode deixar que eu sirvo Michael.

(E então vai ele ao bar em vez de Michael .)

HANK (forçando uma risada)

Eu acho que sou o unico bebendo cerveja .

AIAN (olhando o grupo)

É aniversário de quem ?

LARRY

De Harold .

AIAN (olhando,como indagando quem no grupo era Harold)

Harold ?

BERNARD

Ele ainda não chegou .

EMORY

Ele nunca foi pontual s..

(Michael olha e Emory em vóz grossa)

Ele nunca foi pontual em toda a sua vida .

MICHAEL

Alan é da mesma cidade que eu . Fomos colegas de universidade.

(pausa . Silencio)

EMORY

Mas que maravilha . Acho isto fabuloso .

(Donald dá a Alan seu drink .)

DONALD

Se estiver muito forte,eu ponho um pouco de agua .

AIAN (Toma um gole rápido)

Não está muito bom ,muito obrigado .

HANK

Voce trabalha para o governo ?

AIAN

Não . Eu sou advogado . E voce ?

HANK

Eu sou professor .

AIAN

Eu poderia pensar que voce até um atleta,com este fisico. Aliás voce parece mesmo um atleta .

HANK

Bom,eu não sou profissional,mas eu joguei futebol no colégio,e ainda jogo bastante tennis .

AIAN

Ah é ? Eu também jogo muito tennis .

HANK

É um grande esporte,não achas ?

AIAN

Ah,eu adoro jogar tennis .

(pausa . Silencio)

Que é que voce leciona ?

HANK

Matemática .

AIAN

Matemática ?

HANK

Sim .

AIAN

Matemática. Bom...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, P.26

EMORY
Que bom não é ? Dá até vontade da gente sair correndo e comprar uma régua de calculos.não é mesmo ?

MICHAEL
Emory,eu estou precisando de ajuda na cosinha,e voce foi eleito por unanimidade para me ajudar .

EMORY
É . Eu sou sempre eleito uma coisa qualquer .

BERNARD
Mas voce é um doméstico de natureza, Emory .

EMORY
Fala sua bicha africana . Vem voce também,ao menos servirá para me abanear enquanto eu preparo a salada .Se a princesa Izabel soubesse a raiva que eu fiquei quando compreendi a besteira que ela fez em libertar voces,ah....

MICHAEL (apavorado com um sorriso falso)
É por aqui seu...

(arrasta Emory para a cosinha,Michael vai na frente,Bernard e Emory vão em seguida.Tão logo eles desaparecem da vista do publico,ouve-se do Michael.

Seu filho de uma puta,...

EMORY
Ora que merda,que é que voce quer ?

HANK
Porque nós todos não nos sentamos ?

ALAN
Mas claro .

(Hank e Larry se separam,Alan e Hank senta-se no sofá,Larry atravessa a sala para o bar,para fazer outro drink.Donald também .)

LARRY
Oi...

DONALD
Oi...

ALAN
Eu me sinto mal...me intrometendo na festa de voces ,assim sem mais nem menos ...

LARRY (para Donald)
E voce ? Onde tens andado ?

DONALD
Bem,obrigado

HANK (para Alan)
...ora deixe isto para lá .

DONALD (para Larry)
...e voce ?

LARRY
...voce sabe,assim,assim...

ALAN (para Hank)
Voce é casado ?

(Larry ouve isso,vira-se e olha em direção ao sofá . Michael aparece de volta da cosinha.)

HANK
O que ?

ALAN
Se voce é casado ,mas vejo que sim,pela sua aliança .

HANK
Ah .

MICHAEL (como para impressionar)
É sim. Ele é casado .Não é Hank ?

ALAN
E voce tem filhos ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.27

HANK

Sim,tenho dois . Um garoto de nove anos e uma menina de sete ...Voce devia conhecer meus filhos.Meu garoto jogando tennis é melhor do que eu .

(Hank olha para o lado onde estão Larry e Donald)

DONALD (evitando o olhar de Hank)

Eu acho melhor eu ir buscar um pouco mais de gelo .

(Ele sai e vê Michael que também olhava)

AIAN (para Hank)

Eu também tenho dois filhos. Duas meninas .

HANK

Que formidavel .

MICHAEL

Como vão as meninas,Alan ?

AIAN

Ah,que maravilha de meninas . (balança a cabeça) Aquelas garotas...eu sou maluco por elas .

HANK

Há quanto tempo voce é casado Alan ?

AIAN

Ha nove anos . (para Michael)
Nem parece não é Mickey ?

MICHAEL

Pois é .

AIAN

Mickey era o namorado de minha atual esposa ,isto quando nós estudavamos juntos,veja voce .

MICHAEL

Voce vê só ? Parece incrivel,não é ?

AIAN (para Hank)

voce mora aqui na cidade ?

LARRY

Sim,moramos .

(Larry junta-se a eles ,e próximo a Hank)

AIAN

Ah...

HANK

Eu...estou me separando de minha esposa. Larry e eu moramos juntos . Somos companheiros de apartamento .

MICHAEL

Pois é ?

AIAN

Me desculpe,eu não quiz tocar em algum assunto que voce queira talvez,pensar não exista .Eu apenas...me intusiasmei,e...

HANK

Não tem importancia . Eu compreendo .

AIAN (levantando-se)

Eu...eu...acho que eu gostaria de outro drink. Posso ?

MICHAEL

Mas claro . Que voce está bebendo ?

AIAN

Eu mesmo preparo,pode deixar .

(ele se levanta e vai para o bar . Ouve-se um barulho na cosinha e um grito de Emory . Alan pula e olha para a porta da cosinha .

Que foi isto ?

(Donald entra com um balde de gelo .)

MICHAEL

Me dá licença .Tem gente temperamental na cosinha .

(Michael sai de cena para a cosinha.Alan continua a caminho do bar . Ali ele procura nervosamente a garrafa de scotch entre as muitas outras que tem .

HANK (para Larry)

Larry,de onde voce conhece aquele sujeito ?

LARRY

Que sujeito ?

HANK

(apontando para Donald)

LARRY

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.28

HANK

AQUELE SUJEITO .

(aponta para Donald)

LARRY

Não sei. De algum bar talvez.

DONALD

E o que voce está procurando Alan ?

ALAN

A garrafa de scotch . Não sei onde está,tem tanta garrafa que não sei.se

(Alan não parece estar muito em si)

DONALD

Mas voce já está com ela na mão !

ALAN

Oh...mas que estupido,eu acho que estou meio confuso .

(Donald vê Alan tremendo com o copo e garrafa.)

DONALD

Deixe que eu faço isto,vá .

ALAN (lhe passando a garrafa e copo.)

Obrigado .

DONALD

Como era ? Com ou sem agua ? Ou preferes com soda ?

ALAN

Só gêlo .

(Michael entra.)

MICHAEL

Voce vê Alan,eu lhe disse que não era uma bôa ocasião para conversarmos.

ALAN

Não tem importancia...eu só vou acabar este drink e vou embora .

(Ele toma um gole bem longo)

LARRY

Puxa,onde será que se meteu o Harold ?

MICHAEL

Ora,ele está sempre atrasado . Voce sabe como ele é ,neurótico quando tem que sair . Ele demora horas para se aprontar .

LARRY

Mas porque ?

(Emory aparece com um avental amarrado em si,e começa a colocar pratos na mesa do canto esquerdo do palco,onde irão jantar. Michael olha-o severamente.)

EMORY

Mais porque,o que ?

LARRY

Porque Harold sempre demora tanto a se aprontar ,chegando sempre atrasado.

EMORY

Porque ela é uma bicha doente,só por isso nada mais .

(ele sai para a cosinha. Alan acaba seu drink.)

MICHAEL

Alan,como eu ia dizendo,nós podemos ir até o quarto e conversarmos lá .

ALAN

Não ligue para isso.Fique a vontade.

MICHAEL

Ora meu chega,vamos .traga seu drink .

ALAN

Já acabei .

MICHAEL

Então faz outro ,porra .

(Donald apanha a garrafa de scotch e enche o copo de Alan. Michael já está começando a subir as escadas .)

ALAN

Muito obrigado .

DONALD

De nada .

ALAN (para Hank)

Com licença,nós voltaremos logo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 29

HANK

A vontade .

LARRY (para Alan)

Não se preocupe,ele ainda estará aqui quando voce voltar .

(pausa)

MICHAEL (no pé da escada)

Vá andando Alan,que eu irei já .

(Alan espera por Michael e os dois sobem juntos.)

Pausa .

HANK (para Larry) (choice)

E o que é isto suposto a ser ? (o que voce quiz dizer com isto?) (escolha)

LARRY

A que voce se refere ?

HANK

Voce sabe a que ?

LARRY

Voce quer outra vez,uma cerveja ?

HANK

Não . Voce está com ciumes,não está ?

(Hank começa a rir e Larry não gosta disso)

LARRY

Ciumes ? Eu sou mais eu. Voce é quem tem ciumes .

(Atravessa para o lado onde está Donald)

Que é que há Donald ?. Onde voce tem andado rapaz . Não te vejo já a algum tempo ...como é ?????

(No quarto Michael tinha parado em frente ao espelho para ageitar o cabelo. Alan sentou-se no que seria a cama .)

Hank levanta-se e vai a cosinha .

Donald e Larry,vão para o lado da escada e sentam-se de frente para a platéia,e conversam quietamente.(cena muda)

ALAN

E um espetaculo de apartamento,Michael .

MICHAEL

Obrigado,mas me custa uma nota . Trabalho para pagar aluguél .

ALAN

E o que voce está fazendo agora ?

MICHAEL

Nada .

ALAN

Voce não está mais escrevendo ?

MICHAEL

Eu não tenho nem olhado para uma máquina de escrever,desde que eu vendi aquele script,a minha unica obra prima,tão boa que não chegou nem a ser produzido,nem sei como consegui vender .

ALAN

É verdade. A ultima vez que o vi,voce ia para Hollywood,ou Europa,não era ? Ou era California ?

MICHAEL

Não . Era Hollywood que não é na Europa,nem tem nada a ver com a Califórnia de tão diferente que é . Parece um mundo a parte .

ALAN

Eu nunca estive lá ,mas tenho a impressão que deve ser horroroso . As todas pessôas lá,devem aparentar aquela pobreza de espirito,enfim...

MICHAEL

Não Alan,nem todas a pessôas lá aparentam isto ...

(Alan sorri meio sem geito percebendo ter dito algo impróprio. Michael senta-se.

Alan,eu quero te explicar a respeito de hoje ...

ALAN

Não há nda que explicar Michael . É que tem vezes em que voce não pode convidar certas pessôas,para certos tipos de festa . Algumas levam isto a sério e pensam que não são estimados,e sentem-se ofendidas,o que não é o meu caso. Eu é quem deveria me desculpar por convidar-me aqui .

MICHAEL

Não é exatamente isto o que queria dizer .

ALAN

Gostei muito de seus amigos Michael.Eles parecem todos muito bôa gente . O Hank é um cara agradabilissimo .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.30

MICHAEL
...É sim,ele é muito agradavel...
ALAN
E nós temos muita coisa em comum . Como é mesmo o nome do companheiro de apartamento dele ?
MICHAEL
Larry .
ALAN
...E o que ele faz ?
MICHAEL
É desenho E desenhista comercial .
ALAN
Eu gostei do Donald também. O unico que eu não fui muito ,é o tal de... aquerle,como é mesmo o nome dele ? Emory.
MICHAEL
É . Emory
ALAN
É que eu não suporto aquele modo de falar dele . Me irrita .
MICHAEL
Que modo de falar Alan?
ALAN
Ora,voce sabe qu al . O tipo de humor talvez.
MICHAEL
Ele até que é bem engraçado,as vezes .
ALAN
Eu acredito que seja . Para quem goste deste tipo de humorismo . Para mim,ele parece mais com um boneco de marionetes .
(silencio. Pausa)
Ora,me desculpe Michael ,por falar assim. Eu não quiz dizer isto exatamente . Não é certo dizer coisas deste tipo,sobre pessôas que não conhecemos bem,aliás sobre ninguem . Mas voce sabe o que eu quero dizer . Voce tem que admitir que é um efeminado .

MICHAEL
É. Ele é um pouco .
ALAN
Um pouco? Pois pra mim,ele parece mais atacado,do uma cadela no cio . Eu sei que ali,quando eu cheguei,estava tentando ensinar a vocês,um tipo de dança . Mas provavelmente o que ele quer mesmo é voce.
(pausa)
Ora,ora Michael . Voce me conhece...sabe como eu sinto as coisas ...afinal sua vida privada é problema seu .
MICHAEL (frio)
Não . Eu não sei como voce se sente.
ALAN
A mim pouco importa o que os outros fazem...desde que eles não o façam em publico...ou...forem a entrada de sua loja em todo o universo.
MICHAEL (desconversando)
Alan,porque voce estava chorando no telephone?
ALAN
Ih...eu me sinto tão idiota por ter feito isto. Perdi o controle e se pudesse me castigaria de algum modo,por não haver me controlado . Eu estou tão sem geito,que não sei onde meter a cara .
MICHAEL
Mas alan, se voce estava realmente chateado,não há razão para estar sem saber onde meter a cara ,envergonhado por haver chorado .
ALAN
A unica coisa que eu posso dizer,é...perdo-e me por haver feito uma tromba da merda do mim mesmo .
MICHAEL
Mas voce deve estar muito chateado,ou então não telefonaria,nem diria isto,nem pediria para conversarmos tão urgentemente.Assim como se tivesse que ser de qualquer geito .
ALAN
Michael,será que voce pode esquecer isto ? Faz de conta que eu não telefonei . Eu mesmo já esqueci .
MICHAEL
É alguma coisa entre voce e Frances ?

ALAN
Michael,eu tenho que ir agora .
MICHAEL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,1-31

AIAN

Escuta Michael,Eu tenho que ir embora agora .

MICHAEL

É porque voce está na cidade ?

AIAN

Eu já estou tremendamente atrazado para o jantar .

MICHAEL

Quem está dando este jantar ?

AIAN

É esta a porta do banheiro ?

MICHAEL

É .

AIAN

Com licença .

(Ele rapidamente vai ao banheiro. Fecha a porta.
Michael continua em silencio . Parado e olhando a êsmo...
Em baixo,Emory faz uma entrada em cena vindo da cosinha,e descobre Larry e Donald numa conversa intima .

EMORY

O que é q e está havendo aqui hein ? Hum...cala-te boneca e nem pergunte.

(Ele põe o saleiro e pimenteiro na mesa .
Hank entra carregando uma garrafa de vinho,um prato para vinho, em prata ,e um saca-rolhas .
Ele olha Donald e Larry.Donald percebe e levanta-se)

DONALD

Hank,ven cá e junte-se a nós.

HANK

Ah. Muito interessante. De quem é a idéia .

DONALD

Minha .

LARRY (para Hank)

Ele quer dizer,na conversa .

(Bernard entra da cosinha trazendo 4 copos de vinho.)

EMORY

Onde estão os outros copos ,de vinho?

BERNARD (fazendo gozação como se fosse criado.)

Eu estou trabalhando o mais rápido possivel madame,mas só tenho 2 mãos.

EMORY

Estas empregadas,a gente tem que ficar olhando senão sae tudo errado .

(Ele sai para a cosinha. Donald deixa Larry e vai para a mesinha on de estão os canapés.
Hank abre o vinho e o coloca no prato-jarro trazido antes.
Michael levanta-se e desce .
Em baixo Hank atravessa para o lado do Larry ...)

HANK

Eu pensei que voce estivesse saindo do nosso acôrdo .

LARRY

Nós não temos nenhum acôrdo .

HANK

Sim,pelo menos nós tinhamos .

LARRY

Voce tinha . Eu nunca concordei com nada .

(Donald olha para ve-lo. Michael apanha um canapé também...

DONALD

A sua saúde .

MICHAEL

A sua .

DONALD

...a sua ...saude...

BERNARD

Onde anda o cavalheiro ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.32

MICHAEL

No banheiro de cavalheiros,claro . E se voces conseguirem conter as plumas por mais cinco minutos,ele está de saida .

(a campainha toca.Michael atravessa a sala para a porta .)

LARRY

Pucha até que enfim .

(Michael abre a porta que revla um rapaz loiro usando botas,calças HEC's,bem apertadadas,um lenço no pescoço, e um chapéu de cowboy. Em seu pulso um cartão amarrado com uma fita.)

COWBOY (cantando ligeiro)

Parabens prá voce
Nesta data querida,
Muita felicidades,querido Harold
Muitos anos de vida ...

(E assim ele abraça Michael afetuosamente cumprimentando-o. Todos em silencio como paralizados.)

MICHAEL

Que porra é esta ? Quem é voce ?Afinal daonde voce saiu .

(Emory surge da cosinha)

EMORY

Ela é o presente meu para Harold . E ela está"adiantada".

(rápido para o cowboy)

E ele não é Harold,seu idiota .

COWBOY

Voce disse que quem abrisse a porta,seria Harold.

EMORY

MAS NÃO ANTES DA MEIA NOITE SEU BURRO .

(rápido para o grupo)

Ele tinha que ser um cowboy da meia noite .

DONALD

Ele é o cowboy da meia noite ?

MICHAEL

Ele me parece mais um cowboy de folhinha de fim de ano.

EMORY

...não antes de meia noite,e voce tinha que cantar para a pessôa certa, pelo amor de Deus ! Eu lhe disse que Harold era bem,mas bem mais magro,e frágil ,e com cabelos pretos bem enroladinho.

(referindo-se a Michael)

Este cara ai é praticamente careca .

MICHAEL

Obrigado...e foda-se tah?

BERNARD

Ainda bem que não fui eu quem abriu a porta .

EMORY

Eu também não quiz dizer tão magro,nem tão prêto...

COWBOY

Eu me esqueci. Mas é que eu queria chegar mais cedo para poder ir aos bares antes que eles fiquem vazios .

MICHAEL

Ele é um numero completo .

EMORY

O que é que voce quer dizer,com chegar mais cedo para poder ir aos bares? Queridinha,eu lhe paguei pela noite inteira,lembra-se ?

COWBOY

Mas é que eu hoje me machuquei quando fazia ginastica .Daí eu quero dormir mais cedo .

BERNARD

Voce está preparado para este (referindo-se ao cowboy)

LARRY (para o cowboy)

Que chato ter acontecido isto não é ?

COWBOY

Eu perdi o equilibrio,num dos meus saltos,e cai torcendo as costas .

EMORY

Eu sempre lh e disse bonecа,para não usar saltos,quando fizesse ginastica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.33 33/1

COWBOY
Eu não devia era pular muito alto,pois tenho a espinha dolorida .
EMORY
Espinha dolorida ? No meu tempo chamava-se outra coisa .
BERNARD
E voce ainda consegue se lembrar deste tempo ?
MICHAEL
Quem é que sempre dizia,"me mostre um Oscar Wilde vestido de cowboy,que eu lhe mostro um cowboy entendido como Dorian Gray .
DONALD
Não sei quem é que sempre dizia isto .
MICHAEL
MICHAEL Não me lembro...alguém .
LARRY
Que está escrito no seu cartão ?
COWBOY (levantando o pulso,mostrando o cartão.)
Olhe e leia voce mesmo .
LARRY (lendo o cartão)
"Querido Harold,bang ,bang, voce está está vivo. Mas se jogue no chão e finja que está morto . Felis aniversário ,Emory."
BERNARD
Que grande poeta voce é Emilia .
LARRY
E com o seu habitual bom gosto .
MICHAEL
É tão conservativo,que merece um cartaz na maior praça da cidade.
EMORY (que olhou para as escadas.)
Shiiiii.... silencio que a freira já vem descendo .
MICHAEL
Cala a boca sua bicha .
(Alan desceu já todos estão quietos observando.)
ALAN
Bem...eu já terminei e me vou...obrigado pelos drinks Michael.
MICHAEL
Voce é sempre bem vindo Alan . Te vejo amanhã ?
ALAN
...não,não. Eu ...acho que vou estar muito ocupado amanhã Michael. Eu talvez volte até antes do que planejei ,não posso ficar muito tempo fora.
EMORY
Porque ? Tem algum encontro na praça com algum bofe,é ?
ALAN
O que ?
HANK
Emory ?
ALAN (vendo o cowboy)
Voce é que é Harold?
EMORY
Não.Ele não é Harold,el é para Harold .
(Silencio. Alan deixa isto passar.Vira-se para Hank)
ALAN
Adeus Hank . Foi um prazer enorme conhece-lo.
HANK
Da mesma forma,Alan .
(Eles apertam as mãos,despedindo-se)
ALAN
Se...voce alguma vez vier a cidade onde móro,peça meu endereço ao Michael pois eu gostaria que voce conhecesse minha esposa e crianças.
LARRY
Até que não seria nada mal,não é Hank?
EMORY
Até que não. Eles adorariam se conhece-lo,digo conhece-la...ihhhh...eu tenho cada problema com os pronomes.
ALAN (rápido para Emory)
Quantos SSSS existem na palavra pronomes ?
EMORY
Que tal um beijo na minha bunda ? Não tem sss mas tem muito mais coisas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376 IV-34 24/5

AIAN

E voce ? Vai dar para mim?

EMORY

Porque ? Que é que há com sua esposa ? Ela não dá a bunda?

AIAN (explode)

Bicha,viado filho da puta,(ataca Emory ferozmente)
Vou te matar de porrada seu puto escroto ...seu...
(pandemonio)
(Alan rapidamente pega Emory e joga-o no chão surrando-o violentamente.Antes que alguem do grupo consiga voltar a si do fato,pois foram apanhados de surpresa.

EMORY

Ai meu Deus,socorro...me acudam por favôr,ele está me matando...
(Bernard e Hank acodem.Emory grita. Sangue corre do seu nariz,e vai até sua roupa .)

HANK

Alan...Alan...Alan...

EMORY

Tira ele de cima de mim por favôr....tiiiiiira...meu Deus ele quebrou meu nariz....aaaaaaiiii....estou toda ensanguentada,eu vou morrer de hemorragi
(Larry foi e fechou a porta.
...com um só movimento Hank puxa Alan de cima de Emory e o joga no chão ao lado do sofá,entre este e o bar .
Bernard rapidamente levanta Emory e põe-o sentado no chão.

BERNARD

Alguém me dá um pouco de gelo e uma toalha .
(Larry corre ao bar,apanha uma toalhinha e o balde de gelo,voltando logo colocando uma pedra dentro da toalha,e o balde ao lado de Emory. Bernard pega a toalha com gelo e cuida de Emory .

EMORY

Oh meu Deus,meu rosto deve estar todo quebrado,já não sinto nem o queixo.

BERNARD

Ele só machucou sua b oca Emory,nada mais,não se preocupe.
(Hank que trouxe Alan para o lado contrario do palco onde está Emory,permanece olhando Alan no chão.
Michael ainda está no mesmo lugar onde estava como se paralizado .
Donald foi ao bar,fez um outro drink.Ele agora atravessa para o lado do cowboy,e diz para este.)

DONALD

O meu chapa,ve se espera ali junto com os presentes,vai?
(O cowboy vai então para o lado dos presentes e fica ali.
Donald continua observando a cena.Toma um gole longo de seu drink. A campainha toca.Duas ou treis vezes .Donald anda até Michael.Espera uma reação deste,o que não acontece.Vai então até a porta.Abre-a ,revelando-se então: HAROLD
Harold veste gola rolê,com muitos colares,usa oculos escuros, pulseiras e o cabelo todo enroladinho e escuros .

Alô Harold . Feliz aniversário . Voce chega bem a tempo de assistir ao show que como voce mesmo pode ver,está no chão.
(aponta Alan e Emory ambos no chão.)
(Para o cowboy diz)
Ei voce ai ! Este é que é o Harold.
(Harold olha indiferente para Michael.
Michael olha do mesmo geito para Harold.)

COWBOY (para Harold)

Parabens prá voce,
Neste dia feliz,
Muitas felicidades,querido harold,
Muitos anos de vida.

(Ele cumprimenta Harold como o fez com Michael.
Donald olha para Michael,que observa isso impassivo.Harold quebra o cumprimento do cowboy rápidamente,lê o cartão,começa a rir .Continua rindo,rindo pelo tempo necessário para

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.35

uma só vez,Michael hesita ao beber.
Donald olha silenciosamente, e Harold sempre rindo sem parar,sem parar,sem parar...)

CORTINA CAI E FIM DO PRIMEIRO ATO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.36

SEGUNDO ATO - 34

Abre a cortina e é como se fôsse a continuação sem parada do primeiro ato. Todos na mesma posição. Michael que estava no bar, toma um gole e para Harold.

MICHAEL

Mas que porra. Que é que voce está achando tão engraçado?

Harold (calmo rápido e sem intimidar-se)

A vida. A vida é sempre uma grande comédia. Você conhece a vida, não?

Michael

VOCE ESTÁ DE PORRE? HARLD.

LARRY

Feliz aniversário Harold.

MICHAEL (para Harold)

Você além de estar de porre, está atrazado. Você deveria ter chegado a este local, aproximadamente oito e meia ou nove horas.

HAROLD

O que eu sou Michael, é uma senhora de 32 anos, feia, cheia de marcas no rosto e em outras palavras, uma fada judia... e se me toma um pouco mais de tempo para me colocar com todos os meus pedaços juntos de maneira que eu não saia desmanchando, e se preciso pegar um pouco de fumo, queimar minha erva antes de ter coragem de mostrar meu rosto ao mundo, não é da conta de ninguém, senão minha própria.

(instantaneamente muda para um tom mais amável)

E... você como vai Michael? sente-se bem?

(Hank levanta Alan e o ageita no sofá. Michael se afasta de Harold, prepara um drink para si e Donald olha.
Haold dirigi-se então passando por Michael em direção onde Bernard ajuda Emory a se levantar.
Larry retorna o balde de gelo ao bar. Michael põe então algumas pedras em seu copo.)

EMORY

Feliz aniversário, querida.

HAROLD

Mas, o que foi que te aconteceu?

EMORY (resmunga)

Nem pergunte meu bem.

HAROLD

Seus lábio estão roxos... voce até parece que andou beijando algum homem da neve, boneca.

EMORY

Foi aquele bofe ali metido a elegante quem me fez isto.

(Ele indica Alan. Harold olha para o sofá onde eles estão. Alan e Hank. Alan debruçou-se sobre seus joelhos.)

MICHAEL

Cuidado Emory. Este tipo de conversa foi que fez êle ficar nervoso.

(Alan cobre as orelhas com as mãos)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 37

HAROLD
E quem é ela? Ou quem era ela? Ou então quem ela pensa que vai ser?

EMORY
Ninguém sabe, apareceu e ninguem quer nem saber.

HANK
O nome dele é Alan MacCarthy.

MICHAEL
Perdoe-me por não fazer as apresentações apropriadas.

HAROLD (sarcasticamente à Michael)
Não me diga que é o famoso amigo dos tempos de colegio?

MICHAEL
O próprio.

HAROLD
Mas que chic... finalmente tenho o prazer de conhecer o querido Alan, depois de todos estes anos. E em black tie...é esta a sua surpresa para mim Michael?

LARRY
Eu acho que quem está surpreso é o próprio Alan.

DONALD
E a surpresa foi tão grande, que se voce reparar, êle ficou até sem fala.

EMORY
Tomara que ela esteja em estado de shock. Ela é uma besta.

COWBOY (indicando Alan)
É aniversário dele também, é?

EMORY (indica cowboy a Harold)
Isto é que é a sua surpresa, ou deveria ser.

LARRY (referindo-se ao cowboy)
Falando de bestas...

EMORY
De mim para voce darling. Voce gosta?

HAROLD
Oh...eu imagino que ele seja interessante de corpo e rosto... mas me deixa logo brocha, porque não deve saber falar inteligentemente de arte e isto me cansa um pouco.

EMORY
Que pena, não é?

HAROLD
Eu nunca poderia amar uma pessôa assim

EMORY
Mas quem é que poderia?

HAROLD
Eu poderia, voce poderia. Tenho certeza de que poderiamos. Boneca, ela é maaa...ravilhosa. Adorei, Thankyou.

EMORY
Ela talvez seja um pouco burra, mas é toda sua.

HAROLD
Nos casos de amor não existem regras, Mas me conta, onde voce achou isto?

EMORY
Ah, minha amiga RAE o conhecia.

MICHAEL (para Donald)
Rae é RAE CLARK. Soletra-se R-A-E. Ela é uma lésbica amiga de Emory, e que canta num clube de fanchonas. Ela se veste com ternos listrados e chama mesmo de MISS RAE CLARK...cantando canções feitas sôbre medidas para o seu gosto.

EMORY
RAE é divina. Eu adoro o geito que ela faz quando canta, "Caindo do décimo nono andar".

MICHAEL
Que é o hino nacional das bichas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.38

(sae para a cosinha cantando a musica mencionada)

HAROLD (para Emory)

A única coisa que eu posso dizer é: Obrigada miss RAE CLARK. Eu achei meu presente uma super surpresa. Estou tão emocionada que poderia até lhe dar um beijinho. Mas...não quero ficar todo sujo de sangue.

EMORY

Ohhh. veja só, meu sweter novinho.

HAROLD

Espere só até você ver seu rosto.

BERNARD

Vamos Emory. Vamos lavar este rosto. Feliz aniversário Harold.

HAROLD (sorri)

...obrigado amor...

EMORY

Estragou minha sweter.

MICHAEL (saindo da cosinha)

Apanhe uma das minhas lá no quarto.

DONALD

A que está no chão é de vicuna.

BERNARD (para Emory)

Você vai ficar melhor depois de lavar o rosto.

(Bernard leva Emory pelas escadas)

HAROLD

Mais uma festinha de aniversário com a familia...

(Michael voltou com uma garrafa de vinho e um copo de cristal brilhante, e servindo-se no caminho.)

MICHAEL

Tome. Aqui está um copo de um bem gelado Puilly-Fuisse, que eu comprei especialmente para você, boneca.

HAROLD

Minha gatinha de vison, tudo agora está perdoado e você pode ficar. Não. Você pode ficar, mas nem tudo está perdoado. tintin...

MICHAEL

E eu não planegei nada dêste geito Harold.

HAROLD

E quem foi que convidou o rapaz direito, para celebrar meu aniversário?

DONALD

Sem comentarios.

HAROLD (referindo-se a Donald)

E quem perguntou algo a ele?

MICHAEL

culpado outra vêz.

HAROLD

Voce sempre tem que dar um furo, não é?

DONALD

E eu não vou embora não.

(Êle vai até o bar e faz outro drink.)

HAROLD

Ninguém nunca pensa completamente nos outros. Êles têm sempre que se satisfazerem primeiro. Mas tentam sempre tapearem um pouco.

LARRY (referindo-se a Alan)

Porque êle está sentado com as mãos nos ouvidos?

DONALD

Eu acho que êle pensa que tem soluços.

(Donald olha para Michael. Michael retorna o olhar firme)

HANK (para Alan)

Você quer um drink?

LARRY

Mas veja covê...como pode êle te ouvir com as mãos nos ouvidos?

HAROLD

Êle pode ouvir tôdas as palavras. Aliás, êle não perde uma, nem que isto lhe custasse a audição.

(Alan retira suas mãos dos ouvidos)

...Que foi que eu disse?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.39

ALAN
Eu...eu...eu...não me sinto bem...eu acho...que vou...vomitar.
HANK
Venha comigo.
HAROLD
Diga isto outra vez e eu vou perder todo meu apetite.
(Alan olha desesperadamente para Hank)
HANK
Aguenta mais um pouco.
(Hank pucha Alan, colocando seu braço em seus ombros, levantando-o e levando-o pelas escadas)
HAROLD
Devagar e sempre. Um degrau de cada vez.
(Bernard e Emory vão saindo do banheiro)
BERNARD
E agora, sente-se melhor?
EMORY
Oh, boneca, que eu seria sem você ao meu lado?
(Emory olha a si mesmo no espelho e diz)
Eu ainda não estou preparada para aquele close up senhor Felinni nem acho que estarei pelas proximas duas semanas.
(Bernard apanha a sweter de Michael.
Hank e Alan estão no meio das escadas.)
ALAN
Eu vou vomitar! Me larga, me larga.
(Êle se solta de Hank e continua o restante dos degraus so. Emory está começando a sair do banheiro, quando se encontra com Alan cara a cara. Emory grita)

EMORY
Oh meu Deus êle está querendo me pegar outra vêz!
(Emory se afasta e Alan passa para o banheiro correndo, fechado a porta atraz de si..
Hank chega ao quarto onde estão Emory e Bernard.)

HANK
Êle está doente.
BerNARD
Êle está é doente da cabeça. Tome Emory, ponha isto.
EMORY
Oh boneca, me leva em casa. Meus nervos estão que não aguentam mais nada. Essou arrazada, e me sentindo uma boneca de pano tôda descos turada.
(Emory pega o sweter dasmãos de Bernard, e começa a vestir-se. La em baixo Harold, orgulhosamente retira do bolso um cigarro, apanha um fósforo, encosta-se no sofá)

HAROLD
Entrando em órbita...ficando muito louco.
(com isto êle acendee o cigarro e pergunta:)
Alguém vai nesta?
(êle mostra o cigarro aos outros lentamente)
MICHAEL
Milhõesde obrigados, mas não vou não.
(Harold oferece a Donald que nega com a cabeça.)
HAROLD
E voce cowboy? Vai de um fuminho?
COWBOY
Mas claro meu chapa.
(o cowboy apanha o cigarro inhala auditivamente, atravéz dos dentes...)
MICHAEL
Acho que só o som, já é bastante humilhante.
(êle vira-se vai ao bar e faz outro drink)

LARRY
E eu detesto o cheiro que isto deixa nas mãos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.40

HAROLD
E porque você não se levanta e vai lavar as mãos?
(Emory e Barnard descem agora as escadas.)
EMORY
Michael, eu deixei o pirex no forno. Você pode retirá-lo a qual - quer hora. Já está pronto, deixei no forno para não esfriar.
MICHAEL
Mas você não vai embora agora.
EMORY
Mas não vou poder comer mesmo, de geito nenhum.
HAROLD
Pois eu estou absolutamente faminta. E vou comer até ter um ataque de gordura.
MICHAEL (para Emory)
Eu disse que você não vai embora agora.

HAROLD (para Michael)
Está bebendo hoje é? É em minha homenagem meu bem?
EMORY
É seu prato predileto querida. E foi eu mesmo quem fêz.
BERNARD
Quem foi que fez o prato heim?
EMORY
Bom voce, mas eu fiz o molho.
BERNARD
Bom, e eu fiz a salada.
LARRY
Meninas por favor.
MICHAEL
Por favor o que?
HAROLD
Cuidado com a bicha ma. Quando ela está sobria é perigoza. Quando bebeda, nunca se sabe, imagine...
MICHAEL (referindo-se a Harold)
A atenção não tem que ser prestada a isto.
HAROLD
Eu estou faminto Emilinha. Estou pronto para sua lasagna assada ao môlho de opio.
EMORY
Verdade? Talvez eu possa até servi-la antes de ir-me estou tão con tente.
MICHAEL
Eu já disse que voce não vai embora.
BERNARD
Eu ajudo.
LARRY
Eu ajudo também. Eu acho que ninguém quer comer uma lasagna com san gue de nariz que levou porrada.

BERNARD
Quando o molho for posto em cima voce nem notaria a diferença.
(Bernard,Emory e Larry saem para a cosinha)

MICHAEL (proclamando)
Ninguém vae a lugar nenhum.
HAROLD
Voce terá milhões de complexos amanhã, pode acreditar.
MICHAEL
Voce me permite beijar a ponta da sua calda doutora Freud?
COWBOY
Que é que vocês estão falando? Não manjo nada!
HAROLD
Êle está tratando do seu complexo de Edipo, benzinho.Com um martelo
COWBOY
Ah...
(Hank desce as escadas)
HANK
Michael, será que você ainda tem daqueles "air spray" importados?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.41

HAROLD
Hair apray, quer dizer laquê, meu amigo. Eu pensava que você estives se segurando-lhe os cabelos, e não penteando-os. Êle já se revelou em tão pouco tempo a ponto de querer usar laquê?

HANK
Eu disse AIR spray, que quer dizer spray de AR ou seja perfumador de ambientes.

HAROLD
Oh, perdão queridinho.

MICHAEL
Tem uma lata em cima da prateleira da banheira.

HANK
Obrigado...(Hank sobe outra vez)

HAROLD (para Michael)
Será que você não vai dizer que se fosse uma cobra já o teria mordido?

MICHAEL (indicando o cowboy)
Isto é uma coisa que sòmente o ssu amiguinho diria.

HAROLD (para Michael)
Eu estou me ligando, e você se desligando...
(para Donald)
Imagine você que eu guardo minha erva no armário do banheiro, dentro de uma caixinha de band-aid. Alguém me disse que era o melhor lugar para se esconder fumo em casa, porque se a polícia chegar inesperadamente, você tem sempre a alternativa, de se trancar no banheiro e jogar tudo dentro do vaso e dar a descarga.

DONALD
Muito bem pensado, e guardado(cìnicamente)

HAROLD
Pelo ao menos, é melhor do que onde eu guardava antes...num jarrinho junto com os temperos de cosinha. Eu sempre me esquecia e um dia sem querer fiz minha mãe ficar muito louca, quando ela que não enxerga nada, acidentalmente usou, pensando que era tempero de salada.

(pauda)

Mas eu acho que ela até gostou, pois dêste dia em diante não havia mais uma refeição em que ela não comesse salada...até no café da manhã ela dizia:
Vamos comer uma daladinha?

COWBOY (para Michael)
Porque você disse que eu é que diria que se fosse uma cobra já o teria mordido? Eu acho que seria isto mesmo que eu diria.

MICHAEL
Mas claro que era boneca, Isto é o tipo da frase que só uma pessôa com o cérebro do tamanho de uma ponta de lápis diria. Alias, você é o tipo de cara, que se fôr ao banho turco, lá na sala de vapor, vai se virar para o cara, do lado e perguntar."esta quente aqui, não é"?

COWBOY
Mas eu nunca vou ao banho turco. Não faz bem para quem faz ginástica. Faz os músculos flácidos, e a gente fica mais magro, e todo molle.

MICHAEL
Exatamente. Igualzinho a como se tivesse quebrado a espinha, e igual uma gelatina, não é?

COWBOY
É mesmo, como é que você sabe? Você não parece que faz ginastica.

MICHAEL
Voce tem tôda razão Harold. Não só êle não pode falar de coisas inteligentes e de arte, como tambem não pode nem acompanhar ninguem d e uma frase para outra.

HAROLD
Mas ele é lindo de morrer. Êle tem uma beleza irreal tão real...
(como se batesse uma palma com as mãos)
Não que isto queira dizer alguma coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.42

MICHAEL
Ennão quer dizer tudo.
HAROLD
Mas claro. E você diga sempre isto tôda vez que o seu cabelo estiver caindo aos montes.
(como se uma palma)
Não que não seja natural, o cabelo de algumas pessôas cairem quando estas atinjem a senhoridade, Não que seja nada aquelas entradas que surgem quando começa-se a ficar careca. Afinal isto não faz tanta diferença no mundo.
Eu até acho que aquilo dá um ar de bom carater, não achas?

MICHAEL
Bichas são piores que as mulheres com suas idades. Êles acham que suas vidas terminam quando chegam aos 30 anos. Fisicamente sim,mas isto não é lá tão importante.
HAROLD
Mas caindo de não ser. Mas como poderia ser? Só nos olhos dos próprios.
MICHAEL
Não só nos olhos como na própria carne, não se esqueça.
HAROLD
Mas claro que não...não esqueceria isto de geito nenhum...aliás isto é tão transitório...terrivelmente transitório.
Quero dizer, quanto tempo pode durar? Talvez uns trinta ou quarenta anos ou mesmo cincoenta...no maximo...depende claro no modo como você se cuida. E não contando que você pode até morrer antes destas idades chegarem. Veja como é tragico o fim deste lindo rosto, dêste lindo garoto.Êle esta definitivamente marcado, coitadinho.
(segura o rosto do cowboy nas mãos)
Como pode esta beleza jamais se comparar com a beleza de minha alma? Mesmo nunca tendo visto minha alma, eu sempre soube pela minha mãe, aquela velha judia; que era linda de morrer...mas não sei. Não consigo achá-la. E se achasse-a, com muiro prazer a trocaria por um pouco mais de beleza física, já que eu tenho tão pouca... ao passo que a alma, dizia minha mãe, é eterna. E minha beleza ? Ah é tão transitoria...
(Hank perfuma o ar do banheiro da porta do quarto. Alan anda meio tonto para o que seria a cama, saindo do banheiro e senta-se. Hank então sai de cena com o spray deixando-o no banheiro e volta ao quarto.
Em baixo Larry, sae da cosinha com um prato de salada, digo varios, para que seja servida a salada. Hank se prepara para descer e apaga a luz do quarto. Alan supõe-se deita.
Agora sòmente a luz do banheiro está acesa e ilumina um pouco o quarto.
MICHAEL
(faz o sinal da cruz com o drink na mão)
Perdôe pai do ceu, por favor o que êle não sabe.
(Hank parado na penumbra do quarto)
HAROLD
Michael você me mata.
Voce nunca sabe de que lado da guerra estás.Se alguem é contra Deus, você da o contra. Se alguem acredita em Deus você também é contra. Ora...cove é aquele tipo, de pessoa que nao pode viver sem êle, e ao mesmo tempo não quer viver com êle.Entenda-se isto?
Eu acho que você tem algum problema nesta area.
EMORY (saindo da cosinha carregando o pirex).
Coisa quente a caminho...abram que lá vou eu...
MICHAEL (para Emory)
Voce sabe que alguém lhe poderia matar sem nenhum esforço?
HAROLD (para Michael)
Eu acho melhor voce se agarrar naquela apolice de seguro chamada Igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.43

MICHAEL
Não se preocupe. Eu acredito em Deus, e se no final eu vier descobrir que não existe nenhum Deus, eu não perdi nada, mas...se de fato existir...eu estarei coberto... não é?
(Bernard entra da cosinha carregando uma grande saladeira. Êle põe na mesa, e acende as velas da mesa)
EMORY (para Michael)
Uma bicha hipócrita, isto é o que você realmente é.
MICHAEL
Verdade. Eu sou um destes verdadeiros católicos que se embebedam a semana inteira, peca tôdas as noites, e no domingo vão à missa.
EMORY
Gilda, a culpada. Tudo depende do que você pensa que o pecado é:
MICHAEL
Será que você pode calar esta hora de rato, e voltar para o único lugar próprio para você, que é a cosinha?
EMORY
Voce pode dizer tudo que quizer...só não vale é me bater!

(êle sae) PAUSA.

MICHAEL
Realmente, eu até acredito que Emory tenha razão...Eu só me confesso quando tenho que viajar de avião.
BERNARD
E voce penda que o poder de Deus só é valido nas alturas? Ou seja a 12 mil metros de altitude?
MICHAEL
Deve ser. No chão eu sou Deus. No ar eu não sou nada mais, nada menos que mais um filho da puta.

(pausa)

BERNARD
Eu tenho medo até no chão.
COWBOY
Eu também. (Pausa)
Quer dizer, quando eu não estou muito alto cheio de erva ou outros bichos, que nem bolinhas etc... voo alto...
(Hank desce as escadas)

LARRY
Como é? Deus para ver? É maior de que uma banana outo?
HANK (ignorando-o e referindo-se a Michael)
Êle resolveu se deitar por uns instantes.
HAROLD
E o banheiro, que tal cheira agora?
HANK
Bem melhor.
MICHAEL
Antes cheirava como se alguém tivesse mijado nêle todo, agora depois do banho de perfumador de ambientes que o Hank usou, e que era de gardenia, deve estar cheirando como se alguém tivesse mijado num jardim.
LARRY
E como é que o nosso heroi se sente Hank?
Hank
Acho bom voce parar com isto.
(Emory entra com uma cesta coberta com um guardanapo, e coloca-a na mesa)
EMORY
O jantar está servido vamos todos comer.
(Harold vae até a mesa com o jantar)
HAROLD
Emilinha, meu amor, você é fabulosa. O jantar parece estar divino.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.44

EMORY
Um dia eu ainda vou fazer um homem feliz, serei uma ótima espôsa.
(Emory serve a lasagna. Bernard serve a salada e vinho.
Michael vae até o bar e faz outro drink.)
Eu além de outras coisas, poderia cuidar da casa, cosinhas e até cuidar de crianças...Ou distrair...
(Êle apanha uma rosa de um vaso na mesa, coloca-a entre os dentes e bate seus dedos como se foram castanholas, faz uma pausa e...)
Me chama de Carmem e de-me um beijo...
(Harold olha para Emory sem significação, passa por êle. Emory tira então a rosa da bocca).
É preciso muita classe e boas castanholas para ser uma boa Carmem.

MICHAEL
E um carrinho de boi para retirá-la da arena.
(Hank vem à mesa)

EMORY
De que você gosta heim garotão?

LARRY
Alan McCarthy, e não se preocupe com o tempero.

EMORY
Eu não aguento voces dois... (indica Larry e Hank)
Eu pensei que voces estivesse zangado com êle e agora êle está te sacaneando. Que porra...qual é o caso heim?

LARRY
Não cansa vai.
(O cowboy vem até a mesa. Emory lhe dá um prato de comida. Bernard lhe da salada e cinho.)
Hank vai de volta comer no sofá. Põe seu copo e prato na mezinha em frente.
Harold volta e senta-se nas escadas perto da mesa e come.

COWBOY
Que prato é este?

LARRY
Lasagna.

COWBOY
Parece mais spaguetty com bolo de carne. Acho a lasagna se desmoronou... e alem do mais massa engorda muito. E está quente,demais.

DONALD
É que estava na sauna.

COWBOY
Estava é? Por isto que está pelando.

MICHAEL (contentuosamente)
Imagine...parece spaguetty e bolo de carne...e quente...
É Harold, isto é uma coisa... não existe.

HAROLD
Ao contrário de voce, que sabe tanto a respeito de alta cosinha,não é bem? (Pausa)
E com refinado gosto.
(Larry apanha um prato de comida, vae e senta-se no encosto do sofá.

COWBOY
Hummmmmmm ... é gostoso...

HAROLD (rápido)
Gostou? coma meu bem coma.

MICHAEL
Enche sua boca porque assim voce ao menos não pode falar besteira.
(Donald apanha um prato).

HAROLD
Ligando.

BERNARD (para Donald)
Vinho?

DONALD
Não obrigado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.454

MICHAEL
Ora. Deixe disto, meu chapa. Faça uma forcinha. Tome um pouquinho de vinho, ordinario, para ver se ajuda esta massa imunda a descer.

HAROLD
Mas que mentiroso, e que porco.

(Donald apanha o copo de vinho, vae ao bar, põe o copo nêle, encosta-se na parede e começa a comer... Emory dá aBernard um prato).

BERNARD
E você? não vae comer nada?

EMORY
Não posso. Meus lábios doém demais e não dá para comer.

MICHAEL (vae a mesa apanha uma faca)
Eu ouvi dizer que colocando uma faca amolada debaixo da cama se corta a dôr.

HAROLD
E eu ouvir dizer que se colocando uma faca debaixo do queixo se corta a gargante.

EMORY
Alguém vai querer levar um prato para Alan?

MICHAEL
Aquêle saco de pancadas agora se transformou na bela adormecida.

LARRY
Hank? Você não vai querer levar?

HANK
Eu não creio que êle esteja com fome.

(Alan quando ouve seu nome, levanta-se da cama anda lentamente ao topo das escadas. Bernard apanha seu prato, chega para perto dos degraus, e senta-se no chão. Michael amola a faca na garrafa de vinho que já esta vazia.)

MICHAEL
Senhores e senhoras...correção;senhoras e senhoras. Eu gostaria de anunciar que vocês agora estão comendo Sebastian Veneble.

COWBOY
COMENDO O QUE, HEIM?

MICHAEL
Não é o que, e sim quem, seu estúpido. Sebastian Veneble é um personagem de uma peça chamada De repente no ultimo verão. Era uma bicha louca, que foi comida viva, retalhada em mil pedacinhos.

COWBOY
Pucha. Eu acho que eu nunca teria coragem de comer ninguém...quero dizer, carne de gente não é? Será que eu disse certo?

HANK
Esta peça foi escrita por Edward Albee, não é?

MICHAEL
Não. E de Tennese Willhiams.

HANK
Ah, tem razão é mesmo.

MICHAEL
Albee escreveu foi "quem tem mêdo de Virginia Wolf".

HANK
Disto eu sei. É só que por um momento eu me esqueci e pensei que êle tambem fivesse escrito a outra.

LARRY
Bem você se enganou.

HANK
E dai? me enganei.

LARRY
Tem razão você se enganou

HANK
Faz diferença?

COWBOY
Edward de que heim?

MICHAEL (para Emory)
Quanto foi mesmo que voce pagou por êle, heim?

EMORY
Ah, foi uma verdadeira pechincha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.46

MICHAEL
Êle é igual a um sanduiche de queijo minas. O mesmo preço em qualquer lugar, e em qualquer hora da noite ou do dia, ou até mesmo da madrugada.

HAROLD
O rei dos porcos.

(Michael lhe dá um olhar. Donald retorna seu prato a mesa).

EMORY
Você quer mais um pouco?

DONALD
Não Emory, muito obrigado, estava uma delicia.

EMORY
Você gostou?

COWBOY
Hey. Eu não sou pechincha não. Eu custo até muito caro. Custo na base de vinte dollares.

(Bernard retorna seu prato)

EMORY
Mais?

BERNARD (nega com a cabeça e diz)
Estava gostozíssimo...mesmo tendo sido eu quem fêz.

EMORY
Alguém vai para a segunda?

HAROLD
Eu vou para a segunda, a terceira e quem sabe até para quintas.

(Êle se levanta e vem à mesa)
Eu estou desesperado para não emagrecer mais. Tenho que manter o peso.

(BERNARD se dobra para sussurar algo ao ouvido de Emory. EMORY confirma com a cabeça, e BERNARD vai ao cowboy e sussurra também em seus ouvidos. PAUSA
O cowboy retorna seu prato à mesa e segue Bernard à cosinha

MICHAEL
Você está definitivamente paranoico a respeito de absolutamente tudo

HAROLD
Mas claro...bem...que tal se você guardasse segrêdo disto para mim?

MICHAEL
Você deixa-se ficar faminto o dia inteiro, vivendo de cafèzinhos, e coisinhas para que você possa pelo menos uma vez por dia comer sem ter que dizer que tem mêdo de engordar. Ai você começa a mentir dizendo que tem mêdo de emagrecer, etc.etc. e cansando a beleza dos outros como tão feio você fica se não manter o pêso. Quando na verdade você não é mais feio nem menos feio, quando mais ou quando menos gordo. Tudo isto é frescura de bicha.

EMORY
Isto dá em quem teve paralizia infantil e acabou retardada.

(Emory vai a mesinha e pega o prato de HANK).

HANK
Estava um negócio, Emory.

EMORY
Com a Conie Cassarola não tem problemas de cosinha. Ela é fabulosa

MICHAEL (para Harold)
...E a sua patologica mania de atrazo. Completamente doido.

HAROLD
Ligando-se

MICHAEL
Mirando-se em frente a um espelho de banheiro por horas e horas antes de poder sair as ruas. E do mesmo geito que antes, sem nenhuma diferença, e Deus sabe depois de quantas massagens com cremes, mascaras, e outros bichos mais. A mesma coisa.

HAROLD
Mas o que eu posso fazer? Eu tenho uma pele horrivel!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p47 47/2

MICHAEL

Você não teria, se deliberadamente não tivesse mutilado seus poros Não é de extranhar que seus poros tenham se transformado em buracos. Você não se cansa de arrancar a barba com a pinça, e estourar as espinhas do mesmo geito, ano após ano.

HAROLD (frio mas definido)

Sua alma má.

MICHAEL

Sim. Você tem cicatrizes no rosto sim...mas elas não são assim tão ruins. Se você as deixasse em paz, elas não ficariam nem melhor nem pior. E você não ganharia novas cicatrizes, se deixasse em paz seu rosto.

HAROLD

Você realmente gostaria que eu o cumprimentasse por ser tão franco não é? Por ser meu melhor amigo e dizer-me tôdas estas coisas, que nem meus melhores amigos jamais diriam. Divinnnnnnno.

MICHAEL

E as pilulas? (anunciando ao grupo)
Harold, tem coletado, economizado, guardado, barbituricos no ano passado, como se fora um louco. Milhões de nembutal, seconals, namurons, etc. Tudo em preparação do longo inverno de sua morte, e por antecipação, e o que pensa.

(silencio)

Mas deixe-me dizer-lhes. E a você Harold. Quando esta hora chegar, você não vae ter a coragem. Não acontece na vida real como acontece nas peças de teatros e filmes. Nem tôdas as bichas realmente teem coragem de se suicidarem e pôrem fim a suas historias.

HAROLD

O que você diz pode ser verdade. O tempo dirá, sem duvida.
Mas por enquanto, você esqueceu um detalhe:...os cosmeticos e cremes estão pagos. O banheiro está pago. As pinças estão pagas e as pílulas tambem estão pagas.

(Bernard poe a cabeça fora da porta da cosinha. Balança-a para Emory e desaparece. Emory corre as luzes e apaga-as, ficando a sala no escuro, exceto por uma luz da mesa onde comeram. E começam a cantar feliz aniversário. Imediatamente Bernard pucha o cowboy que entra carregando um bolo cheio de velas acesas. Todos agora aplaudem depois de cantarem. Michael vae ao bar e faz outro drink.)

EMORY

Apaga as velas querida e faça um desejo.

MICHAEL (para si mesmo)

Apague as velas, Laura.

(O cowboy trouxe o bolo a frente de Harold. Êste pensa um instante e sopra as velas. Mais aplausos).

EMORY

Awwwww, ela é trinta e dois anos mais NOVA.

(Bernard trouxe pratos e talheres. O ambiente continua no escuro, exceto por aquela luz da mesa. O cowboy retorna o bolopara a mesa, e Bernard começa cortá-lo e servi-lo).

HANK

Agora você tem que abrir os presentes.

HAROLD

Ohhh, eu tenho que abri-los aqui?

EMORY

Mas claro, que você tem que abri-los aqui.

(Êle dá a Harold um presente. Herold começa a abri-lo)

HAROLD

E o cartão? Onde está? De quem é êste?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 48

EMORY

Aqui.

HAROLD

Oh. Êste é o de Larry (êle termina de abrir).
Aaaadorei, lindo de morrer.
(Harold segura um desenho gráfico)

COWBOY

O que é isto?

HAROLD

É um desenho de uma rua ideal só para entendidos.

EMORY

Entendidos modernos.

DONALD (para Larry)

Sensacional. Você mesmo o desenhou?

LARRY

Foi.

HAROLD

É super super. Vou pendurá-lo no momento em que chegar em casa.
(Harold abraça Larry agradecendo-o)

COWBOY (para Harold)

Eu não compreendi nada até agora, quer me explicar?

MICHAEL

Será que alguém pode tirá-lo daqui?
(Harold abriu outro presente e era uma sweter)

HAROLD

Mas que maravilha de sweter, muito obrigado Hank.
(Harold lhe beija no top da cabeça).

HANK

Se voce não gostar você pode trocar.

HAROLD

Imagine. Eu acho que esta é linda.
(Donald vae ao bar, faz um drink)

BERNARD

Quem quer bolo?

EMORY

Todo mundo quer.

DONALD

Menos para mim.

MICHAEL

Nem para mim. Eu passo.
(Hank vem à mesa, Bernard lhe dá um pedaço de bolo, outro êle passa ao cowboy, e um terceiro a Larry.
Harold abriu outro presente, de repente quebra em uma gargalhada, alta).

HAROLD

Oh Bernard, que divino. Vejam todos. Joelheiras com monograma!
(Êle mostra a todos as joelheiras com suas iniciais)

EMORY

Bernard, você é demais.

MICHAEL

Eu já ouvi de Marilyn Monroe e Rita Hayworth, bem eis aqui Rosemary de Camp.

BERNARD

Quem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.49

EMORY
Eu nunca perco um filme de Rosemary de Camp.

HANK
Eu nunca ouvi falar dela.

COWBOY
Nem eu.

HANK
Nem todos nós passamos a nossa infância num cinema Michael. Alguns de nós, jogaram futebol. Caso você não saiba!

DONALD
Outros cortavam grama.

EMORY
Bom, eu sei quem é Rosemary de Camp.

MICHAEL
Você claro saberia.
(Harold tinha aberto outro presente. Êle está em silêncio PAUSA)

HAROLD
Obrigado Michael.

MICHAEL
O que? (Vira-se para ver o presente)
Oh... (pausa)
De nada. (Michael acaba seu drink, e vae ao bar).

LARRY
Que foi Harold?
(pausa)

HAROLD
É uma fotografia dele, numa moldura doirada. E tem até uma inscrição; e a data.

BERNARD
E o que é que diz?

HAROLD
É...uma coisa pessoal.
(Michael rodopia no bar)

MICHAEL
Bernard, que tal se nós tivessemos um pouco de música para avivar mais o ambiente?

BERNARD
OK.

EMORY
Eu estou morto de vontade de dançar

MICHAEL
Que tal algo bom Emory...um daqueles seus números de sapateado.

EMORY
Ah, aquilo eu não danço em dia de aniversário, só no dia da vitória, em que eu posso me espalhar tôda.
(Bernard põe "the look of love com Dusty Springfield. Emory vae a Bernard e êles começam a dançar devagar.)

LARRY
Vamos Michael

MICHAEL
Eu só sei guiar.

LARRY
Está certo eu posso ser guiado.
(Êles começam a dançar)

HAROLD
Venha cowboy, você agora entra em cena.
(O cowboy levanta-se e começa a dançar. Êle é uma negação em dança nota-se. Harold desiste, Tira outro cigarro, um fósforo acende-o. Quando êle o faz vê alguém descendo as escadas. É Alan. Caminha a êle e pergunta; apagando o fósforo:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.50

Harold continuando.....

Você quer dançar?

EMORY (vê Alan, pronuncia o seguinte nome IVAN)
Atenção Ivan o Terrivel voltou.

MICHAEL
Olá. Como está Alan? Melhor? Êste foi o ponto em que você chegou não foi mesmo?
(Alan começa a atravessar a sala com direção a porta. Passando entre êles que dançam.)
Da licença Larry...
Alan chegou a porta e começa a abri-la quando Michael o interrompe, fechando a porta bruscamente com uma mão e encostando-se nela, cruzando suas pernas).
Como eles dizem no Sul, "nunca saia antes que o calor do dia tenha acabado".

HAROLD
Revolução completa.
(Michael lentamente leva Alan pelo braço, e o traz de volta).

MICHAEL
...Você perdeu o bolo...perdeu a abertura dos presentes...mas ainda estás com sorte meu chapa. Você está bem na hora de começarmos o joguinho da festa.
(Êles chegam neste papo até a vitrola. Michael rejeita o disco e a música para como também a dança.
Michael então solta Alan, bate uma palma)
Hey pessoal. Hora da brincadeira. Façamos um joguinho.
(Alan começa a caminhar Michael o agarra gentilmente pelo braço)

HAROLD
Porque você não deixa o rapaz ir-se? Michael?

MICHAEL
Ele pode ir se quizer, mas só depois do nosso joguinho.

EMORY
E qual vai ser o jôgo? Aquele de estrela de cinema?

MICHAEL
Não...aquele é muito abichado para Alan. Êle não seria divertido.

BERNARD
Que tal aquele de gostos e desgostos?
(Michael larga Alan, pega um lápis e papel na escrivaninha)

MICHAEL
Dá muito trabalho para achar uma porção de lápis, e além do mais, Emory sempre escreve as mesmas coisas de sempre. Êle desgosta de flores artificiais, e moedores de café transformados em abajours. e gosta de Francoise Sagan, cachorrinhos Chiauas, e tudo sôbre Eva, aquele livro que fizeram um filme, com o nome de "As treis faces de Eva", do qual êle recitaria uma parte, que diga-se de passagem é muito da chata.

EMORY
As vêzes eu ponho outras coisas também.

MICHAEL
Assim como um livro bronzeado em pleno inverno?

EMORY
Eu sempre ponho meu cachorrinho chihuahua porque eu adoro êle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.51

MICHAEL
Se alguém é do genero masculino, um cachorrinho chihuahua é a insignia da frescura.

BERNARD
Aliás você sabe porque as coroas gostam de cachorrinhos pequenos? Dizem que êles lambem elas tôdas.

EMORY
Audácia. Êles não fazem isto não.

LARRY
Nós poderíamos fazer jogo da adivinhação.
MICHAEL
Nós poderíamos fazer o jogo da adivinhação, mas não vamos.
(PAUSA)

HAROLD
E o que você gostaria de jogar Michael? O jogo da verdade?

MICHAEL
Muito engraçadinha a boneca.
HAROLD
Ou você prefere fazer o jogo da morte? Acho que todos se lembram dêste joguinho, não é?

MICHAEL (para Harold)
Por demais hilariante.
DONALD
Se não me engano, êles são até mais parecidos. As regras dos dois jogos são identicos...você tem que matar alguem.
MICHAEL
Nos casos do amor não existem regras. Não é verdade Harold?
HAROLD
Isto é o que eu sempre digo.
MICHAEL
Bem. Êste é o nome do jogo. Os casos de amor.
COWBOY
Deve ser um jogo novo pois eu nunca ouvi falar dêle.

MICHAEL
Claro que não baby. Você nunca poderia falar dêste jogo pois eu acabo de inventa-lo. Os casos de amor, é uma combinação de dois jogos. Do jogo da verdade e do jogo da morte, com uma nova inclusão...

HAROLD
Eu quase não me aguento de curiosidade, para saber como é.
ALAN
Michey, eu já vou embora.
MICHAEL (firmemente)
Fique onde está.
HAROLD
Deixe-o ir Michael.
MICHAEL
Mas êle pode ir se quizer. Mas não quer... se êle quisesse já teria ido a muito tempo, ou não teria vindo para o início de conversa, portanto...êle vai ficar.

ALAN (segurando sua testa)
Mickey eu não me sinto bem.
MICHAEL (tom baixo mas articulado claramente)
Meu nome é Michael. Eu sou chamado Michael. E você não deve nunca chamar uma pessôa de nome Michael, de Mickey. Aqueles que teem este nome são muito nervosos e sensíveis a isto. E se você não acredita, experimente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.52

ALAN
Desculpe-me eu não posso pensar direito.

MICHAEL
Você pode pensar. O que você não pode é...ir embora. É como se estivesse numa estrada e um acidente tivesse acontecido. Você não pode olhar mas ao mesmo tempo não consegue deixar de olhar. Ao menos uma vez, não é??

ALAN
Eu...me...sinto...tão fraco.

MICHAEL
Você é um fraco Alan. Muito mais do que eu acho você pensa.
(Êle pega Alan pelo braço. Guia-o a uma cadeira, deliberadamente o empurra sentado nela)
Agora. Quem é que vai jogar comigo e Alan? Todo mundo?

HAROLD
Eu não tenho intenção nenhuma de jogar.

DONALD
Nem eu.

MICHAEL
Bem. Nem todo mundo participa da vida. Tem sempre aquêles que ficam de um lado da linha sem querer viver, só olhando.

LARRY
COMO É ESTE JOGO?

MICHAEL
Simplesmente isto: Nós todos temos que chamar ao telefone, a única pessôa que nos verdadeiramente acreditamos ter amado.

HANK
Eu não estou nêste jogo.

LARRY
Oh meu chapa, nêste você está.

HANK
Você bem que gostaria que eu estivesse não?

LARRY
Você pode estar certo. Se apostasse ganhava. Eu gostaria de saber depois de todos estes discursos que você fêz, e eu tenho ouvido ùltimamente, quem você chamaria. Seria a mim?

MICHAEL (para Bernard)
Parece que há tempestades sôbre o paraiso.

HAROLD
Se não há, eu tenho certeza que você semeará alguma.

HANK
E quem você chamaria? Não pense que acreditaria nem por um minuto que seria eu. Ou que só um telefonema resolveria o caso. Eu acho que voce teria que fazer uma porção dêles...não é verdade? Eu diria uns 4 ou 5 interurbanos e só Deus sabe quantos locais.

COWBOY
Pucha ainda bem que você tem que pagar a conta, heim? seria uma nota legal.

MICHAEL
Oh meu camarada?

HAROLD (para o Cowboy)
Deixa para lá. Michael também não vai pagar, aliás êle não paga nada.

MICHAEL
Bom, vou explicar como funciona.

LARRY
Ué, mas eu pensei que não houvesse regras. Você assim disse.

MICHAEL
Tem razão. Nos casos de amôr não existem regras, Isto é só um sistema.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.53 53/8

Continuando Michael.....

(Ninguém responde. PAUSA)
Você dá o telefonema, você ganha um ponto. Se a pessôa chamada responder ou seja atender, você ganha mais dois pontos... se uma outra pessôa qualquer atender você ganha sòmente um ponto. Se ninguem atender, então está fudido.

DONALD
você já está fudido se der o telefonema.

HAROLD
...E você é um otario se fuder a si mesmo.

MICHAEL
...Quando a pessôa que você quer falar vier ao telefone...e se você disser que você o ama...você ganha um bonus de mais cinco pontos.

HAROLD
Imundo.

MICHAEL
Vem dai... que você pode ganhar um total de até dez pontos ou sòmente um.

HAROLD
E você pode até não ganhar nada...se você souber como jogar.

MICHAEL
Aquele com mais pontos vende naturalmente.

ALAN
Hank, vamos embora daqui.

EMORY
Mas vejam só...Vocês ouviram isto?

MICHAEL
Só os dois...juntinhos...os amiguinhos, os chapinhas...os colegui nhas...os dois homenzinhos...

EMORY
Eu acho que o Larry tem alguma coisa a dizer disto tudo.

BERNARD
Emory

MICHAEL (última nota)
O veneno está feito.
(Dito êsto êle vai a escrivaninha e pega o telefone trazendo-o para o grupo.)
Bom, quem é que vai jogar? Claro não inclui o cowboy que como presente de aniversário não pode entrar nisto, ficando neutro e os viajantes...pois é. (PAUSA)

BERNARD
Eu acho que eu não quero entrar nesta não.

MICHAEL
Mas porque Bernard? Onde está o seu espírito de diversão?

BERNARD
Eu não acho que êste jogo seja divertido.

HAROLD
Eu acho absolutamente odioso.

ALAN
Hank, venha comigo, saiamos.

HANK
Você não compreende Alan. Eu não posso. Você pode...mas eu não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.54

ALAN
Porque Hank, porque?

LARRY (para Hank)
Se êle não compreende, porque você não explica para êle Hank?

MICHAEL
Eu explico.

HAROLD
Eu tinha um pressentimento que você o faria.

MICHAEL
Embora eu duvide que faça alguma diferença. Êste tipo recusa-se a compreender que o que êles não querem compreender, não existe, e êles rejeitam os fatos. E Alan e decididamente da escola da irrealidade. (PAUSA)
Alan... Larry e Hank são casos ,ou sejam amantes.Não são sòmente companheiros de apartamentos São companheiros de cama tambem. Se amam.

ALAN
Michael.

MICHAEL
Nenhum homem, continua vivendo com um companheiro de apartamento, se êle tem mais de trinta anos. A não ser que êles sejam amantes ou caso ou então êles são irmãs. Duas bonecas irmãs.

LARRY
Hank é quem tem mais de trinta anos!

MICHAEL
Bem você é quem está puchando!

ALAN
...Hank? (PAUSA)

HANK
Sim, Alan,Larry é meu caso. Meu.

ALAN
Ma...mas...você é casado.
(Michael,Larry,Emory riem gozando)

HAROLD
Eu acho que você disse a coisa errada.

MICHAEL
Você não adora esta idéia?...se um homem é casado, ai êle á automàticamente heterosexual. (PAUSA)
Alan...Hank corta dos dois lados...com uma decidida preferência.
(PAUSA)
Agora quem faz o primeiro telefonema?

EMORY
Você primeiro Bernard.

BERNARD
Não eu não vou nesta.

EMORY
Eu também não quero, mas não quero mesmooooo.

DONALD
Não existem acidentes. (para êle mesmo)

MICHAEL
Então, eu espero, que no caminho de casa você se esborrache e assim haverá um acidente.

EMORY (para Bernard)
Vai.Chame aquele cara o Pete Dalbeck. É êle que você gostaria de chamar não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 55

MICHAEL
Quem é Pete Dalbeck?

EMORY
Um cara em cuja casa a mãe de Bernard trabalho como lavadeira, desde que êle era um bebezinho.

BERNARD
Eu trabalhava para êles também...Depois do colégio e nas férias.

EMORY
Tem sempre as bichas heroicas e trabalhadeiras.

BERNARD
Eu acho que eu sempre o amei, tôda a minha vida; mas êle nunca nem soube que eu existia. Além do mais êle é quadrado. Não é entendido.

COWBOY
Quer dizer que nunca deu nada entre vocês é? Nem uma coisinha?

EMORY
Ah, êles finalmente fizeram uma vêz... no bar da piscina, depois de uma festa e êles estavam de porre.

LARRY
Com um pouquinho de vinho, a música certa, tem muitos poucos que não são curiosos, não é? É sempre assim que começa.

MICHAEL
Parece que tem muita coisa de Afrodite deusa do amor no senhor Dalbeck, você não acha Donald?

DONALD
Não sei eu nunca fui muito fan desta coisa.

BERNARD
...e depois nós fomos nadar nús na piscina, no escuro, só com a lua refletindo na água. Foi tão bacana...

MICHAEL
Que romântico. E na manhã seguinte você lhe levou o café na cama e um alka seltzer junto.

BERNARD
Era já de tarde. Eu me lembro, eu estava tão preocupado quase doente todo aquele dia, pensando na hora em que eu tivesse que encontrá-lo cara à cara. Mas êle fêz de conta que nada aconteceu nunca entre nós.

MICHAEL (olha para Donald)
Meu Deus. Êle devia estar tão bêbedo que não se lembrava de nada.

BERNARD
É. Pelo menos assim eu fiquei aliviado.

MICHAEL
Veja como isto funciona. Agora por aqueles dez pontos. Ponha êste pinta na linha.

(PAUSA)

(Bernard apanha o telefone, e disca).

LARRY
Você sabe o número?

BERNARD
Claro. Êle já voltou do exterior. Está morando em sua casa os pais. Êle acaba de se separar da sua terceira espôsa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 56

(Todos olham Bernard quando êle coloca o telefone no ouvido. Espera... Uma pausa... Êle desliga ràpidamente).

EMORY

N.R. ou O.D.?

MICHAEL

Êle não deu nem tempo de saber. (inéitando)
Vamos Bernard. Pegue o telefone e disque. Você pode inventar alguma coisa...Você sabe que você gostaria de falar com êle... Você sabe disto não é? Bem...vamos. Sua curiosidade já cresceu. Vá ... chame-o.

(PAUSA)

(Bernard apanha o telefone e disca outra vêz. E deixa discar esta vêz, sente-se)

HAROLD

Odioso.

COWBOY

O que é que quer dizer N.R. e O.D.? heim?

EMORY

É linguagem de telefonista. Quer dizer. N.R. não responde...e O.D.; ocupado, só isto.

BERNARD

Alô !

MICHAEL

Um ponto!

(Êle eficientemente toma nota no bloco)

BERNARD

Quem fala? Oh...Harrison.

MICHAEL (tomando nota)

Um ponto.

BERNARD

Aqui é Bernard. O rapaz de dona Francisca.

EMORY

RAPAZ, não filha, você não pode dizer outra coisa.

BERNARD

...como vai? Bemmm?... bemmm obrigado. Harrison..Pete está em casa?
...Ah...seii...sim...

MICHAEL (Balança a cabeça)

Shiiiiiiiiiiiii.

BERNARD

...oh, não, não. Não é nada importante. Eu só queira dizer... a êle...que...eu...eu...dizer que...eu...

MICHAEL (Prestativamente maldosamente)

...que eu amo êle, que eu adoro êle, que eu sou gamado por êle , que eu sempre fui...

BERNARD

...que eu...sinto muito a respeito da separação dêle e espôsa.

MICHAEL

Nada de pontos!

BERNARD

...minha mãe me disse...sim...é...realmente...bem, será que você dizia-lhe que eu telefonei e...eu...eu... eu senti muito a separação...e eu...espero...que...tudo se resolva da melhor maneira.. Sim..sim..obrigado..tchau.
(Êle desliga lentamente. Michael cruza com um risco o bloco).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.57

MICHAEL
Dois pontos, no total, Horrivel. Quem é o próximo?
(Michael tira o telefone das mãos de Bernard e dá a Emory).

EMORY
Você esta bem Bernard?

BERNARD (quase para si mesmo)
Porque eu chamei, não devia ter telefonado. Porque eu fiz isto?

LARRY (para Bernard)
Onde êle estava?

BERNARD
Tinha saido para um programa.

MICHAEL
Vamos Emory. Castiga ai.
(Emory apanha o telefone e disca auxilio. Pausa)

EMORY
Será que a senhorita poderia me dar um número novo. O assinante chama-se...Botts. senhor Delbert Botts.

LARRY
Botts? Quantos terão com êste nome?

BERNARD
Eu gostaria de não ter feito aquele telefonema. Estou arrependido de deixar-me convencer.

EMORY
...não, o número da casa dêle por favor.
(êle balança a mão a Michael pedindo o lápis. Michael lhe dá o lapis e êle escreve no telefone branco ou cinza)
...tão bom, muito obrigado.
(Uma pausa, e êle indignadamente bate o telefone).
Que raiva, a telefonista só me chamava de senhora.

MICHAEL
Por favor não escreveu no telefone.
(Êle apanha o lápis da mão de Emory)

EMORY
Ih, não suja não, sae fácil com um pouquinho de cuspe.

MICHAEL
Como para muitas outras coisas cuspe é bom.

LARRY
Que porra é este tal de Delbert Bolßts?

EMORY
A pessôa que eu sempre amei. (para Michael) diz então:
É para quem eu tenho que telefonar, não é?

MICHAEL
Isto mesmo meu chapa.

LARRY
Como é que você conseguiu gostar de um cara com êste nome?

MICHAEL
De fato Emory. Como é que você jamais conseguiu amar alguém com um nome dêste. Não ficaria bem não achas Alan?
(Michael bate nos ombros de Alan que fica em silencio)

EMORY
Eu admito que o nome dele não é lá estas coisas, mas êle é lindo de morrer...pelo ao menos era no tempo de colégio. E verdade que eu não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p58

58/r

Continuando Emory.....

o vejo desde então. Êle era mais velho que eu sete anos na época.

MICHAEL
Boneca, acho bom você telefonar para êle logo antes que o desgraçado morra.

EMORY
Eu o amei desde a primeiro a vez em que o vi. Isto foi quando eu estava no ginasio, e êle no científico. Ai êle saiu para o vestibular e quando se formou eu ainda estava estudando. Êle formou-se em dentista.

MICHAEL (incredidamente)
DENTISTA?

EMORY
É. Ai êle abriu um consultório no edifício mais alto da cidade.

HAROLDO
Então a boneca muito anciosa foi lá e mandou arrancar todos os dentes e fazer uma dentadura, não foi?

EMORY
Não. Eu ia lá para êle fazer limpeza, só isto.
(Donald vem do var com dois drinks)

BERNARD (para si próprio)
Eu não deveria ter telefonado.

MICHAEL
Você quer calar a bôca Bernard? E veja se para de chatear com seus complexos de culpa.
(Michael diz isto e Bernard apanha a garrafa de vinho e seu copo e vai para a escada e enche seu copo no caminho)

EMORY
Eu ainda me lembro que eu olhava dentro dos olhos dêle, e queria até morder seus dedos, quando êle fazia a limpeza dos meus dentes Eu tinha que me controlar para não fazer.

HAROLD
Coitado, êle é completamente biruta, pobre Emilinha.
(Michael ve Donald trazer um drink para Alan que aceita e bebe-o de uma só vêz)

MICHAEL
A boa Samaritana, a irmã Paula das bichas.

EMORY
...ai eu disse a êle que eu estava limpando os dentes para a festa de formatura, e que eu estava encarregado da decoração. Eu contei a êle que eu ia usar um tema todo celestial, para decorar o salão. E que eu ia usar cabelo de anjo, e estrelinhas de papel prateado... (PAUSA)
Êle ficou tão impressionado...

COWBOY
Uma vez no natal alguem me jogou uma porção destes cabelos de anjo para enfeitar arvore de natal, e voces nem imaginam como coça. Da uma coceira dos diabos.

EMORY
...eu disse a êle que eu ia queimar incenso, em jarros, porque ai fazia uma neblina branca que ficaria no teto do salão, e ai pareceria que nós estávamos no céu. igualzinho como eu vi num filme com a Rita Haywoorth...eu não me lembro o nome do filme.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.59

MICHAEL
O nome do filme era Descendo do Céu. E todo mundo sabe disto.

COWBOY
...e vocês sabem, aquilo me deixou cheio de cortezinhos nos dedos e colava na gente que era fogo para sair. Você nem queira que um dia caia êstes cabelos de anjo em cima de você...porque...
(PAUSA)
tá legal...eu fico calado.

EMORY
Êle estava noivo desta estúpida rachada, chamada Loraine, cuja mãe era uma super putona.

MICHAEL
Ninguém quer saber o que a mãe era.

EMORY
Bem..eu estava arrazada de gamada...estava que era um bagulho ... eu não comia, não dormia, não sentava, não levanta-va, NADA. Eu quase que nem podia cortar as estrelas de papel prateado ou acabar as nuvens para a formatura. Ai, eu resolvi chama-lo no telefone e perguntei se eu podia vê-lo a sós.

HAROLD
Claramente não foi o melhor golpe.
(Donald olha a Alan. Alan olha outro lado distante)

EMORY
Êle disse que sim, e me disse para ir até a casa dêle...eu estava tão nervoso, que minhas mãos tremiam e minha voz não saia. Não ia poder vê-lo deste geito...eu olhava no espaço, e me perguntava porque eu ia a casa dêle. Mas já estava eu lá. Ai eu disse para êle:
Eu queira que êle fosse meu amigo. Eu disse que eu nunca tinha tinha tido um amigo, com quem eu pudesse conversar, e contar tudo que eu queria em quem eu pudesse confiar. Eu perguntei a êle se êle seria meu amigo.

COWBOY
Coitado, tu é otário heim.

MICHAEL
Shhhyyyyyy.

BERNARD
E o que foi que êle falou?

EMORY
Êle disse que teria muito prazer em ser meu amigo. Que a qualquer dia ou hora que eu quizesse vê-lo ou falar com êle...era só telefonar que ela viria me ver e falar comigo. Ai êle apertou minha mão tremula e eu fui embora numa nuvem que passava por lá naquele momento.

MICHAEL
Uma das que você mesmo fêz, não é?

EMORY
No dia seguinte eu sai e comprei-lhe uma linda cigarreira de ouro para êle com os dizeres "do seu amigo, Emory" e mandei até gravar suas iniciais.

HAROLD
Vejam que precoce. Com 17 anos e já generosa com os bofes.

COWBOY
Muito legal...e mandava cartões com dizeres, para ficar mais bonito...

EMORY
...ai, na noite da formatura eu descobri tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 60

COWBOY

Descobriu o que?

EMORY

Eu ouvi duas garôtas conversando. Elas falavam baixinho e eu as conheçia. Elas estavam paradas ao lado de umas colunas gregas de papelão, que eu havia a arranjado emprestado de um vitrinista da loja perto da colégio. Eu decorei-as com coisas linda...Ah bonecas, só uma bicha pode fazer coisas tão lindas.

MICHAEL

Nada de elogios.

EMORY

A garôta que estava contando a história disse ter ouvido isto da mãe dela que por sua vez ouviu da mãe de Lorraine. (para Michael) Viu como interessa saber que a mãe dela era uma super putona? E a filha era como a mãe. Pois quem começou a contar, foi êla, que deve terouvido de Delbert, ai ela logo espalhou. (PAUSA)
Em pouco tempo, todo mundo já sabia na festa, que eu tinha uma queda por êle, e faziam milhões de brincadeiras. Faziam gozação de ter eu havido pedido a êle para ser meu amigo, e da minha gamação por êle. (PAUSA)
Mas o que êles não sabiam? é que eu amava êle demais. E que iria continuar amando sempre e sempre, mesmo depois dêstes anos todos, e êles provavelmente já até se esqueceram meu segredo, ou o que eu pensava que fosse segredo.

HAROLD

Eu acho que eu preciso de uma injeção de isulina. História de bicha é sempre doce.

MICHAEL

Então vamos, telefone para êle.

BERNARD

Não faça isto Emory.

MICHAEL

E desde quando você lhe diz o que fazer?

EMORY (para Bernard)

E o que me importa? Eu estou fudido mesmo...eu faço qualquer coisa hoje até três vêzes se me pedirem.

BERNARD

Não faça Emory, eu lhe peço. Não vai ser bom. Você vai se deprimir

MICHAEL

Eu disse para você telefonar para êle sua bicha, Vamos.

BERNARD

É melhor não telefonar Emory

EMORY

Porque não? Não perco nada.

BERNARD

Perde sim. Perde a sua dignidade.

MICHAEL

Muito bem. Bancando o conselheiro. Aliás, eu até gosto de ouvi-lo dizer isto. Como consegues não sei, pois constantemente Emory vive te degradando, por varias coisas inclusive porque és preto, só falta morreres pos isto, E agora você ainda tira uma de dignidade.

BERNARD

Êle pode fazer isto Michael. Eu posso fazer. Mas você não pode.

MICHAEL

Você não acha que isto é descriminação?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.61

BERNARD
Eu não gosto do que êle faz, mas eu não também não gosto do que eu faço...Porem eu faço isto contra mim, dai deixa-lo fazer tam - bem tah?
E eu deixo-o fazer porque é a única coisa que o iguala a mim, no modo dêle ver as coisas, No fim nos somos todos iguais...mas é que e eu tenho muito mais do que êle jamais teve, e êle reconhece isto. Dai eu deixo-o himilhar-me, de maneira que êle não se sinta um per dedor completo.

MICHAEL
Mas que consideração você tem...

BERNARD
É o modo pelo qual êle se defende. Você tem o seu modo de defesa Michael. Mas com uma diferença. É indistritível.
(Emory quietamente, molha seus dedos com cuspe e começa a desmanchar o número que havia riscado no telefone.)

MICHAEL (para Bernard)
vocês querem ouvri uma coisa bem delicada a respeito dos pretos?... Sabem porque êles são beiçudos? As beiçolas dêles são devido a que sempre estão fazendo " p-p-p-p-a-a-a-hh".
(Faz um barulho com a bôca que é como cozação).

DONALD
Meu Deus, Michael.

MICHAEL (RETIRANDO BRUTAMENTE O TELEFONE DE EMORY)
Eu acho que eu fico melhor se você não encher meu telefone de cus pe, sua bicha covarde.

EMORY
eu posso ser bicha Michael, mas uma coisa eu não sou. Covarde.
(começa a discar)
Bernard, me perdoe. eu prometo nunca mais dizer estas coisas que te humilham.
(Larry traz o telefone para Emory, que começa a discar ou tra vêz) Michael olha triunfantemente. Bernard serve-se de outro copo de vinho - Uma pausa).
O.D.

MICHAEL
Esta ocupada?

EMORY (confirmando com a cabeça)
Lorraine deve estar falando com a mãe dela. Ah sim, Delbert acabou casando com Lorraine.

MICHAEL
Então me dá licença. Não podemos perder tempo. Dê a sua vêz para ou tro.
(Êle apanha o telefone e o devolve a Larry, que começa a discar.)

HAROLD (para Larry)
Pucha. Você não perde tempo heim?

HANK
Quem é que você está chamando?

LARRY
CHARLE.
(Emory se levanta, pega o telefone das mãos de Larry)

EMORY
Eu recuso a dar minha vêz. É minha vêz e vou usá-la.
(ao pegar o telefone, cai no chão)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.62 67/c

MICHAEL
Isto é que é espírito Emory. Vamos quebre esta peça de gêlo, rapaz. Quero ver seu talento em ação no grande final.

EMORY
Meu Deus, estou bêbado.

MICHAEL
Uma-bicha-fresca-e-bebada-caindo-aos-pedacos.

HAROLD
Veja só. Quem tem telhado de vidro não joga pedra nos dos vizinhos

MICHAEL
Eu não estou bêbedo. E você não pode dizer que eu estou...Donald, eu não estou bebedo, estou?

DONALD
Eu estou, e como.

EMORY
Êu também. Acho que sou o maior bebedo daqui.

MICHAEL (para Emory)
Cala a boca e disca. Vamos.

EMORY (discando)
Êu o maior bebedo daqui e de qualquer outro lugar.

DONALD (para Michael)
Michael você quer dizer, cale a boca e comece a se arrazar, não é?

EMORY
...está chamando. Já desocupou...Alô?
MICHAEL (tomando nota)
Um ponto.
EMORY
...quem fala? Quem? ...doutor Delbert Botts)

MICHAEL
Dois pontos.
EMORY
Oh Delbert, é você mesmo? Ah ninguém. Você me conhece. Alias você não se lembraria de mim. Eu sou...um amigo. Um amigo bebedo e caindo aos pedaços. Alô?Alô?Alô?
(êle abaixa o fone)
Êle desligou.
(Emory desliga o telefone)

MICHAEL
Três pontos no total. Você está ganhando.

EMORY
Êle disse que eu devia estar errado.
(Bernard se levanta e vai a cosinha)

HAROLD
Eu acho que nós estamos todos errados. Começando por estar aqui. Deveríamos estar em qualquer outro lugar.

EMORY
Mas Harold, estamos todos aqui, para a sua festa de aniversário. A intenção é que você se divirta. Não está gostando?
HAROLD
Está simplesmente fabuloso. E você? Está gostando Emory? Está gostando tanto como você pensou que ia gostar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.63

(Larry apanha o telefone)

MICHAEL
Se você estiver chateado Harold. Nós poderemos todos cantar "para bens pra você" outra vez, e desta, no ritmo de Havah nagelah.
(Harold apanha outro cigarro e acende-o)

HAROLD
Nem por todo o ouro do México.

HANK
É minha vêz agora.

LARRY
A vez é minha, e eu vou chamar Charlie.

HANK
Não. É minha.

LARRY
Você vai chamar Charlie?

MICHAEL
O escore é treis a dois. Emory na frente.

ALAN
Não Hank. Você não vê que.. Bernard estava certo.

HANK (firme para Alan)
Mas eu quero.
(êle estende a mão para o telefone)
Larry?
(PAUSA)

LARRY (lhe dando o telefone)
A vontade.

COWBOY (para Larry)
Êle vai chamar este tal de Charlie, para voce?
(Larry começa a rir)
(Hank começa a discar)

LARRY
Charlie não existe. Todo mundo que eu conheço e passo Hank pra traz chama-se Charlie.

DONALD
Além de mim, quem mais você passou pra traz o Hank?

MICHAEL
O açougueiro, o padeiro, e o fabricante de velas.

LARRY
De fato. E eu quero a todos. E Hank se recusa a compreender que preciso de ter a todos que quero...Eu não sou do tipo de fazer caso. Casadinho direitinho, não é comigo. Não é meu modo de ser e não creio que va mudar jamais.

HAROLD
Alma de cigano.

LARRY
Quem é que você está chamando?

MICHAEL
Está com ciúmes?

LARRY
Curioso, só isto.

MICHAEL
E um pouquinho ciumento também, não é?

LARRY
Quem é que você está chamando?

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.64

MICHAEL
Já lhe passou pela ideia que Hank talvez faça com você o mesmo que você faz com êle?

LARRY
Seria a melhor coisa. Faria a vida mais fácil de se viver. Afinal quem é que você está chamando?

HAROLD
Seja quem for, uma coisa é certa. Sentado ao lado do telefone não estão.

HANK
Alô?

COWBOY
Talvez êles estivessem no banheiro. (talvez estejam no banheiro)

MICHAEL (bate no cowboy)
Oitenta e seis...

(Cowboy vai para um lado do palco e senta-se
Bernard entra abrindo outra garrafa de vinho)
Michael ainda tomando nota.

Um ponto.

HANK
...eu gostaria de deixar um recado.

MICHAEL
Não está. Um ponto.

HANK
Voce pode dizer que Hank telefonou...sim, é êle. Oh bôa noite, como vai?

LARRY
Mas com quem é que você está falando?

HANK
...sim, isto mesmo. O recado é o seguinte...sim para meu companheiro de apartamento...e Larry. Diga-lhe que eu chamei para...

LARRY
Ah, é a nossa secretária.

HANK
...para...dizer que...eu amo êle.

MICHAEL
Cinco pontos. Você conseguiu, você disse. E vais ganhar cinco pontos pela sua cara de pau.

ALAN
Hank? Hank... voce esta maluco?

HANK
Não. O que voce ouviu é verdade. O recado é para Larry e foi mandado por mim, Hank. E é exatamente o que lhe disse. Diga a êle que Eu o amo... muito obrigado.
(êle desliga)

MICHAEL
Sete pontos no total. Hank, você está na frente de todo mundo, bem na frente.

ALAN
Mas porque? Porque Hank? Porque voce fez isto?

HANK
Porque eu de fato amo Larry. E não me interessa quem saiba.

ALAN
Não diga isto Hank.

HANK
Porque não? É verdade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.65

ALAN
Não posso acreditar.

HANK (diretamente para Alan)
Eu deixei minha espôsa e filhos por causa de Larry

ALAN
Eu não estou interessado em saber disto.

MICHAEL
Mas claro que voce está. Vamos Hank. Diga-lhe. Conte-lhe tudo.

ALAN
Não. Eu não quero saber. É nojento.

(PAUSA)

HANK
Alguns homens fazem a mesma coisa por outras mulheres.

ALAN
Bom, isto eu posso entender, Ao menos é normal.

HANK
Às vêzes as coisas não são como a gente quer, Não importa o que você pense. As vêzes não dá certo, Só Deus sabe disto. E sabe também como eu queria que tudo desse certo. Eu realmente acreditava, tinha tôda certeza de que eu amava minha espôsa quando me casei com ela. Não era que eu tentasse provar algo para mim mesmo. Eu realmente amava minha espôsa, e ela também a mim. Mas...Tem sempre o mas...

DONALD
Você quer dizer, sua atração pelo seu próprio sexo.

HANK
Sim.

ALAN
Sempre?

HANK
Não sei, Creio que sim.

EMORY
Eu sabia que eu era desde que tinha 4 anos de idade.

MICHAEL
Todo mundo sempre soube tudo sôbre você Emory

DONALD
Eu sempre soube o que era também.

HANK
Eu não sei quando foi que eu comecei a admitir isto comigo mesmo. Por muito tempo, eu chamava isto de outra coisa, ou então negava completamente.

MICHAEL
Meu-Deus-como-eu-bebi-ontem-a-noite-tava-num-tremendo-porre.

HANK
E ai, chegou a época em que eu não podêa mais mentir a mim mesmo. Eu pensei, pensei, mas nunca fiz nada. Eu acho que a primeira vez que fiz foi quando minha espôsa estava grávida pela segunda vez. Eu vivia numa cidade no campo...ela e meus filhos continuam vivendo lá...bem, sempre tem uma reunião de professôres aqui na cidade. Ela não estava se sentindo bem para vir comigo, então vim sòzinho Naquele dia quando peguei o trem, eu comecei a pensar, a pensar, a pensar. Eu não consegui pensar em nada mais, a viagem inteira. E em menos de 15 minutos depois que eu cheguei, ja tinha apanhado um cara, no banheiro da estação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.66

ALAN (quietamente)

Jesus Cristo.

HANK

Eu nunca tinha feito uma coisa destas em tôda minha vida, e eu tremia dos pés a cabeça. Mas até que o cara era um bom sujeito. Eu não o vi nunca mais, e engraçado eu não consigo nem lembrar do nome dele.

PAUSA

Então...depois disto, ficou mais fácil.

HAROLD

A prática faz a perfeição.

HANK

ai...algum tempo depois...não muito tempo...Larru estava em uma festa em que eu e minha espôsa tínhamos sido convidados.

EMORY

Ai foi que sua vida começou a enrolar.

HANK

Isto foi a dois anos atrás.

LARRY

Porque sou sempre eu que sou o ruim da história? Se não me chamam de destruidor de lares, me chamam de um filho da puta, com qual é impossível se viver.

HAROLD

A culpa um dia vira hostilidade. Não é assim Michael?

MICHAEL

Porque você não vai furar um pouco mais a sua cara, teem tão poucos buracos...

LARRY

Eu já estou cheio de todo mundo se sentir com tanta pena de Hank.

EMORY

Aw Larry. Todo mundo sabe que voce é uma putona.

LARRY

Eu nunca prometi nada nem premeterei. Só eu tenho o direito de fazer da minha vida sexual o que eu bem entender, sem ter que dar satisfações a quem quer que seja, Incluindo Hank...se estas condições não forem aceitas, então não poderemos nunca vivermos juntos muitas amizades se acabaram por haverem pessôas como eu.

EMORY

Voce não tem que ser entendido para ser um vandalo. Um imoral.

LARRY

Por um acaso eu sou entendido. Mas isto não tem nada a ver com a minha ideia, e meus apetites sexuais. E eu não me considero um imoral. Emory, voce é a pessoa mais promiscua que eu conheço.

EMORY

Mas eu não sou promisseuo.

MICHAEL

Não por escolha. Mas sim por desenho. Quem é que gostaria de ir para cama com uma bicha acesa, fresca que nem você?

BERNARD

Michael.

MICHAEL (para Emory)

Quem é que lhe passaria uma cantada?...Eu lhe digo quem...Ninguém Exceto quem sabe, algum fugitivo do instituto dos cegos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.67

BERNARD (para Emory)
Porque você deixa êle dizer estas coisas para você?

HAROLD
A beleza do físico não quer dizer tudo.

MICHAEL
Obrigado, corcunda de notre dame.

LARRY
Que é que vocês pensam que seja, viver um cara que mais parece da Gestapo? Eu mal posso respirar, sem ser condenado.

MICHAEL
Larry, é a sua vêz de telefonar.

LARRY
Eu não dou para aquela de "vamos-ser-fiéis-e-nunca-olhar-para-pessoa". Não dá certo...Se você quer prometer isto, tá certo. Faça e çumpra. Mas se você é obrigado a prometer, pelo que eu sei, isto é o que faz uma amizade terminar mais depressa.

HAROLD
Dê-me a liberdade ou dê-me algo melhor.

BERNARD (intoxicado)
Yeah, liberdade, liberdade.

LARRY
Você tem que ter liberdade. Não existe outro geito. E aquele que jurar que está sendo fiel, está mentindo. Todos êles...ou digamos... noventa por cento. Êles se enganam mutualmente e mentem a mais não poderem. Me desculpem mais eu não posso ser deste geito. E isto Hank não compreende. Eu pelo menos sou verdadeiro.

HANK
É, mas tem aqueles 10 por cento, Larry.

LARRY
A única maneira de existir algo bonito, e durável, é com um pouco de compreensão.

HANK
Mas eu tenho tentado isto.

LARRY
Ora, Hank

HANK
Eu concordei com um acôrdo.

LARRY
Seu acôrdo.

MICHAEL
Que acôrdo?

LARRY
Menage.

HAROLD
O acôrdo dos amantes.

HANK
Pois é isto mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.68

LARRY (Para Hank)
Eu imagino que você queria que nós três fossemos juntos.

HANK
Ao menos nós estaríamos juntos.

LARRY
Nêste ponto eu não estou interessado.

HANK
E que tipo de compreensão você quer?

LARRY
Respeito...pela liberdade de cada um. Sem necessidade de mentir ou fingir. No meu modo Hank. Eu te amo, mas voce tem que compreender que mesmo assim, mesmo vivendo com voce, existem outros. Eu não quero fazer nada na sua cara.. Quando acontecer, eu sei que eu nunca mencionarei a voce. Mas se voce me perguntar, eu lhe digo. Eu não quero te magoar, mas eu não mentirei a voce, se quizeres saber de algo sôbre mim.

BERNARD
Êle ganhou pontos.

MICHAEL
O que?

BERNARD
Ele disse...êle disse "eu te amo" para Hank...êle ganha o bonus.

MICHAEL
Mas êle não telefonou.

DONALD
Êle não usou o telefone mas disse.

MICHAEL
Então êle não ganha nenhum ponto.

BERNARD
Êle ganha cinco pontos.

MICHAEL
Êle não usou o telefone, então não ganha porra nenhuma.
(Larry vai até o telefone, branco olha o número do outro aparelho ou seja a segunda linha, e disca).
Uma pausa. O outro telefone chama)

LARRY
É pra você Hank. Porque você não responde la de cima?
(O telefone continua a chamar. Hank se levanta vai até lá em cima, no quarto)
PAUSA. Êle pega o telefone. Todos em baixo estão em silencio.)

HANK
Alô.

BERNARD
Um ponto.

LARRY
Hello Hank.

BERNARD
Dois pontos.

LARRY
É o Larry quem fala.

BERNARD
Dois pontos.

LARRY
É o Larry quem fala.

BERNARD
Mais dois pontos.

LARRY
Pelo bom ou pelo mal...eu te amo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 69

BERNARD
Um bonus de cinco pontos.

HANK
Eu...eu...vou tentar.

LARRY
Eu também tentarei Hank.
(Larry desliga, Hank também).

BERNARD
10 pontos no total.

EMORY
Larry, é o vencedor.

HAROLD
Bem, não foi tão interessante como eu pensei que seria.

MICHAEL
MAS O JOGO AINDA NÃO TERMINOU;
(Hank vai até a cama e senta-se(No que seria a cama) quietamente.
...agora é a sua vez Alan.
(Michael apanha o telefone joga-o para Alan)
---Pegue este telefone seu puto.

EMORY
Michael por favor não faça isto.

MICHAEL
Não se meta nisto.

EMORY
Alan, você não é obrigado. Você não tem que fazer isto.

ALAN
Emory...me desculpe pelo o que eu fiz a você.
(pausa)

EMORY
...ora esqueça isto.

MICHAEL
Perdôe-nos os intrusos...Meu Deus, voces dois agora resolveram se juntar...mas claro. viraram amigos. Emory pode decorar sua casa(para Alan) e êle pode te tirar da cadeia na próxima vez que você fôr preso por atentado a moral, quando estiver dando pinta em algum lugar. (PAUSA)
Quem você vai chamar Alan?
(sem responder)
Será que você não lembra de ninguem? Bem, talvez voce precise de um minuto para pensar. Não é isto.
(sem resposta)

HAROLD
Eu tenho certeza que este será o último round.

COWBOY
Michael, e você não chamar ninguém?

HAROLD
Mas como é que êle poderia telefonar a alguém?Êle nunca amou ninguem.

MICHAEL
Ser preto já é dificil, mas ser judeu é mais ainda.
(para Harold como num insulto)

DONALD
Meu Deus,como você tem charm Michael?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 70

HAROLD
Michael não tem charm Donald. O que êle tem é contra charm.
(Larry atravessa para a escada)

MICHAEL
Vai a algum lugar?

LARRY
Vou. Com licença.
(Ele se vira e sobe as escadas)

MICHAEL
Você vai perder o fim do jogo.

LARRY (para na escada)
Depois você me conta como foi.

MICHAEL
Eu nunca conto o fim de nada. E como nos filmes de mistério, ninguém é admitido na platéia durante a apresentação.

LARRY
Se eu não tiver sorte, eu não voltarei até que tudo já esteja terminado.
(Êle se vira a continua subindo)
Chegando lá em cima Hank se levanta da cama, ou d o que seria a cama, os dois se estrolham. Larry vai até a luz e a a apaga, ficando a parte de cima do cenário no escuro, e êles Hank e Larry saem de cena).

MICHAEL (quase no ouvido de Alan)
O que é que você pensa que está se passando lá em cima? Humm? Alan? O que é que você imagina que Larry e Hank estão fazendo? Humm? jogando cartas?

EMORY
Seja o que for, êles não estão incomodando ninguém.

HAROLD
E sòmente a êles diz respeito.

MICHAEL
Mantenha-se com o que lhe diz respeito Harold. Eu estou lhe avisando.
(UMA PAUSA)
HAROLD (friamente)
Está é? Você está me avisando é? A mim? Eu sou Harold. Eu sou uma pessoa a quem voce não avisa nada Michael. Porque você e eu somos um par...E nós nos tratamos muito suavemente, porque nós dois jogamos o mesmo jogo ambos muito bem. Oh eu sei bem este jogo que voce esta agora jogando. E eu sei muito bem...você também sabe. Porém você sabe que sou o único melhor que você. Eu posso ganhá-lo quantas vezes quizer. Dai acho bom não me forcares. Eu é quem estou lhe avisando Michael.
(Uma Pausa)
(Michael começa a rir)
MICHAEL
Você é gozado Harold. Divertidíssimo...não achas Alan? Ou como diria voce êle é interessante. Não é? Ou então uma bicha fresca.... ou mariquinhas ou quem sabe fruta? Meu Deus, que vocabulário atrazado, você tem. PAUSA.
É melhor eu te atualizar um pouco mais...vamos ver. Talvez isto não seja tão novo, mas quem sabe para você deve ser... (PAUSA)
Você já ouviu um termo assim, "bicha encabulada?" Você sabe o que isto quer dizer? Sabe porque incubada?

EMORY
Não diga isto Michael. Não vai adiantar nada explicar o que significa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.71

MICHAEL
Mas êle já sabe. Êle sabe até muito bem. Ele sabe o que uma bicha incubada quer dizer. Não sabe Alan?

(PAUSA)

ALAN
Michael. Se voce quer dizer que eu sou um homosexual, a única coisa que eu posso dizer-lhe é que voce esta enganado.

MICHAEL
Estou é?

(UMA PAUSA)
E sôbre Justin Stuart?

ALAN
O que sôbre Justin Stuart?

MICHAEL
Você estava gamado por êle. Isto é o que sôbre Justin Stuart.
(PAUSA)
E é êle que voce vai chamar agora.

ALAN
Justin e eu eramos bons amigos, só isto. Infelismente nós tivemos que nos separar e isto foi o fim de nossa amizade. Nós não nos falamos há anos. Eu certamente não irei telefonar a êle hoje.

MICHAEL
De acôrdo com Justin, a amizade era uma grande paixão.
ALAN
Que você quer dizer com isto?
MICHAEL
Quero dizer que você dormiu com êle quando estudavam juntos. Várias vêzes.

ALAN
Mentira. Isto não é verdade.

MICHAEL
Várias vêzes. Uma vêz, é juventude. Duas vêzes, uma fase talvez. Várias vêzes voce gosta mesmo;

ALAN
Não. Não é verdade.
MICHAEL
Sim. É. Você era obsecado por êle. Era só o que você comentava, manhã, tarde, noite. E você estava fazendo o mesmo hoje aqui, lá em cima pra mim voce disse várias vêzes... como êle era atraente, e todo aquele negócio.
Justin Stuart é um homosexual. Êle vem sempre aqui. Me telefona sempre. Já o levei a várias festas de entendidos. Larry já fez com êle uma vez. Eu já dormi com Justin Stuart, e êle me contou tudo sôbre você.

ALAN
Então êle lhe contou mentiras.

MICHAEL
E sôbre você dizer que Hank é atraente?

ALAN
Êle é atraente. E daí? Que tem de errado em dizer isto?

MICHAEL
Você gostaria de juntar-se a êle e Hank lá em cima no quarto?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 72

ALAN

Eu disse que êle era atraente como pessôa, só isto.

MICHAEL

E quantas vêzes você tem que repetir isto? Quantas vêzes você teve que dizer isto sôbre Justin Stuart?... que bom jogador de tennis êle era... que bom dançarino êle era... que corpo bonito êle tinha...que bom gosto êle tinha... que bom gôsto êle tinha... que inteligente êle era...que divertido êle era...e como tôdas as garotas eram malucas, gamadas por êle...que bons amigos vocês eram.

ALAN

Nós...nós...éramos...muito bons...amigos...Só isto.

MICHAEL

Era óbvio... e quando vocês fez algo assim na frente de Fran, sua espôsa. Coitada, êle ficou tôda sem geito. Acho que até ela deve ter tido suas dúvidas sôbre voce.

ALAN

Justin...mentiu.Se êle lhe disse isto êle mentiu. Isto é uma mentira. Uma mentira suja. Êle diria qualquer coisa de mim, para empatar. Ele se sente com raiva de mim, porque fui eu quem acabou ' nossa amizade. Mas eu tinha que acabar. Eu tinha porque...êle me disse... êle me disse tudo sôbre ele. êle me disse também que queria que eu fôsse seu amante, ou caso como você diria. E... eu disse a êle...que eu tinha algeriza por isto...disse-lhe que sentia' pena dêle.

(UMA PAUSA)

MICHAEL

Você acabou a amizade, Alan, porque você não podia enfrentar a verdade sôbre voce mesmo. Você podia continuar dormindo com Justin , pelo tempo em que êle mentisse a si mesmo e você também se iludisse, e vocês dois saissem juntos, com garôtas, e se etiquetassem ' de homens, e fossem grandes amigos. Mas Justin finalmente teve que ser honesto consigo mesmo, a respeito da verdade e você não conseguiu. Você não conseguiu e terminou uma amizade e destruiu um amigo.

(Michael vae a mesinha apanha um livro de endereços)

ALAN

Não.

MICHAEL

Justin nunca compeendeu o que êle fêz de errado, para você terminar assim uma amizade tão antiga. Ele se culpa até hoje.

ALAN

Nã.

MICHAEL

Se culpava até que eventualmente êle descobriu quem êle era e o que êle era.

ALAN

Não.

MICHAEL

Mas até hoje êle se elmbra o tratamento que você lhe deu...as cicatrizes êle você provocou.

(êle põe livro em frente de Alan na mesinha).

ALAN

Não.

MICHAEL

Pegue êste telefone e cheme Justin. E diga a êle o que você deveria ter dito a êle doze anos atrás. Peça-lhe desculpas pelo que lhe fez. Vamos. Chame-o.

(Êle apanha o telefone, mostra-o a Alan).

ALAN

Não.Êle mentiu;NEM UMA PALAVRA DO QUE ÊLE DISSE É VERDADE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 73

MICHAEL

VAMOS;TELEFONE;;;

(Porém Alan não apanha o telefone)

MICHAEL

Está bem. Eu disco.

HAROLD

Você é tão prestativo Michael.

(Michael começa a discar)

ALAN

Deixe. Me dê êste telefone.

(Michael dá o telefone para Alan)
Alan apanha-o. repõe o gancho no aparelho por um instante. Levanta-o outra vêz e começa a discar. Todos prestam atenção em silencio profundo. Alan acaba de discar, leva o gancho do telefone aos ouvidos, e...)

Alô?

MICHAEL

Um ponto.

ALAN

...é...é Alan quem fala.

MICHAEL

Um ponto.

ALAN

Sim...sim sou <u>eu</u> mesmo.

MICHAEL

É Justin no aparelho?

ALAN

Você está achando isto uma surpresa?

MICHAEL

Mas é claro que êle tem que estar surpreso...depois de 12 anos. Mais dois pontos.

ALAN

E...eu estou na cidade. Sim...u...não vou explicar nada agora... Eu... telefonei sòmente para...te dizer...que...eu...

MICHAEL

QUE EU TE AMO; SEU DESGRAÇADO; <u>EU TE AMO</u>.

ALAN

...QUE EU TE AMO.

MICHAEL

Ah. Você ganhou aquele bonus. Dez pontos no total. Estourou.

ALAN

Eu te amo, e te peço, te imploro que me perdoe.

MICHAEL

Me dá êste telefone.

(Êle arranca subitamente o telefone das mãos de Alan)
Justin, Você ouviu? Você ouviu o que aquele filho da puta disse?
(Uma pausa) Michael está sem fala por um instante
...Fran...Fran, é você?

(uma pausa)

...bem...claro, mas claro que eu sabia que era você...

(uma pausa)

Como vai? Bem obrigado. Sim, sim...êle me contou tudo. Ora, não me agradeça. Por favor Fran.

(uma pausa)

Como vão as crianças? Ótimo...eu...vou passar o fone para êle. Tchau.

ALAN

...meu amor? Eu vou pegar o primeiro transporte que encontrar e chegarei logo ai. Sim...sim. Me perdoe também...Eu te amo muito mesmo, também...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.74

(Êle desliga. Levanta-se, atravessa a sala para a porta, para) Êle se vira e olha para todos.

Obrigado Michael.

(Êle abre a porta e fecha-a com força, saindo. Michael sente o bater da porta, sentado no sofá, como se mudo e sem parecer estar presente.
Silêncio. Michael cai com as mãos no rosto meio corpo no sofá.

COWBOY
Afinal quem ganhou o jogo?

DONALD
Empatou.

(Harold atravessa a sala e vem a Michael ainda no sofá)

HAROLD (calmo, frio e cìnicamente)
Agora é minha vêz. E esteja você pronto ou não, vais ouvir.
(PAUSA)
Você é um homem triste e patético. Você é um homosexual e você não quer ser porem lembre-se não ha nada que você possa fazer para mudar isto... Nem tôdas as suas orações, para o seu Deus, nem tôdas as consultas com psiquiatras, que voce possa ter até o fim de sua vida, vai adiantar alguma coisa.
Você poderá, isto sim, um dia chegar a conhecer uma vida heterosexual, mas se voce fizer muita força e realmente querer isto...com a mesma força com que você aniquila as pessôas, talvez consigas.. mas você sera tambem, sempre um homosexual, e nunca vais deixar de sê-lo. Sempre Michael, sempre. Até o dia da sua morte.
(Êle se vira apanha os presentes, vai até Emory se levanta cambaleando. (meio tonto)
Oh meus amigos, muito obrigado pela linda e agradável festa. E pelo super presente. (Êle olha para o cowboy)
Você é justamente o que eu precisava.
(Emory sorri, Harold dá um adeuzinho carinhoso com a mão. Olha para Bernard sentado no chão, cabisbaixo)
Bernard, muito obrigado.
(Sem resposta. Para Emory)
Você leva êle para casa, sim?

EMORY
Não se preocupe com ela. Eu cuido de tudo.
(Harold olha para Donald que está no bar fazendo um drink)

HAROLD
Donald, foi um prazer em revê-lo.

DONALD
Boa noite Harold. Até a próxima, Tchau.

HAROLD
Ótimo. Que tal no dia de São Nunca?
(Harold vai até o cowboy).
Vamos cowboy. Vamos para a minha casa.
(o cowboy levanta-se e vem a êle)
Você é bom de cama?

COWBOY
Be...eu não sou igual aos outros michês que você deve conhecer. Eu procuro mostrar um pouco de carinho e afeição...assim dá a impressão de que eu não sou igual a uma puta de zona.
(Pausa)
Harold vira-se e caminha. O cowboy abre a porta para eles. Êles começa a sair. Harold para.

HAROLD
Oh Michael...muito obrigado pelas gargalhadas, Te telefone amanhã.
(Sem resposta. Uma pausa. Harold e o cowboy saem)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.75

EMORY
Vamos Bernard. Está na hora de ir para casa. Vamos.
(Emory se abaixa põe o braço de Bernard em seus ombros, levanta-o)
Oh boneca, você é uma bicha pesada...

BERNARD (pràticamente num sussurro.)
Porque eu fui fazer aquele telefonema? Porque?

EMORY
Obrigado Michael. Boa noite Donald.

DONALD
Tchau Emory.

BERNARD
...porque...

EMORY
Está tudo bem agora Bernard. Tudo bem. Eu vou dar um pouco de café, e você vai ver como tudo vai melhorar.
(Donald abre a porta, e Emory visivelmente carrega Bernard.
Donald fecha a porta.
Silencio. Michael lentamente senta-se no sofá. Abaixa-se outra vêz. UMA PAUSA. Então aos poucos êle começa a soluçar.
O soluço aumenta mais e mais. Como se uma sirene.
De repente êle põe as mãos nos ouvidos.

MICHAEL (desesperadamente em pânico)
Donald, Donald, Donald, DONALD.
(Donald põe, seu drink no bar e corre para Michael
Michael está agora atordoado e chora convulsimamente. Êle começa a dizer algumas palavras.
Meu Deus, que foi que eu fiz? Porque?
(Michael começa a chorar em desespero. Donald o abraça e ampara. Tenta conforta-lo)

DONALD
Michael, Michael.

MICHAEL (chorando convulsimamente)
Não, não. É o começo. Aquela ansiedade. Não, não. Eu já estou sentindo. Já sei o que vai ser depois. Sei o que vou sentir. Donald, Donald Não me deixe Donald. Por favor. Oh meu Deus que foi que eu fiz? Eu não sei se vou aguentar isto; Estou desesperado, Donald.

DONALD (Tentando controlá-lo fisicamente, pois Michael começa a ficar incontrolável)
Michael, Michael, Para com isto. Para. Eu te dou uma pilula... eu ainda tenho algumas no meu bolso.

MICHAEL (histérico)
Não, não. Pilulas e alcool não dão certo... eu não quero morrer. Isto faz mal misturar.

DONALD
Eu não vou te dar o vidro inteiro. Vamos me solta um pouco.

MICHAEL (Agarrando-o)
Não.

DONALD
Me solta um pouco para que eu possa apanhar a pílula no meu bolso. Eu não vou sair daqui não.

MICHAEL
Não vá embora Donald, não me deixe, por favôr.
(Michael solta-o então um pouco, só uma mão para que Donald possa tirar do bolso uma pílula. Este retira do bolso um virdo, plástico e abrindo-o tira uma pílula que dá a Michael. É um calmamente)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 76

76/2

DONALD

Vamos toma.

MICHAEL

Mas eu tenho nada para beber. Não consigo engulir sem água.

DONALD

Bem, se voce der um pouco de liwença eu vou buscar um copo d'água para você.

(Michael deixa-o sair. Êle se levanta e vai ao bar apanhar água.
Mighael cai no sofá.
Donald retorna com um copo.
Sua água magestade. (UMA PAUSA)

Michael, para esta merda dêste choro e tome este remédio.

(Michael se ageita, põe a pílula na boca, e força toma-la com a agua Donald lhe trouxe. Devolve o copo a Donald).

MICHAEL

Eu sou como aquele velho daquela música, "Old mam river"... cansado de viver e apavorado de morrer.

(Donald põe o copo de volta no bar, e volta para o sofá. Senta-se. Michael cai em seus braços chorando)

P A U S A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 77

DONALD

Shhhiiii....shiii...Michael,Michael.

(Donald o sacode algumas vezes como se o estivesse ninando. Ele se acalma acalma . Pausa .)

MICHAEL

...se nós...se nós pudessemos...ao menos...aprendermos a não nos odiar tanto... é,é isto voce sabe...se nós pudessemos ao menos não nos odiar da maneira que nos odiamos ...talvez...

DONALD

Sim...eu sei,seu sefá .

MICHAEL

Como Donald como?

DONALD

Não sei...mas por incrivel que pareça voce já foi um ito pior Michael .

(Pausa)

Quem sabe se com um pouco mais de vontade,voce talvez possa se sentir melhor ...mas voce tem que ajudar Michael,tens que ter muita força de vontade,só voce pode fazer isto...

(Michael se arrumando,seca suas lágrimas num guardanapo, que está na mezinha em frente ao sofá .)

MICHAEL

Quem é que costumava dizer," me mostra um entendido feliz que eu te mostro um morto alegre."

DONALD

Eu não sei;quem é que dizia isso?

MICHAEL

E como é que voce tem coragem de vir com esta para cima de mim ? Querer dizer que com um pouco mais de bôa vontade eu consigo isto ou aquilo . Voce sabe que isso seria querer ser perfeito,e ninguem jamais consegue, nem com toda a força de vontade do mundo.

DONALD

Mas eu nunca disse isso assim dessa maneira .

MICHAEL

Já que estamos falando disto,deixe-me te dizer o que eu penso do seu psiquiatra . Ele é um merda.

(Michael está fungando e Donald lhe dá um lenço.Ele apanha-o e assôa o nariz .)

DONALD

Antes voce tinha dito que ele era um viado,um puto,

(Donald se levanta do sofá e vai em busca do seu drink.)

MICHAEL

Isto mesmo,ele é um puto de merda ,ou um viado de merda,o que voce preferir.

DONALD (dando uma olhada)

Harold tinha razão. Voce jamais mudará .

MICHAEL

Donald,vem cá,não vá embora,volte,volte.

DONALD

Eu voltarei quando voce tiver outro ataque de ansiedade e desespero.

MICHAEL

Eu preciso de voce.Do mesmo geito que o Mickey Mouse precisa da Minnie Mouse. Do mesmo geito que o pato Donald precisa da pata Margarida,Michael precisa de Donald,ou Mickey precisa de Donnie ...

DONALD

Meu nome é Donald . Eu sou chamado de Donald. Voce nunca deve chamar um pessôa que se chama Donald de Donnie...

MICHAEL

Ohhh...icks,icks,icks terriveis. Amanhã vai ser um dia daqueles . Um dia com os nervos a flôr da pele,ressaca,irritação,os diabos .

(Michael se levanta do sofá,averigua o estado do apt.pedaços de papel de presentes,pratos sujos etc,etc.

Voce acha que dá pé de se queimar toda esta sala ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 78

(PAUSA.)

DONALD

Porque voce acha que ele ficou Michael ? Porque será que ele ouvia tudo aqui le de voce ?

MICHAEL

Não tinha duvidas . Ele estava pedindo para ser aniquilado.Ele pedia a qualquer um para aniquila-lo,talvez como se fôra um castigo . E ele teve o que queria .

DONALD

Talvez fosse verdade. Quem sabe Justin Stuart tivesse mesmo mentido ?

MICHAEL

Quem sabe ? Que horas são ?

DONALD

Pra mim parece como se fosse depois de amanhã .

(Michael vai até a porta da cosinha apanha uma capa,e volta.)

MICHAEL

Então é cêdo ainda .

DONALD

Aonde voce vai ?

MICHAEL

O quarto está ocupado,mesmo eu não quero ir dormir agora . Prefiro andar um pouco para melhorar deste porre . Se eu fosse dormir como estou,quando acordasse teria que ser posto numa cela acolchoada,e levado em camisa de força. Não que eu não devesse ir...

(Pausa)

e...e...tem uma missa a meia noite na igreja de São Malaquias,onde o pessoal do teatro todos vão . Eu acho que vou dar uma caminhada até lá, e assistir a missa .

DONALD (levantando seu copo)

Bom,então reze por mim.

MICHAEL (indicando o quarto)

Talvez eles já tenham ido embora quando eu voltar .

DONALD

Bom...eu já terei ...tão logo eu acabe com aquela garrafa de conhaque .

MICHAEL

Eu vou [illegible] te ver no próximo sabado ?

DONALD

Mas claro,só se voce não quizer .

MICHAEL (se vira para sair)

Lógico que eu quero .

DONALD

Michael ?

MICHAEL (virando-se olhando para Donald)

O que ?

DONALD

Afinal,ele te disse porque estava chorando no telefone ? Que é que ele queria falar contigo ? Ele falou ?

MICHAEL

Não . Devia ser qualquer coisa com a briga dele com a esposa...ou quem sabe ele mudou de idéia e resolveu não falar mais .

DONALD

É talvez. (PAUSA)

Porque seria que eles brigaram ? Fico pensando .

(PAUSA)

MICHAEL

...como meu pai costumava dizer para mim quando ele morreu em meus braços " eu não consigo compreender o porque de muitas coisas." Eu também não .

(Pausa. Donald vai até os seus livros,seleciona um,senta-se numa cadeira ao lado do bar.)

...faz um favôr,quando voce sair apague as luzes,OK ?

(Donald acena que sim com a cabeça. Michael Olha para ele por uns longos instantes,então abre a porta, e sae .

As luzes como no primeiro ato ao terminar vão diminuindo até completa escuridão.Donald Sae de cena,e voltam todos de uma vez.

Agradecimentos é feito com todos no palco,um vem a frente recebe os aplausos e sae pela porta de entrada,até a cena ficar vazia,onde voltar [illegible] os aplausos finais .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 79

85/6

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, 20.dezembro.1968.

Do: Censor Nelson Marabuto Domingues.
Ao: Chefe da Turma de Censura de Teatro e Congêneres.
Assunto: Parecer s/ peça teatral.

Título: OS GAROTOS DA BANDA (THE BOYS IN THE BAND).
Autor: Mart Crowley
Tradutor: I. M. Bustamante.

"OS GAROTOS DA BANDA" versa sôbre uma festa promovida por seis rapazes (Michael, Donald, Emory, Larry, Hank e Bernard), por ocasião do aniversário de um amigo (Harold). Os sete são homossexuais e a peça tôda gira em tôrno dos problemas que essa condição traz a cada um dêles. Há, ainda, mais dois personagens: o "Cowboy", também efeminado, que é oferecido a Harold como presente de aniversário; e Alan, antigo colega de Universidade de Michael que desconhecia completamente o tipo de vida que êste levava.

Alan chega, de surprêsa, no auge da festa e fica como que fascinado pelo ambiente que encontra. Por ser o único heterossexual da turma, é alvo de chacota por parte de todos.

Por fim, Michael sugere o "jôgo do amor", que consiste em que cada um telefone para pessoa que mais ama. Três dêles se negam a participar da brincadeira, enquanto que Donald, Larry, Emory e Bernard aderem à mesma. Michael, inventor do jôgo, instiga Alan a telefonar para um suposto "amante", com a insinuação de que Alan é uma "bicha incubada". Alan se recusa terminantemente e nega que tenha tido, algum dia, um "caso" dêsses. Finalmente, disca um número e faz uma declaração de amor à pessoa que atende; quando Michael começa a cantar vitória por ter confirmada as suas suspeitas sôbre Alan, descobre que êste estava conversando com a própria espôsa. Sentindo-se frustrado, deixa-o ir embora, bem como Harold, Emory, Bernard e o "cowboy". Larry e Hank acham-se dentro do quarto, depois de uma discussão. Donald demora-se um pouco mais e Michael, depois de algum tempo, sai para assistir a uma missa.

O diálogo é livre, cheio de expressões pornográficas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.80

81/4

e o entrêcho prevê gestos, atitudes e danças obcenas.

Do exposto, sugiro a liberação do texto examinado para maiores de dezoito (18) anos, lembrando, todavia, a necessidade do comparecimento da Turma de Censura da Guanabara ao ensaio geral, a fim de que sejam coibidos exagêros na encenação, evitando manifestações "efusivas" de intimidade por parte das "bonecas".

Velma [illegible]

Em 20 DEZ 68
A Ch. da Censura
Interditada.
[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 81

87

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 77/68-SCDP. Brasília, 23 de dezembro de 1968.

O Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 176 do Decreto nº 56 510, de 28 de junho de 1965,

R E S O L V E,

PROIBIR a encenação pública, em todo o Território Nacional, da peça teatral "OS GAROTOS DA BANDA" (THE BOYS IN THE BAND), autoria de Mart Crowley, tradução de I.M. Bustamente, por contrariar as letras a, "contiver qualquer ofensa ao decôro público; e g, "divulgar ou induzir aos maus costumes", do Art. 41 do Decreto nº 20 493, de 24 de janeiro de 1946.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

MINISTÉRIO [redacted] JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE P[redacted]IA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DO D. C. T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 82

MARINA DE MELO FERREIRA
CHEFE DA TURMA DE CENSURA DA DR/DPF/GB
PRAÇA MARECHAL ANCÔRA 3 GUANABARA
606 23 12 68

INFORMO PEÇA TEATRAL "OS GAROTOS DA BANDA " (THE BOYS IN THE BAND) DE MART CROWLEY VG TRADUÇÃO DE I.M.BUSTAMANTE VG INTERDITADA PORTARIA 77 DE HOJE PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376. p-83

84

ILL MO SNR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DPF

EU, ABAIXO ASSINADO VENHO POR MEIO DESTA MUI ENCARECIDAMENTE, PEDIR A VV.SS. QUE SE DIGNE A RECONSIDERAR SUA DECISÃO, QUANTO A PEÇA "OS GAROTOS DA BANDA" PELOS SEGUINTES MOTIVOS:

A) A PEÇA REALMENTE MOSTRA O PROBLEMA DO HOMOSEXUALISMO, PORÉM SEM OFENDER SOBRE QUALQUER ASPECTO O DECORO PUBLICO, POIS NÃO APRESENTA GESTOS QUE POSSAM ASSIM SEREM CLASSIFICADOS. ALGUMAS PALAVRAS DE FORÇA DE EXPRESSÃO POPULAR, PODERÃO SER SUBSTITUIDAS SE ASSIM VV.SS ACHAR CONVENIENTE .

B) MUITO AO CONTRARIO, NÃO INDUZ NEM DIVULGA MAL COSTUMES , E SIM , MOSTRA A PODRIDÃO EM QUE CAEM OS QUE ESCOLHEM O TIPO DE VIDA , RETRATADA, E QUÃO MESQUINHOS SE TORNAM E COMO SOFREM NA VIDA POR TEREM QUE SE SUJEITAREM A INFERIORIDADE DOS QUE VIVEM O PROBLEMA. A PEÇA É DE UMA MENSAGEM TOTAL AOS PAIS E TODOS PARA QUE SE EVITE QUE O PROBLEMA CRESÇA, E COMO EVITA-LO MOSTRANDO AS RAZÕES QUE LEVARAM OS PERSONAGENS DESTA PEÇA A SS TORNAREM O QUE SÃO . A PEÇA É DECIDIDAMENTE CONTRA ESTE TIPO DE PERSONALIDADE, E MORALISSIMA , SOBRE TODOS OS ASPECTOS, PORQUE NÃO CHEGA AOS PORTADORES DO PROBLEMA COMO UMA AMEAÇA, E SIM COMO ELES PODERAM VIR A SER OS MAIORES DESTRUIDORES DE SUAS PRÓPRIAS VIDAS .

NESTES TERMOS,
P. DEFERIMENTO.

BRASILIA, 30 DE DEZEMBRO DE 1968

I.M. BUSTAMANTE

CORREÇÃO
MAÚS COSTUMES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 84

8 1 / 9

Ministério da Justiça
Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Turma de Censura de Teatro e Congêneres

L a u d o C e n s ó r i o

Título da peça: Os garôtos da banda (the boys in the band) :::

Nome do autor: Mart Crowley :::::

Nome do tradutor: I.M. Bustamante ::::

Gênero: Comédia :::::

Entrecho: Bacanal de sabiritas que comemoram o aniversário de um dêles. :::::::

Apreciação moral: A perversão moral predomina no contexto desta peça que está recheada de situações grotêscas e impundonorosas, como se pretendêsse fazer a apologia do homossexualismo, tergiversando sôbre os preceitos e conceitos moralistas. ::::::

Observações: (Pelo escrito) ::::::

Classificação Final

::::: I N T E R D I T A D A :::::::::::::::

Brasília-DF., 08 de j a n e i r o de 1969

Censor Federal - matrícula nº 1.282.938
Carlos Lúcio Menezes

CLúcio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 85

Sr. Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça teatral abaixo indicada, com o voto do Censor CARLOS LUCIO MENEZES, que a reexaminou.

TITULO: OS GAROTOS DA BANDA

AUTOR: Mart Crowley Tradutor: I.M. Bustamante

RESTRIÇÃO SUGERIDA: INTERDIÇÃO

Em, 09/janeiro/69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Encaminhe-se ao Sr. Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em, 09/janeiro/69

OSORIO MIRANDA FERREIRA
Resp. Sec de Censura

1- Em vista do parecer acima, comunique-se ao interessado estarem cumpridos os termos da Portaria nº 77/68-SCDP. de 23/12/68.
2- Arquive-se.

Em: 09/1/69.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,P.86

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR - CENTRO DE MENSAGENS
Recebido 14/1/69 Hr. 1520
Encaminhado -/-/- Hr-
AS-

MARINA DE MELLO FERREIRA
CHEFE TCDP/DR/DPF/GB
GUANABARA

20 14 1 69

REFERÊNCIA PEDIDO RECONSIDERAÇÃO DE CLASSIFICAÇÃO PEÇA "OS GAROTOS DA BANDA" DE AUTORIA DE MART CROWLEY VG SOLICITO V.SA. COMUNICAR INTERESSADO MESMA VG ESTAREM CONFIRMADOS OS TÊRMOS DA PORTARIA 77/68-SCDP VG DE 23/12/68 VG QUE A INTERDITOU PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.87

87

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., tendo em vista imposição legal que estabelece dever ter, cada produção, um título definitivo, resolve indicar, para individualizar a peça "A PATOTA" ou "O ENTENDIDO" (títulos provisórios), o título "OS GAROTOS DA BANDA" .

Brasília, 21 de agôsto de 1970

JOHN HERBERT Produções Artísticas Ltda.

JOHN HERBERT BUCKUP

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 8486
Em 21 / 08 / 1970
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ACIMA
Em 17 de 1970

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 88

88/a

ALGUMAS OPINIÕES CRITICAS:

CLIVE BARNES do " NEW YORK TIMES".

" A peça é de longe o tratamento mais franco do homosexualismo que até hoje ví em palcos. Nós estamos aqui bem longe de "Chá e Simpatia" O interessante é que esta não é uma peça sôbre um homosexual, mas uma peça que aceita o meio ambiente homosexual, e vivência homosexual como tal, e usa isto como uma base válida para uma experiência humana... A força da peça está na maneira pela qual ela descasca sem remorsos as pretensões dos personagens e revela um pessimismo tão descomprometido em sua honestidade que se torna em si uma afirmação de vida.""

THE THEATER - Abril 26/1968.

"No teatro, assim como na sociedade urbana dos nossos dias, os homosexuais abandonaram a discreção e a invisibilidade. Para melhor ou pior, a subcultura homosexual e "a vida alegra" estão sendo aceitas como temas dramáticos, para serem tratados com a mesma franqueza como as relações heterosexuais. Provavelmente o exemplo mais claro desta tendência è "The Boys in the Band", que estreiou semana passada no Teatro Quatro. Sem condescendência e nem fazendo proselitismo, friamente aceita o ambiente homosexual como ele é, transformando isto em uma peça engraçada, triste e honesta sôbre um grupo de pessoas confusas que por contingências são pederastas."

" Não importa qual o nosso comportamento na escorregadia escala da sexualidade humana, tenho a impressão que a maioria de nós achará a peça uma experiência fascinante, porém, dolorosa. Eu achei. Trata de uma festa longa, sanguinária e alcoolica, mas somente os superficias (e talvez os que de uma maneira suspeita se chocam facilmente) verá nela uma reunião de homosexuais de meia idade chingando-se mutuamente durante a longa noite. A semelhança entre "Virginia Woolf" de Edward Albee e esta peça é impressionante. Ambas tratam da ruptura das pretensões, das aparências, com a aceitação da realidade. Ambas as peças conseguem seu objetivo usando o lança-chamas de um dialogo cruel e espitituoso. As vitimas são esfoladas vivas, e mesmo os perseguidores são vitimas."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 03761 P.89

Theater: 'Boys in the Band' Opens Off Broadwa

Mart Crowley Drama Is at Theater Fair

By CLIVE BARNES

AS the conventional thing to say about Mart Crowley's "The Boys in the Band" will be something to the effect that it makes Edward Albee's "Who's Afraid of Virginia Woolf?" seem like a vicarage tea party, let me at least take the opportunity of saying it first.

The play, which opened last night at Theater Four, is by far the frankest treatment of homosexuality I have ever seen on the stage. We are a long way from "Tea and Sympathy" here. The point is that this is not a play about a homosexual, but a play that takes the homosexual milieu, and the homosexual way of life, totally for granted and uses this as a valid basis of human experience. Thus it is a homosexual play, not a play about homosexuality.

Just as you do not have to be Negro to appreciate a play about the Negro experience, you do not have to be homosexual to appreciate "The Boys in the Band." On the other hand, it would be equally idle to pretend that, just as a Negro will see the plays of LeRoi Jones differently from the way I do, so some of my best friends (as Alan Brien wrote in The Sunday Times of London the other week, "some of the best homosexuals are my friends") will be able to identify with its specifics more closely than I can myself.

o

Yet wherever we stand, sit or lie on the sliding scale of human sexuality, I have a feeling that most of us will find "The Boys in the Band" a gripping, if painful, experience. I know I did. It is about a long, bloody and alcoholic party; but only the superficial (and perhaps the suspiciously easily shocked) will see it as a pack of youngish middle-aged fairy queens shouting bitchicisms at one another down the long night.

Friedman-Abeles

Reuben Greene

The Cast

THE BOYS IN THE BAND, play by Mart Crowley. Staged by Robert Moore; setting by Peter Harvey; stage manager, Charles Kindl. Presented by Richard Barr and Charles Woodward Jr. At Theater Four, 424 West 55th Street.

Michael	Kenneth Nelson
Donald	Frederick Combs
Emory	Cliff Gorman
Larry	Keith Prentice
Hank	Laurence Luckinbill
Bernard	Reuben Greene
Cowboy	Robert La Tourneaux
Alan	Peter White
Harold	Leonard Frey

The similarity between Albee's "Virginia Woolf" and "The Boys in the Band" is striking. Both are concerned with the breaking down of pretences, with the acceptance of reality. Both plays achieve that purpose by using the flame throwers of a cruel, excoriating wit. The victims are flayed alive, and even the persecutors are victims.

"The Boys in the Band" starts out as a birthday party for Harold, an ugly, pock-marked queer. Michael, a man of 30 with no visible means of support but the possessor of a handsome duplex apartment, is giving the party, and all Harold's friends, homosexual to the last, are there to eat, drink and be gay, if not merry.

The preparations for the party are disturbed slightly when a friend of Michael's, an old college friends named Alan, telephones in distress and asks to see him at once. Alan is straight (married, and with a couple of kids) and would clearly be out of place with the boys of the band.

He arrives anyway, and at first Michael and his friends try to pretend that everything is normal; but the truth soon emerges. What also soon emerges is a strong doubt about the heterosexuality of Alan.

o

As the party proceeds, Michael, getting drunker all the time, seems impelled to play crueler and crueler jokes on his companions until he introduces a game in which all the contestants have to telephone the person they most love in the world and tell them they love them. The results are rather different from those Michael envisaged, but to a greater or lesser extent everyone is wounded—even a $20 contemptuously mocked dumb-ox of a hustler who has been bought for $20 as a special birthday gift for Harold.

This is Mr. Crowley's first play, and here and there it betrays signs of inexperience. The opening exposition of theme, for example, when Michael gratuitously has to explain who and what he is to one of his closest friends, is a little clumsily contrived, and some of the dialogue is certainly overwritten.

The special self-dramatization and the frightening self-pity—true I suppose of all minorities, but I think especially true of homosexuals—is all the same laid on too thick at times.

There is also the question of camp or homosexual humor. Like Jewish humor, it is an acquired taste; and in both instances every adult New Yorker I know has acquired them. (Indeed, the New York wit, famous the world over, is little more than a mixture of Jewish humor and homosexual humor se through the bottom of a d martini glass.) But can humor — relentless, ove polished and heartless—c after a time prove a little t much.

The play is often screan ingly funny as well screamingly fag, but th camp, always-be-prepared w is too personally vitupera tive, too lacking in a sen of pure fun or even a sen of comic perspective, not pall after a time. The bitt jokes lose their savor—b perhaps they are meant to.

o

The power of the play which I saw at one of it press previews, is the way i which it remorselessly peel away the pretensions of it characters and reveals a pes simism so uncompromising i its honesty that it become in itself an affirmation o life.

The best thing I can say of both the acting and Robert Moore's almost invisible but clearly most effective direction is that, not only were they completely at one with the play, but also there were times when I all but expected the audience to answer back to the actors. It would be unfair to mention individual members of the cast—all nine names are listed above, and they all have my praise. This is one of the best acted plays of the season.

It is also a very attractive production visually. With the use of photo-montages, the designer, Peter Harvey, has precisely conveyed in black and white a slightly flashy, yet believable, New York apartment.

A couple of years ago, my colleague Stanley Kauffmann, in a perceptive but widely misunderstood essay, pleaded for a more honest homosexual drama, one where homosexual experience was not translated into false, pseudoheterosexual terms. This I think "The Boys in the Band," with all its faults, achieves. It is quite an achievement.

Author's First Play S in Homosexual Mili

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 90

To Laugh at Oneself—or Cry

By WALTER KERR

N.Y. Sunday Times

ALL men feel pain, and most deal with it by crying. Crying gets you credit for the pain, and helps relieve it. The eight homosexuals in Mart Crowley's "The Boys in the Band" ask no credit and —with a single climactic exception—do no crying. They deal with pain by laughing, shrilly, ostentatiously, savagely. How are they to regard themselves as tragic figures when their very agonies seem to them so trivial? But—and this is the special insight of a very good, very funny play—trivial agonies, absurd agonies, agonies that cannot be acknowledged as agonies but must be everlastingly managed as jests, may be the harshest of all. For they remain yours, and yours only: Make a supercilious joke of your suffering and you have kept it cruelly at home.

Mr. Crowley's play lets us see and feel this, drawing us —casually, concretely, without editorial statement—into an environment in which pain is actual but in which those who hold it close to them feel compelled to record it with a smirk. Actor Kenneth Nelson, wrapped in a flowered dressing gown, stands chatting with a friend before a party begins. "What you see before you is a 32-year-old infant," he says, smiling and wishing he didn't have to. Candor is necessary; what secrets can be kept? And so, playfully, Mr. Nelson shows where his hair has thinned, calls caustic and rapid-fire attention to the decay that will some day count him out. There is one thing to be said for masturbation: "You certainly don't have to look your best." The teeth flash, wit is quick, whatever is fading can swiftly be made funny. Of course he means what he so reflexively makes light of. His tongue is biting, and what it bites is itself. But his friend only shrugs—he does not offer a sympathy not asked for—and refuses a third offer of canapés, explaining that a man can get very hostile over being offered cracked crab too often. The friend is trained to an impertinent neutrality.

*

The guests, when they arrive, arrive as though no introductions were necessary, as though greetings scarcely need be exchanged. They were outside the door, now they are inside, impersonally at home. The party is not a party; it is a gathering of self-contained isolates, easy in their separate orbits. One is a dancing queen, elbows up and to the fore. One is a pipe-smoking, button-down, soberly fraying teacher who has given up trying to love his wife. One is a quiet Negro, withdrawn and without complaint. One, as the door is opened, reclines against the frame, fingering the chain about his neck, as though to say "Who else? And aren't you sorry, you silly bastards?" with level-eyed control, self-caricaturing arrogance.

They are one and all different and one and all the same. They are one and all the same in their amused, quick-minded, diminishing address to one another. The words "faggot" and "fairy" and "queen" are flung about the room freely, aimed at mirror-images: What each is he calls the other contemptuously, in high amusement. Without malice, the most effeminate of the lot hikes his shoulder to the Negro and asks, "Why don't you have a piece of watermelon and hush up?" Both understand why they can be rude to each other; neither is going to permit himself to feel anything.

All define themselves regularly, reveling in their capacity to do so: The necklaced man whose birthday it is compulsively but coolly calls himself "an ugly 33-year-old pock-marked Jew fairy." They are waspish about gay bars: "Everybody standing around all night—it's like one long intermission." And when a callow, pink-faced young hustler in cowboy neckerchief and tight pants is brought along as a birthday gift for the night, "How much did you pay for him?" is an immediate, insouciant, insulting question. "He was a steal" is the

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, v.91

THE THEATER

NEW PLAYS

The Boys in the Band

In the theater, as in today's urban society, homosexuals have abandoned discretion and invisibility. For better or worse, homosexuality and the gay-life subculture are becoming acceptable as dramatic themes, to be treated with the same frankness as heterosexual relations. Probably the most overt example of this trend is *The Boys in the Band*, which opened off-Broadway last week. Neither patronizing nor proselytizing, it coolly takes the milieu of the homosexual for granted. It is also a funny, sad and honest play about a set of mixed-up human beings who happen to be deviates.

The occasion is a birthday party for Hank (Laurence Luckinbill), an event as ominous for a homosexual as for an aging woman with its reminder that good looks can fade and desirability diminish. The party thrower (Kenneth Nelson) is a tormented Roman Catholic, undergoing psychoanalysis, who secretly hates himself and makes anti-homosexual quips in the same way that some Jews tell anti-Semitic jokes. Each of his friends has his own hang-up. A Negro known as "the queen of spades" suffers rejection because of his unrequited love for a heterosexual white boy. One couple is undergoing an emotional rift: one partner is faithful while the other is promiscuous. There is also an outrageously effeminate guest (Cliff Gorman) who brings a flamboyant birthday gift—a dumb hustler (Robert La Tourneaux) who looks like a slightly tarnished Greek god and costs $20 for the night.

Beneath the bitchy, lancing wit of the verbal byplay, Playwright Mart Crowley keeps a dead-level eye on the desolating aspects of homosexual life. He records the loveless, brief encounters, the guilt-ridden, blackout reliance on alcohol, the endless courtship ritual race of the gay bars with its inevitable quota of rejection, humiliation and loneliness. Crowley underscores the fact that while the homosexual may pose as a bacchanal of nonconformist pagan delights, he frequently drinks a hemlock bitter cup of despair.

The final act makes that abundantly clear, after the unanticipated arrival of the party thrower's former college roommate. The newcomer, who is sexually "straight," is torn between revulsion and a hypnotized curiosity, and cannot bring himself to leave. A savage game begins, rather too patly adapted from the "Get the Guests" scene in Albee's *Virginia Woolf*, called "Affairs of the Heart." Each player must say "I love you" over the telephone to the person he has most dearly loved in his life. All drunk by now, the partygoers guzzle this witch's brew of truth, and the party thrower is reduced to agonized hysterics.

Uncompromising in its vision, totally unfettered in its four-lettered speech, *The Boys in the Band* is a play that may be repellent to some viewers. Yet it also has an unmistakable dramatic intensity, a human and humorous appeal that surmounts the netherworld of its focus. The cast is expert, and the players interact with such flawless skill, grace and timing that they could declare themselves an ensemble company right now and be ranked with the best.

FRIEDMAN-ABELES

LUCKINBILL & LA TOURNEAUX
In their hemlock cups.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.92

SATURDAY REVIEW

Gay Life Gets a Sharp Going Over

THE BOYS IN THE BAND

Homosexual theater has been the subject of much underground, and some overground, muttering for these last 20 years or so. During that time our numerous left-handed playwrights have kept up a blistering assault on American life (it sometimes seemed that mother would not last out another season) which has scorched away a lot of crabgrass but possibly some good subsoil as well. It is rather as if all our fictions were written by expatriates. The homosexual view of, for example, the American family (tarantula mother, whacked-out father, mutilated son) has prevailed to the point where even heterosexual writers have adopted it occasionally without knowing where they got it.

Now at last we have a play which turns the guns around on homosexuality itself and treats it to the kind of work-out usually reserved for insurance salesmen. *The Boys in the Band* makes the most of the recent thaw and calls a fag a fag, so that we do not get the unlovely confusion that some people claimed to find in *Virginia Woolf*, where everyone got the worst of both sexes—babies *and* hernias, or their spiritual equivalents.

At first *The Boys* comes on like a ritual propaganda play. A bunch of the boys are whooping it up at a birthday party, with a hey nonny nonny, when in sashays the Heterosexual Scapegoat. We know right away that he isn't really straight at all and that in the course of the revels he will be goaded into bleating out his true allegiance. The pitch is that only moral cowardice keeps heterosexuals in business at all: an old fallacy and a dull one.

But something goes wrong with the program. The visiting fireman—though he teases (there is enough of the bisexual in most people to permit this tattered hope)—remains an unreconstructed nudnik throughout. But after a spell we gather that he is only being used as a device anyway. What matters is the compulsive attempt of the host, an old college chum, to convert him: the urge to spread the guilt and thus weaken it. If everyone is gay, gaiety moves up in the polls and becomes morally acceptable. This is the American way.

The tendency of the homosexual world to proselytize new members is a pretty common literary staple, but no play that I can think of has dealt so plausibly and directly with it. The host (Kenneth Nelson) is a reluctant homosexual, which makes him the fiercest of missionaries. He recalls the morning he spent at Georgetown, starchiest of Catholic colleges, trying to explain away the night before with the magic words, "Christ, was I drunk." He remembers also his first earnest attempt to fix the blame on his family: the banal parent-baiting that still nags its way through our theaters.

The hero's misery is compounded and defined by his Catholicism. But each of the guests has been equipped with his own special set of chains: the refugee from marriage who misses the stability of that institution; his promiscuous roommate who torments them both with his incurable skittishness; the Negro lugging around his double burden of disgust; the Jew who takes several hours to pull himself together every day. "Show me a happy homosexual and I'll show you a gay corpse." The theatrical self-pity of minorities simply slaps paint on their real wretchedness.

Playwright Mart Crowley has managed to cover an amazing amount of ground in three acts, without sliding into journalism. His dialogue is not only authentic but funny, and you don't have to be a homosexual to enjoy it. There is the inevitable Revealing Game which I don't believe anybody ever actually played, drunk or sober. But it does what a convention is supposed to do—provide a frame for emotional truth.

The one serious failure is with the heterosexual role, which is muddy and almost unrecognizable. Clearly, he has come to visit his old friend out of a repressed curiosity; still, simple pride would keep him from putting up with the badgering he gets here. This seems like a familiar wish-dream; the fags getting even with the square oppressor and the latter obligingly crumpling. It would not glare so badly if the play were not so fastidiously precise in its other details.

The acting is almost uniformly admirable—in particular Laurence Luckinbill, as the shook-up Jew, and Cliff Gorman, as the comic stage-flit, who makes the most of an easy part. But when all the acting works, the last nod should probably go to the director, Robert Moore.

Mr. Sheed is a theater, film and book critic and author of four novels.

by Wilfrid Sheed

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.93

THEATRE

BY MARTIN GOTTFRIED

'THE BOYS IN THE BAND'

The first act of "The Boys in the Band" is one of the funniest things I have ever seen and I was helpless before it, collapsing and rising from my seat in, practically, hysteria. That Mart Crowley's new play just about falls apart in the second act is not enough reason to stay away from Theatre Four, but you'd best be warned about one thing: the comedy is entirely homosexual and if you've got anything against that then forget the whole thing.

The story is basic-Broadway, as is the structure. A young man is throwing a birthday party for one of his friends and invites a group of mutual friends. They are all homosexuals, and all carefully specified types (because this is to become a play with a message). The host is a renegade Catholic, an ex-heterosexual, and a guilt-ridden neurotic who has never been able to adjust to and live with his homosexuality. He funnels this unhappiness into bitchiness and sadism.

The others cover the basic alphabet of homosexuals: a queen, a bitch, an intellectual, a male-model, a hustler, a Negro, a pipe-smoking Ivy Leaguer. As such they are types, not people. For most of the first act they trade wisecracks that, at last, bring all the wonderful and bitter fag humor—the mimicry and far-out references and taste-consciousness and startling good sense that have been censored out of our self-consciously masculine, well-adjusted-normal lives.

Mr. Crowley has more and better wisecracks going for him than the best of Broadway, Neil Simon included. There is nothing wrong with wisecrack humor — I love wisecrack humor — and when it is fag-style it has the added texture of desperation and irony. These imply the self-contempt and frustration that homosexuals must fight every day of their lives — not sexual frustration but the frustration of being condemned for doing the only thing that satisfies them. This is exactly the point of "The Boys in the Band" and it is a shame that when Mr. Crowley gets around to making it he spends a whole act spelling it out in a style little different from a social protest play.

But when the jokes are rolling, things are delirious. Example: "He works late Saturday night and takes Mondays off? What is he—a psychiatrist or a hairdresser?" Example: "Well, there's certainly something to be said for masturbation. You don't have to look your best." Example: "Believe it or not, there was a time when I didn't go around announcing I was a faggot." "That must have been before speech replaced sign language." Example: "You still got that act with the donkey in Tijuana?"

Scores and scores of such lines, delivered with high spirits, glorious bitchiness and great definition by a very smooth cast, kept that act spinning toward a perfectly traditional climax: a very straight guy, the main character's ex-roommate (in the heterosexual days) pops in unexpectedly and there is everybody, agog, atwitter, doing Bette Davis and Judy Garland and preparing crabmeat and salad dressing and lasagna.

At least it wasn't a curtain scene, but it is still formula play-wrighting. More than that, it is formula message-making. The straight guy is there to make a point — that there is some of the homosexual in all of us. And he is there to establish the rest of the point — that homosexuals have been forced into hating themselves and that so long as they do they will never be happy. I don't think anybody would disagree with that but the pity is that knowing it doesn't change it. It must be an awful spot to be in.

In any case, the points are obvious, and Mr. Crowley's attempts to demonstrate the real love between homosexuals are strained and unconvincing. The truth is, the examples of love in his play don't demonstrate love so much as they do imitation romance — flirtation and seduction and jealousy. The characters keep talking about love (or play cruel truth-games about love) but their love is, I think in the most horrifying sense, shallow and perverse. Perhaps homosexuals really can love each other but "The Boys in The Band" doesn't show it. And one more matter — perhaps it's my thing but I just can't take guys dancing with each other. It only looks like pathetic imitation of men with women.

So there are the reservations and they are real enough. Still, don't forget the unbearably funny first act. Or the fine performances by Kenneth Nelson, Frederick Combs, Cliff Gorman and Leonard Frey (as the lead, the intellectual, the queen and the bitch, respectively), and especially by Peter White as the terribly upset straight friend. Robert Moore's direction was properly brittle and Peter Harvey's photographic set sleek.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 94

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

94

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

Documentação

a) Título em Português: OS GAROTOS DA BANDA

b) Título original: THE BOYS IN THE BAND

c) Autor: MART CROWLEY

d) Tradutor: MILÔR FERNANDES

e) Diretor:

f) Produtor: JOHN HERBERT - PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 18 anos c/possíveis supressões de palavras de baixo calão .

Análise

a) Gênero: Drama realista, satírico .

b) Argumento: A peça focaliza , realísticamente, os problemas dos marginalizados pederastas e, como tal, adota as expressões livres, comuns à baixa camada social ou ao sub-mundo do sexo . Para alinhavar os diálogos que relatam os problemas de cada homosexual, e para possibilitar a encenação teatral, o autor imagina uma festa de aniversário de um dos pederastas, em que os demais são convidados e aproveitam para extravazarem seus mais recônditos sentimentos, seus dramas íntimos, suas paixões, seus problemas . Ao mesmo tempo que os ridiculariza, apresenta-os como sêres humanos dignos de compaixão, por -

c) 1 - Mensagem: não poderem definir-se e viver de forma comum, decentemente, dada suas condições fisiológicas e espirituais .

2 - Impressão final: Dada a "fossa" mental de cada personagem, que não pode fugir ao seu drama, embora o tentem, cremos que a peça servirá de alerta a muita gente que encara o problema displicentemente .

d) Diálogos: São informais e adequados, comuns, aos personagens e ao ambiente em que vivem, porém de forma a chocar (segundo cremos) a platéia .

e) Cenas: Como devem ser entre afeminados, segundo supomos; dependerá, porém, de verificação atravéz do ensaio geral, caso a digna Chefia do SCDP julgar conveniente sua liberação .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 95

f) Personagens: Sòmente pederastas ativos e passivos .

g) Valor educativo: Cremos que relativo, pois tanto poderá servir para alertar sôbre o problema da pederastia, como poderá servir apenas para fazer com que os homosexuais "chorem" seus dramas .

III) Conclusão A peça foi interditada anteriormente (v.processo anterior) visto focalizar o chamado "terceiro sexo" e, provavelmente, pelo seu linguajar irreverente . Deixamos, porém, a cargo da digna Chefia do SCDP a liberação ou não desta peça .

Brasília, 25 de agôsto de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 019

- C. Montebello -

14/9/70

DPF-SAv. 192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.96

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

95

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: OS GAROTOS DA BANDA

b) Título original: The Boys in the Band

c) Autor: Mart Crowley

d) Tradutor: Millor Fernandes

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: John Herbert

h) Classificação da Censura: NÃO LIBERADA

II) Análise

a) Gênero: Drama

b) Argumento: A peça apresenta um grupo de homossexuais que se reunem num apartamento para celebrar o aniversário de um dêles. Com êste argumento o autor passa a peça inteira num ambiente onde predomina um linguajar de baixo nivel, totalmente votado ao homossexualismo e à análise dos problemas íntimos dos homossexuais. Vê-se, no correr da peça, um intuito de " tornar natural " a vida, a psicologia e a reação física do terceiro - sexo. Enfoca, de uma maneira enfática as declarações de " amor " e de "desejo carnal" (cont

c) 1 - Mensagem: A meu ver negativa, pois enfoca positivamente um tema que, embora real, não deixa de ser um desequilibrio psicológico e um problema social bastante grave.

2 - Impressão final: De angústia e depressão por apresentar um tema anômalo, o qual deverá ser tratado mais como um mal que deverá ser aos poucos, tratado para diminuí-lo, e não levado ao palco para ridículo, até certo ponto, da natureza humana.

d) Diálogos: Ajustados ao tema, cheios de palavras de baixo nivel, voltados aos desejos de provocação fisica e sexual.

e) Cenas: Apenas diante de ensaio geral, caso a Chefia libere a peça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p. 97

f) Personagens: Um grupo de homossexuais , pelo que consta , vestidos e maquiados dentro do contexto da peça, todos êles com grande carga de desequilibrio emocional e de problemas íntimos de desajuste social.

g) Valor educativo: Nenhum,. Pois a peça apresenta um ponto negativo da natureza humana , não com objetivo cientifico de alerta , mas de um ridículo.

III) Conclusão Pelo tema já exposto, pela maneira com que foi conduzido , e em vista da preocupação mundial de cercar-se um " mal existente" a fim de evitar que se alstre, opinaria para a NÃO LIBERAÇÃO DA PEÇA, deixando que a Chefia, baseada em outros argumentos que , talvez, tenha com a experiência de maior contado com o mundo do teatro, liberar ou não a peça em qu[illegible]

Brasília, 16 de setembro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

Vasco Pedro Moretto

(cont) entre os homossexuais, analisando seus sentimentos de ciúmes por se sentirem " traidos " por " suas compnahieiras".

Embora a peça apresente um ponto , até certo grau, positivo, mostrando seu drama íntimo de revolta por sua situaç[illegible] de desajuste social e psicológico, o contexto geral não chega a sobrepor a parte negativa à êste pequeno ponto positivo.

Sr. Chefe da Seção de Censura,
Anexo encaminho a peça abaixo indicada,
com os pareceres dos técnicos de censura
MONTEBELLO e VASCO PEDRO MORETTO, que a examinaram.

Título: OS GAROTOS DA BANDA
Autor : Mart Crowley
Restr.: 18 (dezoito) anos C/CORTES.....MONTEBELLO
INTERDIÇÃO.....VASCO

Em 16 de setembro de 1970
MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 98

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

40/69

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

UU

TCDP/SP

360/SCDP 21 09 70 SOLICITO ENTRAR CONTATO JOHN HERBERT / PRODUÇÕES ARTÍSTICAS ET INFORMAR PEÇA ASPAS OS GAROTOS DA BANDA FECHASPAS EXISTE NUMEROSOS PROBLEMAS QUE DEVEM SER RESOLVIDOS VG ANTE QUALQUER / DECISÃO A RESPEITO PT CH SCDP BSB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 99

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

97

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

UU

TCDP/SP

511 07 10 70 SOLICITO DESIGNAR TÉCNICO CENSURA REALIZAR ENSAIO GERAL PEÇA ASPAS OS RAPAZES DA BANDA FECHASPAS PARA SUGERIR CORTES E IMPROPRIEDADE A ESTA CHEFIA EM RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO PT CH // SCDP BSB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 100

D.F.S.P.
037106 | 19 OUT 70

SCDP 21/10/70

98

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL EM SÃO PAULO

Em, 15 de outubro de 1970.

OF. nº 283/70-TCDP/DR/SP

De: Delegado Regional do D. P. F. em São Paulo
Ao: Exmº. Sr. Gen. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal
Assunto: Relatório de ensaio de peça teatral (Remete)

S.C.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
1648/70
S.C.D.P
21/10/70

Senhor Diretor:

Cem o presente, para os devidos fins remete a V.Excia., o relatório de ensaio geral da peça teatral "OS RAPAZES' DA BANDA" de Mart Crowley, assistido pelo técnico de censura Sr. Carlos Caldas Graieb, lotado na TCDP desta Delegacia Regional, atendendo a solicitação feita pelo S.C.D.P. através do Rádio nº 511 de 07/10/70.

Na oportunidade renovo a V.Excia., os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

P. O. GEN. R/1 - DENIZART SOARES DE OLIVEIRA
Delegado Regional.

DPF — DA — SRA
Recebido 19/10/70

DSO/bjal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.101

99
2

Senhor Chefe da T.C.D.P.

Atendendo ao respeitável despacho de V.S., no Protocolado nº 17449/70, desta T.C., procedemos à censura do têxto e do ensaio geral da peça "OS RAPAZES DA BANDA", de autoria de - Mart Crowley, em tradução de Millôr Fernandes, sendo o ensaio - levado a efeito às 18,30 hs. do dia 14 de Outubro de 1970, no Teatro Cacilda Becker, nesta Capital, dos quais apresentamos o seguinte

R E L A T Ó R I O:

1) TÊXTO: a) Leitura: apresenta grande número de palavras de baixo calão.

b) Apresentação: apresentado com pequenos-córtes, procedidos pela própria direção da peça, entre os quais foi incluido o único que seria indicado para córte, ou seja, o têrmo "vaca", na " fala"do personágem "Miguel", a fls. 10(dez).

c) Justificação da liberação do Têxto sem córtes:- Não obstante a existência de grande quantidade de palavras de baixo calão, impõe-se sejam elas mantidas para que não haja mutilação do têxto. Isto porque, sendo êste destinado a comunicar ao espectador a linguágem normalmente usada pelos homossexuais em seus diálogos, especialmente quando enfrentam conflitos emocionais, a sua exclusão tirar-lhe-ía a autenticidade fazendo-o perder em grande parte o vigôr e a dramaticidade.

Indubitávelmente, todos os têrmos de calão usados têm a sua razão de ser dentro dos diálogos e, tendo-se - em conta a maneira como são ditos pelos diversos interpretes - não férem, não agridem, não atingem, a não ser no seu sentido exáto, a sensibilidade do espectador.

2) MARCAÇÃO: Excelente, merecendo a direção aplausos pela maneira como soube dar sequência às cênas e movimentação - dos atôres.

3) CENÁRIO: Um apartamento "duplex", montado com muito bom gosto, com "living" e quarto em plano superior.

4) GUARDA-ROUPA: Moderno.

5) SOM E ILUMINAÇÃO: Normais e bem dosados.

6) CONCLUSÃO: Espetáculo de excelente nível artístico, em razão da montagem e do magnifico desempenho do todos os atôres, que formaram uma equipe homogênea.

Em razão do têma — a homossexualidade — deve ser liberado com PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 18(dezoito) ANOS, cumprindo, entretanto, deixar claro que o mesmo foi tratado com grande-critério e sem qualquer intuito de polemizar ou deturpar o pro— blema que aborda, mas, ao contrário, apenas de mostrá-lo na sua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, v. 102

100

Prot.17449/70
("OS RAPAZES DA BANDA")

sua crúa realidade, nas suas implicações psicológicas e sociais, quer em relação aos homossexuais, quer em seu convívio em sociedade ou em seu meio exclusivo.

Em resumo, é um espetáculo de primeira ordem, que deve ser visto, pensado e respeitado.

São Paulo, 15 de Outubro de 1970.

CARLOS CALDAS GRAIEB
-Téc.Censura nº 23 -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P. 103

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

101

TCDP/SP

522 16 10 70 RERA 223 TCDP 15/10/70 AUT. LIBERAÇÃO TEXTO
PEÇA ASPAS OS RAPAZES DA BANDA FECHASPAS VG TITULO PRECARIO PT SOL
ENC ÊSTE SCDP RELATORIO REF PEÇA PT CH SCDP BSB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 104

103

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2998/70

PEÇA "===" OS GAROTOS DA BANDA "===

ORIGINAL DE MART CROWLEY

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de NOVEMBRO de 19 75

Brasília, 18 de NOVEMBRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, P.105

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 94, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " OS GAROTOS DA BANDA "

Original de MART CROWLEY

Tradução de MILLOR FERNANDES

Adaptação de

Produção de JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. /SÃO PAULO

Tendo sido censurada em 17 de NOVEMBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 18 de NOVEMBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.100

104

POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 021/71-SCDP Brasília, 20 de abril de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso da competência que lhe é atribuida pelo ítem XVI, do art. 176, do Decreto 56.510, de 28 de junho de 1965,

RESOLVE:

AVOCAR, para efeitos de revisão, a peça teatral de autoria de Mart Crowley, tradução de Millôr Fernandes, intitulada "OS GARÔTOS DA BANDA".

PROIBIR, até ulterior deliberação, a exibição da referida peça em todo o território nacional.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 107

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB

105

Guanabara, 18 de abril de 1971

Ao Sr. Chefe da Turma de Censura Federal
Assunto : ENSAIO GERAL
Peça : OS GARÔTOS DA BANDA
Original de : MART CROWLEY
Tradução de : MILLÔR FERNANDES

Senhor Chefe,

Cumprindo determinação de Vossa Senhoria, assisti, ontem, ao Ensaio Geral da peça "OS GARÔTOS DA BANDA", original de Mart Crowley, tradução de Millôr Fernandes, segundo o certificado nº 2998/70 expedido pela Censura Federal, em 18/11/70.

A peça vem de ser apresentada no Teatro Cacilda Becker, em São Paulo, e a sua apresentação no Rio já vem antecipadamente sendo elogiada pela imprensa com apoio provável de críticos teatrais (anexo I).

Todávia, norteando o parecer em considerações puramente jurídicas-culturais, não obstante admitir a excelente interpretação dos artistas, a boa montagem, a beleza do cenário e a perfeita sonoplastia, sou obrigado por um princípio científico determinar o valôr da comunicação.

Considerando ainda:

que já examinei matérias ligadas aos problemas que são objeto de estudo da Sexologia, por determinação de Vossa Senhoria, enviadas pelo Exmo. Sr. General Luiz Carlos Reis de Freitas, Delegado Regional do D.P.F. e pelo Ministério da Fazenda (S.N.I.), cujos pareceres mereceram aprovação por parte dessas autoridades;

que por ocasião do Ensaio Geral da peça "A VIDA ESCRACHADA DE JOANA MARTINIS E BABY STAMPANATO", também já exibida em São Paulo, foi por mim apontada uma série de equivocos, corrigidos por determinação superior;

que a peça em tela não pode ser apreciada pelo prisma da sexualidade, a menos que sofra uma revisão do "Script" e da encenação;

que no decorrer do espetáculo a base dos diálogos tira o aspecto da sexualidade, fixando-se em pura e simplês pornografia;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, P108

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB

106

que a peça tem a duração de 2.10Hs.,teve,cronometrada , a média de uma colocação pornográfica em cada 1'30'' .

que a alienação dos valôres admitidos no consenso geral da comunidade brasileira,em nada contribuem para educação e para a necessária preservação dos princípios hoje admitidos pela opinião pública como válidos;

que as suas marcaçoẽs contrariam determinaçoẽs expressas do Senhor Ministro da Justiça,

sou contrário a sua liberação antes do reexame do "Script" e apreciação das suas marcaçoẽs.

Galileno Tasso de Villanova Lins
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.109

107

ANEXO I

● Em face do bárbaro assassinato de **Henning Albert Boilesen,** várias das grandes emprêsas resolveram incluir como verba de representação de seus principais chefes, o pagamento de agentes de segurança ● Na edição de têrça-feira passada, esta coluna informou que um nôvo nome reunia fortes possibilidades de se tornar sucessor de Paulo Cabral na Superintendência Geral dos **Diários Associados: José de Almeida Castro.** Dito e feito ● **Bellini Cunha,** diretor da Credibrás e da Verba, emprêsas do grupo Moreira Salles, nos provou, com base no volume de aceites em 31 de dezembro de 1970, que a soma de ambas totaliza 317 milhões, colocando o duo reunido na posição de segundo complexo do País, no setor ● Até que enfim o prazer de noticiar e encenação, no Rio, de uma peça moderna realmente boa: dia 23, **John Herbert** apresenta no Teatro da **Maison de France,** às 21 horas, para a crítica e convidados, **Os Rapazes da Banda** (The boys in the band), de **Mart Crowley,** uma tradução (dificílima) entregue a **Millor Fernandes.** É a mais viva peça sôbre homossexualismo dos últimos tempos, obra que empolgou Nova York, Paris e Londres, e se transformou em filme de cinema, já exibido nos EUA. Em **São Paulo,** mais de 60 mil pessoas a assistiram no Teatro **Cacilda Becker** ● A comédia musical "Lolita, my love", inspirada no livro de Wladimir Nabokov, apesar de assinada por Alan Jay Lerner, autor de **My Fair Lady,** foi o primeiro grande fracasso da temporada americana. O **show** fechou em **Boston** com um prejuízo de 900 mil dólares. Nem chegou a estrear em **Nova York** ● Em tempo: os tempos mudaram. Enquanto o sexo de "Lolita", dez anos após o seu lançamento, não atrai mais público, **Love Story** é o maior sucesso de bilheteria com o romantismo que, na década de 60, se dizia ultrapassado. A verdade de **Mike Todd** dita em 1950 é eterna: "O coração é a maior máquina de vendas do mundo. **Tôda gente tem um e precisa de outro".**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.110

108

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

PEÇA: " OA RAPAZES DA BANDA"
TEATRO: MAISON DE FEANCE
ESTRÉIA: A PARTIR DO DIA 20/4/71
ENSAIO GERAL: DIA 17/4/71 ÀS 16,00 HS
EQUIPE "B"

Senhora Chêfe:

Cumprindo determinações de V.S., examinei o "script" da peça acima mencionada, cujo parecer transcrevo abaixo:

É uma peça de dureza cautsticante, tratando com muita violência os problemas de desajustamentos sociais. Assuntos assim, ao meu vêr, deveriam sofrer abordagem honesta e respeitosa. O ensaio geral realizar-se-á amanhã, mas, salvo melhor juízo, apesar de comparecermos a hora aprazada, sou contra a liberação da peça a menos que sofra modificações que viessem a nos dar uma mensagem válida. A peça se inicia e termina no vício, tem ser sido acrescentado nada de bom, no seu decorrer. Para que V.S. tenha uma idéia, fiz um apanhado do que mais "gritava:

1º ATO

fls.2 você já botou essa boquinha em coisas bem piores, pôrra da lata; fls.3 bunda suja(várias vêzes), seis bichas loucas e um viado na fossa; fls.4 a masturbação é insuperável; fls.5 não entendia picas, frasco de pilulas, a coisa não começa com"papai e mamãe"; fls.6 e 6 eu esfrego o rabo nêsses assoalhos; fls.8 estraga a reputação dos pederastas, uma bicha confiável, cansado dos rapazes? pegue umas moças, e porque não moças e rapazes ao mesmo tempo? Porque não pensa em drogas? bolinhas, maconha, coca e "poppers"? acha fraco? entre na pesada (gesto de injeção na veia); fls.11 Allan é normal, quadrado; fls.12 babaca; fls.14 bundinha à caçadora; fls.15 palavra bem viada, você está aí em transe; fls.16 que eu sou um cocô; fls.17 quem é que a gente tem que enrrabar prá conseguir um drinque;sossega o teu rabo; fls.18 a maiór parte só consegue contáto sexual quando está drogada; fls. 20 porque não pega um pedaço de melância e enfia no rabo? fls. 21 ...tem gente que chupa; fls.22 e eu que adoro um "ferro"; mamãe se vira no "trotoir" e papai é um caften competente; fls.23 pergunta se não tem pão bisnaga sem o "til", eu quero dormir com um"pão"; fls 32 mijando, eu pensei que você só entendesse de levantamento de "páu", um cavalheiro bem viado, deixa de sêr escroto; fls.34 porque você não beija o meu rabo? porque você não faz o que tem ventade que é me chupar; pederasta, viado fresco. etc.

2º ATO

fls.36 a vida é uma porra muito engraçada, vocês estão drogados (várias vêzes)

(continúa)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 111

109

2º ATO (continuação)

fls 36 ~~puche~~ puxo um pouco de "fumaça" para ter coragem de mostrar a cara, os teus lábios estão azuis, parece que você andou chupando o admirável Homem das Neves; fls.39 vou vomitar (várias Vêzes); fls. 40 vou comer tua lasanha temperada em ópio; hemorragia nasal dentro do prato: se fôr com molho de tomate ninguém nota a diferença fls.41 eu guardo o meu fumo no armário de remédios, se a polícia bate tem tempo de jogar no vaso, guardada na prateleira de temperos, a vaca de minha velha (mãe) depois de comer salada, ficava ligadona, eu acho que ela gosta paca; fls.42 você investe muito nessa apólice de seguro chamada igreja; fls.43 volta prá porra da cozinha, aqui no chão sou Deus, no barato do ácido mesmo doidão no fume, uma porrada, querendo te emputecer, colecionando barbitúricos, pôrra louca, NEMBUTAIS E SECONAIS (barbitúricos), velhotas gostam dos "poodles"? êles lambem elas; fls. 50 bunda de Botticceli; fls 53 nenhum homem tem companheiro de quarto depois de trinta anos; fls 56 precisava me conter para não chupar os dedos dêle, uma superbabaca; fls 59 viado fresco; fls. 61 deixei minha mulher e meus filhos para viver com Aftur; fls. 61 pôrra, pegando um cara no mictório da estação, tenho o direito de levar a vida sexual que bem entender, ir para a cama com uma bestinha de um veadinho como você, o meu reino por um Vagestesil, um Librium,nos nos vimos numa sauna e fomos para a cama juntos. Não sabiamos o nome um do outro; fls 66 rainha dos "croquetes", etc.

OBS: Devo esclarecer ainda que o elenco é só compostp de atores, tudo acontecendo dentro de um apartamento, bacanais com bebidas, tóxicos, agressões, etc.

Guanabara, 16 de abril de 1971

Solange da Silveira Vidal

SOLANGE DA SILVEIRA VIDAL
C.416

C.A.GUTERREZ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.112

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
26 ABR 1030 14329
RECEBIDO POR:

112

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL — GB

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

U R G E N T E

Of. nº 108/71 Em 22 de ABRIL de 1 971

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Assunto: encaminha recurso

REF.PROT. 4909/71-TCDP.

Senhor Chefe,

Em anexo, encaminho a êsse Serviço, para a devida apreciação de V.Sa. o recurso impetrado por JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDª, acompanhado do certificado / nº 2998/70, de liberação da peça "OS GAROTOS DA BANDA", visto êsse SCDP. haver avocado a mesma para nova censura, conforme comunicação feita a esta Chefia, através do rádio nº 164/ SCDP - 20.04.71.

Atenciosamente,

M. Selma Miranda Chaves
Chefe da TCDP-DR/GB-DPF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.113

Benedicto Abicair
ADVOGADO

111

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL:

Encaminhe-se ao Sr. Chefe do SCDP, em Brasília, para os devidos fins. Em 20.4.71.
P. CHEFE DA SCDP-DR-GB

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., por seu bastante procurador infra-assinado com enderêço à Rua México, nº 21 - Grupo 1702, nesta Cidade, nos têrmos do artº 128 e para os plenos efeitos do artº 129 do Decreto nº 20.493, de 24 de Janeiro de 1946, consoantes com os artigos 32 e 33 do Decreto nº 1023, de 17 de Maio de 1962, vem oferecer

D E F E S A

do ato dêsse Orgão policial que suspendeu a exibição da peça = "OS GAROTOS DA BANDA", no Teatro Maison de France, nesta Cidade, em decorrência do rádio nº 164 de 20 do corrente, assinado pelo Sr. Geová Lemos Cavalcante, conforme comunicação desta data; defesa que apresenta nos têrmos seguintes:

I - DOS DEFEITOS FORMAIS:

O ato administrativo objeto da presente está formalmente, inquinado dos seguintes e insuperáveis vícios:

1º) A infração que TIVESSE SIDO CONSTATADA, teria que ser objeto de AUTO respectivo, lavrado IN LOCO e no momento da constatação pelo agente censorial; do qual uma via seria entregue= ao presumido infrator: é o que manda o artº 30 do mencionado = Decreto nº 1023/62. Nada disso ocorreu.

2º) Sòmente depois de baixada E AUTUADA a Portaria a que se reporta o artº 31 do mesmo Decreto, é que seria NOTIFICADO = POR MANDADO o suposto infrator, correndo daí prazo de 48 (QUA

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3370 — SÃO PAULO

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 114

118

48 (QUARENTA E OITO) HORAS para a presente defesa, APÓS CUJO= EXAME, SE CONFIRMADA A PENALIDADE E NÃO RECORRIDA A DECISÃO = RESPECTIVA, caberia a execução do ato punitivo, tudo na forma= do artº 34 daquele Decreto.

A inobservância de tais formalidades, que a lei impõe em defesa dos valôres artísticos, postos em jôgo na tomada dessas penalidades, torna o ato objeto da presente RA DICALMENTE NULO, DE PLENO DIREITO.

Mas ainda que aludidos requisitos formais tivessem sido cumpridos, descaberia o ato ora impugnado, por infundado em pressupostos de fato. Senão vejamos:

II - DO MÉRITO:

A peça artística teatral " OS GAROTOS DA BANDA" foi regularmente submetida a êsse Serviço de Censura e APROVADA pelo certificado nº 2998/70, datado de 18 de Novembro de 1970, VÁLIDO ATÉ 18 de NOVEMBRO DE 1975, e firmado pelo mesmo DR. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE, signatário do RÁDIO retro-mencionado.

Com base nessa aprovação e nessa validade, organizou-se a produção, na Capital de São Paulo, com absoluto = sucesso, mantendo-se esta em cartaz durante seis meses. É de notar-se ainda que esta peça artística vem se mantendo em cartaz em mais de vinte paises do mundo, e, em alguns deles há mais = de três anos, sendo ainda objeto de filme já em exibição.

O investimento inicial, para estréia no Rio = de Janeiro, montou a pouco mais de Cr$ 100.000,00 (Cem mil cruzeiros), gerando uma fôlha de manutenção de aproximadamente = Cr$ 35.000,00 (Trinta e cinco mil cruzeiros), inclusive locação da casa de espetáculos, por 25% (vinte e cinco por cento) da renda bruta de bilheteria.

O ato ora impugnado transforma em PREJUÍZO = total êsse maciço investimento; origina danos residuais progressivos da ordem de valores da mencionada fôlha de manutenção; torna instável a locação pactuada; e, o que é mais grave, JOGA NO DESEMPRÊGO 20 (VINTE) HOMENS DE TRABALHO.

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-6594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3870 — SÃO PAULO

D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.115

Benedicto Abicair
ADVOGADO

118

Ora, que FUNDAMENTOS alicerçaram ato de tais consequências patrimoniais e pessoais, a não se falar de decorrências artísticas ?

Ao que foi dado saber à Requerente, NENHUM.

Com efeito, inexiste dispositivo legal que autorize "REVISÃO" do ato censório de aprovação. A suspensão de espetáculo público é ato PUNITIVO, como tal em lei definido; não é previsto com escopo "preventivo". Falece, pois, às completas, apoio jurídico para o ato da presente. Praticado dolosamente, poderia ocasionar, mesmo, RESPONSABILIDADE CIVIL do Estado, pelos danos emergentes e lucros cessantes, inclusive com AÇÃO REGRESSIVA do mesmo Estado contra seus agentes.

É, absolutamente incompreensível que a MESMA AUTORIDADE policial que concedeu Certificado de Liberação, tendo examinado o "script", sem modificações, e que esta sendo RELIGIOSAMENTE OBEDECIDO pela produção da peça, venha, meses depois, revogar TOUT COURT aquêle ato, a título de "revê-lo". É o que fez a autoridade prolatora do ato.

Os atos administrativos geradores de direitos e tais são, inequívocamente, os que dão azo a comprometimento patrimonial dos entes privados - não são passíveis de revisão SEM GARANTIA DÊSSES MESMOS DIREITOS. É dentro dêsses pressupostos que se estabeleceu a disciplina dos citados Decretos nºs. 20.493 e 1.023. Pressupostos que advêm de texto da Constituição Federal, pelo seu artº 153, § 3º, imponente do respeito aos DIREITOS ADQUIRIDOS até mesmo pela lei. Não será, pois, ato administrativo praticado, por sinal, com violação de requisitos formais, que poderá fazer TABULA RASA dêsses mesmos direitos.

III - DO PEDIDO:

Face o exposto, é a presente DEFESA para que seja considerado NULO e, portanto JURIDICAMENTE INEFICAZ o ato policial que SUSPENDEU a exibição da peça "OS GAROTOS DA BANDA" no Teatro Maison de France, nesta Cidade, autorizando-se o prosseguimento de sua apresentação, na conformidade do Certificado nº 2998/70, dêsse Serviço, segundo o "script" pelo mesmo Certificado aprovado.

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO — GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3870 — SÃO PAULO

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P-116

114

A presente defesa, em face do efeito suspensivo que lhe é atribuido pelo artº 33 do referido Dec. nº 1023/62, suspende a execução da ordem ora impugnada.

Requer-se outrossim, sejam as razões supra, desde já tidas como adotadas para eventual recurso ao DD. Diretor do Departamento de Policia Federal.

Nestes Termos
P. deferimento
Rio, 20 de Abril de 1971

BENEDICTO ABICAIR
ADV. OAB/GB 6095

Anexo:

Procuração

CERTIFICADO LIBERATORIA DA CENSURA (XEROCOPIA)

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 4909
DATA 20 / 04 / 1971
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.117

117

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2998/70

PEÇA ===" OS GAROTOS DA BANDA "===

ORIGINAL DE MART CROWLEY

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de NOVEMBRO de 19 75

Brasília, 18 de NOVEMBRO de 19 70

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316, p. 118

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 94, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " OS GAROTOS DA BANDA "

Original de MART CROWLEY

Tradução de MILLOR FERNANDES

Adaptação de

Produção de JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. /SÃO PAULO

Tendo sido censurada em 17 de NOVEMBRO de 1970 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

– CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL –

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 18 de NOVEMBRO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.119

Benedicto Abicair
ADVOGADO

116/d

P R O C U R A Ç Ã O

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., sociedade estabelecida à rua Salvador Mendonça, nº39 - Jardim Europa- São Pualo, C.G.C. 61047460-001, por seu sócio diretor JOHN HERBERT BUCKUP, nomeia e constitui seus bastantes procuradores os Drs. BENEDICTO MUSSI ABICAIR, SILVERIO JANUARIO DORDEIRO e FRANCISCO DAS NEVES BAPTISTA, todos brasileiros, advogados, inscritos na OAB/GB sob os nºs 6095, 17620 e 17841, respectivamente e / com escritório à Rua México, 21 - 1702, com os poderes "ad judicia et extra", para o fôro em geral e instâncias administrativas, e mais os de confessar, transigir, acordar, desistir, receber e dar quitação e firmar compromisso, inclusive para representar perante Departamento Federal de Segurança Pública - Serviço de Censura, sendo que os Outorgados agem conjunta ou isoladamente, podendo o primeiro substabelecer e renunciar, por si e pelos demais, ao presente mandato.

Rio, 20 de abril de 1971.

John Herbert Buckup.

JOHN HERBERT BUCKUP

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3870 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 120

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
29 ABR 1059 14884
RECEBIDO POR:

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL — GB

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 113/71 Em, 27 de abril de 1971

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Chefe do Serviço de Diversões Públicas
Assunto: encaminha parecer.

Senhor Chefe.

Em anexo, encaminho a V.Sa. o parecer sôbre a peça " OS RAPAZES DA BANDA" realizado no teatro Maison de France.

Sendo o que se me oferece, sou atenciosamente.

M. Selma Miranda Chaves
Chefe da TCDP/DR/GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0346,p.121

118

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB

Título - Os Rapazes da Banda
Data I8-4-7I-às I6 horas Ensaio Geral
Teatro Maisonm de France.

Em cumprimento a determinação dessa chefia, procedemos ao ensaio geral da peça intitulada "OS RAPAZES DA BANDA.", realizado no dia e hora acima mencionado

Peça em dois atos, abordando o proplema dohomoxessualismo de uma maneira muito crua, levando a situação as últimas consequencias (Tóxicos, desajustamentos psicologicos, etc)

Esses tipos de comflitos sociais geram solidão estérica proxima a loucura.

Entre os dialagos citados: a masturbação é insuperavel, não entendia "PICAS", porque não pensas em drogas? bolinhas, maconha, coca, "poppers". Acha fraco? entre na pesada (gesto de Injeção na veia), um babaca, bundinha e-caçadora, quem é que a gente tem que emRRabar para conseguir um drinque nesta casa? Tem gente que chupa, eu adoro um ferro, mamãe se vira no trotoir e papai é um Caftem competente, eu guardo o meu fumo no ármário de remédios, se a polícia bate tem tempo de se jogar no vaso, velhotas gostam de "poodle"? êles lambem elas, etc.

Pelo que assistimos, que seja vetada XXX a sua estréia, a menos que sofra reexame, sendo banido o que mais agrida e choque.

Rio I9-4-7I

Técnico de Censura.
Carlos Guterres

Solange da silveira Vidal.

ENCAMINHE - SE
À BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.122

D.F.S.P.
022968 21 JUN 71

119/6

Exmo.Sr.
Chefe de Censura de Policia Federal
B R A S I L I A

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTISTICAS, vem requerer a V.Sa. que se digne mandar censurar a peça "A PATOTA OU INDECISO (Nome Provisório), original de Mart Crowley com tradução de Milôr Fernandes, que será representada no Teatro Aliança Francêsa e outros a partir do dia 1º de Setembro do corrente ano.

Junto segue 3 cópias da peça e autorização da SBAT nº 13248.

N.Termos
P.Deferimento

São Paulo, 19 de Agôsto de 1970

JOHN HERBERT-Produções Artísticas Ltda.
JOHN HERBERT BUCKUP

EM TEMPO : por um lapso datilográfico consignaram, como subtítulo, "INDECISO", quando deveria ser "O ENTENDIDO".
Brasília, 21 agôsto 70

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ 19 AGO 1970 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

DPF - CA - SRA
Recebido 21/6/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.123

180

Exmo. Sr.
Chefe de Censura de Policia Federal
B R A S I L I A

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTISTICAS, vem requerer a V.Sa. que se digne mandar censurar a peça "A PATOTA OU INDECISO (Nome Provisório), originnl de Mart Crowley com tradução de Milôr Fernandes, que será representada no Teatro Aliança Francêsa e outros a partir do dia 1º de Setembro do corrente ano.

Junto segue 3 cópias da peça e autorização da SBAT nº 13248.

N.Termos
P.Deferimento

São Paulo, 19 de Agôsto de 1970

John Herbert Produções

EM TEMPO : por um lapso datilográfico consignaram, como subtítulo, "INDECIDO", quando deveria ser "O ENTENDIDO".
Brasília, 21.agôsto.70

John Herbert Produções

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ 19 AGO 1970 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

101/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 124

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 13248

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: A PATOTA ou INDECISO (NOME PROVISÓRIO)

Original de MART CROIX LEY

Música de —

Tradução de Milôr Fernandes

No Teatro Aliança Francesa e Outros Cidade de São Paulo

Emprêsa John Hebert Pela Cia. —

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo, 19 de Agosto de 1970

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS ★ 19 AGO 1970 ★ SUCURSAL SÃO PAULO

Visto: (pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.125

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 126

128

POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 031/71-SCDP — Brasília, 04 de maio de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 176, do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, e

CONSIDERANDO que o artigo 3º, letra "f", do Decreto número 20.493, de 24 de janeiro de 1946, e, bem assim, o art. 176, ítem XVI, do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, permitem ao Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas avocar, para efeito de revisão, qualquer matéria já censurada;

CONSIDERANDO que, no caso, a competência revisional restaura, na sua plenitude, o poder decisório originário;

CONSIDERANDO que a peça "OS GAROTOS DA BANDA", de Mart Crowley, avocada para fins de revisão, apresenta, realmente, matéria contrária à moral e aos bons costumes, conforme laudos censórios remetidos pela Delegacia Regional do Estado da Guanabara, incidindo, assim, nas restrições contidas no artigo 153, § 8º, in-fine, da Constituição Federal, e artigos 1º e 7º, do Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970;

CONSIDERANDO que a liberação anterior da peça referida não constituirá óbice ao cumprimento, em qualquer tempo, dos dispositivos legais e regulamentares e muito menos se elegerá em licença para exteriorização de comunicação afrontosa à moral e aos bons costumes;

CONSIDERANDO que cabe especìficamente ao Serviço de Censura de Diversões Públicas defender, no particular, o interêsse público no sentido de preservar os valôres morais e espirituais

cont....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 127

e os comportamentos psicossociais, usando, para tanto, dos poderes que lhe são atribuidos,

R E S O L V E:

PROIBIR, em todo o território nacional, a representação da peça teatral "OS GAROTOS DA BANDA", (The boys in the band), de autoria de Mart Crowley, consignando, ainda, os seguintes subtítulos em português "A PATOTA", "INDECISO" e o "ENTENDIDO", tradução de I. M. Bustamente e Millor Fernandes, por incentivar a prática de atos contrários à moral e aos bons costumes, incidindo, assim, nas proibições contidas nas letras "a" e "c" do artigo 41 do Decreto 20.493, de 24 de janeiro de 1946, combinados com os artigos 1º e 7º do Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 128

124

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, 17 de maio de 1971

Senhor Diretor da Polícia Federal de Segurança

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA, responsável pela encenaçao da peça "OS GAROTOS DA BANDA", recorre ao Exmo. Sr. Diretor Geral contra o ato desta Chefia que avocou e, finalmente, interditou sua peça.

As razões que ditaram o ato interditório estão já fundamentadas na Portaria 031/71, de 04 de maio de 1971.

Como medida de salvaguarda da moral e dos bons costumes, sugiro a manutenção do ato emanado desta Chefia que proibiu a encenação pública da peça "OS GAROTOS DA BANDA".

GEOVA LEMOS CAVALCANTE
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 129

BRASIL ☐ Rio de Janeiro, sábado, 1.º de maio de

para ver

atro

RECOMENDAÇÕES — Um Violinista no no Telhado, *superprodução musical bonita e agradável* — *Marília Pêra faz de* A Vida Escrachada *um programa alegre* — *Despedidas de* Alzira Power, *um estilo de humor insólito e bom desempenho de Iolanda Cardoso* — Senhorita Júlia, *um clássico sôbre a luta dos sexos* — *A seriedade antibelicista de* Ponte sôbre o Pântano — *O tratamento humano de um tema difícil em* Os Rapazes da Banda. *(Y.M.)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.130

LUX
JORNAL

DIÁRIO OFIC
BRASÍLIA — D. FED

Viaje bem Vi

Arquivo

ANEXAR DO parecer.

21.05.71

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

280

Polícia Federal de Segurança

Serviço de Censura de Diversões Públicas

PORTARIA Nº 31, DE 04 DE MAIO DE 1971

O Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 176, do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, e

Considerando que o artigo 3º, letra "f", do Decreto nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946, e, bem assim, o artigo 176, item XVI, do Decreto número 56.510, de 28 de junho de 1965, permitem ao Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas avocar, para efeito de revisão, qualquer matéria já censurada;

Considerando que, no caso, a competência revisional restaura, na sua plenitude, o poder decisório originário;

Considerando que a peça "Os Garôtos da Banda", de Mart Crowley, avocada para fins de revisão, apresenta, realmente, matéria contrária à moral e aos bons costumes, conforme laudos censórios remetidos pela Delegacia Regional do Estado da Guanabara, incidindo, assim, nas restrições contidas no artigo 153, § 8º, *in fine*, da Constituição Federal, e artigos 1º e 7º, do Decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970;

Considerando que a liberação anterior da peça referida não constituirá óbice ao cumprimento, em qualquer tempo, dos dispositivos legais e regulamentares e muito menos se elegerá em licença para exteriorização de comunicação afrontosa à moral e aos bons costumes;

Considerando que cabe especificamente ao Serviço de Censura de Diversões Públicas defender, no particular, o interêsse público no sentido de preservar os valôres morais e espirituais e os comportamentos psicossociais, usando, para tanto, dos podêres que lhes são atribuídos, resolve:

Proibir, em todo o território nacional, a representação da peça teatral "Os Garôtos da Banda", (The boys in the band), de autoria de Mart Crowley, consignando, ainda, os seguintes subtítulos em português "A Patota", "Indeciso" e o "Entendido", tradução de I. M. Bustamante e Millor Fernandes, por incentivar a prática de atos contrários à moral e aos bons costumes, incidindo, assim, nas proibições contidas nas letras "a" e "c" do artigo 41 do Decreto nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946, combinados com os artigos 1º e 7º do Decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação. — *Geová Lemos Cavalcante.*

Nº 896

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.131

Paulo Lara

Os Rapazes da Banda, uma montagem seria

Os rapazes da Banda: uma viagem comica ao submundo. Excelente a tradução que Millor Fernandes fez do texto de Mart Crowley. Outros grandes destaques dessa montagem, que está em cartaz no Cacilda Becker: as interpretações de Walmor Chagas e Paulo Cesar Pereio, a direção de Maurice Vaneau, o cenario de Cyro Del Nero e a decoração de Carmelio Cruz. A produção de João Herbert é das mais felizes, e coloca o espetaculo entre os melhores do ano.

À primeira vista, uma peça [illegible] e trata sobre o terceiro se[illegible] pode parecer sensacionalista, banal, comercial. E' que as antecedentes — com rarissimas exceções — sempre tinham esse aspecto. Porem Mart Crowley, com seus **Os Rapazes da Banda**, foge da regra, e se sai bem desta dificil tarefa. Primeiro, porque, não tenta introverter a ação dramatica nem filosofar sobre o tema. (O que aconteceu no ano passado, com **As Moças**, de Isabel Camara, tambem direção de Vaneau). Ao mesmo tempo a obra não é uma simples reportagem do assunto. Crowley consegue conciliar a profundidade de analise numa comunicação direta e inteligente. O espectador sente-se forçado a penetrar naquele estranho mundo, para muitos, e desmistificar preconceitos adquiridos pela teoria do **diz-que-diz**. Esses rapazes são gente. De carne e osso. Com problemas e anseios. Que respiram, sofrem, riem, arrastando seu problema existencial pelo mundo. Eles provocam os mais desacertados sentimentos: pena, amizade, alegria e tristeza. Mas o principal é que mostram uma nova forma objetiva de teatro de impacto. Não faz apologia nem ataca. Simplesmente mostra.

Maurice Vaneau realiza um trabalho de direção cheio de imaginação, sem exageros desnecessarios. Cria um clima real, criterioso, sem distorções. Não vacila diante das situações, por mais absurdas que pareçam. É, sem duvida, o melhor trabalho, nesse setor, realizado neste ano. Mas ele não teria conseguido tanto se não tivesse à mão tão boa equipe. Como o cenario criado por Cyro Del Nero: sofisticado, mas de bom gosto, e que se encaixa plenamente na forma decorativa de Carmelio Cruz. Mas são as presenças de Walmor Chagas e Paulo Cesar Pereio os pontos altos das interpretações. Um trabalho rico em sutilezas, e que reafirmam as qualidades de seus interpretes. Denis Carvalho, Roberto Maya e Otavio Augusto dão bom equilibrio ao elenco. Benedito Corsi está bem, embora, às vezes, apele um pouco. Num plano regular fica Benê Silva, que não chega a dar verdade ao seu personagem, mas se portando com discrição não prejudica o trabalho global. Num plano inferior, Paulo Adario, que se confunde com as intenções da personagem, e cria um tipo de abobado que ão convence. Mas isso não tira as qualidades existentes em **Os Rapazes da Banda**, porque é assim que o teatro deve ser feito: chega de torcer a realidade das coisas para os protestos intimos, recalques de seus artifices. Isso não pega mais. Aos trancos, depressa ou devagar, o publico brasileiro de teatro caminha. Está mais consciente das coisas, dos problemas e não deseja mais tratamento de viseiras, de angulos parciais, de realidades particulares. **E Os Rapazes da Banda** estão aí para demonstrar isso. Para fazer o sucesso que merecem. Indicamos esse espetaculo sem restrições.

Walmor Chagas: um otimo desempenho em Os Rapazes da Banda

● O SESC realizará, de 15 a 29 de novembro, no Teatro Anchieta, seu 3.o Festival de Teatro Amador. O certame será aberto com a apresentação, dia 15, às 21 horas, do monologo de Cesar Vieira *Um Uisque para o Rei Saul*, interpretado por Glauce Rocha, que conquistou, no ano passado, o premio Moliere carioca com essa criação. Concorrem doze espetaculos amadores, que foram previamente selecionados para garantir o nivel do festival. No decorrer serão realizados depoimentos sobre *Teatro Educação*, por Berta Zamel, Juca de Oliveira, Celso Nunes, Silnei Siqueira, Eugenio Kusnet e Maria Alice Vergueiro. Esses depoimentos serão diarios, das 19,30 às 20.30 horas, antes das apresentações dos grupos concorrentes. O juri está composto de Eugenio Kusnet, Silnei Siqueira e Carlos Miranda. A atriz Cleyde Yaconis apresentará um espetaculo especial no encerramento desse festival.

● Amanhã, estreará *Os Anjos*, no Teatro Alberto D'Aversa. A peça de Arruda Castanho foi dirigida por Orlando Senna. A estreia será beneficente, pró-Casa de David, e as duas lotações,

Um ensaio d[illegible] A estréia é [illegible] Alberto D'A[illegible]

dos dias 4 e 5, esgotadas. A c[illegible] tica teatral ve[illegible] dia 9.

● Miroel Silv[illegible] professores [illegible] teatro do Insti[illegible] de Comunicaç[illegible] ria, orientará u[illegible] blico, dia 6, n[illegible] chieta. Será s[illegible] montagem que [illegible] naquela casa d[illegible] *O Escorpião de* [illegible] de Renata Poll[illegible]

● Isto é segr[illegible] Raul Corte[illegible] rando nas pesq[illegible] Teatro Oficina [illegible] do na revisão d[illegible] que o grupo lid[illegible] sé Celso Martin[illegible] atualmente.

● **Os Olhos** [illegible] tinua no **T**[illegible] com a excelent[illegible] mo que, por su[illegible] ção nessa mon[illegible] ser apontada co[illegible] atriz coadjuvan[illegible] obra de Jean [illegible] por Emilio di B[illegible] da no elenco A[illegible] mir e Rildo Go[illegible]

● Plinio Marc[illegible] çou os ensa[illegible] **na de Iansã**. E[illegible] propria peça q[illegible] reira, no inicio [illegible] Teatro São Pedr[illegible]

● Vai bem a t[illegible] **Pop, a Garo**[illegible] Santo André. É[illegible] infanto-juvenil[illegible] cas de Ronaldo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.137

Grito e soluço

Nas bandinhas escolares, quando um garôto erra, só os outros garotos riem. Na peça OS RAPAZES DA BANDA (teatro Cacilda Becker, São Paulo), nove meninos grandes contam suas histórias, onde se misturam a ópera bufa e a sinfonia, o iê-iê-iê e o soluço de ópera. Aquêle que desafina é gozado impiedosamente. Os espectadores, na platéia, compartilham do riso e da vergonha, do grito e do soluço.

Os personagens homossexuais desta peça têm os problemas específicos da minoria erótica a que pertencem, mas o que seu autor, o americano Mart Crowley, coloca em cena e em jôgo é algo mais que um simples grupo de rotulados, segundo suas preferências sexuais. São nove sêres humanos — e por isso inseguros, patéticos, paradoxais, sujeitos a erros e acertos, angústias e alegrias. Ser ou não ser homossexual não é a questão para os personagens. Êles aceitam sem dilema sua condição. Da auto-aceitação êles partem para um tipo de vida o mais possível normal. Mas a eliminação da dúvida não estanca as conseqüências do comprometimento. A sociedade lhes dá um rótulo e o desprêzo, mas não os imuniza contra os perigos de seus relacionamentos afetivos "normais": encontros, desencontros, crises de solidão e ciúme, propósitos e promessas (cumpridos ou não). Crowley parte do princípio: a minoria é como a maioria: ama, fere, sofre, brinca, ri, pensa, bebe, come lasanha. É óbvio. Mas o óbvio cai sôbre os espectadores com o impacto de uma nota de tuba durante um concêrto de cordas. Êstes rapazes são como quaisquer rapazes de qualquer turma do mundo. Só buscam uma coisa: ser felizes, amar e ser amados. Só que, para êles, a felicidade e o amor não estão em pessoas do sexo oposto.

MARIO ZILLI

Walmor e Otávio Augusto: o jôgo terminou. A angústia, não

Coisas do coração — Marta e George, o casal maduro de "Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?", se agridem e agridem o casal jovem que recebem em casa. Michael, o anfitrião de "Os Rapazes da Banda", agride e é agredido por seus convidados com requintes tão cruéis como os criados por Edward Albee ("Perdoai, Senhor, os nossos erros e deixainos cair em tentação, agora que estamos ligados pelos sagrados laços do masoquismo"). O cerimonial de destruição mútua é semelhante e não menos impiedoso. Talvez mais: são nove, aqui, as pessoas empenhadas em atacar e defender.

No jôgo "Coisas do Coração", inventado por Michael, valem tôdas as armas — e às vêzes gumes invisíveis surgem na hora do desfecho. Nesse jôgo (os rapazes devem telefonar para a pessoa que mais amaram na vida e dizer-lhe isso) só há uma regra: se fôr preciso, mata-se para não morrer. E como é um jôgo, há contagem de pontos. Michael decide: "Quem fizer a chamada, ganha um ponto. Se a pessoa chamada responder, o jogador ganha mais dois pontos. Se a pessoa atender e o jogador disser quem é, ganha outros dois pontos. E, grande prêmio, se o jogador disser que ama a pessoa para quem ligou, ganha um máximo de pontos: cinco. Ganha quem obtiver maior número de pontos".

Reciprocamente — A ação se passa em Nova York durante uma noite inteira. Michael (Walmor Chagas) oferece uma festa de aniversário a Haroldo (Paulo César Pereio). David (Benedito Corsi), um dos convidados, traz seu presente para o aniversariante: um rapazinho, um "midnight cowboy" alugado por "mais de 20 dólares" (Paulo Adário). Há os outros convidados (Otávio Augusto, Roberto Maya, Denis Carvalho e Bené Silva) e um visitante inesperado e em conflito com seu homossexualismo latente: Alan (John Herbert), ex-colega de faculdade de Michael. As religiões estão representadas: há o católico e o judeu; as raças também: os brancos e o prêto; tôdas as idades: do caubói recém-saído da adolescência, passando pelo jovem, o maduro, até o "coroa"; sem esquecer o estado civil: os solteiros, casados e divorciados. Há os muito viris e os afeminados. Êles subestimam seus próprios dramas, transformando-os com piadas ou frases de efeito, com mais ou menos estoicismo, mais ou menos inteligência, mais ou menos sucesso. Ou, simples e cômodamente, ignorando-os, iludindo-se. O autor não se engana e não engana ninguém: trata o assunto com franqueza, sem puritanismo mas também sem fazer proselitismo. E no jôgo limpo do autor fica tácito seu desejo de reciprocidade: que os jogadores da platéia sejam também honestos e não marquem com um rótulo escapista as nove cartas que estão no palco.

O texto de Crowley foi muito bem traduzido por Millôr Fernandes e, dentro de suas proposições tradicionais, encenado ágil e corretamente por Maurice Vaneau (que dirigiu "Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?"). Os cenários de Ciro del Nero cumprem com fidelidade e bom gôsto as rubricas do autor. O elenco é bem homogêneo. Erros eventuais de dicção e imaturidade cênica são engolidos pela agilidade e humor dos diálogos.

Neste "Parabéns a Você" a nove vozes, destaca-se, porém, Walmor Chagas. Sempre perfeito, dá, neste nôvo trabalho, vida e fibra ao personagem, em tôdas as suas múltiplas nuanças. Denis Carvalho faz uma boa estréia, Benedito Corsi um ótimo retôrno à interpretação (seu último trabalho foi a direção de "O Cinto Acusador") e Paulo César Pereio (o bêbado Mané de "Roda Viva") outro excelente trabalho. Neste espetáculo, os desafinos ocasionais são abafados pela nota única e mais forte solfejada por todos: o desespêro. O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,V.133

TEATRO

OS RAPAZES DA BANDA: Denis Carvalho, Walmor Chagas, Paulo Adario, Otavio Augusto, Roberto Maya, John Herbert, Bené Silva e Benedito Corsi.

"Os Rapazes da Banda"

JEFFERSON DEL RIOS

O interesse maior que "Os Rapazes da Banda" pode despertar, está no modo direto de tratar um assunto tabu (homossexualismo) sem transformá-lo em folclore mas, também sem disfarçar seu moralismo. Uma peça ousada até certo ponto e que acaba ratificando os chamados valores morais do chamado publico burguês. E' mais uma obra daquele teatro "made in Broadway" com historia linear bem alinhavada, doses certas de humor, agressão, suspense, um ou outro "coup de theatre", etc. Entre assisti-lo ou não, vai prevalecer o "afinal deve ser interessante" e o espetaculo terá sucesso.

Mart Crowley, o autor, tem gosto para o jogo de palavras! Seu humor é corrosivo e se encaminha para uma progressiva agressividade até alcançar o clima de ruptura e desastre. Os rapazes são sete homossexuais durante uma festa de aniversario. O aniversariante ganha de presente um belo garotão, genero vaqueiro do "Midnight Cowboy". O dono da casa, inesperadamente, recebe a visita de um amigo "normal", casado, etc. que apanha todo pessoal no maior à vontade. A situação fica altamente constrangedora e as agressões são aceleradas até o final, quando o anfitrião cria um estranho jogo de confissões amorosas que acaba arrasando tudo. Crowley faz um painel sobre este problema de comportamento sexual, procurando extrapolar o assunto para uma visão mais ampla das minorias marginalizadas (significativamente, a um homossexual negro e outro judeu). Acaba ficando num meio termo. Não mostra os "invertidos" como uns tarados mas não deixa duvidas sobre o inferno intimo de recalques e remorsos de cada um.

A peça tem dois atos, o primeiro arrastado e sem muita graça. O ambiente entra em ebulição na segunda parte mas a peça não perde até o fim o seu tom palavroso, excessivamente carregado de frases de efeitos e afirmações enfaticas. Cada personagem tem seu instante de retorica e sua observação cortante. Isto tudo, sem parar, acaba cansando.

Com todos os defeitos, "Os Rapazes da Banda" é, entretanto, uma obra que procura colocar em cena um problema que se aguça nesta virada de seculo, quando há, em todo mundo, uma revisão de criterios e de valores e o componente neurotico do comportamento do homem moderno se eleva cada vez mais. Dentro desta perspectiva, o espetaculo interessa.

Maurice Vaneau fez uma direção convencional e banal com os atores andando em circulos em torno de uma poltrona ou cruzando o palco na base da cena. O cenario de Cyro Del Nero não ajuda e nem atrapalha e tem função de deslumbrar o publico "A", dos sabados. O elenco em sua maior parte formado por atores de categoria faz até que discretamente seu trabalho, sem nenhum lance especial de criatividade. Considerando-se a dificuldade que teriam encontrado para aceitar o papel, numa especie de violentação, Paulo Cesar Pereio e Otavio Augusto são os melhores. Pereio, um ator agressivo, não perde sua caracteristica mas deu-lhe o toque de afetação necessaria. Otavio Augusto consegue se manter muito bem na dificil linha da ambiguidade proposta. Roberto Maia, Bené Silva e Denis Carvalho discretos e linares em seus papéis, John Herbert convincente na maioria das cenas, embora sem nenhuma criação especial, mostra-se um pouco exterior nos momentos de exaltação. Paulo Adario, sem experiencia, parece estar à vontade no papel de poucas oportunidades. Benedito Corsi impressiona pela aceitação integral do personagem, variando do comico para o extremo grotesco. Walmor Chagas tranquilo e desinibido num desempenho que não altera em nada sua carreira.

Com uma otima tradução de Millôr Fernandes, que incorpora ao texto a nossa malicia e flexibilidade de giria, "Os Rapazes da Banda" está no Teatro Cacilda Becker.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.134

YAN MICHALSKI

CHEGOU A BANDA

Entre os espetáculos a que tive a oportunidade de assistir durante uma visita aos Estados Unidos no ano passado, **The Boys in the Band**, de Mart Crowley, impressionou-me bastante pelo tratamento digno, sóbrio e secamente humano que dava a um assunto delicado, que na maioria das vêzes tem sido abordado no palco sob um angulo mais ou menos gaiato: o homossexualismo.

Essa mesma impressão foi refletida, na época da estréia nova-iorquina da peça, pelo crítico Rex Reed, que escreveu:

"Pode-se chamar isso de rompimento de barreiras. Durante anos, peças sôbre homossexualismo têm tido mêdo de suas próprias sombras. Desde os dias de Helen Menken e Basil Rathbone com o longínquo **The Captive**, um verdadeiro choque nos anos de 1920, passando por **O Assassinato da Irmã George** e **Queridinho**, a maioria das peças dêste tipo evitara basicamente a verdadeira natureza do assunto. E os homossexuais sempre pagaram pelos seus pecados no palco. **Os Rapazes da Banda** mudou tudo isto. Os garotos da banda de Mart Crowley são sêres humanos e, como sêres humanos, divertem-se também. Não se suicidam, nem querem casar, e nem passam o resto da vida torturados pela consciência. A única maneira de **pagarem** é saber quem êles são, e então vão para casa de ressaca e começam tudo de nôvo no dia seguinte. Como a vida."

E no **New York Sunday Times**, Walter Kerr externava uma opinião bastante semelhante:

"Todos os homens sentem dor e a maioria negocia com ela através do chôro. Chorar proporciona crédito para a dor, e ajuda a aliviá-la. Os homossexuais de **Os Rapazes da Banda**, de Mart Crowley, não pedem crédito e — com uma única exceção dramática — não choram. Êles tratam da dor através do riso penetrante, ostensivo, selvagem. Como podem êles considerar-se figuras trágicas, quando suas próprias agonias lhes parecem triviais? Mas — e êste é o contexto de uma peça teatral muito boa e muito engraçada — agonias triviais, agonias absurdas, agonias que não podem ser concebidas como tais, mas eternamente manejadas como brincadeiras, podem ser as mais contundentes."

Raul Cortez, o Michael de Os Rapazes da Banda

Agora no Rio

A versão brasileira da peça de Mart Crowley chegou a entrar em ensaios no Rio, no Teatro Ipanema, em 1969, mas naquela época o texto foi interditado pela Censura. Em 1970, o produtor e ator paulista John Herbert conseguiu que a decisão interditória fôsse revista, e o seu espetáculo estreou em São Paulo em meados do ano passado, transformando-se imediatamente num dos maiores sucessos de bilheteria da temporada paulista e se mantendo com casas excelentes durante tôda a sua carreira de seis meses.

E' esta mesma produção paulista que o público carioca poderá ver a partir de hoje, no Teatro Maison de France. A tradução, elogiada pelos críticos paulistas, é de Milor Fernandes, e a direção coube a Maurice Vaneau. Curiosamente, um dos melhores trabalhos até hoje realizados por Vaneau foi **Quem Tem Mêdo de Virgínia Woolf**, de Albee — uma peça que, segundo vários críticos americanos apontaram com razão, tem claramente alguns pontos em comum com **Os Rapazes da Banda.**

Infelizmente, não veremos no Rio um ator do qual o público carioca já tem saudades, e que fazia em São Paulo — com muito brilho, segundo depoimentos unanimes — um dos papéis mais difíceis da peça, o de Michael. Refiro-me a Valmor Chagas, que não pode ausentar-se de São Paulo, e que será aqui substituído por um outro intérprete de indiscutível talento: Raul Cortez. Também Benê Silva, intérprete do papel de Bernard, não poderá estar presente, e será substituído por Gésio Amadeo. Nos outros papéis veremos os mesmos intérpretes que atravessaram os seis meses da temporada paulista: Paulo César Pereio (Harold), Benedito Corsi (David), Otávio Augusto (Donald), Denis Carvalho (Arthur), Roberto Maia (Douglas), Paulo Adário (**cowboy**) e o produtor John Herbert (Allan).

O cenário é de Ciro Del Nero, com decoração de Carmélio Cruz.

O **slogan** que os produtores adotaram para a promoção do espetáculo, **"Tudo que se Diz Dêles E' Verdade"**, fica, muito, muito longe do espírito da peça. Só nos resta esperar que a própria montagem tenha conseguido captar êsse espírito com maior felicidade do que a frase publicitária.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p. 135

e amante. Apesar dos altos e baixos, a peça merece ser vista. No Teatro Aliança Francesa, r. General Jardim, 182; f. 34-7759/ 32-0263.

O Escorpião de Numância — de Renata Pallottini. A direção de José Rubens Siqueira consegue um nível bom de todo o elenco, que apresenta nomes consagrados ao lado dos novos: Cláudio Corrêa e Castro, Lurdes de Morais, Cacilda Lanuza, Heleno Prestes, Lutero Luís, Ricardo de Luca, Alexandre Dresslav e Ditter Werner. A peça relata um fato histórico: o cêrco da cidade de Numância, na Espanha bárbara do século VII antes de Cristo, pelas tropas do general romano Cipião. Durante 16 anos, a cidade de "muros de pedra, ruas de pedra, casas de pedra" resistiu: suas ruínas ainda existem. E como o escorpião que se mata quando está acuado, os 2.000 soldados e os habitantes da cidade preferiram destruir-se a entregar-se. Assim conta Cervantes em um clássico: "Numância"; Renata deu uma visão nova à peça, atualizando-a: uma guerra de antes de Cristo, uma guerra de sempre.
O ritmo é lento — talvez propositalmente — mas o cenário de Sarah Feres consegue dar vitalidade ao espetáculo. Muito funcional, apresenta soluções de extrema plasticidade e tem momentos extraordinários de beleza e poesia. A mesma poesia trágica — e lírica — que Heleno Prestes consegue transmitir, interpretando Bariato, um soldado de 16 anos, adolescente perplexo que quer brincar, viver, esperar, lutar e até matar — mas não quer morrer. No Anchieta (quintas, sextas, sábados e domingos); Dr. Vila Nova, 245; f. 256-2322.

A Longa Noite de Cristal — um estúdio de televisão destrói mais uma das peças humanas da sua máquina: o telejornalista Galiano, o "Cristal" (Fernando Torres). Direção de Celso Nunes, paulista de 28 anos, ainda pouco conhecido. Seu trabalho é uma excelente criação coletiva de um grupo heterogêneo de onze atôres: desde o tarimbado Renato Consorte, com vinte anos de palco, até o estreante Almir Silva. Contratado em junho dêste ano pelo Teatro São Pedro, Celso Nunes trabalhou no texto de Oduvaldo Vianna Filho, um dos nossos bons autores ("Chapetuba FC", "Se correr o bicho pega"), eliminando o tempo presente-passado-futuro e o realismo. Ao mesmo tempo, insistiu na expressão corporal e no aproveitamento do ator-gente-que-senta (e não no ator-estrêla). Baseado neste princípio, o elenco montou em espetáculo sem estrelismo, de polêmica social, tragicomédia crítica da televisão. Todos os atôres fazem mais de um papel, e apesar do não-estrelismo há uma atriz que se destaca, Jandira Martini. A peça inaugurou o Studio São Pedro (arena, 205 lugares), que adota o sistema de repertório: uma semana, "Cristal", outra "O Interrogatório", de Peter Weiss (estréia dia 6), com a mesma direção e elenco. O enderêço: r. Albuquerque Lins, 171; f. 51-3348.

Teatro Jornal Arena — 1.ª Edição — Os autores são os próprios atores. Depois de um curso no Areninha, pesquisaram em jornais e trabalharam sob a direção de Augusto Boal, usando nove técnicas de comunicação da notícia: leitura simples, dramatização, leitura com ritmo musical, ação paralela (leitura da notícia, enquanto os atôres representam fatos da rotina diária), refôrço (leitura com utilização de jingles, slides, horóscopo), histórico da notícia, noticiário cruzado (os vários ângulos do mesmo fato), reportagem de campo (como foi colhida a notícia) e concreção da palavra. A intenção é popularizar o teatro: o torcedor de futebol pratica futebol, o espectador de teatro também pode "praticar" teatro. A USP, a PUC e colégios secundários já estão nesse "jôgo", montando espetáculos na mesma base. Às terças, sextas, sábados e domingos. Horários especiais para grupos de mais de 50 pessoas. No Areninha, r. Teodoro Bayma, 94; f. 256-9463.

O Evangelho Segundo Zebedeu — de César Vieira. Direção de Silney Siqueira. Atôres: 25 rapazes e moças do Teatro Onze, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. O texto tem qualidades — quase todo em verso, de sete sílabas, com trechos muito bonitos, como a frase que motiva a ação: "Sou que nem soca de cana me cortem que eu nasço sempre." Pretende contar a guerra de Canudos de maneira polêmica, e altera a verdade histórica; há uma colocação de dois conflitos dentro da mesma peça: a revolta de artistas de circo e a representação da revolta dos beatos de Antônio Conselheiro. O diretor Silney Siqueira ("Morte e Vida Severina") consegue um espetáculo de côres, luzes, canto e música de grande plasticidade. Usa também recursos novos de participação da platéia. Os figurinos e cenografia de José de Anchieta e a coreografia de Ruth Rachou estão excelentes; os músicos, no mesmo nível, também. Pela primeira vez no Brasil, um elenco teatral representa dentro de um circo (desde 13 de setembro). Circo Irmãos Tibério; av. 8 de novembro, 415, Ibirapuera; f. 32-0263, Casa do Espectador. Só às sextas, sábados e domingos.

O Circo do Povo — Também dentro de um circo, e também para popularizar o teatro, uma das nossas grandes atrizes — Nathalia Timberg — apresenta peças clássicas nacionais e francêsas. É mesmo ao alcance do povo: a partir de 2 cr. o ingresso.
Na r. Ministro Ferreira Alves, esquina da Dr. Miranda de Azevedo (a 100 m da av. Pompéia).

Crítica

Os Rapazes da Banda — A peça de Mart Crowley estreou dia 28 de abril de 1968 no Theater Four, em Nova Iorque, e continua em cartaz até hoje. Sucesso em Londres, sucesso em Paris. "Os Rapazes da Banda" (The Boys in the Band) estreou em São Paulo no dia 15 de outubro. Tradução de Millor Fernandes. Produção de John Herbert. Direção de Maurice Vaneau, com assistência de Eva Wilma.
Os Rapazes são: Michael (Walmor Chagas, papel principal); Harold (Paulo César Pereio); Donald (Otávio Augusto); Arthur (Denis Carvalho); David (Benedito Corsi); Douglas (Roberto Maya); Bernardo (Bene Silva); Cowboy (Paulo Adario); e Allan (John Herbert). A peça trata com coragem e honestidade um tema que nem sempre foi tratado assim: o homossexualismo. E justamente por isso é profundamente triste em sua essência, embora envolvida por uma aparência de "gozação" (há piadas engraçadíssimas).
A ação se passa na casa de um dos "rapazes", Michael (Walmor, numa interpretação extraordinária, comum ao seu talento), onde há uma festa para comemorar o aniversário de Harold (Pereio, numa composição excelente). Além dos oito amigos, comparece um estranho — Allan. Êle desencadeia uma série de cenas que mostram o aspecto mais profundo da emotividade dos "rapazes": a indiferença defensiva, tristeza disfarçada, o amor inatingível, cumplicidade natural, a maldade involuntária, a solidão que é o próprio homossexualismo — tudo isso provocado pela agressividade autopunitiva de Michael, sob o olhar cínico e indiferente de Harold — a consciência implacável de si mesmo e dos outros, talvez do próprio autor. Michael tortura a todos com um "jôgo da verdade": cada um vai usar o telefone para dizer "eu te amo" à pessoa que realmente amou na vida. O jôgo destrói a todos, pois o amor transformou-se em solidão, não há mais o que recuperar. Uma crue'dade para êles: a festa termina tràgicamente. A conclusão é esta: "Nós vivemos e estamos sempre em festa errada."
O espetáculo, pelo texto, montagem e interpretações, certamente será um grande sucesso. O público vai rir, vai sofrer, pode escandalizar-se, mas vai concluir algumas coisas importantes. A condição humana, mesmo nesse plano, merece atenção. Ela nos faz rir porque é grotesca. E nos humilha e faz sofrer porque é cruel. Cenário de Ciro del Nero simp'es e funcional. Decoração de Carmélio Cruz. Teatro Cacilda Becker, r. Brigadeiro Luís Antônio, 917, f. 33-9527 e 32-0263.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 136

OS RAPAZES DA BANDA (THE BOYS IN THE BAND) DE MART CROWLEY. 138

A ESTREIA DA PEÇA ESTÁ PREVISTA PARA MEADOS DE ABRIL NO TEATRO MAISON DE FRANCE , DEPOIS DE PERMANECER EM CARTAZ EM SÃO PAULO DURANTE 6 MESES COM INVULGAR SUCESSO, TRANSFORMANDO-SE NO "HIT" DA TEMPORADA 70/71.

A PEÇA EM QUESTÃO ESTREIOU NO DIA 28 DE ABRIL DE 1968 NO THEATER FOUR DE NOVA YORK, ONDE PERMANECE EM CARTAZ ATÉ HOJE. FOI MONTADA EM ONZE PAISES E HÁ QUATRO COMPANHIAS ITINERANTES VIAJANDO OS ESTADOS UNIDOS COM A PEÇA. TORNOU-SE O GRANDE SUCESSO TEATRAL NOVAIORQUINO, O MEMSO ACONTECENDO EM LONDRES E PARIS, E AGORA SÃO PAULO.

EM SÃO PAULO A PEÇA FOI PRODUZIDA POR JOHN HERBERT, QUE ENTREGOU A TRADUÇÃO À MILLÔR FERNANDES E A DIREÇÃO À MAURICE VANEAU.

O ELENCO QUE ESTREIOU EM S.PAULO SERÁ O MESMO DO RIO DE JANEIRO, EXSESSÃO FEITA A WALMOR CHAGAS E BENE SILVA, QUE POR MOTIVOS DE FORÇA MAIOR NÃO PODERÃO VIAJAR E PERMANECER NO RIO. EM LUGAR DE WALMOR CHAGAS ENTRARÁ O GRANDE ATOR E EXCELLENTE PROFISSIONAL RAUL CORTEZ E BENE SILVA SERÁ SUBSTITUIDO POR GESIO AMADEO. EIS A FORMAÇÃO DO "CAST":

RAUL CORTES ..... MICHAEL
PAULO CESRA PEREIO - HAROLDO
BENEDITO CORSI - DAVID
OTAVIO AUGUSTO - DONALD
DENIS CARVALHO - ARTHUR
ROBERTO MAYA - DOUGLAS
GESIO AMADEO - BERNARDO
COMBOY - PAULO ADARIO
E JOHN HERBERT NO PAPEL DE ALLAN.

O CENÁRIO É DE CIRO DEL NERO, COM DECORAÇÃO DE CARMÉLIO CRUZ

OS ANUNCIOS EM NOVA YORK USAM OS SEGUINTES SLOGANS OU FRASES PARA DEFINIR O ESPETÁCULO: " SREAMINGLY FUNNY" (CLIVE BARNES N.Y.TIMES)
" COMIC BRILLIANCE" (NEWSWEEK)

NOSSO SLOGAN É : " TUDO QUE SE DIZ DELES É VERDADE"

É UMA PRODUÇÃO DE JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTISTICAS LTDA. QUE ATUALMENTE TAMBÉM PRODUZ EM S. PAULO A PEÇA " PUTZ " DE MURRAY SCHISGAL (LUV), COM JUCA DE OLIVEIRA, EVA WILMA E LUIS GUSTAVO, NO TEATRO ALIANÇA FRANCESA.

ANEXO ALGUMAS APRECIAÇÕES CRITICAS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.137

Algumas apreciações criticas : THE BOYS IN THE BAND.

ROMPIMENTO DAS BARREIRAS atraves de "OS RAPAZES DA BANADA"

(por Rex Reed)

- Pode-se chamar de rompimento de barreiras. Durante anos, peças sôbre homosexualismo tem tido medo de suas proprias sombras. Desde os dias de HELEN MENKEN - BASIL RATHBONE com o longinquo "THE CAPTIVE" (um verdadeiro choque nos anos de 1920) passando por "THE KILLING OF SISTER GEORGE" e "STAIRCASE", a maioria das peças deste tipo evitaram basicamente a verdadeira natureza do assunto. E os homosexuais sempre pagaram pelos seus pecados no palco. "The Boys in the Band" mudou tudo isto. Os garotos da banda de Mart Crowley são seres humanos, e, como seres humanos, êles se divertem também. Êles não se suicidam, nem querem casar e nem passam o resto da vida torturados pela consciência. A única maneira dêles "pagarem" é saber quem êles são, e então êles vão para casa de ressaca e começam tudo de novo no dia seguinte. Como a vida.-

CLIVE BARNES (The New York Times)

- A força da peça que eu vi, em um ade suas apresentações para a imprensa, reside na maneira pela qual ela descasca sem remorsos as pretensões de seus personagens e revela um pessimismo tão descompromissado em sua honestidade que se transforma em si mesmo numa afirmação de vida.-

- A semelhança entre "Virginia Woolf" de Edward Albee e "The Boys in the Band" é impressionante. Ambas tratam da quebra das pretensões, com a aceitação da realidade. Ambas as peças conseguem o seu objetivo, usando o lança-chamas de um humor cruel e excoriante. As vitimas são queimadas vivas, e mesmo os perseguidores são vitimas.-

RIR DE SI MESMO - OU CHORAR (Walter Kerr - N.Y. Sunday Times)

- Todos os homens sentem dôr e a maioria negocia com ela atreves de choro. Chorar lhes proporciona crédito para a dôr, e ajuda a aliviá-la. Os homosexuais de "The Boys in the Band" de Mart Crowley não pedem crédito e - com uma única excessão climática, (dramática) - não choram. Êles tratam da dôr através de riso penetrante, estensivo, selvagem. Como podem êles se considerar figuras trágicas, quando suas proprias agonias lhes parecem trivias? Mas - e esta é o contexto de uma peça teatral muito boa e muito engraçada - agonias triviais, agonias absurdas, agonias que não podem ser concebidas como tais, mas eternamente manejadas como brincadeiras, podem ser as mais contundentes.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.138

134/2

THE THEATER.

- No teatro, como nas sociedades urbanas de nesses dias, os homosexuais abandonaram a invisibilidade e a discreção. Para melhor ou pior, o homosexualismo e a sua subcultura são aceitos como temas dramáticos, para serem tratados com a mesma franqueza das relações heterosexuais. Provavelmente o exemplo mais contundente desta nova tendência é ""The BOYS IN THE BAND" . Nem paternalizando, nem fazendo preselitismo, ela friamente encara o meio ambiente homosexual como tal- é também uma peça muito engraçada, triste e honesta sôbre um grupo de seres humanos desnorteados e confusos, que acontece serem "invertidos"-

THEATER REVIEW - Wilfrid Sheed.

- O autor Mart Cerwley conseguiu cobrir um extenso campo em seus dois atos, sem cair no jornalismo. Seu diálogo não é somente autêntico, como também cheio de humor, e você não precisa ser homosexual para apreciá-lo. Há o inevitável JOGO DA VERDADE, que eu acredito jamais ter sido jogado por alguém - sóbrio ou bebado - mas consegue o que uma convenção supostamente deve fazer - fornecer uma moldura para uma verdade emocional.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p-139

195

O que se diz em São Paulo:

Temos, enfim, diretores e atores capazes de realizarem êsse gênero de teatro, e o fazemos muito bem. Acredito que tão bem quanto esteja sendo realizado em Nova York e Paris... é um sucesso que se justifica.

João Apolinario (UH)

Os espectadores, na platéia, compartilham do riso e da vergonha, do grito e do soluço.

Revista VEJA

O interesse maior que " OS RAPAZES DA BANDA" pode despertar estaa no modo direto de tratar de um assunto tabu, sem transformá-lo em folclore.

Uma ótima tradução de MILOR FERNADES, que incorpora ao texto a nossa malicia e fexibilidade de giria..... O espetáculo terá sucesso.

Jefferson Del Rio (Folha de São Paulo)

Tudo indica que os "Rapazes da Banda" se transformará no maior sucesso de bilheteria da temporada.

Sábaro Magaldi (Jornal da Tarde)

O publico vai rir, vaã sofrer, pode escandalizar-se, mas vai concluir algumas coisas importantes.

O Bondinho

O diretor Maurice Vaneau acertou em cheio na encenação...

Sábato Magaldi (Jornal da Tarde)

O espetáculo, pelo, texto, montagem e interpretação, certamente será um grande sucesso.

Uma montagem seria. Coloca o espetáculo entre os melhores do ano.
Os Rapazes da Banda" estão ai para afzer o sucesso que merecem. Indicamos o espetaculo sem restrições.

Paulo Lara (Folha da Tarde)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p 140 43/

MIGUEL - É verdade eu acredito em Deus. Se ficar provado que êle não existe, paciência. Não se perde nada. Mas se acontecer dêle existir eu estou coberto.

(Bernardo entra carregando uma grande tijela de salada. Põe na mesa , acende as velas)

DAVI -(Para Miguel) Uma freira hipócrita, é o que você é.

MIGUEL - Exato. Eu sou um desses católicos completamente pôdres, que enche a cara, peca a noite inteira e de manhã , a primeira coisa que faz é ir à missa.

DAVI - Gilda pecadora. Depende do que você pensa que o pecado, é.

MIGUEL - Você quer fechar essa bôca suja e boltar pra pôrra da cozinha ?

DAVI - Eu faço o que você quiser - mas não me bata! (Sai. um tempo)

MIGUEL - No fundo êsse cara tem razão eu so me confesso quando vou viajar de avião-

BERNARD - E se Deus for mais pesado do que o ar? (UM TEMPO) pra você então a fôrça de Deus só parece a dez mil metros de altura?

MIGUEL - Acho que sim. Aqui no chão. eu sou Deus. Lá em cima eu sou apenas mais um filho de égua apavorado. (UM TEMPO)

BERNARD - E eu, que sou apavorado aqui na terra?

CAUBOI - Eu também. (UM TEMPO) Isso é, quando eu não estou no barato do ácido nem doidão no fumo. (Douglas desce a escada.)

ARTUR - (Para Douglas) Que tal o rapazinho: é bem dotado ?

DOUGLAS - (Ignorando a provocação/ Para Miguel) Êle esta descansando um minuto.

HAROLDO - O banheiro ainda está cheirando mal ?

DOUGLAS - Está melhor.

MIGUEL - Antes cheirava alguém vomitando. Agora cheira a alguém vomitando no jardim.

ARTUR - E como vai o grande herói ?

DOUGLAS - Não encho, tá? (Davi entra com cesto de Rolis cobertos com um guardana'i, coloca-o na mesa.)

DAVI - O jantar está na mesa! (Haroldo se aproxima do Bufê.)

HAROLDO - Davi, está realmente fabuloso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P 141

DAVI - Se alguém me quisesse eu daria uma espôsa perfeita.
((Davi serve a pasta. Bernard serve a salada, depois o vinho, Miguel vai ao bar, faz outro drinque.) sei cozinhar arrumar um apartamento, receber muito bem... (Pega uma rosa e cabo comprido num arranjo sôbre a mesa, coloca a rosa entre os dentes, estala os dedos faz uma pose.)
Me dá um beijo eu sou a Carmen! Haroldo olha-o sem expressão, ignora-o, Davi tira a flor da b:oca.) Pra êsse número as castanholas são indispensáveis.

MIGUEL - É uma saída de emergência pra se alguém quiser lhe dar uma porrada. (Douglas se aproxima da mesa)

DAVI - Que é que você prefere, garotão?

ARTUR - Alan McCarthy com bastante maionese.

DAVI - Ah, eu não entendo vocês dois - (Indica Artur, Depois Douglas) - eu pensei que você estivesse danado com êle e é êle quem fica aí, me querendo te empitecer. Corte que é que há ?

ARTUR - Esquece. (Cauboi se aproxima da mesa, Davi lhe dá um prato de comida, Bernardo lhe dá salada e um copo de vinho. Douglas vai até o sofá, senta, põe prato e copo na mesinha de café, em frente. Haroldo vai até a escada, senta e come.)

CAUBOI - Que é isso ?

ARTUR - Lasanha.

CAUBOI - Parece espagueti amassado com pecadinho de carne.

DÔNALD - É que é feito na sauna-leva um banho de vapor.

CAUBOI - Ah, é ?

MIGUEL - (Com desprêso) Parece espagueti amassado. Ah, Haroldo, como eu te invejo.

HAROLDO- Deve ser um grilo, pra você que conhece tanto de haute, cuisine. Raconteur, gourmet, viadô.
(Artur pega um prato de comida, vai se sentar nas costas do sofá, pela parte de trás.)

CAUBOI - Está bom.

HAROLDO- (Rápido)- Costa, come.

MIGUEL - Enche bem a bôca pra pelo menos, ficar calado.
Dônald pega um prato)

BERNARDO- (Pra Dônald) vinho?

Dônald - Nçao, obrigado.

MIGUEL - Ah, vamos lá, menino fôrça um pouco. Bebe um copinho de vin ordinaire pra ajudar a descer essa massa deprimente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.142

HAROLDO| Sommelier, connoisseur,porco.(DONALD PEGA O COPO DE VINHO,VAI ATÉ O BAR,PÕE O COPO DE VINHO LÁ ,SE ENCOSTA NA PAREDE,COME.DAVI DÁ UM PRATO A BERNARDO)

BERNARDO| Você não come nada ?

DAVI| Não. Meus lábios estão doendo muito.

MIGUEL| (VAI ATÉ A MESA,PEGA FACA) Dizem que se você puser uma faca em baixo da cama ela corta a dor.

HAROLDO| (PRA MIGUEL) Dizem que se voce puser uma faca em baixo do queixo ela te corta o pescoço.

DAVI| Ninguém vai levar um prato pro Alan ?

MIGUEL| O saco de pancada agora virou irmã de caridade.

ARTUR| Douglas ?

DOUGLAS| Acho que êle não tem apetite.(ALAN,COMO SE TIVESSE OUVIDO SEU NOME,LEVANTA DA CAMA,AINDA LENTAMENTE PARA O ALTO DO POÇO DA ESCADA.BERNARDO PEGA O SEU PRATO, SE APROXIMA DA ESCADA,SENTA NO CHÃO.MIGUEL RASPA UM COPO DE VINHO VAZIO COM A FACA.)

MIGUEL| Senhores e senhoras,perdão ,senhoras e senhores , gostaria de anunciar que acabaram de comer Sebastião Venable.

CAUBOI| Comeram o que ?

MIGUEL| O cara ,não, imbecil. Quem .É um personagem de uma peça de teatro.Uma bicha que é comida viva. Por via oral!

CAUBOI| Deus do ceu.

DAVI| Costeleta de bicha.Bicha em postas.Bicha à moda.Bicha com batata frita.

DOUGLAS| De quem é a peça ?Edward Albee ?

MIGUEL| Não .Tennessee Williamns .

DOUGLAS| Ah, é .

MIGUEL Albee escreveu" Quem tem medo de Virginia Woolf ?"

ARTUR Um casal qque se estraçalha...

DOUGLAS Eu sei. Mas pensei que ele tambem tinha escrito a outra.

ARTUR Pois é. Mas não escreveu.

DOUGLAS Então eu me enganei.

ARTUR Pois é, voce cometeu um erro.

DOUGLAS Está bem, cometi um erro.

ARTUR Ou nunca tinha ouvido falar.

DOUGLAS Que diferença faz ? Voce não sabe somar.

CAUBOI Eduardo o que ?

MIGUEL (A DAVI) Quanto voce pagou por ele ?

DAVI Iiiii, um roubo.

MIGUEL Pô, isso é um sanduiche de presunto - não vale mais de cincoenta centavos a qualquer hora do dia ou da noite.

HAROLDO Rei do mundo porco. Rei do chiqueiro.

(MIGUEL LHE DÁ UM OLHAR. DONALD LEVA O SEU PRATO À MESA)

DAVI (PRA DONALD) Não quer mais um pouco ?

DONALD Não, Davi, obrigado. Estava muito bem.

DAVI Gostou ?

CAUBOI Que roubo ? Eu custo vinte dolares. (BERNARDO DEVOLVE SEU PRATO)

DAVI Mais

BERNARDO (Acena que não) Estava delicioso apesar de ter sido mesmo que fiz.

DAVI Alguem quer repetir?

HAROLDO Eu. Vou repetir uma duas, tres, cinco vezes ! (LEVANTA VAI ATÉ A MESA.) Estou absolutamente desesperado pra conservar meu peso acima do normal. (BERNARDO SE CURVA PARA COCHILAR ALGUMA COISA NO OUVIDO DE DAVI. DAVI ACENA AFIRMATIVAMENTE, BERNARDO CRUZA PARA O CAUBOI, FALA NO OUVIDO DELE UM TEMPO. CAUBOI PÕE SEU PRATO NO BUFÊ, SEGUE DAVI E BERNARDO ATÉ A COZINHA.)

MIGUEL (PARODIANDO HAROLDO) Voce esta completamente paranoide em todos os sentidos.

HAROLDO Oh, é ? Então me faz um grande favor e não me diz o que eu devo fazer.

MIGUEL Voce passa fome dias inteiros. só com café e queijo branco, para depois se entupir até a guela numa unica refeição. E aí começa a se sentir culpado, a gemer e a chorar porque está cada vez mais gordo, porque está cada vez mais feio, e a verdade é que nunca foi mais gordo nem mais magro do que agora.

DAVI Paranoia Digestiva. (DAVI VAI A MESINHA DE CAFÉ , PEGAR O PRATO VASIO DE DOUGLAS;)

DOUGLAS Excepcional, Davi.

DAVI Eu sou ou não sou uma senhora cozinheira, Mary ?

MIGUEL (A HAROLDO) ...e esse atraso patólogico. É uma coisa completamente neurótica.

HAROLDO Ligando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 143

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376 p.144

MIGUEL - Horas e horas em pé na frente do um espelho antes de de ganhar coragem pra pisar na rua. E não paredendo nem um milímetro melhor apesar de não sei quantas mil aplicações dêsses óleos, cremes mascaras e o carilho a quatro.

HAROLDO - Eu tenho uma pele horrível, posso me defender ?

MIGUEL - Quem não teria depois de passar a vida inteira com uma pinça não mão deliberadamente arrebentando os poros? Não é de espantar que você tenha essas crateras na cara depois de anos e anos de cavucação.

HAROLDO - (FRIO MAS DEFINITIVO) Sua porca odienta.

MIGUEL - É, você tem tôdas essas marcas na cara - mas não são tão horrendas assim, se deixasse a pele em paz não ficaria pior.

HAROLDO - Naturalmente,agora você está esperando que eu o cumprimente pela sua extrema nonestidade, diz que não? Por ser tão meu amigo que diz aquilo que nunhum outro tem coragem de me dizer. Suino.

MIGUEL - E as pílulas! (PARA O GRUPO TODO) O Ano inteiro êle vem economizando, juntando, armazenando, colecionando, bebitúricos. Como um esquilo pôrra louca. Centenas de Nembutais, centenas de Seconais. Tudo como preparação e antecipação do longo inverno de sua morte. (SILÊNCIO) Mas eu te digo uma coisa, na cara, Dodô Quando chegar a hora você não vai ter coragem. Nem sempre é como acontece nas pelas-nem todos os pedrastras têm coragem de estourar os cornos no fim da história.

HAROLDO - Talvez você tenha razão. O tempo dirá. Dirá, não tem duvida.Mas enquanto isso, você se esqueceu de falar num detalhe meus cosmeticos e adstringentes estão pagos, e o banheiro esta pago, as pinças e as pilulas estão pagas. (DAVI DE REPENTE DESLIGA O COMUTADOR. O APOSENTO FICA NO ESCURO EXCETO PELA LUZ DAS VELAS NA MESA DE FUFÊ. DAVI COMEÇA A CANTAR PARABENS PRA VOCÊ. IMEDIATAMENTE BERNARDO ABRE A PORTA DE VAI E VAM E O CAUBOI ENTRA, CARREGANDO UM BOLO CHEIO DE VELAS ACESAS. TODO MUNDO JUNTOU-SE AO PARABENS PRA VOCÊ, NESTA DATA QUERIDA. ETC... ACABA COM UM GRANDE APLAUSO. MIGUEL SE VIRA, VAI ATÉ O BAR, FAZ OUTRO DRINQUE.)

DAVI - Sopra as velas, Mary e pensa um desejo.

MIGUEL - (PRA SI PRÓPRIO) Sopra tuas velas, Margarida. OCAUBOI COLOCOU O BOLO EM FRENTE DE HAROLDO. ÊSTE PENSA UM INSTANTE SOPRA AS VELAS. ?AOS APLAUSOS.

DAVI - Auuuuu ! Ela hoje fica um aninho menos môça.

HAROLDO - (GRUNHE, GEME, SEGURA A CABEÇA) Aí, meu Deus !(BERNARDO TROUXE TRATOS DE SOBREMESSA, E CARTOS. O aposento continua iluminado só pelas velas. (CAUBOI BOTA O BOLO NA [illegible] BERNARDO COMEÇA A CANTAR FATIAS, COLOCANDO-AS NOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0316, p.145 48

DOUGLAS Agora voce tem que abrir os presentes.

HAROLDO Tenho que abrir aqui ?

DAVI Claro que tem que abrir aqui.(ENTREGA UM PRESENTE A HAROLDO. HAROLDO COMEÇA A RASGAR O PAPEL)

HAROLDO Onde está o cartão ?

~~davi~~

DAVI Aqui.

HAROLDO Ah. Do Artur. (ACABA DE RASGAR O PAPEL.) Oh, que divino! Ah, Artur, amei. Amei !)(HAROLDO MOSTRA UM DESENHO - GRAFISMO,PARECENDO UM DESSES CARTÕES DO JOGO DE MONOPÓLIO.)

CAUBOI Que é isso ?

HAROLDO Pop-Arte.

CAUBOI Ahn !

DONALD (PRA ARTUR) É sensacional . Foi voce quem fez ?

ARTUR Foi.

HAROLDO É extraordinario, Artur. Vai pra parede assim que eu chegar em casa, (DA UM BEIJO NO ROSTO DE ARTUR)

CAUBOI (PRA HAROLDO) Eu não estou entendendo. Isso daí não é o mapa do Metrô ?

MIGUEL Alguem quer fazer o favor de tirar êsse troço da minha frente ? (HAROLDO ABRE OUTRO PRESENTE, PEGA O CARTÃO QUE ESTÁ DENTRO.)

HAROLDO Ah, que sueter alinhada ! Obrigado Douglas.

DOUGLAS Se voce não gostar pode trocar.

HAROLDO Não,eu acho formidavel ! Adoro essa côr. (DONALD VAI AO BAR PREPARA UM BRANDY COM SODA.)

BERNARDO Quem quer bolo ?

DAVI Todo mundo ?

DONALD Pra mim, não.

(DOUGLAS SE APROXIMA DA MESA. BERNARDO LHE DÁ UM PEDAÇO DE BOLO,PASSA OUTRO AO CAUBOI E UM OUTRO A ARTUR. HAROLDO RASGA O PAPEL DE OUTRO PRESENTE RI BEM ALTO)

HAROLDO Oh, Bernardo ! Que divino ! Olha todo mundo ! Joelheiras bordadas.(MOSTRA UM PAR DE JOELHEIRAS DE BASQUETEBOL COM INICIAIS EM CEQUINS.)

BAENARDO Monograma em Cequins.

DAVI Bernardo, voce é tão Camp !

MIGUEL Bem, os mais velhinhos já ouviram falar de Gloria de Havana e de Billy de Wolfe-agora estão vendo a própria Rosemaryde Camp.

BERNARDO Quem ?

DAVI Eu nunca perco um filme de Rosemary de Camp.

DOUGLAS Nunca ouvi falar.

CAUBOI Nem eu.

DOUGLAS Nem todo mundo passou a vida inteira num cinema, Miguel.Tem pessoas que jogam baseball

DONALD Eu corto grama.

DAVI Não quero bancar o superior não, mas eu sei quem é Rosemary

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.146

DAVI CONTINUA
De camp.

MIGUEL Tá na cara. Eu duvido é que voce conheça um campo de baseball ou um corta grama. (HAROLDO ABRIU O ULTIMO PRESENTE FICA EM SILENCIO; PAUSA.)

HAROLDO Obrigado, Miguel.

MIGUEL Que ? (SE VIRA PRA VER O PRESENTE) Oh ! (UM TEMPO) Não tem de que. (ACABA O DRINQUE, VOLTA AO BAR)

ARTUR O que é, Haroldo ? (UM TEMPO)

HAROLDO É uma fotografia dêle, numa moldura de prata. Com uma inscrição gravada a data.

BERNARDO Que é que diz.

HAROLDO É...coisa pessoal.(MIGUEL VEM LOGO DO BAR)

MIGUEL Hey,Bernardo, bota aí uma musica pra animar o papo.

BERNARDO O.K.

DAVI Ótimo, estou louco pra dançar.

MIGUEL Que tal uma exebição pessoal, Davi ? Uma das tuas especialidades, aquele sapateado militar que voce dança com uma classe que...

DAVI Eu não danço isso em aniversario - só no Dia da Pátria. (BERNARDO PÕE UM DISCO ROMANTICO.DAVI VAI ATÉ ELE. OS DOIS COMEÇAM A DANÇAR VAGAROSAMENTE.)

ARTUR Vem, Miguel.

MIGUEL Eu só sei guiando.

ARTUR Vem, eu sigo. (COMEÇAM A DANÇAR.)

HAROLDO Vamos nós, Texas; nós tambem. (O CAUBOI OBEDECE MAS É UMA DESGRAÇA COMO DANÇARINA. HAROLDO DESISTE,PEGA OUTRO CIGARRO, ACENDE UM FOSFORO. QUANDO FAZ ISSO, PERCEBE ALGUEM NA ESCADA, VAI ATÉ ALAN. SOPRA O FOSFORO.)
Quer dançar ?

DAVI (VÊ ALAN.) Ahhhh! Irene, a terrivel, voltou !

MIGUEL Oh, olá, Alan. Está melhor ? Foi nesse pedaço que voce entrou, não foi ? (ALAN DIRIGE-SE DIRETAMENTE À PORTA,MIGUEL SE ATRAVESSA NO CAMINHO) Me desculpe, Artur. (ALAN ATINGE A PORTA, ABRIU-A, MAS MIGUEL O IMPEDE, BATE A PORTA, SE ENCOSTA NELA,CRUZANDO AS PERNAS.) Como eles dizem no Sul não se deve andar depressa quando o sol está a pino.

HAROLDO Uma revolução completa. (MIGUEL PEGA ALAN PELO BRAÇO LENTAMENTE.DEVAGARZINHO LEVA-O DE VOLTA AO CENTRO DO APOSENTO)

MIGUEL ....Voce não provou o bolo. Nem viu Haroldo abrir os presentes, mas não perdeu tudo. Ainda vai pegar o melhor da festa. Vamos fazer um jogo. (ESTÃO JUNTO A VITROLA,MIGUEL TIRA O DISCO. A MUSICA PARA,COM ELA A DANÇA. MIGUEL SOLTA ALAN,BATE PALMAS) Hei, todo mundo-hora do jogo! (ALAN SE MOVIMENTA,MIGUEL PEGA-O DELICADAMENTE PELA MANGA)

HAROLDO Porque voce não deixa ele ir embora, Miguel ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-147

MIGUEL Êle pode fazer o que bem entender mas só depois do ponto jogar um pouquinho.

DAVI Qual é o jogo - quem imita melhor estrêla de cinema?

MIGUEL Êsse jogo é bicha demais para Alan entrar - ia perder longe pra você.

DAVI Quem sabe? Êle pode ser uma revelação.

BERNARDO Que tal gosto-Não gosto? (MIGUEL SOLTA ALAN, PEGA UM LÁPIS E UM BLOCO DE PAPEL.)

MIGUEL Dá muito trabalho arranjar tanto lápis e papel e, além' disso, Davi escreve sempre a mesma coisa. Êle não gosta de flores e frutas artificiais, nem de moedores de café transformados em abajur, gosta de Mabel Mercer, Poodles e All about Eve. Ainda tem operigo dêle começar a recitar o dia logo do filme de ponta a ponta.

~~DAVI Como manter a pele morena no inverno?~~

DAVI Ah, de vez em quando eu escrevo umas coisas diferentes.

MIGUEL Como manter a pele morena no inverno?

DAVI Eu sempre escrevo que gosto da minhh cachorrinha Chi-' Chi por que gosto, uó. Adoro ela.

MIGUEL Para quem é do sexo masculino, um poodle uma verdadeira insignia do desvio sexual.

BERNARDO Você sabe porque as velhotas adôram poodles? êles lambém elas.

DAVI Lambém nada!

ARTUR Podiamos jogar aquele, como é? B de Botticelli...

MIGUEL Ou Bunda de Botticelli, ou pau de Paulina Bonaparte, ' que era lésbica, mas não vamos jogar nada disso. (UM ' TEMPO)

HAROLDO Que é que você está querendo jogar, Miguel o jogo da ' Verdade? (MIGUEL DÁ UM RISINHO PRA SI PROPRIO)

MIGUEL Sabidinho, Dodô

HAROLDO Ou você prefere jogar Assassinato? Vocês todos lembram como é, não lembram ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.148

MIGUEL Muito muito engraçadinho.

DONALD Se me lembro bem, as regras de jôgo da verdade e de assassinato são as mesmas- no fim alguém sai morto.

MIGUEL Em coisas de coração não há regras. Não é isso, Haroldo ?

HAROLDO É o que eu sempre digo.

MIGUEL Bem, possivel, êsse é o nome de Jôgo. Coisas do coração.

CAUBOI Nunca joguei isso.

MIGUEL Claro que nunca jogou - eu acabei de inventar agora mesmo Dondeca. Coisas de coração é uma combinação de jôgo da Verdade com Assassinato - tem um barato diferente.

ALAN Mig-eu vou embora.(COMEÇA A RIR)

MIGUEL (COMFIRMEZA) Fica aí.

HAROLDO Miguel, deixa ele ir embora.

MIGUEL Ele não esta querendo ir embora coisa nenhuma. Se quisesse já tinha ido a muito tempo-aliás nem teria vindo aqui, pra começo de conversa.

ALAN (SEGURANDO A TESTA) Mig-eu me sinto bem !

MIGUEL (EM TOM BAIXO MAS ARTICULANDO COM PRECISÃO) Meu nome é Miguel. Miguel é como todo me chama. Nunca chame de Mig uma pessoa chamada Miguel. Nós, os Migueis, ficamos muito nervosos quando nos chamam assim. Se não acredita chama outra vez.

ALAN Desculpe. Nem pesso pensar.

MIGUEL Pode. Pode sim. O que voce não pode, não consegue - é sair daqui. É como assistir um desastre horrível - voce não pode olhar mas não pode deixar de olhar.

ALAN Eu...me sinto...tão fraco.

MIGUEL Voce é fraco. Muito mais fraco do que pensa.(PEGA ALAN PELO BRAÇO, LEVA-O ATÉ UMA CADEIRA. DEVAGAR, DELIBERADAMENTE,EMPURRA-O NELA) Agora, vamos lá. Quem vai jogar com Alan e eu ? Todo mundo ?

HAROLDO Não tenho a menor intenção de entrar nisso.

DONALD Nem eu.

MIGUEL Bem, nem toda mundo participa da vida. Tem sempre uma maioria silenciosa que fica no meio fio, espiando.

ARTUR Como é o jogo ?

MIGUEL É simples: gente tem que chamar ao telefone aquela pessoa que a gente realmente pensa que ama acima de tudo.

DOUGLAS Estou fora.

ARTUR Ah, não está não; Tem de jogar.

DOUGLAS Voce deseja muito que eu entre, né ?

ARTUR Claro que sim. Quero muito saber quem voce vai chamar, depois de todas as conversinhas que tenho ouvido ultimamente. Quem voce vai chamar ? Voce vai me chamar ?

MIGUEL (PARA BERNARDO) Como voce diz há, sombras no paraiso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.149

HAROLDO Se não houver, você põe. Confia na habilidade nesse sentido.ENGOLA

DOUGLAS E quem você chamaria? Pensa que eu penso um minuto que seria eu? Pensa que eu penso que um telefonema basta? Você ia ter que ligar pra muita gente! Pelo menos três interrurbanos e só Deus sabe quantos locais.

CAUBOI Que sorte que não sou eu que pago essa conta.

MIGUEL Cala a bôca!

HAROLDO (FINGINDO QUE FALA BAIXO PRO CAUBOI.) Não se preocupe: ' Miguel também não pega.

MIGUEL Bem o jogo é assim,...

ARTUR Eu pensei que não tivesse regras.

MIGUEL Tá certo. Em coisas de coração hnão há regras. Mas tem ' tem um sistéma de pontos. Senão que ganha? (Não há res-' posta. Um tempo). Quem fizer a chamada, ganha um ponto ' Se a pessoa chamada responder, o jogador ganha mais dois pontos. Se a outra pessoa responder, um ponto. Se nin-' guém responder o jogador tá ralado.

DONALD Quem topa essa besteira já está roubado de saída.

HAROLDO É claro, um imbecil sempre se lasca

MIGUEL ... Se a pessoa atender e disser quem é ganha dois pontos. E, grande prêmio, se o jogador disser que ama a pessoa pra quem ligou - ganha um número máximo de pontos -' cinco!

HAROLDO Nojento.

MIGUEL Portanto o jogador pode ganhar um máximo de dez pontos e um mínimo de um.

MIGUEL Ganha quem obtiver maior número de pontos.

LAN Douglas, vamos embora daqui.

DAVI Ora essa! Vocês ouviram essa?

MIGUEL Só vocês dois juntinhos? Os amiguinhos, é? Os chapas, os rapagões... os machões.

DAVI Eu acho que o Artur, pelo menos, devia ser consultado.

BERNARDO Davi.

MIGUEL A governanta fala (CRUZA PRA PAGAR O TELEFONE E O TRAZ PRA JUNTO DO GRUPO) Então, quem joga? Não incluindo o ' Cauboi que, como presente, é neutro. E naturalmente, o v voyeur. (UM TEMPO) Davi ? Bernardo ?

BERNARDO Acho que não estou interessado.

MIGUEL Mas como, Bernardo? E o teu velho espírito esportivo?

BERNARDO Não vejo pôrra nenhuma de esportiva nêsse jogo

HAROLDO É absolutamente odiento.

LAN Artur, vem comigo.

ARTUR Você copreende , Alan. Não posso. Você pode ... mas eu nã

ALAN Por que, Artur? Porque você não pode

DOUGLAS (PARA ARTUR) Se êle não entende, porque você não explica ~~a Explica a êle!!!~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 150

MIGUEL Eu explico.

HAROLDO Tenho o pressentimento de que voce é a pessoa indicada.

MIGUEL Embora eu duvide que faça a menor diferença. Esse tipo se recusa a entender aquilo que não quer aceitar. Rejeita os fatos. Alan pertence decidamente à escola do Avestruz.(UM TEMPO) Alan...Artur e Douglas são amantes. Não são apenas companheiros de quarto, são companheiros de cama. Amantes.

ALAN Miguel.

MIGUEL Nenhum homem tem companheiro de quarto depois dos trinta anos. Enfie o galho, seu !

ARTUR Douglas é quem tem mais de trinta.

MIGUEL Bem, voce é quem está querendo !

ALAN ...Douglas ? (UM TEMPO)

DOUGLAS É Alan. Artur é meu amante.

ALAN Mas...mas... voce é casado.(MIGUEL,ARTUR,DAVI E O CAUBOI) (CAEM NA GARGALHADA)

HAROLDO Acho que voce acabou de dizer uma piada.

MIGUEL Há quanto tempo voces não ouviam essa, hein ? Um homem é casado logo, automaticamente, é um heterosexual.(UM TEMPO) Alan-Douglas atraca dos dois lados com uma grande predileção por um dois dois naturalmente.(UM TEMPO) Agora. Quem faz a primeira ligação ? Davi ?

DAVI Faz voce, Bernardo.

BERNARDO Eu não quero .

DAVI Eu tambem não quero. Não quero mesmo.

DONALD (PRA SI PROPRIO) Não há acidentes.

MIGUEL Eu desejo, então, que, quando voce fôr pra casa, se arrebente no primeiro poste.

DAVI (PARA BERNARDO) Vai. Liga pra Pedro Dahlbeck. Não é quem voce gostaria de chamar ? Liga !

MIGUEL Quel é Pedro Dahlbeck ?

DAVI Um rapaz de Detroit. A mãe de Bernardo é lavadeira da casa dêle desde que Bernardo era menino.

BERNARDO Eu tambem trabalhava pra êles-depois da escola e durante as férias.

DAVI E o patrãozinho ficou sendo pra ele a encarnação do Mito de herói.

BERNARDO Acho que eu gostei dele a minha vida inteira. Mas ele nunca nem siquer percebeu que eu existia. E, alem de tudo, ele é normal.

CAUBOI Quer dizer que nunca aconteceu nada entre voces dois ?

DAVI Ah, um dia, finalmente, aconteceu - na piscina, de noite, depois de uma bruta festa e uma tremenda bebedeira.

ARTUR Com o vinho certo e a música exata muito poucos resistem a curiosidade.

MIGUEL Parece que êsse Dahlbeck tem um bocado de Lady Chatterley, você não acha, Donald ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 151

147/5

DONALD Só que Lady Chanterley não tinha piscina.
BERNARDO ... e depois saimos nadando nus, com as luzes apagadas, só com a luz da lua brilhante na água.
DONALD ... e, se estou bem lembrado, a cabana também não tinha luz elétrica.
BERNARD foi muito bonito.
MIGUEL Que romantico! E aí, na manhã seguinte, você levou café e Alka-Seltzer pra êle numa bandeja.
BERNARD Levei, mas foi a tarde. Me lembro que fiquei a manhã inteira horrorizado com a ideia de ter que olhar pra êle. Mas FINGIU QUE NADA tinha acontecido.
MIGUEL Pôrra, devia estar tão bebado que não se lembrava de nada!
BERNARDO É. Eu fiquei realmente aliviado.
MIGUEL Estranho como isso acontece. Agora, pra ganhar dez pontos liga pra êsse mentiroso! (UM TEMPO. BERNARDO PEGA O TELEFONE? DISCA)
ARTUR Você sabe o número?
BERNARDO Claro. Êle está de nôvo morando em casa. Em Cresse Pointe. acabou de separar da terceira mulher.
(TODOS OBSERVAM BERNARDO ENQUANTO ÊLE COLOCA O RECEPTOR NO OUVIDO, ESPERA. UM TEMPO. ÊLE DESLIGA RÀPIDAMENTE).

DAVI N.R. ou L.O. ?

MIGUED Êle nem deu tempo de eu perceber. (PORÇANDO) Vamos Bernardo, liga de nôvo. Não fica com mêdo. Você tem vontade, você sabe que tem. Vai, liga, bicho. Pega o pretinho aí. põe êsse negócio no ouvido, mete o dedinho nêsses buraquinhos, mata tua sêde. Bebe tua curiosidade. Quê que custa? Quê custa você vai perder?
(UM TEMPO BERNARDO PEGA O TELEFONE, DISCA DE NÔVO. DESTA VEZ DEIXA TOCAR.)

HAROLDO Nojento.

CAUBOI Que é N.R. e L.O. ?

DAVI Língua de telefonista - Não responde e linha ocupada.

BERNARDO ... Alô ?

MIGUEL Um ponto. (EFICIENTEMENTE, TOMA NOTA NO BLOCO)

BERNARDO Quem fala? Oh, madame Dahlbeck?
MIGUEL (TOMA NOTA (:) Um ponto.
BERNARDO ... Aqui é Bernardo - o filho da Francisma ... Como vai a senhora, bem, Bem. Muito bem, obrigado. Madame Dahlbeck... eu Pedro... está ?
Oh. Ah. Sim, compreendo.
MIGUEL SACODE A CABEÇA) Shhiiiiii...
BERNARDO ...Ah, não. Não é nada importante, não. Eu só queria... dizer a êle ... que... Eu queria que êle soubesse... que... eu... eu...
MIGEUL (FAZENDO O PONTO COM CONVICÇÃO A FIM DE ARRANCAR O QUE QUER Eu o amo. Que eu sempre o amei
BERNARDO ... que eu fiquei muito triste em saber queêle se separou.
MIGUEL Zero ! Zero !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0316, p. 152

BERNARDO ... mamãe me escreveu. Foi. É . Senti muito, sim. Bem. A senhora, por favor, fala com êle que eu telefonei e disse isso. É, que estou muito triste, muito triste em saber.. e que gostaria muito que... que tudo pudesse se resolver da melhor maneira. Sim.Sim senhora. Bôa noite. (DESLIGA LENTAMENTE. MIGUEL TRAÇA UMA LINHA DECIDIDA NO BLOCO, FAZ UM PONTO FINAL.)

MIGUEL Total - dois pontos. Péssimo. O próximo. (ARRANCA O TELEFONE DAS MÃOS DE BERNARDO, EMPURRA-O NAS MÃOS DE DAVI).

DAVI Você está bem, Bernardo ?

BERNARDO (QUASE PARA SI PRÓPRIO) Por que é que eu liguei? Por que é que eu fiz isso ?

ARTUR Onde é que êle estava ?

BERNARDO Saiu com uma amiga..

MIGUEL Vamos, Davi. Não faz dôce. (DAVI PEGA O TELEFONE, LIGA PARA INFORMAÇÕES. UM TEMPO)

DAVI Por favor, eu queria o número - no Bronx - de um senhor Délbert Betts.

ARTUR Um senhor Dalbert Betts! Quantos será que tem?

BERNARDO Ah, pra quê que eu fui chamar? Eu não devia ter feito isso!

DAVI Não o número da residência, por favor. (ABANA A MÃO PARA MIGUEL, pedindo o lápis. Miguel dá o lápis. Êle escreve na caixa do telefone, de plástico branco) obrigada. UM TEMPO. E ÊLE, INDIGNADO, BATE COM O TELEFONE) Êsse serviço de informações sempre chama de madame!

ARTUR Quem manda você dizer obrigada ?

MIGUEL E vê se não mesuja o telefone todo. (ARRANCA O LÁPIS DAS MÃOS DE DAVI)

DAVI Isso sai com um pouco de cuspe.

MIGUEL Você usa teu cuspe pra tanta coisa.

ARTUR Quem é êsse Delbert Betts ?

DAVI É a pessoa. A pessoa que eu sempre amei na vida.(A MIGUEL) Não foi isso que você disse pra mim ligar ?

MIGUEL Isso mesmo,Davi.

ARTUR Como é que você gosta de um cara com êsse nome ?

MIGUEL É mesmo, Davi, como é que você pode gostar de alguém com êsse nome? Já pensou num cartão de visitas com êsse nome ? Você não acha horrível, Alan ? (MIGUEL DÁ UMA PALMADA NO OMBRO DE ALAN. ALAN FICA EM SILÊNCIO; MIGUEL DÁ UMA RISADINHA ABAFADA)

DAVI Eu concordo que o nome não é bom - mas o dono é uma lindeza. Pelo menos era, no Colégio. É verdade que eu não o vejo desde que terminou o Secundário, e êle era sete anos mais velho do que eu.

MIGUEL Putz! É melhor você ligar depressa pra pegar êle antes de entrar na côva.

DAVI Eu gostei dêle a primeira vez em que vi eu estava no quinto ano, êle já estava terminado o curso. Eu continuei no secundário, êle foi pra Universidade, se formou em Odontologia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 153

MIGUEL (COM DESGOSTO DE QUEM NÃO QUER ACREDITAR NO QUE OUVE) Um dentista!

DAVI Um dentista, ó, Delbert Betts, doutor em bôca aberta, com um consultório num edifício bancário.

HAROLDO E aí, naturalmente, você mandou arrancar todos os dentes' da boquinha só pra dar pra êle.

DAVI Não. Só mandei limpar os dentes. (DONALD BEM DO BAR COM ' DOIS DRINQUES).

BERNARDO (PRA SI PRÓPRIO) Oh, eu não devia ter chamado.

MIGUEL Quer calar a bôca, Bernardo? Ou pelo menos, muda tua fossa de paisagem. Vai: MIGUEL APONTA O DEDO PRA ESCADA. BERNARDO PEGA A GARRAFA DE VINHO, O COPO, E VAI PRA ESCADA, ENCHENDO O COPO ENQUANTO ANDA)

DAVI Me lembro que não conseguia tirar os olhos dêle enquanto ' êle me tratava. E precisa me conter pra não chupar os de-' dos dêle.

ARTUR Sonhando, naturalmente, que êle era um dedo duro.

HAROLDO Confissão relamente estontoante.

MIGUEL Decátlo fálico.

HAROLDO Não estou brincando - me deixa... (GESTO COM AS MÃOS INDICANDO TONTEIRA. DONALD LEVA UM DOS DRINQUES ALAN. ALAN PEGA O COPO, BEBE TUDO)

MIGUEL (REFERINDO-SE A DONALD) Sara Samaritana.

DAVI Disse a êle que queria limpar os dentes pra Festa de formatura, Era eu quem estava encarregado da decoração. Expliquei que tinha escolhido um tema celestial, que estava' cortando estrelas de folhas de flandres e fazendo nuvens' com tela de galinheiroe malacachota. (UM TEMPO) Êle não ' podia ter ficado menos interessado.

CAUBOI No natal me cobriram o corpo com malacachota pra eu entrar de anjo nú numa festinha de embalo. Puxa, sou, depois levou horas pra malacachota desgrudar, sobretudo dos cabelos.

DAVI ... Eu contei a êle que eu ia queimar incenso em vários ' potes pro salão ficar todo cheio de fumaça branca e as ' pessoas terem a sensação de estar no céu - eu tinha visto isso num filme da Rita Haywoeth chamado - não me lembro ' o nome.

MIGUEL ... o filme se chamava Além do horizonte. Qualquer garota sabe.

CAUBOI ... E, Além disso, a malacachota fez um milhão de corte-' zinhos nos meus dedos. Rapaz como picava! Você já imaginou se aquele negócio no meu... (MIGUEL, NUM CIRCULO, SE APROXIMA AMEAÇADORAMENTE) Eu fico quieto.

DAVI Êle estava noivo duma garota burra e bunduda chamada Lorai ne, Vocês precisavam conhecer ora a mae dela: realmente ' uma superbabaca.

MIGUEL Não divaga.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.154

DAVI — O negocio é que eu estava liquidado. Numa embrulhada total. Não comia, não dormia, não conseguia ficar em pé, nem sentado nem deitado, nada. Mal conseguia cortar as estrelas e acabar as nuvens pra festa. Então resolvi ligar pra ele e perguntei se podia me encontrar com ele sózinho.

HAROLDO — Em matéria de tática eu já ví mulheres. (DONALD OLHA ALAN. ALAN AFASTA O OLHAR).

DAVI — Respondeu que estava bem, pra mim ir na casa dele. Eu estava tão nervoso que minhas mãos tremiam. Pensei que ia ficar sem voz. Dessa vez nem tive coragem de olhar pra ele- fitei um ponto qualquer no espaço e cuspi tudo que eu queria. Disse a ele...que eu queria ser amigo dele. Disse que nunca tinha tido um amigo com quem pudesse conversar francamente, confiar, contar tudo. Perguntei se ele queria ser esse amigo.

CAUBOI — Hiiii. Está roubado !

MIGUEL — Shhhhhhh !

BERNARDO — E que foi que ele disse ?

DAVI — Disse que teria muito prazer em ser meu amigo. Que sempre que eu quizesse falar com êle era só chamar. Apertou a minha mão tremula, suada, e eu fui embora, pisando nas nuvens.

MIGUEL — De tela de galinheiro e malacacheta.

DAVID — No dia seguinte eu comprei um isqueiro folheado a ouro, mandei gravar as iniciais dêle e escrevi um cartão dizendo: De seu amigo, Davi ."

HAROLDO — Coronel, aos dezessete anos !

CAUBOI — Êpa. E já mandado presente com cartão.

DAVI — ....mas aí, na noite da festa, eu descobri...

BERNARDO — Descobriu o que ?

DAVI — Quando passei pelo salão ouvi risadinhas de duas garotas minhas conhecidas. Estavam atraz de duas horrendas colunas gregas de cartão, que eu tinha pedido emprestado numa loja em frente. Eu tinha comprado quilometros de algodãozinho e envolvido as colunas de tal forma que ficaram até parecendo gregas de verdade. Ah, Mary, pra certos improvisos de beleza só bicha mesmo.

MIGUEL — Mas não divulga !

DAVI — A gareta que estava contando a historia disse que a mãe dela é quem tinha contado. Quem tinha contado a mãe dela tinha sido a mãe de Loraine. Quer dizer, Delbert tinha contado tudo a Loraine; minha visita, meu presente e a bunduda logo espalhou pra todo mundo. Porque, na festa, todo mundo ria de mim, fazendo piadas. Até as velhotas riam, comentando que eu era tarado pelo Doutor Delbert Botts e tinha implorado a êle pra ser meu amigo. (UM TEMPO) O que eles não sabiam é que eu estava apaixonado. E que continuaria apaixonado anos depois deles todos terem esquecido de que é que tinham rido. (PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 155

HAROLDO Bem, o que eu gostaria de tomar agora era uma bôa injeção de isulina.

MIGUEL Liga pra êle.

BERNARDO Não liga, Davi.

MIGUEL Desde quando você manda nêle ?

DAVI (PARA BERNARDO) Que me interessa - tou perdido mesmo ' Faça qualquer coisa. Faça e repito.

BERNARDO Por favor!

MIGUEL Eu disse pra ligar.

BERNARDO Não obedece, Davi! Você vai se arrepender. Te dou minha palavra

DAVI Que é que eu tenho a perder ?

BERNARDO A tua dignidade. É isso que você tem a perder.

MIGUEL E pronto! acabamos de ouvir o presidente da comissão dos Direitos do Homem. Dá prazer ouvir você querendo salvar' a dignidade dêle. Mas permite que ele o degrade o tempo' todo, esmagando você até a morte, tratando-o como um miserável Pai Tomá.

BERNARDO Êle pode fazer isso, Miguel. Eu posso.Mas você, não!

MIGUEL Uê, porque essa discriminação ?

BERNARDO Eu não gosto quando êle faz isso e não gosto quando eu próprio faço mas ajo assim comigo mesmo e deixo que êle' aja assim,. Deixo porque sei que é a única que faz com ' que se sinta meu igual, Nós dois saimos do mesmo lado do atoleiro, comemos da mesma banda pôdre - mas eu tenho ' uma porrada de coisas mais de que êle - o Davi sabe disso. Deixo que êle me trate como um pai Tomas porque é a única maneira dêle não se sentir completamente derrotado.

MIGUEL Uma senhora consideração:

BERNARDO É a maneira dele se defender. Você também tem a sua, Miguel.Mas ela é indescritível. (DAVI SILENCIOSAMENTE LAMBE O DEDO E COMEÇA A LIMPAR A CAIXA DE TELEFONE)

MIGUEL PRA BERNARDO) Quer servir uma piadinha de salão de extremo sul liberal? Voce sabe porque os negros tem os beiços tão grandes? É porque vivem o tempo todo: " Me dáááááá. (ATENÇÃO. A COISA AQUI É TOTALMENTE INTRADUZÍVEL. DEPENDE DO ATOR DIZER A FRASE COM UM JEITO BEM DESAGRADÁVEL A FIM DE DAR A CONOTAÇÃO CAIPORDA, REACIONARIA, DE MIGUEL' NÊSSE MOMENTO N.T.)

(SOM QUE ÊLE FAZ COM OS LÁBIOS É EXATAMENTE, CHEIO DE ' TÉDIO E PREGUIÇA, ENQUANTO ARRASTA OS PÉS PELO APOSENTO)

DONALD Pôrra, Miguel!

MIGUEL (Tenta arrancar o telefone de Davi) Eu posso muito bem' prescindir do seu cuspe no meu telefone, boneca covarde.

DAVI Eu posso ser boneca mas não sou covarde. (COMEÇA A DISCAR)Bernardo, me perdoa. Sinto muito. Nunca mais vou te dizer essas coisas. (MIGUEL OLHA, TRIUNFANTE, BERNARDO ENCHE OUTRO COPO DE VINHO UM TEMPO) L.O.

MIGUEL Ocupado?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, v.157

DAVI (DAVI ACENA QUE SIM) Provavelmente Loraine está falando com a mãe dela. Ah, sim, Delbert casou com Loraine.

ARTUR A bunduda.

MIGUEL Lamento mas você tem que dar a vez. Não podemos esperar. (VE GA O TELEFONE, ENTREGA A ARTUR, QUE COMEÇA A DISCAR)

HAROLDO (PARA ARTUR) Não perde tempo.

DOUGLAS Quem você esta chamando.?

ARTUR Carlitos. DAVI SE DEVANTA, ARRANCA O TELEFONE DAS MÃOS DE ARTUR)

DAVI Eu me recuso a dar minha vez! É minha vez e eu quero ela!

MIGUEL Isso é que é, Davi! Duro nêle - luta pela causa ! Liga essa pôrrra e chama às fala. Eu quero um grande final!

DAVI Oh, meu Deus, acho que estou bêbado.

MUGUEL Um viado-fresco- tricha numa água de cair pelas tabelas.

HAROLDO O rotb falando de esfarrapado!

MIGUEL (CORTANDO HAROLDO, FEROZ) Bebado não senhor. Eu não estou ' bêbado! Você não pode dizer que estou bêbado! Estou ?

DONALD Eu estou.

DAVI Eu também. Eu sou um bêbado invertebrado.

MIGUEL (PRA DAVI) Cala a bôca e disca.

DAVI (DISCANDO) Eu sou o maior bêbado invertebrado daqui e da ' Indo-China. Está tocando. Não está mais ocupado, Alô ?

MIGUEL (TOMANDO NOTA) Um ponto.

DAVI Quem está falando? Quem?... Dr. Delbert Betts?

MIGUEL Dois pontos.

DAVI Oh, Del, é você mesmo? Ah, ninguém. Você não me conhece. Vo cê não se lembra mais de mim. Eu sou... apenas um velho ami go. Um velho amigo de guerra, bêbado de cair pelas tabelas' Alô? Alô? Alô? (BAIXA O FONE) Desligou. (COLOCA O FONE NO ' GANCHO)

MIGUEL Total de três pontos. Você está na frente.

DAVI Disse que eu devia estar na festa errada. (BERNARDO SE LE+' VANTA, VAI A COZINHA)

HAROLDO E tem razão. Nós todos estamos na festa errada. Deviamos ' estar noutra.

DAVI Mas é tua festa Dodô. Você está se divertindo?

HAROLDO As pampas. E você ? Está se divertindo, Davi? Está se di-' vertindo tanto quanto queria? (ARTUR PEGA O TELEFONE)

MIGUEL Se você está se chateando, Haroldo, nós podemos cantar de ' nôvo o Barabens pra você em idiche.

HAROLDO (PEGA OUTRO CIGARRO) Nem por todo o chá da China. (ACENDE O CIGARRO)

DOUGLAS É minha vez agora.

ARTUR É minha vez de chamar Carlitos.

DOUGLAS Não. Deixa eu.

ARTUR Você vai chamar Carlitos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.157

MIGUEL O jogo está três a dois. Davi ganhando.

LAN Não faz isso. Douglas. Você não vê - Bernardo tem razão.

DOUGLAS (COM FIRMEZA) Eu quero. (UM TEMPO. ESTENDE A MÃO PEDINDO O TELEFONE) Artur! (UM TEMPO)

ARTUR (DÁ O TELEFONE A ÊLE) Voce manda, não pode.

CAUBOI (PRA ARTUR) Êle vai chamar o Carlitos pra você? (Artur ' Cai na Gargalhada. Douglas começa a discar).

ARTUR Carlitos é todo mundo com quem eu engano Douglas.

DONALD E todo mundo com que.

MIGUEL O padeiro, o leiteiro, o açougueiro, o agenta funerário.

ARTUR Errado! Eu amo todos êles! O que Douglas se recusa entender é que eu tenho que ter todos êles. Eu não do tipo que casa pra sempre. Nunca vou ver.

HAROLDO Cigana!

ARTUR Quem você está chamando?

DOUGLAS Está com ciúmes?

ARTUR E um pouquinho, também.

ARTUR Está chamando quem?

MIGUEL Nunca te ocorreu que Douglas pode estarr te passando pra trás tanto quanto você passa êle?

ARTUR Taí uma coisa que eu gostaria. A vida ia ser muito mais' fácil. Quem é que você está chamando?

HAROLDO Seja quem fôr não está muito perto do telefone.

DOUGLAS Alô?

CAUBOI Deve estar na banheira.

MIGUEL (PRO CAUBOI) Pro canto! (CAUBOI VAI PRUM CANTO DISTANTE, SE SENTA, BERNARDO ENTRA, ABRINDO A OUTRA GARRAFA DE VINHO, MIGUEL TOMA NOTA. Um ponto.

DOUGLAS ... eu queria deixar um recado.

MIGUEL Não está em casa.. Zero.

DOUGLAS Por favor, diz a ele que Douglas telefonou. Sim. Oh, bôa noite muito bem, ôbrigado.

ARTUR Quem é pô ?

DOUGLAS ... É isso mesmo. O recado é pro meu companheiro de quarto, Artur. É só pra dizer que eu chamei e...

ARTUR É o nosso serviço telefonico.

DOUGLAS ... e disse que eu amo.

MIGUEL Cinco pontos! Você disse! Ganhou um tremendo cinco! Disse!

ALAN Douglas! Douglas!... Você está maluco ?

DOUGLAS Não. É isso mesmo. Você ouviu direito. Foi o que eu disse. o recado é pro Artur e é mesmo. Pôe aí, Douglas. Exatamente como eu disse: " Eu o amo". Obrigado. (DESLIGA)

MIGUEL Sete pontos no total! Douglas, você está na frente, garôto. disparado na frente dos outros!

LAN Por que?... Oh, Douglas, por que? Porque você fêz isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P. 158

DOUGLAS Porque eu ø amo êle. E não importa quem saiba.
LAN Não diga isso.
DOUGLAS Por que não? É a verdade.
ALAN Não posso te acreditar.
DOUGLAS (DIRETAMENTE PARA ALAN) Deixei minha mulher e meus filhos pra viver com Artur.
ALAN Eu realmente não estou interessado em ouvir isso.
MIGUEL Claro que está. Continue Douglazinho, fala mais.
ALAN Não! Não quero ouvir isso. É repugnante! (UM TEMPO)
DOUGLAS Tem homens que fazem isso por uma mulher.
LAN Bem, isso eu pêsso compreender. Isso é normal.
DOUGLAS Mas nem sempre a coisa funciona dêsse modo, Alan. Por mais que a gente queira. E, Deus é testemunha, ninguém quis mais do que eu. Com tôda a sinceridade eu acho que estava apaixonado pela minha mulher, quando casei com ela. Não pense que estava forçando, que estava tentando prover alguma coisa pra mim mesmo. Eu a amava e ela me amava. Mas... mas tinha aquela - alguma coisa lá dentro...
DONALD Você quer dizer tua atração pelo teu proprio sexo.
DOUGLAS É.
ALAN Sempre?
DOUGLAS Não sei. Acho que sim.
DAVI Eu sabia o que eu era, desde os quatro anos de idade.
MIGUEL De você todo mundo sempre soube, Davi.
DONALD Eu também sempre soube o que eu era.
DOUGLAS Eu não. Nem sei o momento em que resolvi admitir pra mim' mesmo. Durante muito tempo eu fingia que era outra coisa ou negava tudo completamente.
MIGUEL Pôrra, como eu bebi ontem a noite!
DOUGLAS Mas chegou a hora em que pura e simplesmente não podia mais mentir pra mim mesmo... Acho que a primeira vez foi quando' minha mulher estava gravida do segundo filho. Nós moravamos em New Haven, no campo. Ela e os meninos ainda moram lá. ' Bem, quero dizer, havia um congresso de professores aqui em N. York. Ela achou que não estava passando bem, preferiu não vir, e eu vim sòzinho. E naquele dia, no trem, comecei a pensar. Durante tôda a viagem não pensei em mais nada. E quinze minutos depois do trem chegar eu tinha pegado um cara ' no mictório da Estação.
ALAN (SUAVEMENTE) Deus do céu!
DOUGLAS Eu nunca tinha feito nada semelhantes em tôda a minha vida, e estava mortalmente apavorado. Mas, por sorte, êle era uma pessoa muito delicada. Nunca mais o vi e, é engraçado, não consigo nem mesmo lembrar o nome dêle. (UM TEMPO) O fato é que, depois disso... a coisa foi ficando fácil.
HAROLDO A prática tráz a perfeição.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 037 62/ v. 159

DOUGLAS E então... algum tempo depois... não muito tempo, Artur estava em New Haven, nós encontramos numa festa em que' tinha ido com minha mulher...

DAVI E aí começaram as encrencas de verdade.

DOUGLAS Isso foi à dois anos.

ARTUR Eu não sei porque sempre me dão o papel de vilão do filme. Quando não dizem que eu sou um estraga-lares, dizem que ' sou um filho de égua com quem é impossível conviver!

HAROLDO A culpa se transformar em hostilidade. Tá certo. Miguel, ' Miguel?

MIGUEL Vai catar cravos na cara com as tuas pinças, vai.

ARTUR Estou cheio até os grogomilos com todo mundo, com tanta pe ninha do garotinho seduzido. (SE REFERINDO A DOUGLAS).

DAVI Ah, Artur, todo mundo sabe que você é uma madame Bovary ' dos pobres.

ARTUR Nunca prometi nada a ninguém. Nem vou prometer. Tenho o di reitode levar a vida sexual que bem entendo, sem dar satis fação a ninguém incluindo Douglas! E se as condições não ' interessam anh, adeus filhinho ! Relações multiplas é uma' condição básica da minha maneira de ser.

DAVI Você pode muito bem ser bicha sem ser devassa,

ARTUR Quando eu digo minha maneira de ser não estou me referindo a ser ou não ser bicha. Estou falando apenas do meu apeti- te sexual. E não me considero um devasso. Davi, você é a pessoa mais promiscua que eu já conheci.

DAVI Eu não sou promiscuo coisa nenhuma! Absolutamente!

MIGUEL Não foi você quem escolheu, Davi, É um desígnio. Uma condi ção por quem alguem haveria de querer ir pra cama mais de' uma vez com uma bestinha de um viadinho como você ?

BERNARDO Miguel!

MIGUEL (PRA DAVI) Me diz, alguém já te passou uma cantada? Me diz Olha aqui, meu filho, é preciso ter coragem! Só mesmo um ' fugitivo do Instituto Brasileiro.

BERNARDO (PRA DAVI) Por você permite que êle fale assim com você?

HAROLDO A beleza física não é tudo.

MIGUEL Muito bem, Quasímodo!

ARTUR As vezes acho que estou casado com a Gestapo. Nem pesso ' respirar porque logo começa o interrogatório para saber o que é que eu estou respirando.

MIGUEL Artur, é a tua vez de ligar.

ARTUR Eu não posso aceitar a fórmula do desejamos-fieis-e-não-olhemos-nunca-mais-pra-nenhuma-outra-pessoa. Não funciona Se a pessoa quer prometer isso, que se dane. Prometa e ' cumpra. Ou não cumpra, o problema é da pessoa. Mas, comigo, se me obrigam a isso, pôrra-pra mim nada termina uma rela- ção mais depressa do que ter que prometer, prometer.

HAROLDO O meu reino po um Vagostenil. Um líbrium mesmo serve.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 160

BERNARDO (AGORA COMPLETAMENTE DE PORRE) É, liberdade, meu bem! LI-BER-DA-DE!

ARTUR A gente tem que ter! De outra maneira não funciona. Quem jura fidelidade eterna está mentindo. Pelo menos a maior parte das pessoas está. Noventa por cento. Se enganam mutuamente o tempo todo e mantém, mantém o tempo todo. Lamento muito mas não sou assim e nem vou ser. Isso deixa' Douglas desesperado.

DOUGLAS São os tais dez por cento.

ARTUR A única maneira de manter a coisa é procurando ter o máximo de compreensão.

DOUGLAS Eu tenho procurado. Eu tenho.

ARTUR Ah com essa!

DOUGLAS Eu concordei com o acôrdo.

ARTUR Teu acôrdo.

MIGUEL Que acôrdo?

ARTUR Um ménage.

HAROLDO Acôrdo entre amantes.

ARTUR Olha, conheço uma porção de gente que acha que êssa é a solução. Não consideram isso enganar. Mas não é o meu estilo.

DOUGLAS Bom, se há alguém que não queria era eu.

ARTUR Então quem é que queria?

DOUGLAS Foi um... compromisso.

ARTUR Exatamente.

DOUGLAS E você aceitou.

ARTUR Eu não aceitei coisa nenhuma. Você inventou o compromisso e me informou qu eu estava de acôrdo.

CAUBOI Eu não entendo nada. Que é uma mé... móne...

MIGUEL Mênage a treis, meu anjo. Dois é bom - três é melhor.

CAUBOI Ahhhhh!

DOUGLAS Pra algum funciona.

ARTUR Bom, eu não topo grupo-terapia. Lamento muito mas dessa ' maneira não consigo relacionar com ninguém nem coisa al-' guma. Sou quadradadão - gosto de muitos mas de um/ de cada vez!

MIGUEL (PRA ARTUR) Você gostou de Donald como uma atração... unilateral ? (PAUSE)

ARTUR Gostei. Isso mesmo.

DONALD Eu também, Artur.

ARTUR (PARA DONALD. REFERINDO-SE A MIGUEL) você disse a êle?

DONALD Não.

MIGUEL Ficou perfeitamente óbvio assim que você entrou. Aquela ' frescura na base de Strangers in the night: já nos vimos mas nunca nos encontramos?

DONALD Hmm: É verdade. Nós nos vimos na sauna e fomos pra cama juntos mas nunca trocamos uma palavra. Nem sabíamos o nome um do outro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 161

DAVI Vocês tem mais sorte do que eu. Quando não vou presso o meu boneco na hora de ir embora, me diz que está com ' hepatite.

MIGUEL Na primavera as abelhas chupam as flores em busca de ' outros amores. O jovem fresco procura o fresco jovem.

ARTUR (PRA DOUGLAS) Não fica me olhando assim. Você passou a noite inteira brincando de esconde-esconde aí com o ' entendido.

DONALD Acho que êle só queria te mostrar que o que é bom pro' pau e bom pras costas.

DOUGLAS Exatamente.

ARTUR (PRA DOUGLAS) O que eu acho é que você adoraria se nós três fossemos curtir juntos.

DOUGLAS Pelo menos seria juntos.

ARTUR A sutileza me escapa.

DOUGLAS Estou sendo compreensivo. Que compreenção maior você ' espera?

ARTUR Espero respeito - pela liberdade de ambos. Sem necessidade de mentir nem fingir. Do meu próprio geito, Douglas eu também te amo mas voce tem que entender que embora eu queira continuar vevendo com você, de vez em quando tem que haver outros. Não quero te esfregar isso na cara. Se acontecer, eu não vou nem mencionar. Mas se você perguntar, eu digo. Não quero te machucar, te ferir, mas não vou sentir quando você me perguntar uma coisa tão séria.

BERNARDO Êle marcou pontos.

MIGUEL O que?

BERNARDO Êle disse a frase. Êle disse: Eu te amo: pro Artur. Marcou pontos, sim senhor.

MIGUEL Mas não foi no telefone.

DONALD Mas falou, ora! Só não usou o telefone.

MIGUEL Pois é: o jogo é no telefone. Não ganha ponto nenhum.

BERNARDO Ganha cinco, sim senhor!

MIGUEL Não usou o telefone. Portanto não ganha coisa nenhuma! (ARTUR VAI AO TELEFONE, LEVANTA O FONE, OLHA O NÚMERO' DA SEGUNDA LINHA, DISCA. O TELEFONE TOCA.)

ARTUR É pra você Douglas. Não vai em atender? (O TELEFONE ' CONTINUA A TOCAR) (DOUGLAS SE LEVANTA, SOBE A ESCADA ATÉ O QUARTO. PAUSA ÊLE APERTA O BOTÃO DA LINHA INTERNA, PEGA O FONE. EM BAIXO TODO MUNDO ESTÁ EM SILÊNCIO)

DOUGLAS Alô?

BERNARDO Um ponto.

ARTUR Alô, Douglas

BERNARDO Dois pontos.

ARTUR Aqui é Artur.

BERNARDO Mais dois pontos

ARTUR Não sei o que isso vale, Douglas, mas eu te amo.

BERNARDO Cinco pontos!

DOUGLAS Aquilo... olha, eeeeuuuu... Eu vou tentar.

ARTUR Eu também. (AMBOS DESLIGAM. ARTUR PRIMEIRO)

BERNARDO Total-dez pontos! dez!

DAVI Artur é o vencedor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.162

HAROLDO (CONTINUA)

Nós pisamos bem mansinhos, porque jogamos muito bem o jogo um do outro. Muito bem! Oh como conheço êsse jogo que você está jogando. E como sei jogar. Você também. Você joga admiravelmente, mas quer saber de uma coisa? tudo somado eu ainda sou mais eu. Posso derrotar você. De modo que é melhor não me provocar. Estou te avisando. (UMA PAUSA MIGUEL COMEÇA A RIR)

MIGUEL Você é engraçado, Dodô. Você é de matar de rir. Não é engraçado Alan? Ou, comovocê diria, é jocoso. Você já viu uma boneca mais jocosa? Ou você prefere, prefere, pederasta em vez de boneca? Foi assim que você chamou Davi, não foi? Um pederastra! Um invertido. Minha! que vocabulario borocochô o teu! Sabe que eu fiquei esperando você dizer sedomita? (UM TEMPO) Eu acho melhor você me contratar pra te atualizar. Por exemplo, não é muito novo, mas talvez você não saiba (UM TEMPO) Você sabe o que é que quer dizer Rainha dos ~~Cretex~~ Croquetes? Escoñder? Bôlha me diz aí - o que é um Croquete?

DAVI Não faz isso, Miguel. Que adianta você estar dizendo essas coisas?

MIGUEL Você tem razãõ. Êle sabe. Êle sabe muitíssimo bem o que é uma Rainha dos Croquetes. Não sabe, Alan? (PAUSA)

ALAN Miguel, se você está insinuando que eu sou um homosexual, só posso te dizer que está enganado.

MIGUEL Estou? (UM TEMPO) E Justino Stuart, Miguel?

ALAN Que é que tem Justino Stuart, Miguel?

MIGUEL O que é que tem é que você amava êle (UM TEMPO) E é êle quem você vai chamar.

ALAN Justino e eu eramos excelentes amigos. É tudo. Desgraçadamente tivemos uma divergência e nossa amizade acabou. Há anos que não nos falamos. É evidente que eu não vou chamalo.

MIGUEL Mas, segundo Justino, essa amizade era bem calorosa.

ALAN Que é que vocêr quer dizer com isso?

MIGUEL Que você dormiu com êle na Universidade. Varias vezes.

ALAN Isso não é verdade!

MIGUEL Varias vezes! Uma vez, é a juventude. Duas vezes, pode ser uma fase. Varias vezes você gosta!

ALAN Não é verdade!

MIGUEL É verdade! Porque Justino Stuart e homosexual. De vez em quando vem a N. York. E me telefona. Artur foi com êle uma vez. Eu dormi com êle. E êle me contou tudo a teu respeito

ALAN Então só te contou mentira. (UM TEMPO)

MIGUEL Você tinha obseção por Justino. S'falava nêle, de manhã, de tarde, de noite. Hoje com Douglas você começou a cair na mesma chave!. Que homem atraente êle é e tôda essa merda transparente.

LAN Você gostaria de se juntar a êle e Artur lá em cima?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.163

ALAN Eu disse que ele é atraente. Ponto.

MIGUEL Quantas vezes voce tem que repetir isso ? Quantas vezes teve que dizer, falando de Justino, que bom tenista ele é, que excelente dançarino ele é, que corpo bonito o dêle, que bom gosto ele tem, como ele é brilhante, meu Deus, ah, é o sujeito mais divertido que eu conheço, puxa as garotas todas são loucas por ele e, naturalmente, nós somos os melhores amigos do mundo."

ALAN Nós...nós...eramos...realmente, muito bons amigos...excelentes, mesmo...Só isso !

MIGUEL Era evidente-E quando voce se compartava dessa maneira na frente de Laura, então era constrangedor. Até ela deve ter tido dúvidas a teu respeito.

ALAN Justino...mentiu. Se disse isso... mentiu. É uma mentira. Uma mentira infame. Agora ele é capaz de inventar qualquer coisa a meu respeito pra... se defender. Nunca vai engulir o fato de que fui eu quem o abandonei. Mas fui obrigado. Que é que eu podia fazer ? Ele me contou...contou tudo que ele era... e o que sentia. Confessou que queria ser meu amante. E eu... eu...respondi que aquilo tudo me enojava...que o maximo que podia sentir, era uma imensa pena dele.(UM TEMPO)

MIGUEL Voce acabou com a amizade, Alan, porque não podia encarar a verdade a seu proprio respeito. Ainda estaria dormindo com Justino se ele continuasse a mentir pra si mesmo, e voce tambem pudesse se enganar. Se pudessem continuar a ter namoradas, usar o rótulo de homens, e repetir que eram apenas exelentes amigos. Mas Justino sentiu que tinha que ser honesto, viver a verdade, e voce não aguentou a barra. Preferiu destruir a amizade e o amigo. (MIGUEL VAI ATÉ A MESA E PEGA UM CADERNO DE ENDEREÇOS.)

ALAN Não faz isso.

MIGUEL Justino nunca entendeu o que tinha feito pra voce romper com êle de maneira tão brutal. E punha a culpa em si proprio:

ALAN Não É verdade.

MIGUEL Até que, aos poucos, foi descobrindo quem era e o que era.

ALAN Não é verdade.

MIGUEL Mas até hoje não esqueceu o que voce me fez-conserva-as cicatrizes.(COLOCA O LIVRINHO NA FRENTE DE ALAN, NA MESA DO CAFÉ)

ALAN Não.

MIGUEL Pega esse telefone e chama Justino. Fala com ele, pede desculpas, e diz a ele o que voce devia ter dito há doze anos atrás. (PEGA O TELEFONE, EMPURRA-O PARA ALAN)

ALAN Não ! Ele mentiu ! Nem uma palavra é verdade !

MIGUEL Chama ele ! (ALAN NÃO QUER PEGAR O TELEFONE.) Então está bem: eu chamo !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 164

160/9

HAROLDO Você é tão prestativo. (MIGUEL COMEÇA A DISCAR)

ALAN Me dá aqui. (MIGUEL PASSA O FONE PARA ALAN. ALAN PEGA O FONE) DESLIGA UM INSTANTE, LEVANTA O FONE OUTRA VEZ, COMEÇA A DISCAR, LEVANTA O FONE AO OUVIDO)... Alô?

MIGUEL Um ponto.

ALAN ... Alô é Alan.

MIGUEL Dois pontos.

ALAN ... é Sou eu mesmo.

MIGUEL É Justino?

ALAN Eu sei que é uma surpresa.

MIGUEL Pudera não! Depois de dez anos. Mais dos pontos.

ALAN Eu... eu estou em N. York. É. Eu... não posso explicar Eu... só chamei pra te dizer... que ... (PAUSA) Corte

MIGUEL Que eu te amo, pôra' Eu te amo!

ALAN Eu te amo.

MIGUEL Ganhou o páreo. Total de dez pontos! Bateu todo mundo.

ALAN Eu te amo muito e quero que você me perdoe.

MIGUEL Me dá isso! (ARRANCA O TELEFONE DA MÃO DE ALAN) Justino!Você ouviu bem o que êsse filho de vaca disse? (UM' TEMPO) Não, claro que eu sabia que era você. (UM TEMPO) Como vai você, Laura? muito bem, obrigado. É. Sim. Êle me contou tudo. Ora, não tem o que agradecer, Laura. ' Por favor... por favor... (UM TEMPO) Eu... Eu vou chamar êle de novo. (UM TEMPO) Um beijo nas crianças.

ALAN Meu bem? Eu vou pegar o primeiro avião que puder. Está. Me desculpa também. Eu te amo muito. (DESLIGA, FICA EMPERTIGADO VAI ATÉ A PORTA, PARA, SE VIRA, E EXAMINA O GRUPO) Obrigado, ~~VAIXATÉXAXPORTAXXPARAXSEXVIRAX~~ Miguel.' (ABRE A PORTA E SAI. SILÊNCIO. MIGEUL, SEM DIZER NADA ' MERGULHA VAGAROSAMENTE NO SOFA, COBRE O ROSTO. (PAUSA)

CAUBOI Quem ganhou?

DONALD O jogo foi anulado. (HAROLDO VAI ATÉ MIGUEL)

HAROLDO (CALMA, FRIA, CLINICAMENTE) Agora é a minha vez. E você esteja preparado eu não, escuta Miguel. (UM TEMPO) Você é um homem triste e patético. Você é homosexual e não ' quer ser. Mas não há nada que você possa fazer pra mudar isso. Nem tôdas as rezas do mundo, nem compre tôdas as analises de todos os analistas durante todos os anos que lhe restam de vida. Pode ~~atxe~~ até acontecer que um dia ' consiga viver uma vida heterosexual. Se tentar desesperadamente, se empregar nisso o mesmo fevor que emprega para destruir os outros. Mas você sempre será homosexual ' também, Miguel. Sempre. Sempre. Até morrer. (SE VIRA, ' JUNTA OS PRESENTES, VAI ATÉ DAVI. DAVI SE LEVANTA SEM ' JEITO.) Meus amigos. Muito obrigado pela festa magnífica e pelo super presente. (OLHA PRO CAUBOI)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 165

HAROLDO CONTINUA
Era exatamente o que eu estava querendo. (DAVI SORRI. HAROLDO DÁ UM ABRAÇO NÊLE, VÊ BERNADO SENTADO NO CHÃO A CABEÇA CURVADA)... Bernardo, muito obrigado. (NÃO ' HÁ RESPOSTA. PARA DÁVI) Você leva êle pra casa?

DAVI Não se preocupe com ela. Eu tomo conta. (HAROLDO SE ' VIRA PRA DONALD, QUE ESTÁ NO BAR PREPARANDO OUTRO ' DRINK)

HAROLDO Donald, foi um grande prazer ver você.

DONALD Bôa noite. Haroldo. Vamos nos ver um dia desses.

HAROLDO Ótimo. Talvez eu te convide pruma reunião na Sinagoga. (VAI ATÉ O CAUBOI) Vamos embora, Texas. Pra minha casa. (CAUBOI SE LEVANTA FICA JUNTO DÊLE) Você é bom de cama?

CAUBOI Bem... eu não sou como êsses profissionais que tem por aí. Eu procuro fazer um pouco de carinho - é a maneira que eu tenho de não me sentir uma rameira, né? (UM TEMPO. HAROLDO SE VIRA CAUBOI ABRE A PORTA. VÃO SAINDO. ' HAROLDO PARA)

HAROLDO Oh, Miguel... obrigado por ter me feito rir tanto. te ' ligo amanhã. (NÃO HÁ RESPOSTA. UM TEMPO. HAROLDO E O ' CAUBOINX SAEM)

DAVI Vamos, Bernardo. Tá na hora de ir pra cama. DAVI, FRACO COMO É, CONSEGUE COLOCAR O BRAÇO DE BERNARDO EM VOLTA ' DO PESCOÇO E LEVANTÁ-LO) O, mar como você pesa, minha ' santa.

BERNARDO (QUASE INAUDÍVEL) Por que é que eu chamei ? Por que?

DAVI Obrigado, Miguel. Bôa noite, Donald.

DONALD Bôa noite Davi.

BERNARDO Por que...

DAVI Tá tudo bem, Bernardo. Está tudo certo. Vou te preparar um bom café e você vai ver que está tudo bem. (DAVI PRA TICAMENTE CARREGA BERNARDO PRA FORA. DONALD FECHA A PORTA. SILÊNCIO.MIGUEL DEVAGARINHO, ESCORREGA DO SOFÁ PRO' CHÃO. UM TEMPO. ENTÃO, TAMBÉM DEVAGAR, COMEÇA UM GEMIDO BAIXO QUE VAI AUMENTANDO - QUASE COMO UMA SIRENE QUE SE APROXIMA. SUBITO BATE COM AS MÃOS ABERTAS NOS OUVIDOS)

MIGUEL (EM PÂNICO) Donald! Donald! DONALD! DONALD! (DONALD LARGA O COPO, CORRE PRA MIGUEL AGORA ESTA BRANCO DE MÊDO.' LÁGRIMAS CORREM DOS OLHOS DÊLE. COMEÇA A FALAR, ATRAPALHADAMENTE.) Oh, não! Não! O que foi que eu fiz? Oh, meu Deus, pra que que eu fui fazer? (MIGUEL SE RETORCE. DONALD SEGURA-O ACALENTA-O)

DONALD Miguel! Miguel!

MIGUEL (CHORANDO) Oh, não! não! Está começando! O álcool está baixando e a angustia está crescendo! Oh, não! Já estou sentindo! Eu sei o que vai acontecer, Donald! Donald! ' Não me abandone! Por favor! Por favor! Oh, meu Deus, que coisa eu fiz! Oh, meu Jesus, que angustia! Que culpa ' Eu não aguento mais! Eu não quero mais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.166

DONALD (DOMINANDO-O FISICAMENTE) Miguel! Miguel! Pára, Miguel! Eu te dar um Valium - tenho aqui no bolso.

MIGUEL Não! Não! Pilulas e álcool, não! Eu morro!

DONALD Não vou te dar o vidro inteiro ora! Para, Miguel: Me ' Larga.

MIGUEL (AGARRADO A ÊLE) Não!

DONALD Deixa só eu botar a mão no bolso!

MIGUEL Não me larga ! (MIGUEL SE ACALMA UM POUCO, DE FORÇA SUFICIENTE A DONALD PRA QUE ÊSTE META A MÃO NO BOLSO, PEGUE UM FRASCO DE PLÁSTICO, ABRE-O E DÊ A ÊLE UM TRANQUILIZANTE)

DONALD Toma.

MIGUEL (SOLUÇANDO) Sem água eu não engulo isso!

DONALD Se você me largar um minuto eu vou buscar. (MIGUEL O ' SOLTA. ÊLE APANHA UM COPO DÁGUA NO BAR, VOLTA.) Vossa ' água sua magestade. (UM TEMPO) Miguel, para com êsse ' choro e toma a pilula! (MIGUEL FICA DIREITO, PÕE A PILULA NA BÔCA, E EM MEIOS AOS MAGROS SOLUÇOS, BEBE A ÁGUA, DEVOLVE O COPO.)

MIGUEL Me sinto como Ole Man River - cansado de viver e com mêdo de morrer. (DONALD PÕE O COPO NO BAR, VOLTA PRO SOFÁ SENTA MIGUEL COMO QUE DESMAIA EM SEUS BRAÇOS, CHORANDO PAUSA)

DONALD Shhhhhh. Shhhhhh. Miguel. Miguel. (Nina-o pra lá e pra cá. (MIGUEL SE ACALMA. PAUSA)

MIGUEL ... Se nós... Se pelo menos a gente conseguisse... não se odiar tanto a si próprio.

DONALD Sim, eu sei. Eu sei. UM TEMPO) Ainda que pareça incrível você já foi pior do que eu é. (UM TEMPO) Talvez com bastante esfôrço, se você quiser mesmo, você possa melhorar mais tem que tentar. (MIGUEL FICA DIREITO, SE EMPERTIGA, SECA OS OLHOS NA MANGA)

MIGUEL Como é mesmo a piada: Se alguém me mostrar um fresco feliz, esta me mostrando um cadáver fresco. " (ATENÇÃO NESSA FORMA ESTA PRESERVADO O TROCADILHO E A PIADA. MAS, ' TALVEZ, NUMA TRADUÇÃO MAIS SERIA, FIQUE MAIS AMARGO E MELHOR. " SÓ EXISTE UMA BICHA FELIZ - É UMA BICHA MORTA. " ou então- " Mostre-me uma bicha feliz e eu lhe mostrarei uma bicha morta. " N.T.)

DONALD Não conheço. Nunca ouvi.

MIGUEL E olha aqui, Donald, não vem com essa atitude superior ' pra cima de mim não. " Com um pouco mais de esfôrço", ' Tem que tentar." Ora essa! Você tem muito que remar antes de chegar a perfeição, queridinha.

DONALD Eu nunca disse que não tinha.

MIGUEL E já que estamos no assunto - acho êsse teu analista um charlatão. (MIGUEL ESTA ESPIRANDO. DONALD LHE DÁ UM LENÇO. MIGUEL ASSOA O NARIZ)

DONALD Você antes disse que ele era um bunda suja. Decide.

MIGUEL Não tem que decidir nada. É uma charlatão bunda suja. Ou um charlatão. Um bunda suja charlatão. Pode escolher.

(DONALD SE LEVANTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.167

MIGUEL CONTINUA VAI APANHAR UM DRINQUE)

DONALD (COM UM SUSPIRO) Haroldo tem razão. Voce não vai mudar nunca.

MIGUEL Volta aqui, Donald. Volta aqui, Shane.

DONALD Assim que voce tiver outro ataque de angustia.

MIGUEL Eu preciso de voce. Como Mickey Mouse precisa de Minnie Mouse, como o pato Donald precisa de pata Minnie precisa de Donnie...

DONALD O meu nome é Donald. Me chame Donald. Voce nunca deve chamar de Donnie uma pessoa que se chama Donald...

MIGUEL (AGARRA A CABEÇA GEME) Ohhhhhh !..... fóssa ! Fossa ! Que angústia insuportavel ! Amanhã eu vou passar o dia inteiro no fundo do poço. Vai ser um dia horrivel em Black Rock. Um dia cheio de nervos, nervos e mais nervos ! (MIGUEL SE LEVANTA DO SOFA, EXAMINA A CONFUSÃO DE PRATOS E PAPEIS DE EMBRULHO.) Voce não acha que é melhor tocar fogo nisso tudo (UM TEMPO)

DONALD Porque é que Alan não foi embora, Miguel ? Por que ele aguentou tudo o que voce fez ?

MIGUEL Não há acidentes. Ele estava pedindo pra ser morto. Estava morrendo de vontade que alguem o massacrasse. E conseguiu o que queria.

DONALD Ele podia estar dizendo a verdade - Justino podia ter mentido.

MIGUEL Quem sabe ? Que horas são ;?

DONALD Acho que já é depois de amanhã. (Miguel vai até a porta da cozinha, enfia a cabeça pra dentro. VOLTA COM UMA CAPA DE CHUVA)

MIGUEL É cêdo. (VAI ATÉ UM ARMARIO, PEGA UM BLAZER VESTE)

DONALD O que é que a vida nos reserva ? Onde é que voce vai ?

MIGUEL A cama esta ocupada e eu não quero mesmo ir dormir antes de andar um pouco, pra curtir o pileque. Se eu fôr dormir assim quando acordar vão ter que me botar numa cela de hospicio- que é talvez onde eu já devia estar morando. (UM TEMPO) E...e...além disso a meia noite tem uma missa em São Malaquia onde vai todo o pessoal de teatro. Vou até lá dar uma olhada

DONALD (LEVANTA O COPO) Resa por mim.

MIGUEL (INDICA O QUARTO) Quando eu voltar espero que eles já tenham se mandado.

DONALD Comigo não se preocupe eu me mando assim que esvaziar essa garrafa.

MIGUEL Vejo você sábado que vem ?

DONALD Claro. A não ser que voce tenha outro programa.

MIGUEL Não. (SE VIRA PARA SAIR)

DONALD Miguel ?

MIGUEL (PARA, SE VIRA) Que é ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 168

DONALD Por acaso ele te disse porque é que estava chorando ao telefone ? O que é que êle tinha tanto que falar contigo ?

MIGUEL Sei lá. Pode ser que quisesse contar que tinha se separado de Laura. Ou outra coisa qualquer que depois esqueceu-mudou de ideia.

DONALD Pode ser. (UM TEMPO) Fico pensando em porque se separaram.

MIGUEL ...Como meu pai me disse, morrendo nos meus braços:" Eu não entendo nada. Nem nunca entendi." (UM TEMPO. DONALD VAI À PILHA DE LIVROS, ESCOLHE UM, SENTA NA CADEIRA.) Quando voce sair apaga a luz. tá ? (DONALD ACENDE. MIGUEL OLHA PRA ÊLE DURANTE UM TEMPO.

(DONALD se concentra no livro. Miguel abre a porta e sai)

CORTINA....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.169

Arquivo

(896)

165

POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 021/71-SCDP — Brasília, 20 de abril de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso da competência que lhe é atribuida pelo ítem XVI, do art. 176, do Decreto 56.510, de 28 de junho de 1965,

RESOLVE:

AVOCAR, para efeitos de revisão, a peça teatral de autoria de Mart Crowley, tradução de Millôr Fernandes, intitulada "OS GAROTOS DA BANDA".

PROIBIR, até ulterior deliberação, a exibição da referida peça em todo o território nacional.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.170

166/F

POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 031/71-SCDP — Brasília, 04 de maio de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 176, do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, e

CONSIDERANDO que o artigo 3º, letra "f", do Decreto número 20.493, de 24 de janeiro de 1946, e, bem assim, o art. 176, ítem XVI, do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, permitem ao Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas avocar, para efeito de revisão, qualquer matéria já censurada;

CONSIDERANDO que, no caso, a competência revisional restaura, na sua plenitude, o poder decisório originário;

CONSIDERANDO que a peça "OS GAROTOS DA BANDA", de Mart Crowley, avocada para fins de revisão, apresenta, realmente, matéria contrária à moral e aos bons costumes, conforme laudos censórios remetidos pela Delegacia Regional do Estado da Guanabara, incidindo, assim, nas restrições contidas no artigo 153, § 8º, in-fine, da Constituição Federal, e artigos 1º e 7º, do Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970;

CONSIDERANDO que a liberação anterior da peça referida não constituirá óbice ao cumprimento, em qualquer tempo, dos dispositivos legais e regulamentares e muito menos se elegerá em licença para exteriorização de comunicação afrontosa à moral e aos bons costumes;

CONSIDERANDO que cabe especìficamente ao Serviço de Censura de Diversões Públicas defender, no particular, o interêsse público no sentido de preservar os valôres morais e espirituais

cont....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 171

e os comportamentos psicossociais, usando, para tanto, dos poderes que lhe são atribuidos,

R E S O L V E:

PROIBIR, em todo o território nacional, a representação da peça teatral "OS GAROTOS DA BANDA", (The boys in the band), de autoria de Mart Crowley, consignando, ainda, os seguintes subtítulos em português "A PATOTA", "INDECISO" e o "ENTENDIDO", tradução de I. M. Bustamente e Millor Fernandes, por incentivar a prática de atos contrários à moral e aos bons costumes, incidindo, assim, nas proibições contidas nas letras "a" e "c" do artigo 41 do Decreto 20.493, de 24 de janeiro de 1946, combinados com os artigos 1º e 7º do Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 172

(896)

168/5

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ENSAIO GERAL

Peça.....: "OS GAROTOS DA BANDA"

Autor.....:

Produção.....: JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA

Local.....: TEATRO DA LAGÔA

Data.....: 02.7.71

TEMA: reunião festiva num apartamento, onde é comemorado o aniversário de um pederasta passivo, com a presença de vários colegas seus de infelicidade e / mais dois convidados alheios aos problemas íntimos dos demais componentes da reunião.

PARECER: O tema em si, abjeto, não pode porém ser ignorado por todos, já que é um problema de / âmbito mundial, reconhecido inclusive, oficialmente, por / um país. Os rapazes, durante a reunião, estravasam as suas fraquesas, as suas paixões incontidas, algumas da adolescência, outras do presente, tudo isto apresentado dentro / do que se pode conceber como realidade dos fatos, sem chegar ao ponto de chocar a susceptibilidade dos que assistiram o ensaio geral. Assistido o ensaio, opino pela liberação da peça com a Impropriedade para menores de 18 anos.

Guanabara, 05.7.71

ENCAMINHE-SE
À BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB.

AUGUSTO DA COSTA - 273

FNC-P/OF. 211/71-GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-173

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB

169

Guanabara , 3 de julho de 1971

Ao Sr. Chefe da Turma de Censura Federal

Assunto : ENSAIO GERAL

Peça : OS RAPAZES DA BANDA

Original de : MART CROWLEY

Tradução de : MILLÔR FERNANDES

Senhor Chefe ,

Cumprindo determinação de Vossa Senhoria compareci, ontem, ao Teatro da Lagoa , para assistir ao Ensaio Geral da peça. Tendo verificado que tôdas as determinações da Censura Federal foram cumpridas , é o seguinte o meu parecer :

Os cortes feitos garantem , agora , ao espetáculo um sentido que admito seja o desejo do próprio autor — enfocar todos os problemas , abordando-os dentro de uma visão puramente expositiva , sem dar todávia o ensejo a quaisquer interpretações que por agressão levem o espectador , por excessos , a perder-se na pura e simplês pornografia. Por outro lado os efeitos das marcações , que sofreram modificações , garantem a seriedade do espetáculo e demonstram o nível de maturidade que devem manter os artistas neste tipo de trabalho. E , finalmente , destacando que a substituição do pornográfico pela sexualidade não altera o valôr da comunicação e sim a valoriza

SOU FAVORÁVEL A SUA LIBERAÇÃO .

Galleno Tasso de Villanova Lins
Técnico de Censura

ENCAMINHE-SE
À BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.174

170

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

ASSUNTO: NOVO ENSAIO GERAL DA PEÇA " OS RAPAZES DA BANDA "
REALIZADO DIA 2/7/71 ÀS 20,30 HS NO TEATRO DA LAGÔA

Senhora Chefe:

Com referência ao ensaio geral acima mencionado, tenho a dizer o seguinte:

Os Estados Unidos é o país de passeatas de homossexuais por seus direitos (Gay Power) - sociedade permissiva, naturalmente, permite dentro dos limites razoáveis. Os limites razoáveis estende-se ao cinema e ao teatro, onde o assunto deve sêr abordado com seriedade, numa tentativa de mostrar ao público o universo oprimido do homossexual, e nunca colocá-lo em situação destacada, como se todos os homens o praticassem e aceitassem - como fazia sentir na peça inicialmente. Homossexualismo no Brasil é encarado como piada. Brinca-se com o assunto, zomba-se dos indivíduos e não se encara o tema com respeito. De um modo geral, ao abordarem tal assunto acham que devem fazê-lo com textos pornográficos e extremamente agressivos para quem assiste ao ~~espetá-lo~~ espetáculo. O assunto da peça já é por demais conhecido de V.Sa. e de nossa alta direção em Brasília, onde o caso foi amplamente discutido e apreciado, daí resultando a interdição e consequentemente novo ensaio geral, tendo o texto sofrido várias substituições no tocante aos diálogos mais agressivos.

Como nos foi apresentado o espetáculo ~~considerei~~ considero em condições de sêr exibido ao público maiór de 18 anos.

Guanabara, 6 de julho de 1971

ENCAMINHE-SE
À BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB.

Solange da Silveira Vidal

SOLANGE DA SILVEIRA VIDAL
Carteira nº 416

OBS: Faço referência ao homossexualismo nos Estados Unidos porque a peça é de um autor americano, e foi lá que assistindo ao espetáculo o nosso produtor patrício resolveu montá-lo aqui também

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.175

Benedicto Abicair
ADVOGADO

171

EXMO. SR. DR. DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL:

SCDP
Para informar com vistas
o despacho do Exmo Sr. Dr. Diretor Geral
17/05/71

Despacho
Em face do que consta nos autos, mantenho o ato interditório do Chefe do SCDP, negando provimento ao recurso interposto!
Em 17.V.71

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., por seu bastante procurador infra-assinado, com enderêço nesta Cidade, à Rua México, nº 21 - Grupo 1702, tendo sido cientificado da decisão do Sr. Chefe de Censura de Diversões Públicas, que não acolheu sua defesa contra o ato de sua autoria, que proibiu a encenação da peça "OS GAROTOS DA BANDA" de autoria de Mart = Crowley, que vem sendo encenada no Teatro Maison de France, nesta Cidade, vem, tempestivamente, na forma do artº 130 do Decreto 20.493 de 24/1/1946 consoante o artº 34 do Decreto 1023 de 17/5/1962, interpor

R E C U R S O

com efeito suspensivo e devolutivo, oferecendo as seguintes razões:

I - DOS FATOS:

Em 18 de Novembro de 1970, pelo Certificado nº 2.998/70, depois de cumpridas as formalidades dos artºs. 4º a 6º do Decreto nº 1.023, de 17 de Maio de 1962 e 44 a 50 do Decreto-Lei nº 20.493, de 24 de Janeiro de 1946, liberou-se aludida peça, para exibição em todo o território nacional, nos = têrmos do artº 48 dêsse último diploma legal e do artº 10 da Lei nº 5.536, de 21 de Novembro de 1968.

Com base nessa aprovação e na validade, até 18 de Novembro de 1975, daquele Certificado, organizou a Recorrente a produção, sucessivamente, em São Paulo, onde permaneceu = em cartaz por seis (6) meses, e nesta Cidade. Trata-se, por sinal, de obra de arte que se vem apresentando, com brilho, em

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3870 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.176

em mais de 20 (vinte) países do mundo ocidental, em alguns há= mais de 3 (três)anos; e que inspirou produção cinematográfica= já em exibição.

Para a montagem da peça no Teatro Maison de France, nesta Cidade, fêz a Recorrente investimento inicial de = mais de Cr$ 100.000,00 (Cem mil cruzeiros), gerando uma fôlha = de manutenção de aproximadamente Cr$ 35.000,00 (Trinta e cinco= mil cruzeiros) mensais, inclusive locação da casa de espetáculos, à razão de 25% (vinte e cinco por cento) da renda bruta = da bilheteria.

Em 20 de Abril passado, pelo Rádio nº 164 referindo-se a "avocação da peça para nova censura", ficando "proibida sua encenação até ulterior deliberação", foi determinada= a suspensão do espetáculo, tendo a Recorrente apresentado a sua defesa que em face da Lei, impôs efeito suspensivo a ordem de execução.

Nesta data, tomou ciência pessoal de que aquela= Chefia havia confirmado a penalidade, o que dá ensejo ao presente RECURSO, afim de restabelecer o direito tão violentamente esbulhado.

Não se pode conceber que a mesma pessoa que liberou esta obra artística, permitindo sua encenação por mais de seis (6) meses na vizinha metrópole de São Paulo, cuja Sociedade merece o mesmo respeito e é dotada dos mesmos predicados morais do Povo do Estado da Guanabara, venha agora, sem qualquer justificativa ou apoio legal, determinar a proibição de sua encenação.

II - DO DIREITO:

Reportando-se a todos os têrmos da defesa apresentada sob o Protocolo nº 4909 de 20/4/71, tem ainda a aduzir as razões inicialmente expostas na presente:

Descabe totalmente por ilegal e inconstitucional o ato do Orgão Policial, emanado do Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas, que suspendeu a exibição da peça= "OSGAROTOS DA BANDA" no Teatro Maison de France, nesta Cidade, em decorrência do Rádio nº 164 assinado pelo SR. GEOVÁ LEMOS = CAVALCANTE, sob o fundamento de proceder a revisão do Certificado de Liberação nº 2998/70, concedido em 18/11/70 com valida

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3870 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.177

com validade até 18/11/75, isto porque:

a) A Lei 5.536 promulgada em 21/11/68, publicada no Diário Oficial da União nº 226 em seu artº 10, textualmente determina:

> "O certificado de censura para teatro, cinema e e novelas, ou teatro para radiodifusão terá validade em todo o territórionacional, pelo prazo de 5 (cinco) anos, tanto para o mesmo ou outro empresário quanto para o mesmo ou outro elenco,e, dentro dêste prazo, só poderá ser revisto o limite de idade se fôr introduzido elemento novo= no espetáculo, que justifique outra classifica - ção."

b) Trata-se portanto, de norma imperativa decorrente de Lei em pleno vigor, que outrossim revogou as disposições em contrário.

c) Não assiste portanto ao Sr. Chefe de Censura= Federal, nenhum fundamento legal para que pudesse pretender o ato arbitrário que determinou, e muito menos negar provimento= a defesa apresentada.

d) Invocando a Constituição Federal vigente, em= seu artº 153 § 3º, imponente do respeito aos direitos adquirido inclusive por Lei, não será possível que ato administrativo praticado com violação de todos os requisitos formais, poderá prejudicar êstes direitos adquiridos,sustentáculo de uma Sociedade e da economia de um povo.

e) Revogadas como foram as disposições em contrário, torna-se impossível a pretensão de revisão do ato censorial perfeito e acabado, traduzido pelo Certificado mencionado , expedido com validade expressa de cinco (5) anos, devidamente= acompanhado do escrito autenticado pelo Orgão Censorial e que= vem sendo religiosamente obedecido.

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3870 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.178

Benedicto Abicair
ADVOGADO

174
4

III - FINALMENTE:

Pela exposição feita e pelo direito liquido e certo que ampara a Recorrente, e considerando mais que é meta desta alta administração proporcionar tranquilidade e segurança aos entes e emprêsas privadas, e ainda confiante no elevado espirito de Justiça que norteia V.Excia. em tôdas as suas decisões, espera, se digne acolher estas razões, para julgar ilegal e insubsistente o ato recorrido, reconhecendo a plena validade do Certificado Liberatório, para que se respeite a

VERDADE, O DIREITO E A JUSTIÇA

Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1971.

BENEDICTO ABICAIR
OAB/GB-6095

Procuração anexa aos autos da defesa.

CERTIFICADO (XEROX) ANEXO.

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3370 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 179

175

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2998/70

PEÇA ==="OS GAROTOS DA BANDA"===

ORIGINAL DE MART CROWLEY

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de NOVEMBRO de 1975

Brasília, 18 de NOVEMBRO de 1970

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PE. 0376, p. 180

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 94, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " OS CAROLOS DA BANDA "

Original de MART CROWLEY

Tradução de MILLOR FERNANDES

Adaptação de

Produção de JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. /SÃO PAULO

Tendo sido censurada em 17 de [illegible] de 1970 e recebida a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO SCRIPT FINAL.

10.º OFÍCIO DE NOTAS
TABELIÃO
ADADINO NEVES
SUBSTITUTO
JOSÉ MILTON DE PÔNTES
1º Aut. ANTONIO CARLOS PEREIRA COSTA
2º Aut. GILSON MENDES PEIXOTO
PALÁCIO DA JUSTIÇA
Av. Erasmo Braga, 115 (Esquina Rua Dom Manoel)
Rio de Janeiro - Guanabara
Tel. 31-3064
CERTIFICO que a presente cópia fotostática é reprodução do original que me foi exibido e com este é devolvida.
Rio de Janeiro, 23 ABR. 71

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 18 de NOVEMBRO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-181

177/8

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 6087/71
DATA 14 / maio / 1971
ASSINATURA

Ao D.P.S.
para encaminhar.
Em 14.5.71

DFSP/DR/GB
POLÍCIA DE SEGURANÇA
Protocolo N.º 660
Recebido em 14/5/1971

Encaminhe-se à censura
do Sr. Chefe do Gabinete.
Em 14-5-71

À apreciação superior.
Em 14/5/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p: 182

D.F.S.P.
023107 22 JUN 71

178/1

MINISTÉRIO DA FAZENDA

RIO DE JANEIRO-D.F.

Ofício
GMF-BSB-Nº 562

Brasília, DF 15 JUN 1971.

Sr. Chefe do Gabinete do Ministro da Justiça

Transmito a V.Sa. o ofício 079/71-SEC/PFS, do Diretor da Polícia Federal de Segurança, referente a pedido de reconsideração de despacho exarado em processo de interêsse da firma John Herbert Produções Artísticas Ltda., remetido a êste Gabinete por engano.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.Sa. meus protestos de estima e distinta consideração.

Arthur S. Xavier Ferreira
Subchefe do Gabinete

IH/nr.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.183

179

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 04 de junho de 1971

OF. Nº 079/71-SEC/PFS

Do : Diretor da Polícia Federal de Segurança

Ao : Sr.Chefe do Gabinete do M.da Fazenda

Assunto :Encaminhamento

Senhor Chefe,

Encaminho a V.Sª., o processo 019381-DPF, no qual S.Excia., o Sr.General Diretor Geral do D.P.F., submete à consideração do Exmº.Sr.Ministro da Justiça, o pedido de - reconsideração de ato, feito por John Herbert Produções Artísticas Ltda.

Aproveito a oportunidade para apresentar/ a V.Sª., meus protestos de consideração e respeito.

Gen. Demócrito Soares de Oliveira
Diretor da P.F.S.

GABINETE DO MINISTRO DA FAZENDA - BRASILIA -
RECEBIDO
Em 4/6/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 184

180/1

Benedicto Abicair
ADVOGADO

EXMO. SR. DIRETOR-GERAL DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL:

Deixo de reconsiderar. Submeto à consideração do Exmo Sr Min. de Justiça. Em 3.6.71
Dir Ger D.P.F.

SCDP Para informar 31/05/71

D.P.S.P.
019381 31 MAI 71

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., por seu procurador infra-assinado, com enderêço nesta Cidade do Rio de Janeiro, na Rua México, nº 21 - grupo 1.702, tendo sido cientificado do despacho dessa Diretoria que confirmou a proibição da encenação da peça teatral "OS GAROTOS DA BANDA", de autoria de Mart Crowley, que vinha sendo exibida no Teatro Maison de France, nesta Cidade, vem, como lhe permite o Decreto nº 20.848, de 23 de dezembro de 1931, pedir reconsideração daquela decisão, por não se conformar, data venia, com a mesma e pelas razões a seguir:

I - RELATÓRIO

1. Em 18 de novembro de 1970, pelo Certificado nº 2.998/70, cumpridas tôdas as formalidades dos arts. 4º e 6º, do Decreto-Lei nº 1.023/62 e arts. 44 a 50 do Decreto nº .... 20.493/46, tornou-se liberada a aludida peça "Os Garotos da Banda", para sua exibição em todo o território nacional, pelo prazo de 5 (cinco) anos, com a limitação de idade no máximo, isto é, 18 (dezoito) anos, nos têrmos dos arts. 1º e 10º da Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968.

2. Com base nessa aprovação e respectiva validade até 18 de novembro de 1975, constantes da lei e daquele Certificado, organizou o Requerente a produção, sucessivamente, em São Paulo, onde permaneceu em cartaz por 6 (seis) meses consecutivos, merecendo a mais elogiosa crítica de tôda a imprensa e absoluto apoio do público em geral; e nesta Cidade do Rio de Janeiro, onde, pelo curto espaço em que esteve em cartaz, foi alvo de igual receptividade. Trata-se, por sinal, de obra artística que se vem apresentando, com brilho, em mais de 20 (vinte) países do mundo ocidental, em alguns há mais de 3 (três) anos; e que inspirou produção cinematográfica já em exibição.

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3370 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 185

3. O profundo respeito e ilimitada admiração que merecem os atuais Dirigentes do País, ciosos da confiança que conquistaram do meio empresarial, outrora arredio e suspeitoso, permitiram ao Requerente investir, sòmente para a montagem da referida peça no Rio de Janeiro, a vultosa quantia de Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), aproximadamente, e ainda se obrigar a uma fôlha de manutenção acima de Cr$ 35.000,00 // (trinta e cinco mil cruzeiros) mensais, além da locação da casa de espetáculos, à razão de 25% (vinte e cinco por cento) da renda bruta de bilheteria. Um dos efeitos numerosos daquela respeitabilidade e confiança se traduzira, justamente, na promulgação da primeira lei sôbre Censura, neste País editada, sob o nº 5.536, em 21 de novembro de 1968, vindo estender, legìtimamente, ao empresariado artístico, a tranquilidade já então reinante em tôdas as demais classes da comunidade nacional.

4. Todavia, em 20 de abril próximo passado, pelo rádio nº 164, referindo-se a "avocação da peça para nova censura", ficando "proibida sua encenação até ulterior deliberação", foi determinada a suspensão do eppetáculo, tendo a Requerente apresentado a sua defesa, cuja cópia a esta se anexa, que, face à lei, impôs efeito suspensivo à execução da ordem. Foi tão absurda essa ordem e a tal ponto ilegal e dissonante do sistema político-jurídico vigente no país, que seu prolator sequer procurou articular-lhe razões capazes de justificá-la, por ser injustificável.

5. Flagrante incoerência é ter o Órgão censorial, não sòmente expedido Certificado de Censura para a peça em questão, senão também admitido a sua exibição por 6 (seis) meses na vizinha metrópole de São Paulo — cuja sociedade não merece menor respeito que a guanabarina — para vir depois vedar a encenação da mesma peça no Rio de Janeiro.

6. Contudo, na busca de explicação para tamanho despautério, assalta-nos a lembrança evento remoto que, quiçá por desconexão burocrática, o tenha ensejado. Com efeito, anteriormente ao exame que deu azo à expedição de aludido Certificado, oferecera-se à análise dos censores outra versão, que não a aprovada e exibida na Paulicéia pelo ora Requerente,

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3370 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 186

Requerente, do original de Mart Crowley. Tal versão, de baixíssimo nível literário, e largamente distanciada do espírito moralizador da peça, não poderia ser, como não foi, aprovada. Outra, porém, foi a tradução que mereceu aludido Certificado; esta sim, adequada ao espírito do original americano, brindado com aplausos em mais de 20 (vinte) nações ocidentais. Eventual equívoca, de fundo estritamente burocrático, terá ocasionado, talvez, tão lamentável incidente, que, a perdurar, distorceria injustamente a imagem da cultura nacional.

II - ANÁLISE DO TEXTO

7. O texto de Mart Crowley, fielmente traduzido no "script" aprovado pelo Certificado nº 2.998/70, não é dos que se compreendem por excertos. Sòmente é possível nítido entendimento do seu intenso propósito moralizador e profundo sentido ético, em exame do contexto por inteiro.

8. Verdade é que raras vêzes se tem enfrentado o delicadíssimo tema do homossexualismo com tamanho desassombro. Mas não o é menos que nenhuma vez se o encarou tão desapaixonada e francamente.

9. De fato, o que dessume do texto é a visão do problema como cancro social que é, mas passível de cura. A posição do teatrólogo americano é comparável à do psicanalista que traz a lume, no espírito do paciente, os sentimentos amorais recônditamente reprimidos, os complexos, os recalques e os inconscientes traumas, geradores de neuroses, para, na consciência de que existem, poder o próprio doente superá-los e, revelando-os a si mesmo e aos demais, (extirpá-los do organosmo, pela ação do seu super-ego (que, na peça, é representado pela personagem "Alan").

10. Mart Crowley é, ademais, o médico que, rasgando o tumor, põe à luz a purulenta chaga, para aplicar-lhe seguro remédio ("Alan", o normal). Cruento, chocante, mas único meio possível de evitar a disseminação septicêmica, salvando todo o organismo do perecimento. Ocultar a ferida ou medicá-la superficialmente é redobrar-lhe a virulência e impossibilitar a cura.

11. Atente-se, especialmente, para o clímax da pe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.187

peça, quando "Allan", completando ligação telefônica para sua espôsa, manda a mais vibrante mensagem em prol da coesão da família, respeito à sociedade e dignidade humana. Canta-se, aí, o mais empolgante hino à heterossexualidade, superando, assim, e esmagando na sua mesquinhez, dôres e mazelas do homossexualismo até então exibidas.

12. Soma-se ainda à profundidade ética do texto, o calor da interpretação por grandes expoentes da arte cênica nacional,

13. É, pois, essa obra de arte cênica corajoso libelo contra uma das mais sérias ameaças que se insinuam em dentrimento da dignidade do sexo, integrante do sentimento cristão do povo brasileiro e do mundo ocidental. Essa a razão do seu sucesso internacional, já consagrado e novamente repetido na vizinha capital do Estado de São Paulo.

III - DO DIREITO

14. Aditando-se a tão ponderáveis razões éticas, é descabido, por ilegal e inconstitucional, o ato censorial proibitivo da encenação da peça "Os Garotos da Banda", a pretexto de proceder a revisão da censura anteriormente feita e traduzida pelo referido Certificado nº 2.998/70, concedido em 18 de novembro de 1970 com validade qüinqüenal (até 18/11/75). Isto porque:

a) A Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968, publicada no "Diário Oficial" da União nº 226, em seu art. 10, textualmente determina:

> "Art. 10. O certificado de censura para teatro, cinema e novelas, ou teatro para radiodifusão terá validade em todo o território nacional, pelo prazo de 5 (cinco) anos, tanto para o mesmo ou outro empresário quanto para o mesmo ou outro elenco, e, dentro deste prazo, só poderá ser revisto o limite de idade se fôr introduzido elemento nôvo no espetáculo, que justifique outra classificação.".

b) Trata-se, òbviamente, de norma imperativa, de Lei em pleno vigor e auto-executável, que revogou todas as disposições em contrário e que, outrossim, vem sendo sistemàticamente observada na expedição de Certificados pelo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 188

184
8 5.

pelo próprio Órgão de Censura;

b) Falece, portanto, qualquer fundamento legal para o malsinado ato proibitivo, tão arbitrário quanto o desprovimento da defesa apresentada;

d) À luz da Constituição Federal vigente, pelo seu art. 153, § 3º, imponente do respeito aos direitos adquiridos, não será possível que ato administrativo praticado com violação de todos os requisitos formais, possa prejudicar êsses mesmos direitos, cuja garantia é sustentáculo de uma sociedade civilizada e da economia de um povo;

e) Revogadas que estão as disposições em contrário daquela norma jurídica, torna-se impossível pretender a revisão do ato censorial perfeito e acabado, traduzido pelo tantas vêzes mencionado Certificado, expedido com validade expressa por 5 (cinco) anos, devidamente acompanhado do escrito autenticado pelo Órgão censorial e que vem sendo religiosamente obedecido.

IV - DO PEDIDO

Pela exposição feita, pelas razões de ordem moral aduzidas e pela liquidez e certeza do direito que ampara o Requerente; e considerando, mais, que é objetivo dessa Alta Autoridade Administrativa proporcionar tranquilidade e segurança aos entes e emprêsas privadas; e, ainda, confiante no elevado espírito de Justiça invariàvelmente revelado nas decisões de V.Exª., espera o Requerente se digne essa Diretoria reconsiderar o despacho que manteve a proibição da peça acima referida, para julgar ilegal e insubsistente o ato proibitivo, reconhecendo a plena validade do Certificado Liberatório expedido a 18/11/70, pomo o exigem

A VERDADE, O DIREITO E A JUSTIÇA.

Rio de Janeiro, 31 de maio de 1971.

BENEDICTO ABICAIR
Advogado - OAB/GB 6.095

BMA/fnb.

DPF - DA - SRA
Recebido 31/5/971

RUA MÉXICO, 21 — GRUPO 1702 — TEL. 221-3280 — 221-3594 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA VERGUEIRO, 1223 — CONJUNTO 3 — TERREO — TEL. 287-3570 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 189

185

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, 03 de junho de 1971

Sr. Diretor da Polícia Federal de Segurança

Como se vislumbra no parecer exarado pelo Técnico de Censura Osmar Fialho, falece competência ao Exmo. Sr. Diretor Geral para conhecer de pedido de reconsideração.

Em face disso, resta a êste Serviço sugerir o indeferimento da postulação, por ausência de amparo legal.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.190

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

186

TÍTULO "OS GAROTOS DA BANDA"

PARECER

1. JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., alegando a faculdade contida no Decreto nº 20.848, de 23 de dezembro de 1931, pede reconsideração do despacho que confirmou a proibição da exibição da peça em epígrafe.

2. Para exame do assunto, junto cópia xerográfica do Decreto em questão, obtido no Setor de Documentação do Ministério da Justiça, onde nada consta sôbre a revogação do mesmo, dando-se pela sua total vigência.

3. Da sua leitura entende-se que o seu objetivo é o de disciplinar o direito de requerer reconsideração de despachos de última instância, vedando repetições e delimitando o prazo dos pedidos (cfr.arts. 1º e 2º).

4. O pedido de reconsideração é uma sistemática consuetudinária do direito administrativo brasileiro, aplicável, porém, nasdecisões de última instância, como se confirma pela leitura do Decreto examinado. Para valer nas instâncias intermédiárias impõe inclusão expressa na legislação pertinente.

5. No caso da censura não há dispositivos legais ou regulamentares permissivos do gênero, vale dizer, que nem o Decreto 20.493, de 24/1/1946, nem a Lei nº5,536, de 21/11/1968, estabeleceram premissas básicas a respeito.

6. No primeiro caso, o art. 114 declara que das decisões proferidas pelo Chefe do SCDP, cabe recurso para o Chefe de Polícia do D.F.S.P., sem abrir outras alternativas. Na segunda hipótese, a questão é abordada pelos artigos 9º, §§ 1º e 2º, e 17 e 18, também sob a forma única de recursos, omitindo qualquer referência ao critério de reconsideração.

7. Cabe acentuar, contudo, que a Lei 5.536, de 21 de novembro de 1968, ao estabelecer as vias recursais, para fins de censura, criou o Consêlho Superior de Censura, como órgão intermediário, e apontou, como última e definitiva instância, o Sr. Ministro da Justiça. Das suas decisões resolutórias é que caberá o pedido de reconsideração, nos têrmos do Decreto apresentado.

8. Embora a referida Lei não tenha sido regulamentada e o citado Conselho inexista, pode-se, concluir, data venia, que a supressão da instância intermediária aludida não suprime a de gráu superior, ficando aberta a via direta entre os escalões hierárquicos existentes.

9. Pelo exposto, resta concluir que, não estando ainda exaurida a instância, o pedido de reconsideração peca pela procedência.

Brasília, 2 de junho de 1971

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.191

187

Art. 7.º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1931, 110º da Independencia e 43º da Republica.

GETULIO VARGAS.

Oswaldo Aranha.

J. Mauricio Cardoso.

José Fernandes Leite de Castro.

Protogenes Guimarães.

José Americo de Almeida.

Francisco Campos.

Afranio de Mello Franco.

Lindolfo Collor.

Mario Barbosa Carnairo, encarregado do expediente do Ministerio da Agricultura, na ausencia do ministro.

DECRETO N. 20.848 — DE 23 DE DEZEMBRO DE 1931

Limita o número de pedidos de reconsideração nas instancias administrativas

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições contidas no art. 1º, do decreto n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, decreta:

Art. 1.º Da decisão resolutoria de última instância e da qual já tenha havido pedido de reconsideração não cabe direito a outro pedido, ficando encerrado o feito.

Paragrafo unico. A decisão proferida contra a Fazenda Pública póde ser reformada por áto expontaneo da administração.

Art. 2.º Não se conhece do pedido de reconsideração feito um ano após a data da primeira decisão, proferida pela autoridade da última instancia e a que se refere o artigo anterior.

Art. 3.º Consideram-se encerrados todos os feitos, ainda pendentes de decisão, nos quais os pedidos de reconsideração tenham excedido as limitações constantes dos artigos anteriores.

Paragrafo unico. Os referidos pedidos serão arquivados depois de verificada a incidencia dos mesmos nas disposições deste decreto.

Art. 4.º O pedido de reconsideração ás repartições de cujas decisões cabe recurso para as Delegacias Fiscais ou para outra alçada superior não interrompe os prazos para a interposição desses mesmos recursos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P. 192

188/A

Art. 5.º Os pedidos de reconsideração não suspendem em caso algum a cobrança de divida fiscal decorrente do respectivo despacho.

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1931, 110º da Independencia e 43º da Republica.

GETULIO VARGAS.

Oswaldo Aranha.

José Fernandes Leite de Castro.

José Americo de Almeida.

Afranio de Mello Franco.

Lindolfo Collor.

Protogenes Guimarães.

Francisco Campos.

J. Mauricio Cardoso.

Mario Barbosa Carneiro, encarregado do expediente da Agricultura, na ausencia do ministro.

DECRETO N. 20.849 — DE 23 DE DEZEMBRO DE 1931

Suprime lugares, atualmente vagos, em diversas repartições do Ministerio da Fazenda

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições contidas no art. 1º do decreto n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, decreta:

Artigo único. Ficam suprimidos nos quadros das repartições abaixo indicadas os seguintes lugares, atualmente vagos:

Na Alfandega do Rio de Janeiro, um de 1º escriturario, dois de conferentes de descarga de 2ª classe e um de servente de portaria;

Na Inspetoria de Seguros, um de 1º escriturario;

Na Alfandega de Manáus, um de 2º escriturario;

Na Delegacia Fiscal do Pará, um de 1º escriturario;

Na Alfandega da Baía, um de 1º escriturario;

Na Alfandega de Santos, um de 1º escriturario;

Na Delegacia Fiscal em Santa Catarina, um de 2º escriturario.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1931, 110º da Independencia e 43º da Republica.

GETULIO VARGAS.

Oswaldo Aranha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.193

189

Processo: 896/DPF

Assunto : Peça Teatral "OS GAROTOS DA BANDA"

Interessado: "JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS"

DESPACHO: -

JOHN HERBERT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS requereu censura da peça "Os Garotos da Banda", inicialmente liberada pelo S.C.D.P., conforme certificado nº 2998 de 18 de novembro de 1970.

A 20 deabril de 1971 o Sr. Diretor do Serviço de Censura avocou a peça para revisão, suspendendo, até ulterior deliberação, sua exibição em todo o território nacional.

A 4 de maio seguinte, aquela autoridade, considerando que o espetáculo contém matéria contrária à moral e aos bons costumes, proibiu sua representação.

Interposto recurso hierárquico ao Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal, êste negou-lhe provimento, por despacho de 17 de maio de 1971.

Em pedido de reconsideração do interessado, o Sr. Diretor-Geral daquele Departamento assim se pronunciou:

> " Deixo de reconsiderar.
> Submeto à consideração do Exmo. Sr. Ministro da Justiça."

Vieram-me os autos. Dêles constam os seguintes pareceres:

I - do Técnico de Censura CARLOS CALDAS GRAIEB, favorável à liberação da peça, nestes têrmos: "Espetáculo de excelente nível artístico, em razão da montagem e do magnífico desempenho de todos os atores, que formaram uma equipe homogênea.

Em razão do tema - a homossexualidade - deve ser liberado com PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 18 (dezoito)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 194

190

ANOS, cumprindo, entretanto, deixar claro que o mesmo foi tratado com grande critério e sem qualquer intuito de polemizar ou deturpar o problema que aborda, mas, ao contrário, apenas de mostrá-lo na sua crua realidade, nas suas implicações psicológicas e sociais, quer em relação aos homossexuais, quer em seu convívio em sociedade ou em seu meio exclusivo. Em resumo, é um espetáculo de primeira ordem, que deve ser visto, pensado e respeitado";

II - do Técnico de Censura GALLENO TASSO DE VILLANOVA LINS que, considerando a peça pornográfica, manifesta-se contrário à sua liberação " antes do reexame do script e apreciação das suas marcações";

III - de SOLANGE DA SILVEIRA VIDAL, que considerou a peça " de dureza causticante, tratando com muita violência os problemas de desajustamentos sociais"; é contrária à sua liberação, " a menos que sofra modificações que viessem a nos dar uma mensagem válida. A peça se inicia e termina no vício, sem ter sido acrescentado nada de bom, no seu decorrer"; e

IV - de CARLOS GUTARRES e SOLANGE DA SILVEIRA VIDAL, após o ensaio geral no Teatro "Maison de France" no Rio de Janeiro, segundo os quais: " pelo que assistimos, que seja vetada a sua estréia, a menos que sofra reexame, sendo banido o que mais agrida o choque".

Vistos e bem examinados, decido.

Os pareceres do Serviço de Censura de Diver -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 195.

191

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal bem destacaram as grosseiras impropriedades contidas no espetáculo "Os Garotos da Banda", que impunham sua proibição. No entanto, todos êles acenaram para a possibilidade de revisão do script e das marcações, para que o programa fôsse expungido das manifestações ofensivas à moral e aos bons costumes.

Entendo que esta deva ser a orientação da Censura.

Para êsse fim, devolvo os autos ao Departamento de Polícia Federal para que, a critério do Sr. Diretor-Geral, sejam adotadas as providências cabíveis.

Brasília, 21 de junho de 1971

ALFREDO BUZAID
Ministro da Justiça

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.196

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

198
T

SCDP

Para providências

22/06/77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 197

193

JOHN HERBERT - Produções Artísticas Ltda.
Rua Salvador Mendonça, 39 - Tel 81-7628
São Paulo
C. G. C. 61047460/001

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
29 JUN 1724 24022
RECEBIDO POR:

ILMO. SR. CHEFE
DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

JOHN HERBERT - PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA., POR SEU DIRETOR, ABAIXO ASSINADO, VEM PELO PRESENTE, REQUERER DE VOSSA SENHORIA SEJAM SUBSTITUÍDAS NA PEÇA TEATRAL / OS GARÔTOS DA BANDA/, AUTORIA DE MART CROWLEY, AS FÔLHAS 02-03-05-06-08 09-11-12-15-17-18-20-21-22-23-26-32-33-34 /1.ATO/. E FÔLHAS 36-41-42-43-44-47-50-52. 53-55-56-58-59-60-61-62-64-68-69- E 70 /2.ATO/.

ESCLARECE QUE TAL PEDIDO SE PRENDE AO SEGUINTE FATO: APÓS SEIS MESES DE ENCENAÇÃO, DEVIDAMENTE LIBERADA PELA CENSURA, ÊSSE SERVIÇO ACHOU POR BEM AVOCAR AQUELA DECISÃO, INTERDITANDO, POSTERIORMENTE A PEÇA EM APRÊÇO, COM BASE NO DECRETO-LEI NR. 1077.

SUBSTITUINDO AS FÔLHAS ACIMA, PROCURA O INTERESSADO ELIMINAR OS ASPECTOS QUE SERVIRAM DE BASE PARA A PROIBIÇÃO DO ESPETÁCULO, REQUERENDO SEJA REFERIDA PEÇA NOVAMENTE EXAMINADA POR ÊSSE SCDP.

N. TÊRMOS
P. DEFERIMENTO.

BRASÍLIA-DF, 29 DE JUNHO DE 1 971

John Herbert Buckup
JOHN HERBERT BUCKUP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 198

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

194/4

TÍTULO OS GAROTOS DA BANDA.

PARECER

AUTOR: MART CROWLEY.

APRECIAÇÃO: TENDO EM VISTA AS MODIFICAÇÕES ESTABELECIDAS AO TEXTO, EFETUADAS PELO INTERESSADO, SR. JOHN HERBERT, - ELIMINANDO EXPRESSÕES OFENSIVAS AO DECÔRO PÚBLICO E OUTRAS ATENTATÓRIAS À MORAL E AOS BONS COSTUMES, SUGIRO A LIBERAÇÃO DESTA PEÇA PARA PÚBLICO ADULTO.

CONTUDO, ALGUMAS EXPRESSÕES NÃO FORAM SUPRIMIDAS, - DEVENDO SER ELIMINADAS (INDICADAS ÀS PÁGINAS 7, 14, 54 E 66).

BRASÍLIA, 30 DE JUNHO DE 1 971.

DALMO PAIXÃO

Sr. Chefe do SCDP

Lebem-se com impropriedade para 18 anos

Brasília 1/07/71

[illegible]

Dir. P.F.S.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 199

Sr. CHEFE:

A peça em pauta já em conformidade dentro das normas exigidas pelo SCDP, com ressalvas às pags: f. 14, 54 e 66.

Df. 30.6.71

De acôrdo.
Em 30/6/71.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p. 200

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 15/01/75
AS ____ HRS.
Assinatura Legível

CONTROLE
Nº 195

MJ - DPF - SRA/BSB
15 JAN 07 48 PM 002678

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO 1564

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG
RECEBIDO EM 15/JAN/1975 AS 1630
ENCAMINHADO A: DCDP
EM ___/___/___ AS ___
RUBRICA: ___

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: SALVADOR NR 78 20 15/01 - 16.25 -P
RECEPÇÃO: C-555 151625 LE-WIL

END.
DCDP - BSB

FICHADO
S. A. DCDP

TEXTO E ASSINATURA

NR 04/SCDP DE 15.01.75 SOL INFO U SIT PECA TEATRAL ABRASPAS OS RAPAZES DA BANDA FECHASPAS DE MARTI GROWLEY / VG GRUPO LOCAL INTERESSADO ENCENAR EM FEV PROXIMO PT SDS SCDP/SR/2

Ao arquivo verificar
em 15/01/75

DPF-18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.201

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 146/

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SRBA

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 031-DCDP de 17_ 01_ 75___ REFERA NR 04/SCDP INFO PEÇA "OS RAPAZES DA BANDA" APÓS HAVER SIDO PROIBIDA TEVE TEXTO MODIFICADO E FOI AUTORIZ INCENAR PT DIR DCDP

DPF-SAv.84

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316, p. 202

D. P. F.
022968 | 21 JUN 71

PROC.- 896
LIV.- 01
PAG.- 94
REG.- 2998

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OS GAROTOS DA BANDA

DISTRIBUIÇÃO SP

ENTRADA
/ /
DISTR.- / /
1.a CEN.- / /
2.a CEN.- / /
CERT.- / /
SAIDA / /
TEMPO TRAM. DIAS.

PROC.- 896
LIV.- 01
PAG.- 28
REG.- 882

MART CROWLEY

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376/J-203

NEW YORK - EAST FIFTIES

Apartamento duplo elegantemente mobiliado, composto de um living e, em plano superior, um quarto de dormir. Música de Bossa Nova berrando numa vitrola.

Miguel, usando robe, entra da cozinha com algumas garrafas de bebida. Cruza para colocá-las no bar, examina se o aposento está em ordem, sobe para o nível do quarto enquanto improvisa alguns passos de dança. No quarto, passa diante de um espêlho, estuda a cabeleira - suspira. Pega um pente e um secador, entra em atividade.

O buzzer (aparêlho de comunicação interna) da porta da frente sôa. Um tempo. Miguel pára, ouve, desliga o secador. Mais buzzer. Miguel vai depressa até o living, desliga a múcisa, abre a porta descobrindo Dônald, vestido de cáqui e camisa lacoste, na mão uma valise com fecho-eclér, dessas de aviação. (O cáqui aqui (Khakis) creio se tratar de uma dessas roupas que no Brasil se chamam safari. N.T.)

Miguel | Dônald você está adiantado um dia e meio.
DÔNALD | (Entra) O analista cancelou minha hora.
MIGUEL | Cancelou! Co[illegible] é que você entrou ?
DÔNALD | A porta da r[illegible] estava aberta.
MIGUEL | Toma um drinq[illegible] ?
DÔNALD | (Dirigindo-se ao quarto de dormir pra deixar a valise) Primeiro quero tomar um banho de chuveiro. Hoje estou precisando de uma bôa curtição - vou tentar descansar e [illegible]ntir alguma coisa.
MIGUEL | Está na fossa por causa do médico ?
DÔNALD | (Voltando) Pô ! Eu estava no fundo do poço muito antes de chegar lá.
MIGUEL | Por que que o bunda-suja cancelou a consulta ?
DÔNALD | Um virus ou coisa parecida. Estava com uma cara horrível.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.204

MIGUEL | (pegando uma bolsa de compras) - Comprei uma porção de bobagens pra te levantar o moral. Olha, sabão de sânda lo...

DONALD | (Tirando as meias e os sapatos) - Já estou bem melhor.

MIGUEL | (Mostrando outros artigos) -... e uma escova de dentes só pra você. Já estou com o saco cheio de te pedir pra não usar a minha. Me dá nôjo...

DONALD | A mim também.

MIGUEL | Você já botou esra boquinha em coisas bem piores.(pe ga lata cilindrica) Pra você também... uma coisa cha mada Contrôle. Contei: tem a frase Para Cavalheiros escrita 37 vêzes neste troço.

DONALD | Acho que é pras bonecas se sentirem com alguma coisa máscula em cima.

MIGUEL | Podem escrever trinta e sete vezes para cavlaheiros que laquê não deixa de ser laquê.
(Donald ri) Vou arrumar uma prateleira só para você lá no banheiro. Por falar nisso - você vai dormir aqui ?

DONALD | Neca. Vou pegar o carro e me mandar de volta hoje mes mo. Eu ainda fico cheio de urticária qundo tenho que permanever nesta cidade muito tempo. Já estou melhor, mas ainda não estou tão bom assim.

MIGUEL | È o que você diz todo fim de semana.

DONALD | TAlvez com mais dez anos de análise eu possa ficar uma noite inteira em Nova York.

MIGUEL | E talvez com mais vinte anos de análise você possa nun ca mais vir aqui.

DONALD | Se eu viver isso tudo.

MIGUEL | Vive sim. Se um domingo dêsses você não se arrebentar na autoestrada de Long Island, é claro. Eu nunca entendí como é que você consegue voltar à Hampston depois de engulir tanques de Martini.

DONALD | Você pode acreditar - é mais fácil ir do que vir. Já teve um ataque de angústia a 100 quilometros por hora? Pois olha, hoje eu realmente não me aguentava, tinha que ver o psicanalista de qualquer maneira - e quando depois de um esforço incrível, estourei no consultorio, me atirei no sofá e comecei a vomitar tôda a minha de pressão, êle cortou a onda dizendo:" Donald, eu tenho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316,P-205

que cancelar a sessão de hoje - estou muito mal."

MIGUEL | Porque você não disse que estava muito mais doente do que êle ?

DONALD | Ele sabe disso. (Entra no bamheiro, tira os sapatos e as maias. Miguel segue.)

MIGUEL | E por que o safado não telefonou pra você ? Imagina se você tivesse guiado toda essa distância só pra ir lá ?

DONALD | (Tirando a camisa) - Porque você chama êle de safado?

MIGUEL | Tem que ser. Onde é que se viu uma nalista marcar uma sessão de duas horas numa noite de sábado?

DONALD | Simplesmente porque êle prefere descansar na segunda-feira.

MIGUEL | Quer dizer - trabalha até tarde no sábado e descansa na segunda-feira. Que é que êle é - psiquiatra ou calereiro ?

DONALD | Os dois, eu acho. O que êle tira de dentro da minha cabeça me deixa de cabelo arrepiado. Ondulação permanente. (Deita na cama). De qualquer maneira eu tinha mesmo que vir. Fui convidado prum aniversário. Ou não fui ?

MIGUEL | Hi - você tinha que me lembrar. Se há coisa para qual eu não tenho a menor saude no momento é ver cinco bichas loucas cantando "Parabens pra você".

DONALD | Quem vem ?

MIGUEL | Na verdade só uma amiguinhas do Haroldo. O aniversário é dêle, eu ~~não~~ quero tudo exatamente como ele gosta. Não quero ficar ouvindo êle repetir mil vezes que ninguém nunca faz nada a não ser para si proprios.

DONALD | Para sí proprio.

MIGUEL | Tá. Mas eu acho que você já conhece todp mundo - as mesmas caras de sempre, as mesmas bonecas cansadas de querra que badalam por aí dêsde o primeiro dia de criação. Ao todo sete, contando Haroldo, você e eu.

DONALD | Você está me classificando como bicha louca ou como boneca cansada de guerra ?

MIGUEL | Ah, perdão:. Seis bichas loucas e um pederasta na fossa.

DONALD | Você acha que o Haroldo vai se incomodar com a minha presença? Tecnicamente eu sou teu amigo, não dêle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.206

MIGUEL | Se ela se incomodar que se mude. Já te deixo em paz. Só um minutinho pra eu fazer uma coisa.

DÔNALD | Cirurgia plástica, já a essa hora ?

MIGUEL | (Mostra-lhe o dêdo pai-de-todos, vai ao espêlho) Vou apenas pentear meu cabelo pela quadragésima vês. Engraçado, o complexo do careca: eu sempre falo cabelo no singular. Meu cabêlo cai ao longo das minhas espáduas. Só que não volta.

DÔNALD | Você é um paranoide completo. Tem cabêlo pra vender.

MIGUEL | O que voce tem a oportunidade rara de contemplar é uma obra-prima de tapiação. A linha da minha cabeleira começa aqui. (Indica o alto da cabeça) Um longo processo de tortura obriga os meus cabelos a virem até aqui.

DÔNALD | Tudo que lhe posso desejar é que não haja uma ventania.

MIGUEL | Você não sabe o que eu sofro! Quando estou num boote basta uma clarineta soprar mais forte que eu estremeço. Qualquer ventinho me transforma num careca com cabêlo de pagem. (Corre os dêdos pelos cabelos, afasta-os do couro cabeludo, abaixa a cabeça prá que Donald possa ver. Dônald fica em silêncio) Não é nada bom, hein ?

DÔNALD | Bonito não é não.

MIGUEL | Isso se chama "ficar velho". Ah, o maravilhoso esquema da existência - primavera, verão, outono, inverno, e a morte. Quem foi que bolou isso ?

DÔNALD | Ninguém conhecido.

MIGUEL | (Volta-se para se examinar ao espêlho, suspira) Numa coisa, pelo menos, a marturbação é insuperável... você não precisa ser bonito.
(Tira o robe, joga-o para Dônald rí, pega o robe, sai para o banheiro. Miguel tira um suéter de uma arca, veste-se)

MIGUEL | Por que é que você está tão deprimido? Quero dizer, além do normal.
(UM TEMPO)

DÔNALD | (Relutante) Olha Miguel, eu realmente prefiro não falar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.207

MIGUEL | Bom, se você não vai me dizer, como é que nos podemos nos entender em profundidade - como é que podemos manter uma amizade quente, significativa, gratificante ?

DONALD | No o, benzinho.

MIGUEL | Que linguagem, Capitão Butler, como o senhor fala. (Aqui emita sotaque sulino, o que no Brasil não tem sentido. Pode ser feito com um tom idiota qualquer N.T)

DONALD | (Depois de uma pausa aparece na porta com um copo dàgua e um pequeno frasco de pílulas. Miguel olha). Acontece que hoje eu cheguei à conclusão de que minha vocação mesmo é o fracasso. Sou um fracassado vocacional Nasci com êste indestrutível talento.
(UM TEMPO)

MIGUEL | Você sabe, há algum tempo atrás você me dizia coisas assim e eu realmente não entendia nada do que você estava falando.

DONALD | (Toma uma pilula) - Naturalmente, tudo começou com Evelina e Walter.

MIGUEL | Evidente. Quando é que a coisa não começa com papai e mamãe? Infelizmente todos nós tivemos na vida uma Walter e uma Evelina. Os bolhas. Você não curte essa palavra. - bolha? Você se lembra da Bárbara Stanwick ? Ela dizia isso melhor do que ninguém." Me chama de chata, bolha."

DONALD | Bem, acho que a noite começa já tendo perdido oficialmente qualquer vestígio de sanidade mental.

MIGUEL | Oh, Donald, você está tão sério hoje . Você tem sêde de prazer, meu bem, e eu bebo por dois. (CANTA) "Forget your troubles,c'mon get happy, you better chase your blues away. Shout Hallelujah, c'mon get happy..." (Percebe que Donald não está ligando) - Tem alguma coisa mais chata do que uma bicha imitando Judy Garland?

DONALD | Imitando Bette Davis.

MIGUEL | Enquanto isso os dois personagens voltam a falar do síndrome Evelina e Walter.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-208

DONALD | O pino quadrado querendo entrar no furo redondo.

MIGUEL | Po, os analistas devem viver cheios só de ouvir falar como o paiê e a maiê conseguiram transformar o queridinho numa queridinha.

DONALD | A coisa já está mais avançada agora. Hoje, finalmente eu já posso ver como é que outra peças do quebra- cabeça completa o mistério. Por exemplo - já sei porque em tôda a minha vida nunca termino nada que começo... é uma compulsão neurotica para o fracasso. Percebí que sempre que eu fracassava, Eveleina me amava mais e me amava mais porque isso agradava Wlater, que exigia perfeição.E quando que errava ela estava sempre ali, pronta e feliz, com os braços cheios de compensação. De modo que começei a identificar o fracasso com o amôr de minha mãe.E comecei a errar de proposito para ter mais amor. Não terminei a universidade e nunca fiquei muito tempo em nenhum emprego nesta maldita cidade. Acabei vivendo num quarto em cima de uma garagem esfregando o chão pra me manter vivo. Me dá um fracasso e eu me sinto em casa. Porque foi isso que eu aprendí em casa.

MIGUEL| Desmafagafizadores.

DONALD | O que ?

MIGUEL | Um ninho de mafagarfos com sete mafagarfinhos, quem melhor os desmafagafizar melhor desmagafizador será. Êles te desmafagafizaram , bicho. São bons desmafagafizadores.

DONALD | È. É fácil quando pegam o mafagafo bem pequenininho. (TEMPO)(Miguel subitamente arranca o sueter, joga-o no ar, deixando-o cair por acaso, puxa um outro, enfia o, desce correndo para o living. Donald Segue.) Hei, onde é que você vai ?

MIGUEL | Preparar uns drinques . Acho que precisamos pelo menos uns trinta e sete.

DONALD | Onde é que vpcê arranjou êsse sueter ?

MIGUEL | Naquela loja divina no inicio da "58". " Hermes ".

DONALD | Eu esfrego-me nesses assoalhos o dia inteiro pra ganhar quarenta e cinco dólares por semana e você ai, botando fora sueters de cashmere.

MIGUEL | Aquele que eu joguei no chão inda agora não é cashmere é vicunha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.209

DONALD | Ah, perdão !

MIguel | Você ~~podia arranjar outro emprego.~~ Esfrega o rabinho noassoalho porque gosta, nega. Isso é, como voce mesmo diz, a tua neurose.

DÔNAID | Ahh, e eu que sempre pensei que fôsse meu destino.

MIGUEL | Além diêso, o fato de usar roupas caras não quer dizer que estejam pagas.

DÔNAID | Isso, como voce mesmo diz, é a tua neurose.

MIGUEL | Eu sou um garotão estragado. A maturidade passou por mim sem dar bom dia. Na verdade não tem nada pior do que um fruta maduro. Maduro maduro me lembra o Vitor.

DÔNALD | Que Vitor ?

MIGUEL | Vitor Mature, se lembra dele ? (Imita fortão cafagesta.) Trabalhou em todos os filmes da Betty Grable . Vai dizer que também não se lembra da Betty ? Que não era nascido. (Canta à Grable). " I cant, t begin to tell you, how much you mean to me.. "Betty cantava isso em 1.945. Quarenta e cinco ? Quarenra e três. Não, em quarenta e três foi Coney Island ". que êles refilmaram em cinquenta com o nome de Avenida das Ilusões . E, Dolly Sisters foi em quarenta e cinco.

DÔNALD Como é que eu fui perder todos êsses extraordinários marcos da história do cinema americano ? Olha, Miguel, eu posso entender que uma pessoa tenha laços, afinidades intelectuais com o teatro - mas cinema é um lixo ! Alguem pode levar cinema a sério ?

MIGUEL | Me desculpa, Dônald, se ofendi o teu alto critério artístico. Mas ainda que pareça estranho, lá em Café Quente, no Mississipi, não havia à mão nenhum teatro Shubert. Você sabe lá o que é viver num lugar chamado Café Quente ?

DÔNALD | De qualquer maneira graças as maravilhas do ecran, a tua neurose ganhou um certo estilo. É preciso um certo flair pra pegar um cheque de desemprego, arrancado do seguro social a duras penas, e torrar êle em meia hora no primeiro inferminho que aparece.

MIGUEL | Não vejo porque morrer de angustia só porque estou até aqui de dívidas. Prefiro pensar que há um lado criativo na minha maneira de tapiar os sobradores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 210

DONALD| Pode ser. (TEMPO) Miguel, é gente como você que estraga a reputação dos pederastas.

MIGUEL | E você, Donald, você é cartão de crédito de homosexual. Um fresco cumpridor dos seus devers, trabalhador sério, lavador de chão honesto, uma bicha confiável, que não deve nada a ninguém.

DONALD | Um exemplo de boneca. (Miguel pega uma fita e papel e começa a embrulhar o presente de aniversário de Haroldo)

MIGUEL | Podem achar que é pra bancar o bacana que eu vivo pulando de Beverly Hills pra Roma, de Roma para Acapulco de Acapulco pra Amsterdam. Mas vou te dizer uma coisa - viajo milhares de milhas porque o unico lugar em que me sinto realmente feliz é lá em cima - na porcaria do avião. (Ajeita a fita do pacote, continua). Está chateado com a Escandinavia ? experimente a Gercia. Cheio de carne escura ? Prove a carne branca. Detesta Tequila porque não toma Slivovitz ? Cansado dos rapazes ? pegue umas moças. E porque não moças e rapazes ao mesmo tempo em combinações variadas ? E se já encheu de gente, porque não pensa em drogas - bolinhas, maconha, coca, poppers, Acha isso fraco ? Entra na pesada. (Gesto de injeção na veia). Hein, Donald, me diz - você é capaz de sugeriir alguma coisa mais em que o menininho mau possa satisfazer o seu ego doente, estupido, vazio, estragado, podre, o seu ego egoista e egocêntrico ? Você acha que isso é bacana, Donald, é o bom estilo ? É isso que você lamenta não ter ? É isso que você sente que perdeu na vida - minhas fugas histéricas de pais em pais, de festa em festa, de bar em bar, de cama em cama, de porre em porre e tudo assim, no vazio, sem dinheiro, da mão pra boca ? (Um tempo) Corre, cobra, corre compra, pede emprestado gasta, corre, bota fora, esbanja, esbanja, esbanja. (Um tempo) E pra que ? E pra que ?

DONALD | Pra que Miguel ? Pra que ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.24

MIGUEL | Realmente prefiro não entrar nisso.
DONALD | Dessa maneira a nossa conersa não tem profundidade.
MIGUEL | Ah, você já sabe tudo de cor e salteado. A mesma canção , segunda parte. O motivo de tudo é que minha Evelina se recusou a me deixar crescer. Estava determinada a me manter criança a vida inteira. E foi muito bem sucedida. Enquanto isso, o meu Walter não só permitia tudo como lhe dava pleno apoio. (Um tempo)
O que você vê na sua frente é um bebê de trinta anos, e foi tudo feito em nome do amor - o que ela rotulava de amor e possivelmente acreditava com toda a sinceridade que fosse. Na verdade - aquela historia estava apenas satsifazendo as proprias necessidades de afeto enchendo a propria solidão. (Um tempo)- Tomavamos banho juntos na mesma banheira até o dia que eu fiquei tão grande que já não dava mais. Me obrigou a dormir na mesma cama até os catorze anos. Até o dia em que eu bati o pé e disse que não dormia lá nem mais uma noite. Não queria me preparar pra enfrentar a vida, a sair sózinho no mundo porque, se eu conse-

C
O
N
T
I
N
U
A.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.212

guisse, ela ficava abandonada. Mas um dia, eu fui. Um dia eu me mandei. O aleijão monstruoso se levantou, largou a muleta e capengou pra liberdade. E aqui está êle - indisciplinado, despreparado, deseducado, desequipado, incapaz para a vida! (Um tempo) E quer saber de uma coisa? Até hoje ela ainda repete: "Nao me interessa que voce tenha trinta, quarenta ou setenta anos - voce é o meu bebêzinho. "Você não pode imaginar como isso me põe furioso. Essa vaca nunca vai entender que eu sou, sempre vou ser, <u>filho</u>, <u>filho</u> dela, mas que não sou bebêzinho há mais de vinte e cinco anos! (Um tempo) E não me entenda mal. É muito fácil tirar o corpo fora e dizer que a culpa tôda é deles, de Valter e Evelina. Achar que nós somos simplesmente as vítimas indefesas. Mas no fim, somos responsáveis por nós mesmos. Porque eu acho - não estou certo, mas quero acreditar que seja assim: eu acho que de uma maneira patética e perigosa, todo o êrro deles é nos amar demais. (Um tempo) Fim. Aplausos. O autor ! O autor! (Dônald hesita, vai até Miguel, abraça-o demoradamente. É um gesto de absoluto carinho, cheio de calor.) Não há nada melhor do que uma bôa autopiedade, voce n~a o acha ?

DÔNALD | Nada !

MIGUEL | (À la Bette Davis) Eu adoro sentimentalismo barato. O . K. Estou recebendo pedidos para os drinques. Que é que vai ser ?

DÔNALD | Um Martini Beefeater extra-sêco, <u>on the focks.</u>

MIGUEL | Num minuto. (Dônald sobe a escada, entra no banheiro. Miguel desaparece na cozinha. Volta logo, carregando um balde de gêlo numa mão, uma bandeja de prata com muitos pedaços de sirí na outra, cantando "Acapulco" "<u>Down Argentina Way</u>", ou qualquer outra velha melodia de Betty Grable. O telefone toca. Miguel atende.) Alô, chefe dos travestis do <u>Crazy Horse</u>. (Um tempo) Alan ? Ah, desculpe, é voce ? Não posso acreditar ! Como é que voce vai ? Onde é que voce está ? Aqui ? Ótimo! Quando é que voce chegou ? Laura está com voce ? Oh. O que? Não. Não. Estou ocupado. É, infelizmente já tenho um compromisso hoje. Não posso. <u>Agora</u>, Alan ? Olha aqui, Alan, meu caro, é que é o aniversário de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-213

um amigo, eu estou reunindo um grupo de pessoas e.. Não , Não é exatamente uma festa de aniversário - ou melhor, festa de aniversário é, mas.. quer dizer, se a gente pode chamar de festa de alguma coisa. Lamento muito não poder convidar você pra vir até aqui, mas é que eu sei que não ia dar certo, você ia se chatear. Não, não tem geito.... é que seria chatoeu me encontrar com você só dez minutos e depois voce ter que ir embora.. Eu.. Alan ? Alan? Que é que há ? Você está chorando? Alan, que foi que aconteceu? Alan, escuta, vem cá então. Não, não, pode vir... eu disse por dizer. Tá, vem logo. Toma um drinquee depois você faz o que quizer. O.K. ? Alan, você está se sentindo bem ? Tá. É. O mesmo lugar. Tchau.(Desliga lentamente, fica olhando um pouco vago no espaço. Donald aparece. Tomou banho e mudou de roupa. Faz uma pose).

DONALD| Come é ? Estou Fascinante ? (Miguel olha)

MIGUEL| (Sem infelxão) Você está absolutamente Fascinante. Isto é - está uma caca e por isso estou absolutamente fascinado.

DONALD | (Deprimido) Como dizia a raposa: as uvas estão verdes.

MIGUEL | Você não vai acreditar o que acabou de acontecer.

DONALD | Quedê meu drinque ?

MIGUEL | Não fiz - estava falando ao telefone. (Donald vai ao bar, faz um Martini)- O meu velho companheiro de quarto de Georgetown acabou de telefonar.

DONALD | Alan de que mesmo ?

MIGUEL | McCarthy. Veio a Nova York prum negócio qualquer e vai dar uma passada aqui agora mesmo.

DONALD | Espero que ele saiba a letra do Parabens à você.

MIGUEL | Será que você não entende ? É uma situação chata. Alan é normal. Quadrado (Imita granfinona, caindo de distinção) De uma familia pôdre de chique.

DONALD | E isso é tão importante ?

MIGUEL | (Fala normal) Você não entende - êle é dessas pessoas que considera gente de teatro um bando de vagabundos. Que é que você pensa que ele vai achar desse show de perdidas que eu organizei pra hoje ?

DONALD | (Sorvendo o drinque) Está caindo bem .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.214

MIGUEL | Não quer uma perninha de siri?

DÔNALD | Agora não. Por que você convidou êle ?

MIGUEL | Êle se convidou. Disse que tinha de me ver hoje, imediatamente. Quando estava falando comigo não se aguentou nas pontas perdeu completamente o controle e começou a chorar.

DÔNALD | Vai ver é outro que adora auto-piedade.

MIGUEL | Grandes suspiros e enormes soluços. Uma curtição, realmente. E não estilo dele. Socomé, aquela cara tão controlado que não pisca um ôlho nem quando o avião está caindo? Que é que eu vou fazer ?

DONÂLD | Mas que é que te interssa a opinião DÊLE ?..

MIGUEL | Falar verdade não sei, mas...

DONÂLD | Ou, de repente você está com vergonha dos amigos?

MIGUEL | DONÂLD você é a única pessoa do mundo que me faz morrer de vergonha. Os padrões de certas pessoas não são iguais aos nossos, entendeu ? E se você não aceita isso é tão atrasado, tão estreito quando acha que eles são.

DONÂLD | Você sabe o que você é, Miguel ? Você é uma pessoa ao vivo.

MIGUEL | Muito obrigado e lixe-se. (Miguel cruza, pega um pedaço de siri e morde) Quer um pedaço?

DONÂLD | Não, obrigado. Como é que você consegue ser amigo de um chato dêsses ?

MIGUEL | Você pode não acreditar mas houve uma época na minha vida em que não não andava por aí. anunciando que era "invertido".

DONÂLD | Isso deve ter sido antes da invenção da imprensa.

MIGUEL | Se lhe interessa eu só me revelei depois que saí da faculdade.

DONÂLD | Pois olha, eu estava certo de que a primeira vez que nós trocamos juras, nosso encontro foi num bar de bichas na Perceira Avenida. E você ainda estava às voltas com o vestibular.

MIGUEL | Bolha|

MIGUEL | Se referindo ao siri) Não quer mesmo provar um pedacinho?

DONÂLD | Agora não ! Me permite recusar ?

MIGUEL | Ué, vai ficar frio. Que horas são ?

BR DFANBSB NS.0PR.TEA.PE 0376, p. 215

DÔNALD | Não sei. Cêdo.

MIGUEL | Onde está o Alan ?

DÔNALD | Quer mais club-soda ?

MIGUEL | O que ?

DÔNALD | Só tem club-soda nêsse cópo. Isso não é gin - como o meu. Quer mais ?

MIGUEL | Não.

DÔNALD | Este é o quarto fim de semana que venho aqui e voce não bebe. Deixou de beber ?

MIGUEL | E de fumar também.

DÔNALD | E de fumar, tambem. Há quanto tempo ?

MIGUEL | U m mês e pouco.

DÔNALD | Impressionante.

MIGUEL | Descobri Deus.

DÔNALD | Impressionante - pra você.

MIGUEL | Ou Deus está morto ?

DÔNALD | Está,graças a Deus. E não fica em pânico só porque estou ta fazendo um elogio.

MIGUEL | Você sempre disse que eu bebo melhor do que ninguem.

DÔNALD | Mas eu sempre soube tambem o momentò exato em qùe voce ficava alto -tinha uma coisa.

MIGUEL | Eu ficava agressivo.

DÔNALD | Agora parece mais feliz, um pouco mais leve - parece.

MIGUEL | (Calmamente) Obrigado.

DÔNALD | O que é que fez voce parar - o analista ?

MIGUEL | Ele influiu bastante,é claro. Mas o certo é que eu não ia sobreviver a outra ressaca. Eu achei que não ia resistir a mais um ataque de ang ustia quando acordasse de manhã depois de outra noite de porre. A fossa já não tinha mais fundo. Fossa! Angústia! Ansiedade! Culpa! E aí,o pânico. O pânico daquele pedacinho de segundo quando voce abre o ôlho de manhã e diz: "Oh,meu Deus, o que é que eu fiz ontem?" e, ZAP, lembra tudo de repente.

DÔNALD | Me conta tudo.

MIGUEL | Aí é o café, a aspirina ,Alka-Seltzer,Darvon, Daprisal e um chamado ansioso para o F.A. - Fossas Anônimos.

DÔNALD | "Bom dia, F.A."

MIGUEL | "olá, bom dia! Eu fiquei muito ruim ontem de noite ? Fiz alguma coisa errada ? Nada terrivel não, foi ?".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 216

DÔNALD | (Rindo) - Quantas vezes! Quantas vezes !

MIGUEL | E daí em diante aquela luta terrivel pra conseguir sobreviver até á hora dà almoço, quando voce pede um Blood-Mary duplo -isso é, se você consegue esperar até a hora do almoço - é logo está meio porrado de nôvo e inutil prà resto do diq. Só tem uma cura certa - dormir quarenta e oito horas, mas quem é que faz isso ? Em vez disso voce se aguenta por ali mesmo até o entardecer e ai já está pronto pro que der e fier. Felizmente o que vem é outra festa, outra bebedeira e a merda da rotina continua, sem fim. Ou até o fim. (Um tempo) O negócio é que eu fiquei nêsse rodamoinho muito tempo e, ou saía, ou morria de força centrífuga.

DONALD | voce está achando viver de cuca limpa melhor do que o nirvana do álcool ?

MIGUEL | Olha, essas coisas tôdas que sempre me disseram agora parecem verdade. Nada de compara com a experiencia do sujeito funcionar com suas faculdades naturais no máximo da capacidade. Só tem uma coisa... eu dava a vida por um drinque. (Som do buzzer na parede).

DÔNALD | Deve ser o seminarista...

MIGUEL | De repente a angústia me come as tripas, (Aperta o botão do painel na parede) Agora, escuta aqui, Dônald...

DÔNALD | Miguel, não me insulte com um sermão sôbre comportamento social. Prometo sentar com as pernas bem abertas e conservar a voz no registro mais grave,

MIGUEL | Dônald, voce é realmente um babaca! (A porta do apartamento soa várias vezes. Miguel vai até lá, abre-a de um golpe, descobre Davi, Autur e Douglas. Davi está de Bermudas e sueter. Artur usa uma camisa turtleneck e sandálias. Douglas usa um terno Ivy League com colete e sapatos cordovan. Artur e Douglas trazem presentes. Davi traz uma grande bandeja coberta.)

DAVI | (Estourando na sala) NINGUEM SE MEXE! É A POLICIA. ESTÁ TUDO PRESO ! (Acompanha isso com uma enorme gargalhada rouca. Se atira nos braços de Miguel, dá-lhe um grande beijo no rosto. Referindo-se à bandeja.) Alô, querida. Bundinha à caçadora.

Cont

MIGUEL | (Já meio cheio) Alô, Davi. Bota na cozinha.

DAVI | Bota aonde ? (Vê Dônald) Quem é essa mulher exótica ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 217

MIGUEL | Olá, Artur. Doucglas, como vai ? (Êles dizem Hai, apertam a mão, entram. Miguel olha no corredor, entra, fecha a porta)

DONALD | Ciao, Daví.

DAVI | Meu bem, eu pensei que você tivesse falecido ! Onde é que você anda escondendo êsses seus maravilhosos traços gregos ?

DONALD | Eu não moro mais na cidade.

MIGUEL | (Para Artur e Douglas, referindo-se aos presentes) Deixa que eu cuido dêsses. David, quedê o teu?

DAVI | Chega mais tarde. (Davi sai para a cozinha. Os olhares de Artur e Donald se encontram. Douglas entregou o presente a Miguel - Artur está muito preocupado.

DOUGLAS | Artur ! Artur!

ARTUR | Que é ?

DOUGLAS | Entrega o presente ao Miguel !

ARTUR | Ah. Toma ! (Para Douglas) Mais alto. Senão a mamãe não ouve você na Filadelfia.

DOUGLAS | Ué, você está aí,em transe.

MIGUEL | (Para Artur e Douglas quando Davi volta) Vocês já conheciam Donald, não conheciam?

DONALD | Claro, Prazer em vê-los. (Para Douglas) Hai !

DOUGLAS | (Apertando a mão) O prazer é meu.

MIGUEL | Hé, eu pensei que vocês já tinham se encontrado antes.

DONALD | Bem...

ARTUR | Encontrar pròpriamente nós nunca nos encontramos. Mas já.... hai !

DONALD | Hai !

DOUGLAS | Mas já o que ?

ARTUR | ... já nos vimos antes.

MIGUEL | Que coisa esquisita.

DOUGLAS | Vocês se viram sem se encontrar.

ARTUR | Que é que há? Que foi que eu disse de tão estranho ?

DOUGLAS | Onde ?

DAVÍ | (À parte para Miguel, mas alto) Acho que vão ter a primeira briga do dia.

ARTUR | A primeira desde que descemos do taxi.

MIGUEL | (Referindo-se a Daví) Onde é que você achou êsse lixo?

ARTUR | Na rua, encostado num poste.

DAVI | Com uma orquídea atraás da orelha e enormes lábios úmidos pintados por fora da linha da bôca.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 218

MIGUEL | Como Maria Montez ?

DÔNALD | Ah, por favôr !

DAVÍ | (Para Dônald) - Que é que vôce tem contra Maria? Era uma bôa mulher.

MIGUEL | Ouça todo mundo, vem aí um velho amigo meu, do tempo de colégio. Está de passagem pela cidade e vem aqui tomar um drinque rápido antes de ir jantar não sei onde. Mas, por favôr, êle é nor-mal, de modo que...

ARTUR | Nor-mal ! Se é o que eu conheci é tão normal quanto um concunda cégo.

MIGUEL | Não, Voce conheceu foi Justino Stuart.

DOUGLAS | Não me lembro de ninguem com êsse nome.

ARTUR | Claro que não; quem encontrou com ÊLE fui eu.

MIGUEL | Bem, quem vem aqui é outra pessôa.

DÔNALD | Alan Mc-Carthy. Um íntimo totalmente estranho.

MIGUEL | Não é que eu me importe muito com o que ele vai pensar de mim. Realmente não é isso. Mas eu sei que êle não está preparado pro choque. Aliás nunca vai estar. Voce compreende isso, não compreende, Douglas ?

DOUGLAS | Oh, claro.

ARTUR | Você acredita honestamente que ele não sabe nada a seu respeito ?

MIGUEL | Se tem a mais leve suspeita nunca deu o menor sinal.

DAVI | Se não percebeu minha filha, deve ter tomado lavagem cerebral em criança. (Sai pela escada, entra no banheiro)

MIGUEL | Eu era supercuidadoso quando estava no colégio e continuo tomando todo cuidado sempre que encontro com ele. Não sei bem porque, mas é assim.

DÔNALD | Frescura.

MIGUEL | Você pode dizer que eu sou um cocô, Dônald, mas nós éramos muito amigos. Ele era meu melhor amigo. Se o balão furasse de repente ele ia morrer de horror. Não era justo deixar que ele percebesse. Você pode achar que isso é uma simulação imbecil, mas eu sou assim. Digam o que quiserem.

DÔNALD | Eu passo.

MIGUEL | Bem, mesmo voce tem que admitir que é muito mais simples lidar com o mundo como ele é, aceitar as régras, e depois sair por aí, em frente e fazer com a gente bem entende. Pra que criar choques desnecessários ? Você compreende isso, não compreende ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.219

DONALD | Agora que você colocou em linguagem leiga.

MIGUEL | No colégio eu era igualzinho ao Alan. Ninguém tinha mais garotas do que nós. Andavamos sempre na maior pinta, quer dizer, a pinta meio cafona da época, aqueles paletos de azulona, sapatões de corda (Para Douglas) Desculpe. (A frase deve ser adaptado à roupa que Douglas estiver usando, para dar efeito, N.T.)

DOYGLAS| Não há nada.

MIGUEL | Eu enrusti a coisa muito tempo. Acho até que não estava mentindo nem pra mim mesmo. Eu pensava realmente que era normal.

DAVI | (Descendo a escada enquanto enfia um kleenex na manga) Quem é que a gente tem que cantar pra conseguir um drinque. nesta casa ?

MIGUEL | Quer sossegar o teu trazeiro em algum lugar? (Davi senta na escada) Ou eu pendava que era normal. O que sei é que só me declarei depois de formado.

DONALD | E aqueles fins de semana na faculdade ?

MIGUEL | Eu ainda não tinha me declarado. Ainda estava no síndrome: Pô, como eu estava bebâdo ontem de noite !

ARTUR | O que ?

MIGUEL | Síndrome: Uma reunião de sintomas. O síndrome: "Pô como eu estava bêbado ontem de noite! "aparece quando você se excedeu com alguém no colégio. No dia seguinte vocês têm que se encontrar cara a cara e então ambos caem naquela de um fingimento / que acaba sempre no mesmo: "Rapaz, eu bebi demais ontem de noite ! PÔ, não lembro absolutamente nada de que fiz". (Todos riem)

DONALD | Você se sentia culpado porque era católico.

MIGUEL | Não é isso. O Síndrome "Pô como eu estava bêbado ontem de noite ! "não tem religião. A coisa, tem relação com imaturidade. Embora eu tenha que admitir que o síndrome aparece numa porcentagem altíssima entre os mórmons.

DAVI | Vagabundos!

MIGUEL | Naquele tempo nós todos procurávamos arrsnjar uma maneira de justificar nosso comportamento, Mais tarde descobri que até Justino Stuart, meu melhor amigo...

DONALD | Depois de Alan MacCarthy.

MIGUEL | (Um olhar para Donald)... estava fazendo o mesmo. Só que, nos fins de semana, Justino ia pra Boston. (Artur e Davi riem)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 220

ARTUR | (A Douglas) Isso te lembra alguma coisa ?

MIGUEL | É, muito antes que Justino, ou eu, ou Deus sabe quem, se revelasse, era comum a gente ficar de pôrre e fazer verdadeiras lou curas. Porque no sídrome: "Pô, como eu estava bêbado ontem de noite! " o cara está realmente bêbado. AIsso é uma parte da verdade. Só que sabe muitissimo bem o que está fazendo. (Riso geral) Oh, meu Deus, eu só tinha coragem de entrar num bar de bichas quando estava realmente muito doido.

DONALD | Como os tempos mudaram !

MIGUEL | Muito. ùltimamente eu comecei a ter verdadeiro nôjo desses lugares. Todo mumdo ali em pé esperando, olhando, esperando - me dá a impressão de um intervalo de teatro eterno, onde o ato final nunca começa.

DOUGLAS| (Para Artur) Isso te lembra alguma coia ?

DAVI | Eu também não suporto êsses bares. Parece uma brincadeira de gato e rato - todo mundo fica alí em pé a noite inteira cada um olhando bem no olho do outro e a gente acaba indo pra casa sèzinho.

MIGUEL | E com a cuca dopada.

ARTUR | A maior parte só consegue contato sexual quando está muito drogado. (Rápido olhar a Douglas que não acha engraçado) É o que dizem.

MIGUEL | Se você se lembra, Donaldo, aprimeira vez em que nós ficamos juntos eu estava tão bêbado que mal podia ficar em pé.

DONALD | Você estava tão bêbado que nãda em você ficava em pé.

MIGUEL | (Fingindo inocência) Pô, eu estava tão bêbado que não me lembro de nada.

DONALD | Você se lembra foi tão lamentável.

MIGUEL | (Canta para Donald) - "Amigos apenas, amantes não mais..."

DAVID | É o que todo mundo diz.

DONALD | Na verdade nunca fomos

MIGUEL | Nem tivemos tempo de ser - nos conhecemos muito dppressa. (O buzzar da porta toca). Meu Deus, é Alan. Agora, eu peço todo mundo: me façam um favor. Moderação durante alguns minutos. Êle sai logo.

DAVI | O que Lalá disser a Lili faz.

MIGUEL | É exatamente disso que estou faldno Davi. Para com isso.

DAVID | Desculpe. (Com voz bem grossa, para Donald) Que é que você achou da minha participação no campeonato de Luta-livre?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 221

DÔNALD | (Voz grossa)Magnífico. Como sempre,você baixâu o páu ! (Miguel vai à porta,abre descobre Bernardo,colé-tinho esporte e gravata. Traz um presente e duas garrafas de vinho tinto.)

DAVI | (BERRO) Oh, é só um outro mágico.

BERNARDO | (Gesto com o dêdo indicador e polegar) O mágico de ós.

DAVI | Mandrake, o que esconde tudo. (Bernardo entra.Miguel olha no corrédor)

MIGUEL | Bernardo,a porta lá em baixo está aberta ?

BERNARDO | Estava. Eu fechei.

MIGUEL | Ah, bom. (Bernardo vai por o vinho no bar.)

MIGUEL | (Referindo-se às garrafas de vinho) Me dá aqui. Põe o teu presente junto com os outros. (Miguel fecha a porta,Bernardo lhe passa o presente. O telefone toca.)

BERNARDO | Hai, Artur, hai, Douglas.

MIGUEL | Meu bem Cristo dos Andes ! Dônald,atende o bar aí,por favôr.
(Miguel dá as garrafas a Dônald,vai ao telefone)

BERNARDO | (Estendendo a mão a Dônald) Olá, Donald.Bom ver voce.

DÔNALD | Ô, Bernardo.

MIGUEL | (No telefone) Alô? Alan ?

DAVI | Olá, Bernardete. Alguem já te disse que você ficaria dibina numa rede lilás,cercada por bustos de mármore antigo, ventiladores no teto e potes e potes de luxuriosas plantas tropicais ?

BERNARDO | Davi, voce é tão bicha, Vai ganhar o bôlo.

DAVI | Por falar no bôlo; quem foi que fez a obra-de arte ?

ARTUR | Eu. Isto é: eu encomendei.

DAVI | Quantas velas mandou botar - oitenta?

MIGUEL | ... o que ? Espera um instante.Tem muito barulho aqui. Vou passar pro outro telefone. (Aperta um botão,desliga, corre pra escada.)

ARTUR | Miguel, o bôlo chegou ?

MIGUEL | Ainda não.

DÔNALD | (Prá Miguel,quando êste passa) Que é que há ?

MIGUEL | E eu sei ?

ARTUR | Acho melhor eu reclamar. Posso usar o telefone direto ?

MIGUEL | (Subindo) Claro. (Fica duro na escada,se volta) Olha, pessoal, tem umas perninhas de siri ai na bandeja. Sirvam-se. (Dônald sacode a cabeça. Miguel entra no quarto. Artur vai ao telefone,aperta o botão para deixar a linha livre, liga pra informação.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 037b, p.222

DÔNALD / Quem é que quer um drinque ? (Douglas e Bernard dizem EU ou fazem gesto de assentimento.)

DAVI / (Tirando a sueter) Eu sirvo. Eu sou uma garçonete de monoquini servindo no Play-Boy-Clube.

BERNARDO / Por favor, poupe-nos a visão dantesca de tuas tetas murchas.

DAVI / (Para Douglas e Artur) que é que vocês vão querer, garotos?

MIGUEL / (No telefone ao lado da cama)... Pronto, Alan.

ARTUR / Vodka e água tônica. (No telefone) Por favor, eu quero é o número da Confeitaria Marseilles, em Manhattan.

DAVI / Uma vodka e uma tônica e...

DOUGLAS / Tem cerveja ?

DAVI / Cerveja ! Quem é que bebe cerveja antes de jantar?

BERNARD / Os que bebem cerveja.

DÔNALD / É dificil de entender?

MIGUEL / ... Não, Alan, não seja bôbo. Não tem nada de que se desculpar.

DAVI / Deixa eu ver quem bebe cerveja. Motoristas. Quero dizer, motoristas de caminhão. Pintores, Quero dizer, pintores de parede. Professores não. Professores bebem xerês.

DOUGLAS / O professor aqui bebe cerveja.

DAVI / Então talvez eu esteja me referindo a professores de escola pública. (para Artur) Como é que um artista divino como você consegue viver com êsse paquiderme insensível ?

ARTUR / (Tornando a discar) Não consigo.

BERNARDO / Daví, você saia correndo pra viver com Douglas agora mesmo. Bastava êle esticar o dedinho. Num minuto você ia. Em cincoenta e oito segundos. E sabe como você é ssssenssssível.

DAVI / Porque você não volta pro seu pelourinho !?

MIGUEL / ...Alan, não seja ridículo !

DONALD / Pega aí, Douglas.

DOUGLAS / Obrigado.

ARTUR / Não respondem.

DONALD / Que é que você toma Davi ?

BERNARDO / O que êle toma (INTENCIONAL) o que é que você toma Davi?

DAVI / Vodka com martini on the rocks, por favôr.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 223

ARTUR / (Desliga) Bem, vamos esperar que tragam. (Dônald entrega um drinque a Artur - os olhos dos dois tornam a se encontrar. Um vago sorriso aparece nos lábios de Artur. Donald volta ao bar para fazer o drinque de Davi)

MIGUEL / Almoço amanhã ? Ótimo ! Uma hora. O restaurante do Plaza está bem. É em baixo. Tá.

BERNARDO / (Para Donald) Dônald que bibliotecas você tem lido ùltimamente ?

DÔNALD / Só umas duas ou três. Esta semana li as obras completas da Doris Lessing. Ando muito deprimido.

MIGUEL / Alan, esquece isso, está bem? Tá. Tchau. (Desliga, vai deixar o quarto. Pára. Ràpidamente tira o sueter que está usando, pega outra, cruza para a escada.)

DONALD / Você não está trabalhando, mais, no serviço de Circulação?

BERNARDO / Continuo lá mesmo. Todo dia.

DONALD / Ah, bom, eu é que não tenho ido mais lá. Desde que me mudei só venho a Nova Yorque sábado à noite. (Muda sua pilha de livros do lugar em que está, no bar.)

DOUGLAS / Mas você trouxe um estoque pra semana inteira. (Miguel desce a escada).

BERNARDO / Está brincando ? Ele devora isso tudo em dois dias.

DAVI / Pra mim isso duraria dois anos. Ainda não acabei de ler o Guerra e Paz. E olha que comecei a lei em 1912.

MIGUEL / (Para Donald) Ainda bem - êle não vem.

DONALD / Acho que agora dava no mesmo.

BERNARDO / Tem tanta gente que come, tem gente que bebe, tem gente que cheira...

DONALD / Eu leio.

MIGUEL / E lê, e lê e lê. Às vezes tenho a impressão de que êle vai se estourar de alegria só porque descobriu num sêbo um livro que não esperava.

DAVI / Que é que ele gosta mais - capa dura ou brochura ?

DOUGLAS / Pelo menos Donald é um escapista construtivo.

MIGUEL / É. Eu sou um escapista aéreo. Sempre que posso entro num avião e me mando. Isto é, entrava, Não tenho mais dinheiro pra fazer isso. Em vez de avião, vou à saúna.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316, p 224

DAVI / Pois eu, agora, pretendo fazer os dois. Vou voar pra California...

BERNARDO / Você ainda faz aquele número que fazia em Tijuana?

DAVI / (Sem entender) Han?

BERNARDO / Você com o burro.

DAVI / Vou a São Francisco, gozar minhas férias. Férias suadas, minha odalisca.

ARTUR / Não vai comprar nada?

DAVI / Ah, vou olhar umas coisas pruns clientes, mas tenho andado tão ocupado ùltimamente que daria a vida para nunca mais ver uma lâmpada art-nouveaux nem uma cadeira Barcelona. Vou direto ao Club Baths, me meto lá dentro no bem bom e só saio daqui a uma semana quando o auto-falante anunciar que o avião da TWA já está no aeroporto, com as turbinas ligadas.

DAVI / (DONALD cruza e entrega um drinque a Davi) Obrigado, filhinho. Você ainda mora com seus pais ?

DONALD / Moro. Mas tá tudo bem - meus pais são muito compreensivos, Mamães se vira no trotoir e papai é um cáften muito importante, digo, competente.
(Davi cai na gargalhada, bate no joelho de Douglas, êste se levanta, muda de lugar. Dônald se vira pra Miguel) Quedê o Alan?

MIGUEL / Está numa fossa danada porque perdeu o controle antes. Se desculpa o tempo todo, tenta explicar, aquele negócio. Deu a volta e virou de novo o Alan antigo bem na frente dos meus olhos.

DÔNALD / Ouvidos.

MIGUEL / Ouvidos. E estou vendo que o siri não fez muito sucesso. (Vai tirar a bandeja)

DAVI / Deixa êsse troço ai se não quer ter a mão decepada. Eu ia me servir.

MIGUEL / Está relamente uma delícia. (Um olhar para Donald) - Não sei porque todo mundo parece contestar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.225

DONALD / Tem Vêzes que você me lembra a tortura chinesa da água. Tic.Tic. Tic. Tic, Inexorável.
(Douglas toca um disco)

BERNARDO / Oi, meninada, êsse pé que é o som.

DAVI / Basta um bumbo tocar que os olhos dêles brilham como uma vitrine de Cartier. (Bernardo o acompanha) E Haroldo , quando é que êle vem? Onde é que anda o fresco gelado?

MIGUEL / (Para Donald) Davi chama Haroldo de fresco gelado porque êleeera professor de esqui.
(Miguel e Bernardo agora dançam animadamente)

DONALD / (A MIGUEL) Se tua mãe te visse agora, rebolando assim, tinha um ataque.

MIGUEL / Tem uma câmara escondida aí, é? (O painel da porta toca, Davi solta um grito.)

DAVI / Ai, meu Deus, que horror, é a justa ! Ai meu Deus, vamos todos em cana. Ai, meu Deus, que cana dura. (Miguel vai ao painel aperta o botão, Douglas baixa a música. Miguel abre um pouco a porta, põe a cabeça pra fóra).

BERNARDO / Deve ser o Haroldo. (Miguel se inclina pra dentro) Ar-

ARTHUR / Graças a Deus. (Miguel vai ao corredor, quase fechando a porta atrás de si.)

DAVID / (GRITANDO) Pergunta se ele tem pão bisnaga. Sem o til.

DOUGLAS/ Para com isso, David.

DAVID / Pergunta se tem pão dormido. Eu quero dormir com um pão.

DOUGLAS / Você se acha uma graça, hem?

DAVID / Você sabe que você me lembra uma tia minha que só dava escondido?

DOUGLAS / E você me lembra um anãozinho de jardim. (Douglas eleva de novo a música).

MIGUEL / (No corredor) Obrigado. Bôa Noite. (Entra com uma caixa de bôlo, fecha a porta, leva a caixa para a cosinha.)

Arthur / Bernardo, você se lembra daquele negócio que a gente fazia em Fire Island? (Começa a balançar num espécie de Madison)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.226

BERNARDO | Isso foi aí há tanto tempo que eu até já tinha esquecido.

DAVI | Eu me lembro. (Levanta,fica aceso,comela a dar os passos.Artur e Bernardo acompanham).

ARTUR | E.É. Isso mesmo. Isso mesmo. (Miguel vem da cozinha,acompanha-os na dança.)

MIGUEL | E agora,as nossas jambetes geriátrkcas.(Agora fazem os passos com uma marcação quase profissional. Dônald vem sentar no braço de uma poltrona,serve a bebida,olhando com fascínio. Douglas vai ao bar, pega outra cerveja. O buzzer da porta toca. Ninguem parece ouvir. Toca de nôvo. Douglas se vira p'ra porta, hesita. Olha para Miguel, que agora está profundamente envolvido nas complicações da dança. Ninguem,parece,ouviu o buzzer Douglas vai até a porta, abre-a,dá com Alan. Alan está de black-tie. Os dançarinos continuam,se virando e dando apalhadas nos joelhos, batendo os calcanhares rindo com abandono. De súbito Miguel olha,vê,e pára,duro. Dônald vê que Miguel parou,acompanha o olhar dele vê oque ele viu. Levanta-se ,lentamente.
Miguel vai até o toca-disco,desliga-o de uma vez. Davi, Artur e Bernardo ainda dão uns saltinhos fora de compasso,olham paraver o que aconteceu)

MIGUEL | Eu pensei que voce tinha dito que não vinha.

ALAN | É...bem... pego mil desculpas...

MIGUEL | (FORÇANDO A BARRA) Bem, nos estavamos aí... nêsse ridículo.

ALAN | Quando eu liguei pra voce, falar,verdade,estava ai mesmo num telefone aquk perto, Não tive coragem,mas depois,,, Como meu jantar também não é longe ...

MIGUEL | ...Davi estava mostrando como uma moda fica ridícula assim, que... assim que sai de moda.

ALAN | ... Eu so subi porque,quando ia passando,vi que a porta lá em baixo estava aberta ...e...

MIGUEL | Este é Davi. (Davi faz uma reverência. Miguel o fuzila com um olhar.) Hei, todo mundo,êste é Alan McCarthy. Da esquerda pra direita: Artur, Davi, Bernardo,Dônald e Douglas. (Todos murmuram, "Alô, Olá", Hai.) Você toma um drinque ?

ALAN | Não,obrigado. Eu..realmente.,.não posso ficar muito,,, tempo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 227

MIGUEL | Ora, já que voxe veio, fica um pouco. Que é que voce toma ?

ALAN | Você tem Rye ?

MIGUEL | Lamento muito mas está fora de moda nesta casa. Você tem que optar por Gin. Uisque ou Vodka.

DÔNALD | Ou cerveja,

ALAN | Uisque, por favôr. (Miguel vai ao bar, Dônald o interrompe)

DÔNALD | Eu sirvo. (Vai ao bar.)

DOUGLAS | (Riso forçado) - Acho que sou o último bebedor de cerveja no mundo inteiro.

ALAN | (Olhando em volta) Quem é...o aniversariante ?

ARTUR | Haroldo.

ALAN | (Olhando em volta) Haroldo ?

BERNARDO | Ainda não chegou.

DAVI | Ela nunca chega na hora (Miguel mata Davi com um olhar fulminante.) Ele nunca chega na hora marcada, mesmo quando...

MIGUEL | Alan é de Washington. Freqnentamos a faculdadejuntos. Georgetown. (UM TEMPO. SILÊNCIO)

DAVI | Mas que coisa impressionante. (Dônald entrega o drinque a Alan.)

DÔNALD | Vê se está muito forte.

ALAN | (Toma um golaço) Está muito bom, obrigado. Excelente.

DOUGLAS | V ocê trabalha pro governo ?

ALAN | Não. Sou advogado. O que...você...voce faz o que ?

DOUGLAS | Professor. Curso médio.

ALAN | Ah. Voce parece muito mais um atleta. Tem o aspecto de quem vive fazendo exercício.

DOUGLAS | Bem, nuncafui profissional mas jogava no time d basqueste da Universidade e ainda jogo tenis quase todo dia.

ALAN | Eu também.

DOUGLAS | Acho um esporte formidável.

ALAN | Eu também. Completo. (UM TEMPO. SILÊNCIO) O que...o que você ENSINA ?

DOUGLAS | Matemática .

ALAN | Matemática ?

DOUGLAS | É.

ALAN | Matemática. Bom !

DAVI | Você parece tão entusiasmado que me dá a impressão de qu vai sair correndo pra comprar uma régua de cálculos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-228

MIGUEL / Davi. Estou precisando de alguem para me ajudar a preparar o jantar. Você acaba de ser eleito por unanimidade. Vem !

DAVI / Eu sou sempre o eleito.

BERNARDO / Você nasceu pro trabalho doméstico.

DAVI / Como disse a boneca africana ! Vem você também. Fica me abanando enquanto eu preparo a salada.

MIGUEL / (Com o olhar feroz. Sorriso falso.) VEM LOGO,DAVI ! (Miguel empurra a porta de vai-e-vem, deixando Bernardo e Davi passarem. Entra atrás. A porta se fecha. Mas o som abafado da voz de Miguel pode ser ouvido. VOZ OFF.)

DAVI / (FORA) Que diabo você quer de mim?

DOUGLAS / Por que não nos sentamos todos, confortàvelmente?

ALAN / Claro. (Douglas e Alan se sentam no sofá. Artur cruza para o bar, refaz seu drinque. Dônald se aproxima com o seu.)

ARTUR / Olá.

DÔNALD / Oba !

ALAN / Estou tão constrangido - de penetra na festa de vocês, assim ...

ARTUR / (A Dônald) Como é que você vai?

DÔNALD / Muito bem,obrigado.

DOUGLAS / (PARA ALAN)... Ora, não tem importância...

DÔNALD / (PARA ARTUR) ... E você ?

ARTUR / Oh... muito bem.

ALAN / (PARA DOUGLAS) Você é casado ? (Artur ouve isso, se volta para olhar na direção do sofá . Miguel entra da cozinha.)

DOUGLAS / (Observando Artur e Dônald) - O que ?

ALAN / Estou vendo que você é casado. (aponta pra aliança no dedo de Douglas)

c o n t i n u a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.229

DOUGLAS| Ah !

MIGUEL| (DE ÔLHO EM DÔNALD) -É.Douglas é casado.

ALAN| Tem filhos ?

DOUGLAS| Tenho. Um menino de nove e uma menina de sete. Você devia ver o garôto jogando tenis.É de envergonhar o pai.

DÔNALD| (EVITANDO O OLHAR DE MIGUEL) -É melhor eu ir buscar gêlo.(SAI PARA A COZINHA)

ALAN| (PARA DOUGLAS)Eu tenho duas filhas.

DOUGLAS| Formidavel.

MIGUEL| Como vão as meninas ,Alan ?

ALAN| Maravilhosas.(SACODE A CABEÇA) Eu acho ambas realmente maravilhosas.Sou maluco por elas.

DOUGLAS| Há quanto tempo você é casado ?

ALAN| Nove anos. É inacreditável,Miguel ?

MIGUEL| É mesmo.

ALAN| Mig costumava sair com a minha mulher quando ainda estavamos todos na Faculdade.

MIGUEL| É inacreditável.

ALAN| (PARA DOUGLAS) - Você vive na cidade ?

ARTUR| Vivemos.(SE APROXIMA,SENTA-SE NO SOFÁ PERTO DE DOUGLAS)

ALAN| Ah !

DOUGLAS| Estou me divorciando.Artur e eu somos companheiros de quarto.

MIGUEL| É !.

ALAN| Ah , me desculpem.Quero dizer...

DOUGLAS| Eu compreendo.

ALAN| (SE LEVANTA)-Eu...Eu acho que vou tomar outro drinque, Posso.?

MIGUEL| Claro.Que é que você estava tomando ?

ALAN| Eu mesmo preparo.Posso?(SE LEVANTA.DIRIGE-SE AO BAR. DE REPENTE HÁ UM GRANDE BARULHO FORA DE CENA.ALAN SALTA OLHA EM DIREÇÃO À PORTA DA COZINHA)Que foi isso) (DÔNALD ENTRA COM BALDE DE GÊLO.)

MIGUEL| Me desculpem. Conflito de temperamentos na cozinha! (MIGUEL SAI PELA PORTA DE VAI-E-VEM.ALAN CONTINUA ANDANDO ATÉ O BAR-FICA,NERVOSAMENTE,LEVANTANDO E ABAIXANDO GARRAFAS,PROCURANDO PELO UISQUE.)

DOUGLAS| (PARA ARTUR) Artur ,de onde é que você conhece êsse camarada ?

ARTUR| Que camarada ?

DOUGLAS| Êsse camarada.

ARTUR| Não sei.De pelaí.Dos bares.

DÔNALD| Posso servir você. Alan ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.230

ALAN| Eu...eu não consigo encontrar o uisque.

DÔNALD| Por acaso está na sua mão.

ALAN| Oh.Que coisa.Que estupidez a minha!
(DONALD FICA OBSERVANDO ENQUANTO ALAN SE ATRAPALHA TODO COM A GARRAFA DE UISQUE)

DONALD| Por que você não deixa eu servir ?

ALAN| (AGRADECIDO, LHE ENTREGA TUDO) -Obrigado.

DONALD| Você toma com soda ou com água ?

ALAN| Puro, por favor - com uma pedrinha de gêlo.
(MIGUEL ENTRA)

MIGUEL| Você vê, Alan, eu te disse que hoje não tinha ambiente pra gente conversar.Mas nós...

ALAN| Não tem importância.Assim que eu terminar êste uisque vou embora...(TOMA UM LONGO TRAGO)

ARTUR| E Haroldo , que não aparece ?

MIGUEL| Ah,sempre atrasado.Continua com a fobia de aparecer em público!Leva horas pra se aprontar.

ARTUR| Por que ?(DAVI ENTRA COM UM AVENTAL AMARRADO NA CINTURA,CARREGANDO UM MONTE DE PRATOS QUE DEPOSITA EM CIMA DE UM APARADOR.MIGUEL GIRA OS OLHOS DENTRO DAS ÓRBITAS.)

DAVI| Porque o que ?

ARTUR| Porque Haroldo leva horas se preparando antes de sair?

DAVI| Porque é uma senhora muito doente ,muito neurótica, menopáusica.(SAI PARA A COZINHA.ALAN TERMINA O DRINQUE)

MIGUEL| Alan , eu ia te dizer que , se você quiser.podemos conversar no quarto , lá em cima.

ALAN| Não, Miguel ,realmente não tem importância.

MIGUEL| Vem.Pega o teu copo e vem.

ALAN| Eu...eu já acabei.

MIGUEL| Então faz outro e vem.
(DONALD PEGA A GARRAFA DE UISQUE E SERVE O COPO DE ALAN.MIGUEL VAI SUBINDO A ESCADA.)

ALAN| (PARA DÔNALD)-Obrigado.

DÔNALD| Não tem de que.

ALAN| (PARA DOUGLAS) -Desculpe-nos. É só um minutinho.

ARTUR| Ele não vai embora.(UM TEMPO.)

MIGUEL| (NA ESCADA) -Sobe,Alan.Eu já vou.(ALAN ,MEIO SEM JEITO) (SOBE PARA O QUARTO.MIGUEL VAI À COZINHA.UM TEMPO)

DOUGLAS| (PARA ARTUR) O que é que quer dizer isso ?

ARTUR| Que é que quer dizer isso o que ?

DOUGLAS| Você sabe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 231

ARTUR| Quer outra cerveja ?

DOUGLAS| Não.Você está com ciumes,não está ?(DOUGLAS COMEÇA A RIR,ARTUR NÃO GOSTA.)

ARTUR| Eu me chamo Artur.o ciumento é você .
(VAI ATÉ DONALD) Hei .Dônald.onde é que você se escondeu êsse tempo todo?Nunca mais vi você.
(MIGUEL ENTRA PARA TESTEMUNIAR A CENA COM DESAGRADO. SE VIRA,SOB A ESCADA.NO QUARTO ALAN ESTA SENTADO NA BEIRA DA CAMA.MIGUEL ENTRA,PÁRA NO ESPELHO PRA AJEITAR O CABELO.EM BAIXO DOUGLAS SE LEVANTA.ENTRA NA COZINHA DÔNALD E ARTUR VÃO ATÉ UM CANTO DO APOSENTO ,SENTA-SE OLHANDO PARA CIMA,FALAM BAIXINHO.)

ALAN| (PARA MIGUEL) É um apartamento maravilhoso.

MIGUEL| Caro demais.Trabalho pra pagar o aluguel.

ALAN| O que é que você faz agora ?

MIGUEL| Nada.

ALAN| Não está mais escrevendo ?

MIGUEL| Nunca mais olhei pruma máquina de escrever depois que vendi aquêle ascript tão maravilhoso,mas tão maravilhoso,que nunca foi filmado.

ALAN| É mesm .A última vez em que nos encontramos você estava embarcando pra Califórnia.Ou era pra Europa?

MIGUEL/ Hollywood.Que não é na Europa e não tem nada a ver com a Califórnia .

ALAN| Nunca estive lá mas imagino que deve ser horrível.Todo mundo me parece gente muito cafagesta,muito...

MIGUEL| Não. Nem todo mundo.(ALAN RI.UM TEMPO.MIGUEL SENTA NA CAMA)-Alan , eu queria tentar te explicar essa reunião...

ALAN| Explicar o que , Alan ? Tem vêzes em que a gente não pode convidar um amigo pruma festa e.êle fica sentido, toma a coisa como uma ofensa pessoal.Mas você me conhece.Eu é que devia pedir desculpas por bancar o penetra.

MIGUEL| Não é disso que eu queria falar .

ALAN| Os teus amigos parecem todos pessoas formidáveis. Êsse Douglas é un sujeito legal.

MIGUEL| ....é. É sim !

ALAN| Acho que temos muito coisa em comum,nós dois .Como é mesmo o nome do companheiro de quarto dêle ?

MIGUEL| Artur.

ALAN| Que é que êle faz ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.232

MIGUEL| Pinta.Faz desenho industrial.

ALAN| Também gostei muito do Dônald. O único com quem eu não simpatizei foi êsse - como se chama mesmo? - Ah, Davi '.

MIGUEL| Ah, Davi , é '.

ALAN| Eu não aguento êsse tipo de brincadeira '. Me deixa deprimido.

MIGUEL| Que tipo de brincadeira,Alan?

ALAN| Você sabe - tudo que êle diz , a maneira de dizer. É um tipo de senso de humor que não me agrada.

MIGUEL| Mas às vezes êle consegue ser realmente muito engraçado.

ALAN| Acredito '.Quer dizer para quem acha divertida essa espécie de coisa.Pra mim êle me dá a impressão de um bruto pederasta.(SILÊNCIO.PAUSA)Desculpe eu dizer isso.Miguel.É horrivel a gente dizer isso seja de quem for. Mas você conhece êle melhor do que eu - tem que admitir que êle é afeminado.

MIGUEL| É. Um pouco.

ALAN| Um pouco! Tem vêzes que parece um travesti.Quero dizer não me admira nada que estivesse tentando ensinar aquela dança a vocês todos.Provavelmente estava querendo dançar com você.(PAUSA) Oh .Miguel, esquece isso.Você me conhece bem - sabe como eu sou. A tua vida particular ninguém tem nada com ela.

MIGUEL| (GÉLIDO) .Você está enganado.Eu não sei <u>como</u> você é.

ALAN| Quer dizer - eu não ligo a mínima pro que as outras pessoas fazem.Desde que não façam em público- nem- nem procurem forçar as outras pessoas a fazer o que elas fazem '.

MIGUEL| Diz,Alan,por que é que você estava chorando no telefone ?

ALAN| Oh,eu me sinto tão imbecil pensando nisso.Senti vontade de me matar depois daquele descontrôle. Fiquei tão envergonhado que verdadeiramente preferia morrer a fazer de nôvo aquilo.

MIGUEL| Mas.Alan,se você estava com um problema sério não tem motivo algum pra ficar envergonhado.

ALAN| Olha.Miguel - só posso te pedir uma coisa:aceite as minhas desculpas por ter agido como um idiota.

MIGUEL| Você devia estar muito pertubado,né.Senão não ia dizer que estava,nem que precisava tanto me ver. <u>Tinha</u> que me ver, <u>precisava</u> falar comigo.

ALAN| Você é capaz de esquecer isso?Faz de conta que nunca aconteceu.Eu seio que fiz.Está bem ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 233

MIGUEL| Há alguma coisa errada entre você e Laura ?

ALAN| Escuta Miguel,infelizmente eu tenho mesmo que ir embora.

MIGUEL| Que é que você veio fazer em Nova Iorque ?

ALAN| Estou atrasadissimo pro jantar .

MIGUEL| De quem é o jantar ? Onde é que você vai ?

ALAN| É aí o banheiro ?

MIGUEL| É.

ALAN| Me desculpe.(ENTRA NO BANHEIRO RÁPIDAMENTE.FECHA A PORTA.MIGUEL FICA EM SILÊNCIO,SENTA NA CAMA,CONTEMPLA O ESPAÇO .EM BAIXO DAVI SAI DA COSINHA SALTITANTE, DESCOBRE. DONALD E ARTUR NUMA CONVERSA TRANQUILINA E ÍNTIMA.)

DAVI| O-que-é-que-está-acontecendo-aqui,meu-Deus,oh, Maria, que-pergunta!(POE UM SALEIRO E UMA MOENDA DE PIMENTA NA MESA.DOUGLAS ENTRA.TRAZENDO UMA GARRAFA DE VINHO TINTO E UM SACARROLHAS.OLHA PARA DÔNALD E ARTUR. DÔNALD O VÊ,SE LEVANTA.)

DÔNALD| Douglas ,por que você não se junta conosco ?

DOUGLAS| Uma sugestão interessante.De quem é a idéia ?

DÔNALD| Minha.

ARTUR| (PARA DOUGLAS)-Ele está sugerindo uma conversa a três, Douglas.Só isso.(BERNARDO ENTRA,VINDO DA COZINHA,COM QUATRO GARRAFAS DE VINHO.)

DAVI| (PARA BERNARDO) Onde estão as outras garrafas de vinho?

BERNARDO| Tô trabaiando o mais que eu possa,nhô patrão.

DAVI| Com essa gente não se pode facilitar.Não conhecem o seu lugar.Não se pode perdê-los de vista. (SOME NA COZINHA.DÔNALD SAI DE PERTO DE ARTUR,VAI À MESA DE CAFÉ.SERVE-SE DAS PERNINHAS DE SIRI.DOUGLAS ABRE O VINHO ,PÕE NA MESA.MIGUEL LEVANTA DA CAMA E DESCE A ESCADA.EM BAIXO DOUGLAS CRUZA PARA ARTUR.)

DOUGLAS| Eu pensei que você fôsse respeitar o nosso acôrdo.

ARTUR| Não temos nenhum acôrdo .

DOUGLAS| Eu acho que temos .

ARTUR| Você tem. Eu nunca concordei com coisa nenhuma. (DONALDE OLHA PARA MIGUEL,LEVANTA PEDAÇO DE SIRI EM DIREÇÃO DÊLE.)

DONALD| À tua !

MIGUEL| Na tua !

BERNARDO Onde está o cavalheiro ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.234

MIGUEL / No banheiro. Se vocês aguentarem mais cinco minutos êle vai embora.

(A PORTA TOCA. NINGUEM SE DIRIGE PRA LÁ).

ARTUR / Enfim ! (MIGUEL ABRE A PORTA E APARECE UM RAPAZ DE MÚSCULOS, COM BOTAS, TIHTTS LEVI, LENÇO DE ALGODÃO, CHAPEU DE CAUBOI. NO PULSO TEM UM CARTÃO GRANDE , AMARRADO COM UMA FITA.)

CAUBOI / (CANTANDO DEPRESSA) "Parabens pra você
Nesta data querida,
Parabéns belo Haroldo
Muitos anos de vida."

(ASSIM QUE ACABA DÁ UM BRUTO ABRAÇO E UM ENORME BEIJO NO ROSTO DE MIGUEL. TODOS ESTÃO EM PÉ, DUROS EM SILÊNCIO.)

MIGUEL / Que diabo é isso? (DAVI REBOLA VINDO DA COZINHA)

DAVI / Êle é o meu presente pro HAROLDO, mas o desgraçado chegou cêdo! (RÁPIDO PRO CAUBOI) E êsse nem é o Haroldo, imbecil!

CAUBOI / Você disse que era quem vinha atender na porta.

DAVI / Mas disse também que era à meia noite em ponto! (RÁPIDO, PRO GRUPO) Êle está no papel do midnight cauboi.

DONALD / Êle é um midnight cauboi.

MIGUEL / Pra mim êle saiu agora mesmo de uma peça de Tenesse Williams.

DAVI / (AO CAUBOI)...Só à meia noite em ponto e tem que cantar pra pessoa certa! Eu repeti dez vezes que Haroldo tem um cabelo muito, muito crespo e muito, muito prêto. (REFERINDO/SE A MIGUEL) O nosso amizade em questão é pràticamente careca!

MIGUEL / Muito obrigado. E antes que eu me esqueça, dane-se.

BERNARDO / Ainda bem que eu não fui abrir a porta.

DAVI / A minha descrição não se referia a nada tão crespo, nem tão prêto.

CAUBOI / Eu me esqueci. Além disso, por volta da meia noite eu quero dar minha espiada nos bares.

DAVI/ Que é que você quer dizer - dar minha espiada onde? Olha aqui, ô bonequinha, eu paguei você pra noite tôda.

CAUBOI / Eu maxuquei minha coxa fazendo exercício e queria ir pra cama cêdo.

BERNARDO / Talvez vá, quem sabe? Depende do Haroldo.

ARTUR / (PRO CAUBOI) Coitadinho. Que foi que aconteceu?

CAUBOI / Eu perdi a garra quando estava fazendo uma sustentação de oitenta quilos, caí pra trás, nos calcanhares, e torci o costureiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.235

DAVI / Quem manda você levantar pêso usando salto sete-e meio?

CAUBOI / (SEM ENTENDER) Eu não devia era fazer sustentação. Meu pulso é fraco - não dá pé.

DAVI / Pulso fraco. Meu Deus, que bonitinho. Você desmunheca, minha nêga, você desmunheca.

MIGUEL / Quem foi que disse, "Me mostrem Oscar Wilde vestido de Cauboi e eu lhes mostrarei um cavalheiro bem "aviado".

DONALD / Não sei quem foi!

MIGUEL / (VOZ DE KATHARINE HEPBURN) Eu sei. Katharine Hepburn.

ARTUR / (PRO CAUBOI) O que é que diz êsse cartão?

CAUBOI / (ERGUENDO O PULSO) Taí, lê.

ARTUR / (LENDO) "Querido Haroldo, bang, bang, bang-você está mais vivo do que nunca. Mas vai cair pra trás e bancar o morto ao ver êste presente. Feliz aniversário.Davi".

BERNARDO / Davi, você é um verdadeiro poeta.

ARTUR / E sempre com o mesmo toque de bom gosto.

MIGUEL / Imagino o esfôrço que você fez pra não mandar colocar um luminosos em Times Squares.

DAVI / (OLHANDO PRO ALTO DA ESCADA) Corta a ação. Muda o ambiente. Vem aí a freira arrependida.

MIGUEL / Deixa de ser escroto! (ALAN DESCE. TODO MUNDO EM SILÊNCIO)

ALAN / Bem, vou indo. Muito obrigado pelo drinque, Miguel.

MIGUEL / Foi um enorme prazer. Alan. Nos vemos amanhã?

ALAN / ...Não. Eu acho que vou estar muito ocupado. Talvez até volte pra Washington.

DAVI / Tem algum encontro furtivo na Praça Lafayette ?

ALAN / O que?

DOUGLAS / DAVI !

DAVI / Esquece.

ALAN / (VÊ O CAUBOI) É o Haroldo?

DAVI / Não, não é o Haraldo. É pro Haroldo. (SILÊNCIO. ALAN DEIXA A FRASE PASSAR. SE VIRA PARA DOUGLAS.)

ALAN / Tchau, Douglas. Foi um prazer conhecê-lo.

DOUGLAS / O mesmo digo eu. (APERTO DE MÃO)

ALAN / Se...se você alguma vez fôr a Washington eu gostaria muito de lhe apresentar minha esposa.

ARTUR / Ia ser muito divertido, não ia. Douglas?

DAVI / É mesmo, êles adorariam conhecê-lo, cê-la. Eu sempre me atrapalho com os pronomes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.236

ALAN / (RÁPIDO PARA DAVI, JÁ FORA DE SI) Pederesta, invertido, fresco, (INVESTE CONTRA DAVI)
...Invertido. Eu te mato, anãozinho escrôto! Seu pederasta escrôto! Pederesta! Pederesta! (PANDEMÔNIO - ALAN DERRUBA DAVI NO CHÃO ANTES QUE ALGUÊM SE REFAÇA DA SURPRÊSA E POSSA CONTÊ-LO.)

DAVID / Oh, Meu Deus, me socorre alguém aí! Bernardo! êle está me matando!
(BERNARDO E DOUGLAS CORREM PRA FRENTE. DAVI CONTINUA GRITANDO. O SANGUE ESPIRRA DO NARIZ DÊLE.)

DOUGLAS / ALAN! ALAN! ALAN!

DAVI / Tirem êle daqui! Tirem êle daqui ! Ai, Meu Deus, êle quebrou o meu nariz ! Eu vou morrer ! Estou me esvaindo em sangue! ARTUR FOI FECHAR A PORTA. COM UM MOVIMENTO VIOLENTO, VERDADEIRAMENTE ATLÉTICO, DOUGLAS CONSEGUE ARRANCAR ALAN DE CIMA DE DAVI E ARRASTÁ-LO PARA TRÁS, ATRAVÉS DO LIVING. BERNARDO SE CURVA SÔBRE DAVI. PÕE UM BRAÇO POR BAIXO DÊLE, LEVANTA:O.)

BERNARDO / Alguém aí me dá um pouco de gêlo. E um pano.! (ARTUR CORRE ATÉ O BAR, PEGA A TOALHA E O BALDE DE GÊLO, CORRE PARA PÔR AS DUAS COISAS PERTO DE BERNARDO E DAVI. BERNARDO, RÀPIDAMENTE, ENVOLVE ALGUM GÊLO NA TOALHA E COLOCA ESTA NA BÔCA DE DAVI.

DAVI / OH, meu rosto!

BERNARDO / Ele arrebentou meu lábio - foi só isso. Está tudo bem.
(DOUGLAS COLOCOU ALAN NO CHÃO, NO OUTRO LADO DO APOSENTO. ALAN DESISTE DA BRIGA. RELAXA. CANSADO, APOIADO EM DOUGLAS GEMENDO E BATENDO COM OS PUNHOS RÌTMICAMENTE CONTRA O PEITO DÊLE. MIGUEL CONTINUA DE PÉ NO MESMO LUGAR, NO CENTRO DO APOSENTO, IMOVEL. DONALD CRUZA PARA CAUBOI;)

DONALD / Você se importa de esperar ali junto dos presentes?
(O CAUBOI ANDA ATÈ ONDE ESTÃO OS PRESENTES. DONALD CONTINUA, OLHA O MACHUCADO DE DAVI. PEGA SEU COPO, ENGOLE UM LONGO TRAGO. A PORTA TOCA. DONALD SE VIRA PRA MIGUEL, ESPERA. MIGUEL NÃO SE MEXE. DÔNALD VAI ATÉ A PORTA. ABRE-A. DESCOBRE HAROLDO.) Bem, Haroldo! Feliz aniversário !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.237

DONALD | ...Chegou ainda a tempo de assistir o fim de melhor show que esta casa já teve o prazer de apresentar.
(HAROLDO OLHA UM CIHAR SEM EXPRESSÃO NA DIREÇÃO DE MIGUEL, QUE RETRIBUI DA _____ MESMA MANEIRA.)

CAUBOI | (AVANÇANDO PARA HAROLDO)
Parabéns pra você
Nesta data querida
Parabens, bolo Haroldo
Muitos anos de vida.
(LANÇA OS BRAÇOS SÔBRE HAROLDO, DÁ-LHE UM BEIJO ENORME. DÔNALD OLHA PRA MIGUEL, QUE ASSISTE A CENA COM ESTOICISMO. HAROLDO EMPURRA O CAUBOI, LÊ O CARTÃO, COMEÇA A RIR. MIGUEL SE VIRA, COMEÇA A EXAMINAR O APOSENTO. DÔNALD O OBSERVA. VAGAROSAMENTE MIGUEL COMEÇA A SE MOVIMENTAR. AVANÇA ATÉ O BAR, SERVE UM COPO DE GIN, LEVANTA-O ATÉ OS LÁBIOS, BEBE-O ATÉ O FIM. DÔNALD OLHA EM SILÊNCIO, ENQUANTO HAROLDO RI, E RI, E RI.)

C O R T I N A /////

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.238

SEGUNDO /// ATO

2º ATO

(UM MOMENTO MAIS TARDE, HAROLDO AINDA RI. MIGUEL, NA MESMA POSIÇÃO, BAIXA O COPO, SE VIRA PARA HAROLDO).

MIGUEL | Que graça você está achando, que não pára de rir?

HAROLDO | (SEM SE INTIMIDAR. UMA MÃO MEIA BOBA NA CINTURA) - A vida. A vida é um troço muito engraçado. Você se lembra? A vida.

MIGUEL | Você está drogado.

ARTUR | Feliz aniversário, Haroldo

MIGUEL | (PARA HAROLDO) Você está drogado e atrasadíssimo! Você era esperado aqui entre oito e meia e nove horas, no máximo! Você é incorrigível!

HAROLDO | O que sou, Miguel, é uma bicha semita de trinta e dois anos de idade, feia, com o rosto marcado de bexigas. E se demoro um pouco mais do que as outras para me arrumar e se puxo um pouco de fumaça pra ter coragem de mostrar na rua esta cara, ninguém tem nada com isso. (COMPLETA MUDANÇA NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDO, PARA NUM TOM AMISTOSO, ÍNTIMO.) E você, como está você está noite? Está bem? (DOUGLAS LEVANTA ALAN PARA O SOFÁ. MIGUEL SE AFASTA DE HAROLDO. SERVE-SE DE OUTRO DRINQUE. DONALD OBSERVA. HAROLDO PASSA POR MIGUEL, VAI ATÉ ONDE BERNARDO ESTÁ AJUDANDO DAVI. ARTUR BOTA DE NÔVO O BALDE NO BAR. MIGUEL POE GÊLO NO DRINQUE).

DAVI | Meus parabens, Dodô

HAROLDO | Que foi que te aconteceu?

DAVI | (GEME) Nem pergunte!

HAROLDO | Os teus lábios estão ficando azuis; parece que você andou beijando o admirável Homem das Neves.

DAVI | Aquele cara elegante alí me agrediu! (INDICA ALAN. HAROLDO OLHA NA DIREÇÃO DO SOFÁ. ALAN CURVOU A CABEÇA NA DIREÇÃO DO PROPRIO COLO)

MIGUEL | Cuidado, Davi, você sabe que êsse tipo de coisa deixa êle descontrolado. (ALAN COBRE OS OUVIDOS)

HAROLDO | Quem é ela? Quem é ela? O que ela almeja?

DAVI | Não sei e tenho raiva de quem sabe.

DOUGLAS | Êle se chama Alan McCarthy.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.239

MIGUEL| Me desculpe por não ter feito uma apresentação formal.

HAROLDO| (SARCÁSTICO,PARA MIGUEL) Não vai dizer que é o famoso companheiro de cela dos bons tempos de colégio.

MIGUEL| (PEGA UM CUBO DE GÊLO DO COBO,JOGA-O PARA HAROLDO) Vê se faz um numero oito aí.

HAROLDO| Bom,bom, bom.Afinal tenho o imenso prazer de conhecer o velho Alan,.Ao vivo e de black tie. É teu presente surpresa pra mim.Miguel?

ARTUR| Acho que Alan foi quem ganhou mais surpresas esta noite

DONALD| Pelo visto, até perdeu a fala.

DAVI| Espero que ele tenha uma embolia.É um animal!

CAUBOI| (INDICANDO ALAN) Ele também faz gnos h oje?

DAVI| (INDICANDO O CAUBOI PARA HAROLDO) Essa é a tua surpresa

ARTUR| Por falar em animais.

DAVI| De mim pra você,querida.Você gosta ?

HAROLDO| Acho que êle tem uma cara interessante e o corpo não é mau- mas eu não fico ligado quando um cara não é capaz de nenhuma opinião inteligente sôbre arte.Você sabe.

DAVI| Sei , é uma pena.

HAROLDO| Eu nunca poderia amar uma pessoa assim.

DAVI| Nunca.Alguém pode ?

HAROLDO| Você e eu,olha aí duas que podiam!Ah,Mary,ela é diviiiiiina !

DAVI| Pode ser burra mas é tôda tua.

HAROLDO| Em coisas do coração não há regras!Onde é que você comprou êle ?

DAVI| Rae me indicou.

MIGUEL| (PARA DONALD) Rae é Rae Clark. R-A-E. É uma velha amiga de Davi,canta num buteco do Village. Usa ternos de riscas e se arruma como:" Miss Rae Clark-canções feitas sob medida."

DAVI| Miss Rae Clark.Canções para o seu gôsto.

MIGUEL| Você conhece alguma coisa mais cafona ?

DAVI| Rae é uma chanteuse fabulosa.Adoro quando ela diz: "Down in the depths on the Ninetieth Floor"

MIGUEL| O hino nacional das bichas.(SAI PRA COZINHA CANTANDO "Down intlie depths" num tom de barítono)

HAROLDO| (PARA DAVID) Só posso dar graças a Deus por Miss Rae Clark existir.Acho o teu presente uma super-surprêsa. Estou tão emocionado que te daria um beijo se não tivesse nojo de sangue.

DAVID| Ochhh,olha o meu sueter !

HAROLDO| A cara é que está horrível !Você vai desmaiar quando se olhar no espelho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P. 240

BERNARDO | Vamos, Davi , vamos te lavar. Meus parabens, Haroldo.

HAROLDO | (SORRISO). Obrigada , meu amor .

DAVI | Ah, o meu sueter está arruinado.

MIGUEL | (DA COZINHA) Pega um meu lá no quarto.

DONALD | O que está no chão é vicunha.

BERNARDO | (PARA DAVI) Você vai se sentir melhor depois de lavar o rosto.

DAVI | A coisa podia ser bem pior. Imagina se eu fosse atacada por um homem. (BERNARDO CONDUS DAVI PRO QUARTO.)

HAROLDO | Mais um aniversário tranquilo no convívio dos amigos. (MIGUEL VOLTA COM UMA GARRAFA DE VINHO, UM COPO DE VINHO BRANCO DE CRISTAL VERDE, SERVE ENQUANTO ANDA.)

MIGUEL | Aqui está uma garrafa gelada de Pouilly-Fuissé que eu comprei especialmente pra você, boneca.

HAROLDO | Minha gatinha , eu perdoo tudo. Você pode ficar. Não . Você pode ficar, mas eu não perdoo nada. Tin-Tin

MIGUEL | Eu adoraria que tudo fôsse tão diferente, Dodô.

HAROLDO | (INDICANDO ALAN) Quem foi que autorizou o Doutor Direito a comemorar meu aniversário ?

DONALD | A entrada é franca.

HAROLDO | (REFERINDO-SE A DONALD) E quem autorizou êle ?

MIGUEL | A culpa é minha, em ambos os casos. Você sabe, eu, quando cometo um êrro, vou até o fim da estrada.

HAROLDO | Não pode viver sem uma muleta , hein ?

DONALD | Eu não vou sair. (VAI AO BAR, PREPARA OUTRO MARTINI)

HAROLDO | Ninguém nunca pensa completamente em outra pessoa. Todo mundo pensa sempre em si próprio, em se auto-satisfazer. Às vêzes é só um pouquinho, mas todo mundo engana todo mundo

ARTUR | (REFERINDO-SE A ALAN) Que é que êle tem, tapando o rosto há mais de meia hora ?

DONALD | Deve estar na fossa. (DONALD OLHA PRA MIGUEL. MIGUEL DEVOLVE O OLHAR , GELADO COMO AÇO)

DOUGLAS | (PARA ALAN) Te preparo um drinque ?

ARTUR | Como é que êle pode ouvir tapando os ouvidos ?

HAROLDO | Está ouvindo muito bem. Olha, êle não perderia nem uma palavra mesmo que isso lhe custasse a vida. (ALAN TIRA AS MÃOS DOS OUVIDOS) Que foi que eu disse ?

ALAN | Eu...eu...estou enjoado. Eu acho que...acho ...vou . vomitar.

HAROLDO | Repete isso e não vou ter que tomar minha pílula pra diminuir o apetite. (ALAN OLHA DESESPERADO NA DIREÇÃO DE DOUGLAS)

DOUGLAS | Aguenta um pouco . (DOUGLAS PÕE O BRAÇO DE ALAN EM VOLTA DO PESCOÇO, LEVANTA-O, SOBE AS ESCADAS COM ÊLE.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.241

HAROLDO| Devagar. Degraus por degrau. (BERNARDO E DAVI SAIM DO BANHEIRO)

BERNARDO| Pronto ,Está melhor ?

DAVI| Ah, Mari,não sei como é que poderia viver sem você. (SE OLHA NO ESPELHO) Desculpe ,mas hoje não vou deixar o senhor fazer nenhum close-up ,Mr .De Mille. Até o fim da semana meu rosto só aceita long-shot. (BERNARDO PEGA O SUETER DE MIGUEL NO CHÃO.DOUGLAS E ALAN ESTÃO AINDA NO MEIO DA ESCADA.)

ALNA| Eu não aguento- vou vomitar! Me deixa !Me deixa! (SE SOLTA DE DOUGLAS.SOBE RÁPIDAMENTE O RESTO DA ESCADA ELE E DAVI QUASE SE CHOCAM.DAVI GRITA)

DAVI| Ai, meu Deus ,ele está atrás de mim !(DAVI SE RECOLHE ENQUANTO ALAN ZUNE EM DIREÇÃO DO BANHEIRO, BATENDO A PORTA ATRÁS DE SÍ.DOUGLAS ENTRA NO QUARTO)

DOUGLAS| Ele está péssimo.

BERNARDO| Péssimo de cuca,Olha,Davi,bota isso.

DAVI| Ah ,Marta ,me leva pra casa.Meus nervos não aguentam mais nada,esta noite.(DAVI PEGA O SUETER DE VICUNHA,(COMEÇA A VESTI-LO,EM BAIXO HAROLDO,PETULANTEMENTE, TIRA UM CIGARRO DA CARTEIRA,PEGA UM FÓSFORO DE UMA CAIXA ESPECIAL,PISA NO ASSENTO DO SOFÁ,SENTA-SE NAS COSTAS DELE.)

HAROLDO| LIGANDO ! ALGUEM PUXA ? (RISCA O FÓSFORO NA SOLA DO SAPATO,ACENDE.COM UMA VOZ FORÇADA)Alguém se candidata ?(BALANÇA O CIGARRO,PASSANDO-O LENTAMENTE)

MIGUEL| Não,muito obrigado.(HAROLDO ESTICA O CIGARRO PARA ARTUR,QUE ACENA NEGATIVAMENTE)

DONALD| Não, obrigado.

HAROLDO| (PARA O CAUBOI) E você ,Texas ?

CAUBOI| Ôpa !(PEGA O CIGARRO,FAZ ALGUMAS INALAÇÕES BEM AUDÍVEIS ATRAVÉS DOS DENTES).

MIGUEL| Só o som do ritual eu já acho profundamente humilhante.(SE VIRA,VAI AO BAR,PREPARA OUTRO DRINQUE)

ARTUR| Eu odeio o cheiro que os poppers deixam nos dedos da gente.

HAROLDO| Por que você não se levanta e vai lavar as mãos. (DAVI E BERNARDO DESCEM AS ESCADA.)

DAVI| Miguel,eu deixei a cassarola no fogo.Acho que já pode tirar.

MIGUEL| Porque você não vai ?

DAVI| Não posso nem sentir o cheiro da comida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.242

HAROLDO| Pois eu estou faminto.Vou comer até ter um ataque de indigestão.

MIGUEL| (PRA DAVI) Eu perguntei-você não vai ?

HAROLDO| (PRA MIGUEL) Ouvi falar que tinha um coquetel aqui hoje,é verdade ?Em minha homenagem.

DAVI| E no jantar,teu prato favorito.Eu mesmo fiz.

BERNARDO| Mas quem consertou a casserola ?

DAVI| Mas eu preparei o môlho .

BERNARDO| Mas eu fiz a salada !

ARTUR| Meninas , por favor !

MIGUEL| Por favor o que ?

HAROLDO| Cuidado com a bicha agressiva.Quando está sóbria,é perigosa.Quando bebe é mortal.

MIGUEL| (REFERINDO/SE A HAROLDO) Não prestar atenção.

HAROLDO| Eu estou faminto.Davizinho.Estou doido pra comer aquela tua lasanha temperada em ópio.

DAVI| Está mesmo?Ouvir isso me dá tanto prazer,que sou capaz de preparar uma antes de ir embora.

MIGUEL| Você não vai embora.

BERNARDO| Eu ajudo.

ARTUR| Eu ajudo também.E vigio pra ver se você não vai ter outra hemorragia nasal dentro do prato.

BERNARDO| Se fôr com môlho de tomate ninguém vai notar a diferença.(DAVI,BERNARDO E ARTUR SAEM PARA A COZINHA)

MIGUEL| (PROCLAMAÇÃO) Ninguém vai a parte alguma !

HAROLDO| Amanhã você vai ter um schmertz que nem vai acreditar

MIGUEL| Posso beijar a barra da sua batina,doutor Freud ?

CAUBOI| Que é que vocês dois estão falando? Eu não entendo.

DONALD| Eles estão tentando dissecar o complexo de Édipo, meu bem.A porrada.

CAUBOI| Hum ?(DOUGLAS DESCE A ESCADA)

DOUGLAS| Miguel ,você tem um spray?

HAROLDO| Você foi ajudar a segurar a cabeça dêle ou a fazer o penteado ?

DOUGLAS| Spray pro ar,pra tirar o cheiro.

MIGUEL| Tem uma lata de spray de jasmim bem em cima do trono.

DOUGLAS| Obrigado.(SOBE DE NÔVO)

HAROLDO| (PRA MIGUEL) Pensei que você fôsse dizer:Se fosse uma cobra te mordia"

MIGUEL| (INDICANDO O CAUBOI) Taí uma coisa que só o teu amigo era capaz de dizer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.243

HAROLDO| (A MIGUEL) A diferença entre nós dois é que eu estou completamente ligado e você não liga pra nada. (A DONALD) Eu guardo meu fumo no armário de remédios, numa caixinha de primeiros socorros. Me ensinaram que é o lugar mais seguro. Se a polícia bate você tem tempo de se trancar no banheiro e jogar tudo no vaso.

DONALD| Boa ficha.

HAROLDO| É mais lógico do que o que eu fazia -guardava tudo num pote de orégano na prateleira dos tempêros.
Vivia me esquecendo e volta e meia a louca da minha velha, depois de comer uma salada, ficava ligadona, muito doida. (UM TEMPO) Eu acho que ela gosta paca. Agora, em qualquer refeição, noutro dia até no café da manhã, ela diz: "Vamos comer uma saladinha?"

CAUBOI| (PRA MIGUEL) Por que que você disse que eu ia dizer: "Se fôsse uma cobra te mordia?" Sabe que é o que eu ia dizer mesmo?

MIGUEL| Claro que era. O teu cérebro de minhoca só pode guardar coisas assim. Você é definitivamente o tipo do cara que não consegue ler sem mexer os lábios e que, quando senta num banho turco, puxa conversa dizendo: "Quente, hein?"

CAUBOI| Eu quando vou ao ginásio nunca tomo sauna nem banho turco. Faz mal, depois do exercício. Bota os músculos flácidos.

MIGUEL| Que coisa, hein? Depois de você fazer aquêle baita esfôrço pra ficar todo durão!

CAUBOI| Não é?

MIGUEL| Você tem razão, Haroldo. Não é porque êle não consegue falar inteligentemente sôbre arte é incapaz de acompanhar o sentido de duas frases seguidas.

HAROLDO| Mas é muito bonito. Tem uma belêza não-natural. Tão natural. (MÃO COM A PALMA PARA CIMA NUM GESTO RÁPIDO) Embora isso não queira dizer nada.

MIGUEL| Mas não quer dizer tudo

HAROLDO| É bom você ir se convencendo disso enquanto o seu cabelo cai aos montes no soalho. (DE NÔVO MESMO GESTO ANTERIOR). Não que não seja uma coisa natural o cabelo recuar com a maturidade. Não que essas linhas que começaram a riscar nossa fisionomia sejam tão dolorosas assim, pois nos dão tanta personalidade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.244

MIGUEL| Nesse negócio de idade os pederastas são piores do que as mulheres. Quando chegam aos trinta pensam que a vida acabou. Belesa física não é um troço tão importante!

HAROLDO| Claro que não-nem podia ser. A beleza depende do ôlho de quem vê.

MIGUEL| E é uma coisa tão epidérmica, o que vale são os dotes de espírito. Não se esqueça também de dizer isso.

HAROLDO| Não me esqueci em absoluto. E tem mais. É tão transitório. É terrìvelmente transitório. Eu pergunto quantos anos dura? Trinta, quarenta ou cinquenta anos, no máximo-dependendo de como você se cuida. Não contando, naturalmente, que você pode morrer antes dela acabar. Sim, é uma coisa triste olhar para o rosto dêsse pobre rapaz. É trágico. É um ser definitivamente marcado! (PEGA O ROSTO DO CAUBOI NAS MÃOS) Como pode essa beleza jamais se comparar com a minha alma? Embora eu nunca tenha visto minha alma, tenho a opinião do rabino de mamãe - é maravilhosa! Ainda não consegui localizar onde ela estáa mas, se conseguir, troco imediatamente por uma beleza epidérmica, transitória, insignificante! (ALAN ANDA, AINDA FRACO, PELO QUARTO, SENTA NA CAMA. EM BAIXO ARTUR ENTRA DA COZINHA COM AS TRAVESSAS DE SALADA. DOUGLAS ENTRA NO QUARTO E APAGA AS LUZES. ALAN DEITA. AGORA SÓ A LUZ DO BANHEIRO E DO POÇO DA ESCADA ILUMINAM O QUARTO.)

MIGUEL| (FAZ SINAL DA CRUZ COM O DRINQUE NA MÃO) Perdoai-o, Pai, porque êle não sabe o que faz. (DOUGLAS FICA PARADO NA MEIA ESCURIDÃO)

HAROLDO| Miguel, você me mata. Você não sabe de que lado do muro está. Se alguém diz alguma coisa pró-religião você é contra. Se alguém nega Deus, você é contra. Não é difícil perceber que você tem algum problema, nessa área. Não pode viver com e nem pode viver sem.
(DAVI ATRAVESSA A PORTA DE VAI-E-VEM, CARREGANDO A CASSAROLA)

DAVI| Gororoba quente! Quem vai querer?

MIGUEL| (PARA DAVI) Pode-se matar você com muito pouco esfôrço.

HAROLDO| (PRA MIGUEL) Você investe muito nessa grande Apólice de Seguro chamada Igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.245

MIGUEL| É verdade. Eu acredito em Deus. Se ficar provado que êle não existe, paciência. Não se perde nada. Mas se acontecer dêle existir - eu estou coberto. (BERNARDO ENTRA, CARREGANDO UMA GRANDE TIJELA DE SALADA. PÕE NA MESA, ACENDE AS VELAS.)

DAVI| (PARA MIGUEL) Uma freira hipócrita, é o que você é.

MIGUEL| Exato. Eu sou um desses católicos completamente podres, que enche a cara, peca a noite inteira e de manhã, a primeira coisa que faz é ir à missa.

DAVI| Gilda Pecadora. Depende do que você pensa que o pecado é.

MIGUEL| Você quer fechar essa bôca suja e voltar pra cozinha?

DAVI| Eu faço o que você quiser -mas não me bate ! (SAI. UM TEMPO)

MIGUEL| No fundo êsse cara tem razão -eu só me confesso quando vou viajar de avião.

BERNARDO| E se Deus fôr mais pesado do que o ar? (UM TEMPO) Pra você então a fôrça de Deus só parece a dez mil metros de altura?

MIGUEL| Acho que sim. Aqui no chaõ eu sou Deus. Lá em cima eu sou apenas mais um infeliz apavorado. (UM TEMPO)

BERNARDO| E eu, que sou apavorado aqui na terra?

CAUBOI| Eu também. (UM TEMPO) Isso é, quando eu não estou no barato do ácido nem doidão no fumo (DOUGLAS DESCE A ESCADA.)

ARTUR| (PARA DOUGLAS) Que tal o rapazinho: é bem dotado?

DOUGLAS| (IGNORANDO A PROVOCAÇÃO, PARA MIGUEL) Êle está descansando um minuto.

HAROLDO| O banheiro ainda está cheirando mal?

DOUGLAS| Está melhor.

MIGUEL| Antes cheirava a alguém vomitando. Agora cheira a alguém vomitando num jardim.

ARTUR| E como vai o grande heroi?

DOUGLAS| Não enche, tá? (DAVI ENTRA COM CESTO DE ROLLS COBERTOS COM UM GUARDANAPO, COLOCA-O NA MESA.)

DAVI| O jantar está na mesa! (HAROLDO SE APROXIMA DO BUFÊ.)

HAROLDO| Davi, está realmente fabuloso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.246

DAVI| Se alguém me quisesse eu daria uma espôsa perfeita. (DAVI SERVE A PASTA. BERNARDO SERVE A SALADA, DEPOIS O VINHO. MIGUEL VAI AO BAR, FAZ OUTRO DRINQUE.) Sei cozinhar, arrumar um apartamento, receber muito bem... (PEGA UMA ROSA DE CABO COMPRIDO NUM ARRANJO SÔBRE A MESA, COLOCA A ROSA ENTRE OS DENTES, ESTALA OS DEDOS, FAZ UMA POSE.) Me dá um beijo - eu sou a Carmem! (HAROLDO OLHA-O SEM EXPRESSÃO, IGNORA-O. DAVI TIRA A FLOR DA BÔCA.) Pra êsse número as castanholas são indispensáveis.

MIGUEL| E uma saída de emergência pra se alguém quiser lhe dar uma porrada. (DOUGLAS SE APROXIMA DA MESA).

DAVI| Que é que você prefere, garotão?

ARTUR| Alan McCarthy com bastante maionese.

DAVI| Ah, eu não entendo vocês dois-(INDICA ARTUR, DEPOIS DOUGLAS) -eu pensei que você estivesse danado com êle e é êle quem fica aí, te aporrinhando. Que é que há?

ARTUR| Esquece. (CAUBOI SE APROXIMA DA MESA. DAVI LHE DÁ UM PRATO DE COMIDA. BERNARDO LHE DÁ SALADA E UM COPO DE VINHO. DOUGLAS VAI ATÉ O SOFÀ, SENTA, PÕE PRATO E COPO NA MESINHA DE CAFÉ, EM FRENTE. HAROLDO VAI ATÉ A ESCADA, SENTA E COME.)

CAUBOI| Que é isso?

ARTUR| Lasanha.
CAUBOI| Parece espagueti amassado com picadinho de carne.
DONALD| É que é feito na sauna-leva um banho de vapor.
CAUBOI| Ah, é?

MIGUEL| (COM DESPRÊSO) Parece espagueti amassado. Ah, Haroldo, como eu te invejo.

HAROLDO| Deve ser um grilo, pra você que conhece tanto de baute, cuisine, Racorteur, gourmet, bichâ!
(ARTUR PEGA UM PRATO DE COMIDA, VAI SE SENTAR NAS COSTAS DO SOFÁ, PELA PARTE DE TRÁS.)

CAUBOI| Está bom.

HAROLDO| (RÁPIDO) -Gosta, come.

MIGUEL| Enche bem a bôca pra pelo menos, ficar calado.
(DINALD PEGA UM PRATO)

BERNARDO| (PRA DONALD) Vinho?

DONALD| Não, obrigado.

MIGUEL| Ah, vamos lá, menino força um pouco. Bebe um copinho de vin ordinaire pra ajudar a descer essa massa deprimente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.247

HAROLDO| Sommelier, sommeisseur, porco (DONALD PEGA O COPO DE VINHO, VAI ATÉ O BAR, PÕE O COPO DE VINHO LÁ, SE ENCOSTA NA PAREDE, COME. DAVI DÁ UM PRATO A BERNARDO)

BERNARDO| Você não come nada ?

DAVI| Não. Meus lábios estão doendo muito.

MIGUEL| (VAI ATÉ A MESA, PEGA FACA) Dizem que se você puser uma faca em baixo da cama ela corta a dor.

HAROLDO| (PRA MIGUEL) Dizem que se voce puser uma faca em baixo do queixo ela te corta o pescoço.

DAVI| Ninguém vai levar um prato pro Alan ?

MIGUEL| O saco de pancada agora virou irmã de caridade.

ARTUR| Douglas ?

DOUGLAS| Acho que êle não tem apetite. (ALAN, COMO SE TIVESSE OUVIDO SEU NOME, LEVANTA DA CAMA, ANDA LENTAMENTE PARA O ALTO DO POÇO DA ESCADA. BERNARDO PEGA O SEU PRATO, SE APROXIMA DA ESCADA, SENTA NO CHÃO. MIGUEL RASPA UM COPO DE VINHO VAZIO COM A FACA.)

MIGUEL| Senhores e senhoras, perdão, senhoras e senhores, gostaria de anunciar que acabaram de comer Sebastião Venable.

CAUBOI| Comeram o que ?

MIGUEL| O que, não, imbecil. Quem. É um personagem de uma peça de teatro. Uma bicha que é comida viva. Por via oral!

CAUBOI| Deus do ceu.

DAVI| Costeleta de bicha. Bicha em postas. Bicha à moda. Bicha com batata frita.

DOUGLAS| De quem é a peça ?Edward Albee ?

MIGUEL| Não. Tennessee Williams.

DOUGLAS| Ah, é.

MIGUEL Albee escreveu" Quem tem medo de Virginia Woolf ?"

ARTUR Um casal qque se estraçalha...

DOUGLAS Eu sei. Mas pensei que ele tambem tinha escrito a outra.

ARTUR Pois é. Mas não escreveu.

DOUGLAS Então eu me enganei.

ARTUR Pois é, voce cometeu um erro.

DOUGLAS Está bem, cometi um erro.

ARTUR Ou nunca tinha ouvido falar.

DOUGLAS Que diferença faz ? Voce não sabe somar.

CAUBOI Eduardo o que ?

MIGUEL (A DAVI) Quanto voce pagou por ele ?

DAVI Iiiii, um roubo.

MIGUEL Pô, isso é um sanduiche de presunto - não vale mais de cincoenta centavos a qualquer hora do dia ou da noite.

HAROLDO Rei do mundo porco. Rei do chiqueiro.

(MIGUEL LHE DÁ UM OLHAR.DONALD LEVA O SEU PRATO À MESA)

DAVI (PRA DONALD) Não quer mais um pouco ?

DONALD Não, Davi, obrigado. Estava muito bem.

DAVI Gostou ?

CAUBOI Que roubo ? Eu custo vinte dolares. (BERNARDO DEVOLVE SEU PRATO)

DAVI Mais

BERNARDO (Acena que não) Estava delicioso apesar de ter sido mesmo que fiz.

DAVI Alguem quer repetir?

HAROLDO Eu. Vou repetir uma duas, tres, cinco vezes ! (LEVANTA VAI ATÉ A MESA.) Estou absolutamente desesperado pra conservar meu peso acima do normal. (BERNARDO SE CURVA PARA COCHILAR ALGUMA COISA NO OUVIDO DE DAVI. DAVI ACENA AFIRMATIVAMENTE, BERNARDO CRUZA PARA O CAUBOI, FALA NO OUVIDO DELE UM TEMPO. CAUBOI PÕE SEU PRATO NO BUFÊ, SEGUE DAVI E BERNARDO ATÉ A COZINHA.)

MIGUEL (PARODIANDO HAROLDO) Voce esta completamente paranoide em todos os sentidos.

HAROLDO Oh, é ? Então me faz um grande favor e não me diz o que eu devo fazer.

MIGUEL Voce passa fome dias inteiros. só com café e queijo branco, para depois se entupir até a guela numa unica refeição. E aí começa a se sentir culpado, a gemer e a chorar porque está cada vez mais gordo, porque está cada vez mais feio, e a verdade é que nunca foi mais gordo nem mais magro do que agora.

DAVI Paranoia Digestiva. (DAVI VAI A MESINHA DE CAFÉ , PEGAR O PRATO VASIO DE DOUGLAS;)

DOUGLAS Excepcional, Davi.

DAVI Eu sou ou não sou uma senhora cozinheira, Mary ?

MIGUEL (A HAROLDO) ...e esse atraso patólogico. É uma coisa completamente neurótica.

HAROLDO Ligando

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.249

MIGUEL| Horas e horas em pé na frente de um espelho antes de ganhar coragem pra pisar na rua. E não parecendo nem um milímetro melhor apesar de não sei quantas mil aplicações dessas desses óleos, cremes, máscaras e tôda essa joça!

HAROLDO| Eu tenho uma pele horrível, posso me defender?

MIGUEL| Quem não teria depois de passar a vida inteira com uma pinça na mão deliberadamente arrebentando os poros? Não é de espantar que você tenha essas crateras na cara depois de anos e anos de cavucação.

HAROLDO| (FRIO MAS DEFINITIVO) Sua porca odienta.

MIGUEL| É, você tem tôdas essas marcas na cara - mas não são tão horrendas assim, se deixasse a pele em paz não ficaria pior.

HAROLDO| Naturalmente, agora você está esperando que eu o cumprimente pela sua extrema honestidade, diz que não? Por ser tão meu amigo que diz aquilo que nenhum outro tem coragem de me dizer. Suino.

MIGUEL| E as pílulas! (PARA O GRUPO TODO) O ano inteiro êle vem economizando, juntando, armazenando, colecionando barbitúricos. Como um esquilo louco. Centenas de Nembutais, centenas de Seconais. Tudo como preparação e antecipação do longo inverno de sua morte. (SILÊNCIO) Mas eu te digo uma coisa, na cara, Dodô. Quando chegar a hora você não vai ter coragem. Nem sempre é como acontece nas peças - nem todos os pederastas têm coragem de estourar os cornos no fim da história.

HAROLDO| Talvez você tenha razão. O tempo dirá. Dirá, não tem dúvida. Mas, enquanto isso, você se esqueceu de falar num detalhe -meus cosméticos e adstringentes estão pagos, e o banheiro está pago, as pinças e as pílulas estão pagas.
(DAVI DE REPENTE DESLIGA O COMUTADOR. O APOSENTO FICA NO ESCURO EXCETO PELA LUZ DAS VELAS NA MESA DE BUFÊ. DAVI COMEÇA A CANTAR PARABENS PRA VOCÊ. IMEDIATAMENTE BERNARDO ABRE A PORTA DE VAI E VEM E O CAUBOI ENTRA, CARREGANDO UM BOLO CHEIO DE VELAS ACESAS, TODO MUNDO JUNTOU-SE AO PARABENS PRA VOCE, NESTA DATA QUERIDA. ETC.....
ACABA COM UM GRANDE APLAUSO. MIGUEL SE VIRA, VAI ATÉ O BAR, FAZ OUTRO DRINQUE.)

DAVI| Sopra as velas, Mary e pensa um desejo.

MIGUEL| (PRA SI PRÓPRIO) Sopra tuas velas, Margarida. (O CAUBOI COLOCOU O BOLO EM FRENTE DE HAROLDO. ÊSTE PENSA UM INSTANTE, SOPRA AS VELAS. MAIS APLAUSOS.)

DAVI| Ela hoje fica um aninho menos moça.

HAROLDO| (GRUNHE, GEME, SEGURA A CABEÇA) Ai, meu Deus!
(BERNARDO TROUXE PRATOS DE SOBREMESA, E GARFOS. O aposento continua iluminado só pelas velas. (CAUBOI COMEÇA A CORTAR FATIAS, COLOCANDO-AS NOS PRATOS.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.250

DOUGLAS Agora voce tem que abrir os presentes.

HAROLDO Tenho que abrir aqui ?

DAVI Claro que tem que abrir aqui.(ENTREGA UM PRESENTE A HAROLDO. HAROLDO COMEÇA A RASGAR O PAPEL)

HAROLDO Onde está o cartão ?

DAVI Aqui.

HAROLDO Ah. DomArtur. (ACABA DE RASGAR O PAPEL.) Oh, que divino! Ah, Artur, amei. Amei !)(HAROLDO MOSTRA UM DESENHO - GRAFISMO,PARECENDO UM DESSES CARTÕES DO JOGO DE MONOPÓLIO.)

CAUBOI Que é isso ?

HAROLDO Pop-Arte.

CAUBOI Ahn !

DONALD (PRA ARTUR) É sensacional . Foi voce quem fez ?

ARTUR Foi.

HAROLDO É extracrdinario, Artur. Vai pra parede assim que eu chegar em casa, (DA UM BEIJO NO ROSTO DE ARTUR)

CAUBOI (PRA HAROLDO) Eu não estou entendendo. Isso daí não é o mapa do Metrô ?

MIGUEL Alguem quer fazer o favor de tirar êsse troço da minha frente ? (HAROLDO ABRE OUTRO PRESENTE, PEGA O CARTÃO QUE ESTÁ DENTRO.)

HAROLDO Ah, que sueter alinhada ! Obrigado Douglas.

DOUGLAS Se voce não gostar pode trocar.

HAROLDO Não,eu acho formidavel ! Adoro essa côr. (DONALD VAI AO BAR PREPARA UM BRANDY COM SODA.)

BERNARDO Quem quer bolo ?

DAVI Todo mundo ?

DONALD Pra mim, não.

(DOUGLAS SE APROXIMA DA MESA. BERNARDO LHE DÁ UM PEDAÇO DE BOLO,PASSA OUTRO AO CAUBOI E UM OUTRO A ARTUR. HAROLDO RASGA O PAPEL DE OUTRO PRESENTE RI BEM ALTO)

HAROLDO Oh, Bernardo ! Que divino ! Olha todo mundo ! Joelheiras bordadas.(MOSTRA UM PAR DE JOELHEIRAS DE BASQUETEBOL COM INICIAIS EM CEQUINS.)

BAENARDO Monograma em Cequins.

DAVI Bernardo, voce é tão Camp !

MIGUEL Bem, os mais velhinhos já ouviram falar de Gloria de Havana e de Billy de Wolfe-agora estão vendo a própria Rosemaryde Camp.

BERNARDO Quem ?

DAVI Eu nunca perco um filme de Rosemary de Camp.

DOUGLAS Nunca ouvi falar.

CAUBOI Nem eu.

DOUGLAS Nem todo mundo passou a vida inteira num cinema, Miguel.Tem pessoas que jogam baseball

DONALD Eu corto grama.

DAVI Não quero bancar o superior não, mas eu sei quem é Rosemary

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.251

DAVI — CONTINUA
De camp.

MIGUEL — Tá na cara. Eu duvido é que voce conheça um campo de baseball ou um corta grama. (HAROLDO ABRIU O ULTIMO PRESENTE FICA EM SILENCIO; PAUSA.)

HAROLDO — Obrigado, Miguel.

MIGUEL — Que ? (SE VIRA PRA VER O PRESENTE) Oh ! (UM TEMPO) Não tem de que. (ACABA O DRINQUE, VOLTA AO BAR)

ARTUR — O que é, Haroldo ? (UM TEMPO)

HAROLDO — É uma fotografia dêle, numa moldura de prata. Com uma inscrição gravada a data.

BERNARDO — Que é que diz.

HAROLDO — É...coisa pessoal.(MIGUEL VEM LOGO DO BAR)

MIGUEL — Hey,Bernardo, bota aí uma musica pra animar o papo.

BERNARDO — O.K.

DAVI — Ótimo, estou louco pra dançar.

MIGUEL — Que tal uma exebição pessoal, Davi ? Uma das tuas especialidades, aquele sapateado militar que voce dança com uma classe que...

DAVI — Eu não danço isso em aniversario - só no Dia da Pátria. (BERNARDO PÕE UM DISCO ROMANTICO.DAVI VAI ATÉ ELE. OS DOIS COMEÇAM A DANÇAR VAGAROSAMENTE.)

ARTUR — Vem, Miguel.

MIGUEL — Eu só sei guiando.

ARTUR — Vem, eu sigo. (COMEÇAM A DANÇAR.)

HAROLDO — Vamos nós, Texas; nós tambem. (O CAUBOI OBEDECE MAS É UMA DESGRAÇA COMO DANÇARINA. HAROLDO DESISTE,PEGA OUTRO CIGARRO, ACENDE UM FOSFORO. QUANDO FAZ ISSO, PERCEBE ALGUEM NA ESCADA, VAI ATÉ ALAN, SOPRA O FOSFORO.)
Quer dançar ?

DAVI — (VÊ ALAN.) Ahhhh! Irene, a terrivel, voltou !

MIGUEL — Oh, olá, Alan. Está melhor ? Foi nesse pedaço que voce entrou, não foi ? (ALAN DIRIGE-SE DIRETAMENTE À PORTA,MIGUEL SE ATRAVESSA NO CAMINHO) Me desculpe, Artur. (ALAN ATINGE A PORTA, ABRIU-A, MAS MIGUEL O IMPEDE, BATE A PORTA, SE ENCOSTA NELA,CRUZANDO AS PERNAS.) Como eles dizem no Sul não se deve andar depressa quando o sol está a pino.

HAROLDO — Uma revolução completa. (MIGUEL PEGA ALAN PELO BRAÇO LENTAMENTE.DEVAGARZINHO LEVA-O DE VOLTA AO CENTRO DO APOSENTO)

MIGUEL — ....Voce não provou o bolo. Nem viu Haroldo abrir os presentes, mas não perdeu tudo. Ainda vai pegar o melhor da festa. Vamos fazer um jogo. (ESTÃO JUNTO A VITROLA,MIGUEL TIRA O DISCO. A MUSICA PARA,COM ELA A DANÇA. MIGUEL SOLTA ALAN,BATE PALMAS) Hei, todo mundo-hora do jogo! (ALAN SE MOVIMENTA,MIGUEL PEGA-O DELICADAMENTE PELA MANGA)

HAROLDO — Porque voce não deixa ele ir embora, Miguel ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376 IP 252

MIGUEL| Êle pode fazer o que bem entender -mas só depois da gente jogar um pouquinho.

DAVI| Qual é o jôgo - quem imita melhor estrela de cinema?

MIGUEL| Êsse jôgo é bicha demais para Alan entrar - ia perder longe pra você.

DAVI| Quem sabe? Êle pode ser uma revelação.

BERNARDO| Que tal gosto - Não gosto? (MIGUEL SOLTA ALAN, PEGA UM LÁPIS E UM BLOCO DE PAPEL.)

MIGUEL| Dá muito trabalho arranjar tanto lápis e papel e, além disso, Davi escreve sempre a mesma coisa. Êle não gosta de flores e frutas artificiais, nem de moedores de café transformados em abajur, gosta de Mabel Mercer, poodles, e All about Eve. Ainda tem o perigo dêle começar a recitar o diálogo do filme de ponta a ponta.

DAVI| Ah, de vez em quando eu escrevo umas coisas diferentes.

MIGUEL| Como manter a pele morena no inverno?

DAVI| Eu sempre escrevo que gosto de minha cachorrinha Chi-Chi por que gosto, ué. Adoro ela.

MIGUEL| Para quem é do sexo masculino, um poodle uma verdadeira insígnia de desvio sexual.

ARTUR| Podíamos jogar aquele, como é? B do Botticelli...

MIGUEL| Ou Bunda de Botticelli, ou pau de Paulina Bonaparte, que era lésbica, mas não vamos jogar nada disso. (UM TEMPO)

HAROLDO| Que é que você está querendo jogar, Miguel -o jôgo da Verdade? (MIGUEL DÁ UM RISINHO PRA SI PRÓPRIO)

MIGUEL| Sabidinho, Dodô.

HAROLDO| Ou você prefere jogar Assassinato? Vocês todos lembram como é, não lembram?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.253

MIGUEL Muito muito engraçadinho.

DONALD Se me lembro bem, as regras de jôgo da verdade e de assassinato são as mesmas- no fim alguém sai morto.

MIGUEL Em coisas de coração não há regras. Não é isso, Haroldo ?

HAROLDO É o que eu sempre digo.

MIGUEL Bem, possivel, êsse é o nome de Jôgo. Coisas do coração.

CAUBOI Nunca joguei isso.

MIGUEL Claro que nunca jogou - eu acabei de inventar agora mesmo Dondoca. Coisas de coração é uma combinação de jôgo da Verdade com Assassinato - tem um barato diferente.

ALAN Mig-eu vou embora.(COMEÇA A RIR)

MIGUEL (COMFIRMEZA) Fica aí.

HAROLDO Miguel, deixa ele ir embora.

MIGUEL Ele não esta querendo ir embora coisa nenhuma, Se quisesse já tinha ido a muito tempo-aliás nem teria vindo aqui, pra começo de conversa.

ALAN (SEGURANDO A TESTA) Mig-eu me sinto bem !

MIGUEL (EM TOM BAIXO MAS ARTICULANDO COM PRECISÃO) Meu nome é Miguel. Miguel é como todo me chama. Nunca chame do Mig uma pessoa chamada Miguel. Nós, os Migueis, ficamos muito nervosos quando nos chamam assim. Se não acredita chama outra vez.

ALAN Desculpe. Nem posso pensar.

MIGUEL Pode. Pode sim. O que voce não pode, não consegue - é sair daqui. É como assistir um desastre horrível - voce não pode olhar mas não pode deixar de olhar.

ALAN Eu...me sinto...tão fraco.

MIGUEL Voce é fraco. Muito mais fraco do que pensa.(PEGA ALAN PELO BRAÇO, LEVA-O ATÉ UMA CADEIRA. DEVAGAR, DELIBERADAMENTE, EMPURRA-O NELA) Agora, vamos lá. Quem vai jogar com Alan e eu ? Todo mundo ?

HAROLDO Não tenho a menor intenção de entrar nisso.

DONALD Nem eu.

MIGUEL Bem, nem todo mundo participa da vida. Tem sempre uma maioria silenciosa que fica no meio fio, espiando.

ARTUR Como é o jogo ?

MIGUEL É simples: gente tem que chamar ao telefone aquela pessoa que a gente realmente pensa que ama acima de tudo.

DOUGLAS Estou fora.

ARTUR Ah, não está não; Tem de jogar.

DOUGLAS Voce deseja muito que eu entre, né ?

ARTUR Claro que sim. Quero muito saber quem voce vai chamar, depois de todas as conversinhas que tenho ouvido ultimamente. Quem voce vai chamar ? Voce vai me chamar ?

MIGUEL (PARA BERNARDO) Como voce diz há, sombras no paraise.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.254

HAROLDO| Se não houver, você põe. Confio na tua habilidade nesse
e o sentido.
DOUGLAS| E quem você chamaria? Pensa que eu penso um minuto que seria eu? Pensa que eu penso que um telefonema basta? Você ia ter que ligar pra muita gente! Pelo menos tres interurbanos e só Deus sabe quantos locais.
CAUBOI| Que sorte que não sou eu que pago essa conta.
MIHUEL| Cala a boca!
HAROLDO| (FINGINDO QUE FALA BAIXO PRO CAUBOI) Não se preocupe: Miguel também não paga.
MIGUEL| Bem, o jôgo é assim....
ARTUR| Eu pensei que não tivesse regras.
MIGUEL| Tá certo. Em coisas do coração não há regras. Mas tem um sistema de pontos. Senão, quem ganha? (Não há resposta. Um tempo). Quem fizer a chamada, ganha um ponto. Se a pessoa chamada responder, o jogador ganha mais dois pontos. Se outra pessoa reponder, um ponto. Se ninguém responder o jogador tá estrepado.
DONALD| Quem topa essa besteira já está estrepado de saída.
HAROLDO| É claro, um imbecil sempre se estrepa.
MIGUEL| ....Se a pessoa atender e o jogador disser quem é ganha dois pontos. E, grande prêmio, se o jogador disser que ama a pessoa pra quem ligou - ganha um número máximo de pontos - cinco!
HAROLDO| Nojento.
MIGUEL| Portanto o jogador pode ganhar um máximo de dez pontos e um mínimo de um.
HAROLDO| E um mínimo de nenhum, se não se meter nisso.
MIGUEL| Ganha quem obtiver maior número de pontos.
ALAN| Douglas, vamos embora daqui.
DAVI| Ora essa! Vocês ouviram essa?
MIGUEL| Só vocês dois juntinhos? Os amiguinhos, é? Os chapas, os rapagões...os machões.
DAVI| Eu acho que o Artur, pelo menos, devia ser consultado.
BERARDO| Davi.
MIGUEL| A governanta fala. (CRUZA PRA PEGAR O TELEFONE E O TRAZ PARA JUNTO DO GRUPO) Então, quem joga? Não incluindo o CAUBOI que, como presente, é neutro. E, naturalmente, o voyeur. (UM TEMPO) Davi? Bernardo?
BERNARDO| Acho que não estou interessado.
MIGUEL| Mas como, Bernardo? E teu velho espírito esportivo?
BERNARDO| Não vejo nada de esportivo nêsse jogo.
HAROLDO| É absolutamente odiento.
ALAN| Artur, vem comigo.
ARTUR| Você não compreende, Alan. Não posso. Você pode...mas eu não.
ALAN| Por que, Artur? Porque você não pode?
DOUGLAS| (PARA ARTUR) Se êle não entende, porque você não explica? Explica a êle!!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.255

MIGUEL| Eu explico.
HAROLDO| Tenho o pressentimento de que você é a pessoa indicada.
MIGUEL| Embora eu duvide que faça a menor diferença. Êsse tipo se recusa a entender aquilo que não quer aceitar. Rejeita os fatos. Alan pertence decididamente à escola do Avestruz (UM TEMPO). Alam...Artur e Douglas são amantes. Não são apenas companheiros de quarto, são companheiros de cama. Amantes.

ALAN| Miguel.
MIGUEL| Nenhum homem tem companheiro de quarto depois dos trinta anos.
ARTUR| Douglas é quem tem mais de trinta.

MIGUEL| Bem, você é quem está querendo!
ALAN| ....Douglas? (UM TEMPO)
DOUGLAS| É Alan. Artur é meu amante.

ALAN| Mas...mas...você é casado (MIGUEL, ARTUR, DAVI E O CAUBOI CAEM NA GARGALHADA)
HAROLDO| Acho que você acabou de dizer uma piada.

MIGUEL| Há quanto tempo vocês não ouviam essa, hein? Um homem é casado, logo, automàticamente, é um heterosexual. (UM TEMPO) Alan-Douglas tem uma predileção por um dos dois naturalmente. (UM TEMPO) Agora. Quem faz a primeira ligação? Davi?
DAVI| Faz você, Bernardo.

BERNARDO| Não quero.
DAVI| Eu também não quero. Não quero mesmo.
DONALD| (PRA SI PROPRIO) Não há acidentes.

MIGUEL| Eu desejo, então, que, quando você fôr pra casa, se arrebente no primeiro poste.
DAVI| (PARA BERNARDO) Vai. Liga para Pedro Dahlbeck. Não é quem você gostaria de chamar? Liga!
MIGUEL| Quem é Pedro Dahlbeck?

DAVI| Um rapaz de Detroit. A mãe de Bernardo é lavadeira da casa dêle desde que Bernardo era menino.
BERNARDO| Eu também trabalhava pra êles -depois da escola e durante as férias.

DAVI| E o patrãozinho ficou sendo pra êle a encarnação do Mito de heroi.
BERNARDO| Acho que eu gostei dêle a minha vida inteira. Mas êle nunca siquer percebeu que eu existia. E, além de tudo, êle é normal.
CAUBOI| Quer dizer que nunca aconteceu nada entre vocês dois?
DAVI| Ah, um dia, finalmente, aconteceu -na piscina, de noite, depois de uma bruta festa e uma tremenda bebedeira.
ARTUR| Com o vinho certo e a música exata muito poucos resistem à curiosidade.

MIGUEL| Parece que êsse Dahlbeck tem um bocado de Lady Chaterley, você não acha, Donald?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 256

DONALD — Só que Lady Chaterley não tinha piscina.

BERNARDO — ... e depois saimos nadando nus, com as luzes apagadas, só com a luz da lua brilhante na água.

DONALD — ...e, se estou bem lembrado, a cabana tambem não tinha luz elétrica.

BERNARDO — Foi muito bonito.

MIGUEL — Que romantico ! E aí, na manhã seguinte, você levou café e Alka-Seltzer pra ele numa bandeja.

BERNARDO — Levei, mas foi á tarde. Me lembro que fiquei a manhã inteira horrorrizado com a ideia de ter que olhar pra êle. Mas fingiu que nada tinha acontecido.

MIGUEL — Pôxa, devia estar tão bebado que não se lembrava de nada. Corte

BERNARDO — É. Eu fiquei realmente aliviado.

MIGUEL — Estranho como isso acontece. Agora, pra ganhar dez pontos, liga pra esse mentiroso! (UM TEMPO.BERNARDO PEGA O TELEFONE,DISCA)

ARTUR — Voce sabe o número ?

BERNARDO — Claro. Ele está de nôvo morando em casa. Em Grosse Pointe. Acabou de separar da terceira mulher.
(TODOS OBESERVAM BERNARDO ENQUANTO ÊLE COLOCA O RECEPTOR NO OUVIDO,ESPERA. UM TEMPO. ELE DESLIGA RÁPIDAMENTE) .

DAVI — N.R. ou L.O. ?

MIGUEL — Ele nem deu tempo d, ou perceber.(FORÇANDO) Vamos Bernardo, liga de nôvo. Não fica com mêdo. Você tem vontade, voce sabe que tem . Vai, liga, bicho. Pega o pretinho aí. põe esse negocio no ouvido, mete o dedinho nêsses buraquinhos, mata tua sêde. Bebe tua curiosidade. Qué que custa ? Qué que voce vai perder?
(UM TEMPO BERNARDO PEGA O TELEFONE,DISCA DE NOVO. DESTA VEZ DEIXA TOCAR.)

HAROLDO — Nojento.

CAUBOI — Que é N.R. e L.O. ?

DAVI — Língua de telefonista - Não responde e linha Ocupada.

BERNARDO — ....Alô ?

MIGUEL — Um ponto.(EFICIENTEMENTE,TOMA NOTA NO BLOCO)

BERNARDO — Quem fala ? Oh, madame Dahlbeck ?

MIGUEL — (TOMANDO NOTA (:) Um ponto.

BERNARDO — ...Aqui é Bernardo - o filho da Francina...Como vai a senhora, bem ? Bem. Muito bem, obrigado. Madame Dahlbeck...eu...Pedro... está ?
Oh. Ah. Sim, compreendo.

MIGUEL — (SACODE A CABEÇA) Shhiiiiii.....

BERNARDO — ...Ah, não. Não é nada importante, não. Eu só queria...dizer a êle...que...Eu queria que ele soubesse...que...eu...eu...

MIGUEL — (FAZENDO O PONTO COM CONVICÇÃO A FIM DE ARRANCAR O QUE QUER)
Eu o amo. Que eu sempre o amei.

BERNARDO — ...que eu fiquei muito triste em saber que ele se separou.

MIGUEL — Zero ! Zero !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-257

BERNARDO| ...mamãe me escreveu. Foi. É. Senti muito, sim. Bem. A senhora, por favor, fala com êle que eu telefonei e disse isso. É, que eu estou muito, muito triste em saber... e que gostaria muito que...que tudo pudesse se resolver da melhor maneira. Sim. Sim senhora. Obrigado. Boa noite. (DESLIGA LENTAMENTE. MIGUEL TRAÇA UMA LINHA DECIDIDA NO BLOCO, FAZ UM PONTO FINAL.)

MIGUEL| Total - dois pontos. Péssimo. O próximo. (ARRANCA O TELEFONE DAS MÃOS DE BERNARDO, EMPURRA-O NAS MÃOS DE DAVI).

DAVI| Você está bem, BERNARDO?

BERNARDO| (QUASE PARA SI PROPRIO) Por que é que eu liguei? Por que é que eu fiz isso?

ARTUR| Onde é que êle estava?

BERNARDO| Saiu com uma amiga...

MIGUEL| Vamos, Davi. Não faça doce. (DAVI PEGA O TELEFONE LIGA PARA INFORMAÇÕES. UM TEMPO)

DAVI| Por favor, eu queria o número - no Bronx - de um senhor Delbert Betts.

ARTUR| Um senhor Delbert Betts! Quantos será que tem?

BERNARDO| Ah, pra quê que eu fui chamar? Eu não devia ter feito isso.

DAVI| Não, o número da residência, por favor. (ABANA A MAO PARA MIGUEL, PEDINDO O LÁPIS. Miguel dá o lápis. Êle escreve na caixa do telefone, de plástico branco). Obrigada. (UM TEMPO. E ÊLE, INDIGNADO, BATE COM O TELEFONE) Essas telefonistas sempre me chamam de madame!

ARTUR| Quem manda você dizer obrigada?

MIGUEL| E vê se não me suja o telefone todo. (ARRANCA O LÁPIS DAS MÃOS DE DAVI)

DAVI| Isso sai, com um pouco de cuspe.

MIGUEL| Você usa teu cuspe pra tanta coisa.

ARTUR| Quem é êsse Delbert Betts?

DAVI| É a pessoa. A pessoa que eu sempre amei na vida. (A MIGUEL) Não foi isso que você disse pra mim ligar?

MIGUEL| Isso mesmo, Davi.

ARTUR| Como é que você pode gostar de um cara com êsse nome?

MIGUEL| É mesmo, Davi, como é que você pode gostar de alguem com êsse nome? Já pensou num cartão de visitas com êsse nome? você não acha horrível, Alan? (MIGUEL DÁ UMA PALMADA NO OMBRO DE ALAN. ALAN FICA EM SILÊNCIO. MIGUEL DÁ UMA RISADINHA ABAFADA)

DAVI| Eu concordo que o nome não é bom - mas o dono é uma lindeza. Pelo menos era, no Colégio. É verdade que eu não o vejo desde que terminou o Secundário, e êle era sete anos mais velho do que eu.

MIGUEL| Putz! É melhor você ligar depressa pra pegar êle antes de entrar na cova.

DAVI| Eu gostei dêle a primeira vez em que vi que eu estava no quinto ano, êle já estava terminando o curso. Eu continuei no secundário, êle foi pra Universidade, se formou em odontologia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 258

MIGUEL| (COM DESGÔSTO DE QUEM NÃO QUER ACREDITAR NO QUE OUVE) Um dentista!

DAVI| Um dentista, é. Delbert Betts, doutor em bôca aberta, com um consultório num edifício bancário.

HAROLDO| E aí, naturalmente, você mandou arrancar todos os dentes da boquinha só pra estar com êle.

DAVI| Não. Só mandeir limpar os dentes. (DONALD VEM DO BAR COM DOIS DRINQUES).

BERNARDO| (PARA SI PROPRIO) Oh, eu não devia ter chamado.

MIGUEL| Quer calar a bôca, Bernardo? Ou pelo menos, muda tua fossa de paisagem. Vai! (MIGUEL APONTA O DEDO PRA ESCADA. BERNARDO PEGA A GARRAFA DE VINHO, O COPO, E VAI PRA ESCADA, ENCHENDO O COPO ENQUANTO ANDA)

DAVI| Me lembro que não conseguia tirar os olhos dêle enquanto êle me tratava. E precisava me conter pra não morder os dedos dêle.

ARTUR| Sonhando, naturalmente, que êle era um dedo duro.

HAROLDO| Confissão realmente estonteante.

MIGUEL| Decátlo fálico.

HAROLDO| Não estou brincando - me deixa.... (GESTO COM AS MÃOS INDICANDO TONTEIRA. DONALD LEVA UM DOS DRINQUES ALAN. ALAN PEGA O COPO, BEBE TUDO).

MIGUEL| (ReFERINDO-SE A DONALD) - Sara Samaritana.

DAVI| Disse a êle que queria limpar os dentes pra Festa de Formatura. Era eu quem estava encarregado da decoração. Expliquei que tinha escolhido um tema celestial, que estava cortando estrelas de folhas de Flandres e fazendo nuvens com tela de galinheiro e malacacheta. (UM TEMPO) Êle não podia ter ficado menos interessado.

CAUBOI| No Natal me cobriram o corpo com malacacheta pra eu entrar de anjo nu numa festinha de embalo. Puxa, seu, depois levou horas pra malacacheta desgrudar, sobretudo dos cabelos!

DAVI| ....Eu contei a êle que eu ia queimar incenso em vários potes, pro salão ficar todo cheio de fuamça branca e as pessoas terem a sensação de estar no céu - eu tinha visto isso num filme da Rita Hayworth chamado - não me lembro o nome.

MIGUEL| ....o filme se chamava Além do Horizonte. Qualquer garota sabe.

CAUBOI| ....E, além disso, a malacacheta fez um milhão de cortezinhos nos meus dedos. Rapaz, como picava! Você já imaginou se aquele negócio entrasse no meu... (MIUGEL; NUM CÍRCULO, SE APROXIMA AMEAÇADORAMENTE). Eu fico quieto.

DAVI| Êle estava noivo duma garota burra e bunduda chamada Loraine, Vocês precisavam conhecer era a mãe dela: realmente uma super chata.

MIGUEL| Não divaga.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.259

DAVI — O negocio é que eu estava liquidado. Numa embrulhada total. Não comia, não dormia, não conseguia ficar em pé, nem sentado nem deitado, nada. Mal conseguia cortar as estrelas e acabar as nuvens pra festa. Então resolvi ligar pra ele e perguntei se podia me encontrar com ele sózinho.

HAROLDO — Em matéria de tática eu já ví melheres. (DONALD OLHA ALAN. ALAN AFASTA O OLHAR).

DAVI — Respondeu que estava bem, pra mim ir na casa dele. Eu estava tão nervoso que minhas mãos tremiam. Pensei que ia ficar sem voz. Dessa vez nem tive coragem de olhar pra ele- fitei um ponto qualquer no espaço e cuspi tudo que eu queria. Disse a ele...que eu queria ser amigo dele. Disse que nunca tinha tido um amigo com quem pudesse conversar francamente, confiar, contar tudo. Perguntei se ele queria ser esse amigo.

CAUBOI — Hiiii. Está roubado !

MIGUEL — Shhhhhhh !

BERNARDO — E que foi que ele disse ?

DAVI — Disse que teria muito prazer em ser meu amigo. Que sempre que eu quizesse falar com êle era só chamar. Apertou a minha mão tremula, suada, e eu fui embora, pisando nas nuvens.

MIGUEL — De tela de galinheiro e malacacheta.

DAVID — No dia seguinte eu comprei um isqueiro folheado a ouro, mandei gravar as iniciais dêle e escrevi um cartão dizendo: De seu amigo, Davi ."

HAROLDO — Coronel, aos dezessete anos !

CAUBOI — Êpa. E já mandado presente com cartão.

DAVI — ....mas aí, na noite da festa, eu descobri...

BERNARDO — Descobriu o que ?

DAVI — Quando passei pelo salão ouvi risadinhas de duas garotas minhas conhecidas. Estavam atraz de duas horrendas colunas gregas de cartão, que eu tinha pedido emprestado numa loja em frente. Eu tinha comprado quilometros de algodãozinho e envolvido as colunas de tal forma que ficaram até parecendo gregas de verdade. Ah, Mary, pra certos improvisos de beleza só bicha mesmo.

MIGUEL — Mas não divaga !

DAVI — A garota que estava contando a historia disse que a mãe dela é quem tinha contado. Quem tinha contado a mãe dela tinha sido a mãe de Loraine. Quer dizer, Delbert tinha contado tudo a Loraine; minha visita, meu presente e a bunduda logo espalhou pra todo mundo. Porque, na festa, todo mundo ria de mim, fazendo piadas. Até as velhotas riam, comentando que eu era tarado pelo Deuter Delbert Botts e tinha implorado a êle pra ser meu amigo. (UM TEMPO) O que eles não sabiam é que eu estava apaixonado. E que continuaria apaixonado anos depois deles todos terem esquecido de que é que tinham rido. (PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 260

HAROLDO| Bem, o que eu gostaria de tomar agora era um bôa injeção de insulina.

MIGUEL| Liga pra êle.

BERNARDO| Não liga, não, Davi.

MIGUEL| Desde quando você manda nêle?

DAVI| (PARA BERNARDO) Que me interessa - tou estrepado mesmo! Faço qualquer coisa. Faço e repito.

BERNARDO| Por favor!

MIGUEL| Eu disse pra ligar.

BERNARDO| Não obedece, Davi! Você vai se arrepender. Te dou minha palavra.

DAVI| Que é que eu tenho a perder?

BERNARDO| A tua dignidade. É isso que você tem a perder.

MIGUEL| E pronto! Acabamos de ouvir o presidente da comissão dos Direitos do Homem. Dá prazer ouvir você querendo salvar a dignidade dêle. Mas permite que êle o degrade o tempo todo, esmagando você até a morte, tratando-o como um miserável Pai Tomás.

BERNARDO| Êle pode fazer isso, Miguel. Eu posso, Mas você, não!

MIGUEL| Ué, porque essa discriminação ?

BERNARDO| Eu não gosto quando êle faz isso e não gosto quando eu próprio faço mas ajo assim comigo mesmo e deixo que êle também aja assim. Deixo porque sei que é a única coisa que faz com que se sinta meu igual. Nós dois saimos do mesmo lado do atoleiro, comemos da mesma banda podre - mas eu tenho uma porrada de coisas mais do que êle - e Davi sabe disso. Deixo que êle me trate como um pai Tomás porque é a única maneira dêle não se sentir completamente derrotado.

MIGUEL| Uma senhora consideração:

BERNARDO| É a meneira dêle se defender. Você também tem a sua, Miguel. Mas ela é indescritível. (DAVI SILENCIOSAMENTE LAMBE O DEDO E COMEÇA A LIMPAR A CAIXA DE TELEFONE)

MIGUEL| (PRA BERNARDO) Quer servir uma piadinha de salão de extremo sul liberal? Você sabe porque os negros tem os beiços tão grandes? É porque vivem o tempo todo: "Me dáááááá.!" (ATENÇÃO. A COISA AQUI É TOTALMENTE INTRADUZÍVEL. DEPENDE DO ATOR DIZER A FRASE COM UM JEITO BEM DESAGRADÁVEL A FIM DE DAR A CONOTAÇÃO CALAMORDA, REACIONÁRIA DE MIGUEL NÊSSE MOMENTO -N.T.)
(O SOM QUE ÊLE FAZ COM OS LÁBIOS É EXASPERANTE, CHEIO DE TÉDIO E PREGUIÇA, ENQUANTO ARRASTA OS PÉS PELO APOSENTO)

DONALD| Miguel!

MIGUEL| (Tenta arrancar o telefone de Davi) Eu posso muito bem prescindir de seu cuspe no meu telefone, boneca covarde.

DAVI| Eu posso ser boneca mas não sou covarde. (COMEÇA A DISCAR). Bernardo, me perdoa. Sinto muito. Nunca mais vou te dizer essas coisas (MIGUEL OLHA, TRIUNFANTE, BERNARDO ENCHE OUTRO COPO DE VINHO. UM TEMPO) L.O.

MIGUEL| Ocupado?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.261

DAVI| (DAVI ACENA QUE SIM) Provàvelmente Loraine está falando com a mãe dela. Ah, sim, Delbert casou com Loraine.

ARTUR| A bunduda.

MIGUEL| Lamento mas você tem que dar a vez. Não podemos esperar (PEGA O TELEFONE, ENTREGA A ARTUR, QUE COMEÇA A DISCAR)

HAROLDO| (PARA ARTUR) Você não perde tempo.

DOUGLAS| Quem você está chamando?

ARTUR| Carlitos. (DAVI SE LEVANTA, ARRANCA O TELEFONE DAS MÃOS DE ARTUR)

DAVI| Eu me recuso a dar minha vez ! É minha vez e quero ela !

MIGUEL| Isso é que é, Davi ! Duro nêle - luta pela causa ! Liga e chama o cara às falas. Eu quero um grande final !

DAVI| Oh, meus Deus, acho que estou bêbado.

MIGUEL| Uma bicha - tricha numa água de cair pelas tabelas.

HAROLDO| O rôto falando do esfarrapado !

MIGUEL| (CORTANDO HAROLDO, FEROZ) Bêbado não senhor. Eu não estou bêbado ! Vaca não pode dizer que estou bêbada ! Estou?

DONALD| Eu estou.

DAVI| Eu também. Eu sou um bêbado invertebrado.

MIGUEL| (PRA DAVI) Cala a bôca e disca.

DAVI| (DISCNDO) Eu sou o maior bêbado invertebrado daqui e da Indo-China. Está tocando. Não está mais ocupado, Alô?

MIGUEL| (TOMANDO NOTA) Um ponto.

DAVI| Quem está flaando? Quem? ...Dr. Delbert Betts?

MIGUEL| Dois pontos.

DAVI| Oh, Del, é você mesmo? Ah, ninguem. Você não me conhece. Você não se lembra mais de mim. Eu sou....apenas um velho amigo. Um velho amigo de guerra, bêbado de cair pelas tabelas. Alô? Alô? Alô? (BAIXA O FONE) Desligou. (COLOCA O FONE NO GANCHO)

MIGUEL| Total de três pontos. Você está na frente.

DAVI| Disse que eu devia estar na festa errada. (BERNARDO SE LEVANTA, vAI À COZINHA)

HAROLDO| E tem razão. Nós todos estamos na festa errada. Devíamos estar noutra.

DAVI| Mas é tua festa Dôdô. Você está se divertindo?

HAROLDO| As pampas. E você? Está se divertindo, Davi? Está se divertindo tanto quanto queria? (ARTUR PEGA O TELEFONE)

MIGUEL| Se você está se chateando, haroldo, nós podemos cantar de nôvo o Parabens pra você em idiche.

HAROLDO| (PEGA OUTRO CIGARRO) Nem por todo o chá da China. (ACENDE O CIGARRO).

DOUGLAS| É minha vez agora.

ARTUR| É minha vez de chamar Carlitos.

DOUGLAS| Não. Deixa eu.

ARTUR| Você vai chamar Carlitos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p262

MIGUEL| O jôgo está três a dois. Davi ganhando.

ALAN| Não faz isso, Douglas. Você não vê - Bernardo tem razão.

DOUGLAS| (COM FIRMEZA) Eu quero. (UM TEMPO. ESTENDE A MÃO PEDINDO O TELEFONE) Artur! (UM TEMPO).

ARTUR| (DÁ O TELEFONE A ÊLE) Você manda, não pede.

CAUBOI| (PARA ARTUR) Êle vai chamar o Carlitos pra você? (ARTUR CAI NA GARGALHADA. DOUGLAS COMEÇA A DISCAR).

ARTUR| Carlitos é todo mundo com quem eu engane Douglas.

DONALD| E todo mundo com que.

MIGUEL| O padeiro, o leiteiro, o açougueiro, o agente funerário.

ARTUR| Exato! Eu amo todos êles! O que Douglas se recusa entender é que eu tenho que ter todos êles. Eu não sou do tipo que casa pra sempre. Nunca vou ser.

HAROLDO| Cigana!

ARTUR| Quem você está chamando?

DOUGLAS| Está com ciumes?

ARTUR| Curioso paca!

MIGUEL| E um pouquinho, também.

ARTUR| Está chamando quem?

MIGUEL| Nunca te ocorreu que Douglas pode estar te passando pra trás tanto quanto você passa êle?

ARTUR| Taí uma coisa que eu gostaria. A vida ía ser muito mais fácil. Quem é que você está chamando?

HAROLDO| Seja quem fôr não está muito perto do telefone.

DOUGLAS| Alô?

CAUBOI| Deve estar na banheira.

MIGUEL| (PRO CAUBOI) Pro canto! (CAUBOI VAI PRUM CANTO DISTANTE, SE SENTA, BERNARDO ENTRA, ABRINDO OUTRA GARRAFA DE VINHO, MIGUEL TOMA NOTA.) Um ponto.

DOUGLAS| ....eu queria deixar um recado.

MIGUEL| Não está em casa. Zero.

DOUGLAS| Por favor, diz a êle que Douglas telefonou. Sim. Oh, Bôa noite, muito bem, obrigado.

ARTUR| Quem é, fala?

DOUGLAS| ...É. Isso mesmo. O recado é pro meu companheiro de quarto, Artur. É só pra dizer que eu chamei e....

ARTUR| É o nosso serviço telefônico.

DOUGLAS| ....e disse...que eu o amo.

MIGUEL| Cinco pontos! Você disse! Ganhou um cincão! Disse!

ALAN| Douglas! Douglas! ....Você está maluco?

DOUGLAS| Não. É isso mesmo. Você ouviu direito. Foi o que eu disse. O recado é pra Artur e é mesmo. Põe aí, Douglas. Exatamente como eu disse: "Eu o amo". Obrigado. (DESLIGA).

MIGUEL| Sete pontos no total! Douglas, você está na frente, garoto, disparado na frente dos outros!

ALAN| Por que?...Oh, Douglas, por que? Porque você fez isso?

continua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.263

DOUGLAS| Por que eu amo ele. E não me importa quem saiba.
ALAN| Não diga isso.
DOUGLAS| Por que não? é a verdade.
ALAN| Não posso te acreditar.
DOUGLAS| (DIRETAMENTE PARA ALAN) Deixei minha mulher e meus filhos para viver com Artur.
ALAN| Eu realmente não estou interessado em ouvir isso.
MIGUEL| Claro que está. Continua, Douglazinho, fala mais.
ALAN| Não! Não quero ouvir isso. É repugnanete! (UM TEMPO)
DOUGLAS| Tem homens que fazem isso por uma mulher.
ALAN| Bem, isso eu posso compreender. Isso é normal.
DOUGLAS| Mas nem sempre a coisa funciona dêsse modo, Alan. Por mais que a gente queira. E, Deus é testemunha, ninguém quis mais do que eu. Com tôda a sinceridade eu acho que estava apaixonado pela minha mulher, quando casei com ela. Não pense que estava forçando, que estava tentando provar alguma coisa pra mim mesmo. Eu a amava e ela me amava. Mas...mas tinha sempre aquela alguma coisa lá dentro...
DONALD| Você quer dizer tua atração pelo teu próprio sexo.
DOUGLAS| É.
ALAN| Sempre?
DOUGLAS| Não sei. Acho que sim.
DAVI| Eu sabia o que eu era, desde os quatro anos de idade.

MIGUEL| De você todo mundo sempre soubed Davi,
DONALD| Eu também sempre soube o que eu era.

DOUGLAS| Eu não. Nem sei o momento em que resolvi admitir pra mim mesmo. Durante muito tempo, ou eu fingia que era outra coisa ou negava tudo completamente.
MIGUEL| Pô, como eu bebi ontem à noite!
DOUGLAS| Mas chegou a hora em que pura e simplesmente não podia mais mentir pra mim mesmo... Acho que a primeira vez foi quando minha mulher estava grávida do segundo filho. Nós morávamos em New Haven, no campo. Ela e os meninos ainda moram lá. Bem, quero dizer, havia um congresso de professores aqui em N. York. Ela achou que não estava passando bem, preferiu não vir, e eu vim sòzinho. E naquele dia, no trem, comecei a pensar. Durante tôda a viagem não pensei em mais nada. E quinze minutos depois do trem chegar eu tinha pegado um cara no mictório da Estação.
ALAN| (SUAVEMENTE) Deus do céu!

DOUGLAS| Eu nunca tinha feito nada semelhante em tôda a minha vida, e estava mortalmente apavorada. Mas, por sorte, êle era uma pessoa muito delicada. Nunca mais o vi e, é engraçado, não consigo nem mesmo lembrar o nome dêle. (UM TEMPO) O fato é que, depois disso....a coisa foi ficando fácil.
HAROLDO| A prática traz a perfeição.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.264

DOUGLAS| E então...algum tempo depois...não muito tempo, Artur estava em New Haven, nos encontramos numa festa em que eu tinha ido com minha mulher...

DAVI| E aí começaram as encrencas de verdade.

DOUGLAS| Isso foi à dois anos.

ARTUR| Eu não sei porque sempre me dão o papel de vilão de filme. Quando não dizem que eu sou um estraga-lares, dizem que sou um safado com quem é impossível conviver!

HAROLDO| A culpa se transforma em hostilidade. Tá certo, Miguel?

MIGUEL| Vai catar cravos na cara com as tuas pinças, vai.

ARTUR| Estou cheio até os grogomilos com todo mundo, com tanta peninha do garotinho seduzido (SE REFERIDNO A DOUGLAS).

DAVI| Ah, Artur, todo mundo sabe que você é uma madame Bovary dos pobres.

ARTUR| Nunca prometi nada a ninguem. Nem vou prometer. Tenho o direito de levar a vida sexual que bem entendo, sem dar satisfação a ninguém incluindo Douglas! E se as condições não interessam, anh, adeus filhinho! Relações múltiplas é uma condição básica da minha maneira de ser.

DAVI| Você pode muito bem ser bicha sem ser devassa.

ARTUR| Quando eu digo minha maneira de ser não estou me referindo a ser ou não ser bicha. Estou falando apenas do meu apetite sexual. E não me considero um devasso. Davi, você é a pessoa mais promíscua que eu já conheci.

DAVI| Eu não sou promíscuo coisa nenhuma! Absolutamente!

MIGUEL| Não foi você quem escolheu, Davi. É um desígnio. Uma condição. Por que alguem haveria de querer ir para cama mais de uma vez com uma bestinha de uma boneca como você?

BERNARDO| Miguel!

MIGUEL| (PRA DAVI) Me diz, alguém já te passou uma cantada? Me diz. Olha aqui, meu filho, é preciso ter coragem! Só mesmo um fugitivo do Instituto Braille.

BERNARDO| (PPRA DAVI) Porque você permite que êle fale assim com você?

HAROLDO| A beleza física não é tudo.

MIGUEL| Muito bem, Quasímodo!

ARTUR| Às vêzes acho que estou casado com a Gestapo. Nem posso respirar porque logo começa o interrogatório para saber o que é que eu estou respirando.

MIGUEL| Artur, é a tua vez de ligar.

ARTUR| Eu não posso aceitar a fórmula do sejamos-fieis-e-não-olhemos-nunca-mais-pra-nenhuma-outra-pessoa. Não funciona. Se a pessoa quer prometer isso, que se dane. Prometa e cumpra. Ou não cumpra, o problema é da pessoa. Mas, comigo, se me obrigam a isso, pra mim nada termina uma relação mais depressa do que ter que prometer, prometer.

HAROLDO| O meu reino por um Vagostenil. Um líbrium mesmo serve.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 265

BERNARDO (AGORA COMPLETAMENTE DE PORRE) É, liberdade, meu bem ! LI=BER=DA-DE !

ARTUR A gente tem que ter ! De outra maneira não funciona. Quem jura fidelidade eterna está mentindo. Pelo menos a maior parte das pessôas está. Noventa por cento. Se enganam mutuamente o tempo todo e mentem, mentem, mentem o tempo todo. Lamento muito mas não sou assim e nem vou ser. Idse deixa Douglas desesperado.

DOUGLAS São os tais dez por cento.

ARTUR A única maneira de manter a coisa é procurando ter o máximo de compreensão.

DOUGLAS Eu tenho procurado. Eu tenho.

ARTUR Ah, sem essa !

DOUGLAS Eu concordei com o acôrdo.

ARTUR Teu acôrdo.

MIGUEL Que acôrdo ?

ARTUR Um ménage.

HAROLDO Acôrdo entre amantes.

ARTUR Olha, conheço uma porção de gente que acha que essa é a solução. Não consideram isso enganar. Mas não é o meu estilo.

DOUGLAS Bem, se há alguem que não queria era eu .

ARTUR Então quem é que queria ?

DOUGLAS Foi um... compromisso.

ARTUR Exatamente.

DOUGLAS E voce aceitou.

ARTUR Eu não aceitei coisa nenhuma. Voce inventou o compromisso e me informou que eu estava de acôrdo.

CAUBOI Eu não entendo nada. Que é uma mé...mèna....

MIGUEL Mènage a treis, meu anjo. Dois é bom - três é melhor.

CAUBOI Ahhhh !

DOUGLAS Pra alguns funciona.

ARTUR Bem, eu não topo grupo-terapia. Lamento muito mas dessa maneira não consigo relacionar com ninguem nem coisa alguma. Sou quadradão - gosto de muitos mas um de cada vez !

MIGUEL (PRA ARTUR) Voce gostou de Donald como uma atração...unilateral ? (PAUSA)

ARTUR Gostei. Isso mesmo.

DONALD Eu tambem, Artur.

ARTUR PARA DONALD.REFERINDO-SE A MIGUEL) Voce disse a ele ?

DONALD Não.

MIGUEL Ficou perfeitamente óbvio assim que voce entrou. Aquela frescura na base de Strangers in the night : já nos vimos mas nunca nos encontramos ?

DONALD É verdade. Nós nos vimos na sauna e fomos pra cama juntos mas nunca trocamos uma palavra. N em sabiamos o nome um do outro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 266

DAVI Vocês tem mais certo do que eu. Quando não vou preso o meu boneco na hora de ir embora, me diz que está com hepatite.

MIGUEL Na primavera as abelhas chapam as flores em busca de outros amores. O jovem fresco procura o fresco jovem.

ARTUR (PRA DOUGLAS) Não fica me olhando assim. Você passou a noite inteira brincando de esconde-esconde aí com o entendido.

DOUGLAS Exatamente.

ARTUR (PRA DOUGLAS) O que eu acho é que você adoraria se nós três fossemos curtir juntos.

DOUGLAS Pelo menos seria juntos.

ARTUR A sutileza me escapa.

DOUGLAS Estou sendo compreensivo. Que compreensão maior você espera?

ARTUR Espero respeito - pela liberdade de ambos. Sem necessidade de mentir nem fingir. Do meu próprio jeito, Douglas, eu também te amo mas você tem que entender que embora eu queira continuar vivendo com você, de vez em quando tem que haver outros. Não quero te esfregar isso na cara. Se acontecer. eu não vou nem mencionar. Mas, se você perguntar, eu digo. Não quero te machucar, te ferir, mas não vou mentir quando você me pergunta uma coisa tão séria.

BERNARDO Êle marcou pontos.

MIGUEL O que ?

BERNARDO Êle disse a frase. Êle disse: Eu te amo: pro Artur. Marcou pontos, sim senhor.

MIGUEL Mas não foi no telefone.

DONALD Mas falou, ora. Só não usou o telefone.

MIGUEL Pois é: o jôgo é no telefone. Não ganha ponto nenhum.

BERNARDO Ganha cinco, sim senhor !

MIGUEL Não usou o telefone. Portanto não ganha ponto nenhum !
ARTUR VAI AO TELEFONE, LEVANTA O FONE, OLHA O NÙMERO DA SEGUNDA LINHA, dISCA. O TELEFONE TOCA)

ARTUR É pra você, Douglas. Não vai atender ? (O TELEFONE CONTINUA A TOCAR) (DOUGLAS SE LEVANTA, SOBE A ESCADA ATÉ O QUARTO, PAUSA ÊLE PAERTA O BOTÃO DA LINHA INTERNA; PEGA O FONE. EM BAIXO TODO MUNDO ESTÁ EM SILÊNCIO)

DOUGLAS Alê ?

BERNARDO Um ponto

ARTUR Alô, Douglas.

BERNARDO Dois pontos.

ARTUR Aqui pe Artur.

BERNARDO Mais dois pontos

ARTUR Não sei o que isso vale, Douglas, mas eu te amo.

BERNARDO Cinco pontos !

DOUGLAS Aquilo...olha, eeeuuu... Eu vou tentar.

ARTUR Eu também. (AMBOS DESLIGAM. ARTUR PRIMEIRO)

BERNARDO Total: dez pontos ! Dez !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 267

HAROLDO Bem, o jogo foi muito menos engraçado do que eu pensava.

MIGUEL O JOGO AINDA NÃO ACABOU ! (DOUGLAS ANDA EM DIREÇÃO À CAMA, NA ESCURIDÃO) É a tua vez, Alan ! (PEGA O FONE, COLOCA-O AGRESSIVAMENTE NA FRENTE DE ALAN) Segura esse treço aí, Fariseu !

DAVI Miguel, não faz isso !

MIGUEL Não te mete !

DAVI Voce não é obrigado, Alan. Voce não é obrigado.

ALAN Davi... Eu lamento muito pelo que eu fiz.(UM TEMPO)

DAVI ....Ah, esqueco.

MIGUEL Perdoai, Senhor, os nosso erros e deixai em tentação, agora que estamos ligados pelos sagrados laços de masoquismo.Você pode decorar o apartamento dêle, Davi e, em troca, êle tira voce da cadeia a proxima vez que fôr preso por atentado ao pudor. (UM TEMPO) Voce vai ligar, Alan ? (SILENCIO) Não se lembra de ninguem ? Precisa de pensar um pouco ? Nós esperamos . (SILENCIO)

HAROLDO Acho que estamos assistindo ao último round.

CAUBOI Chamar quem ? Ele nunca amou ninguem.

MIGUEL (CANTA UM FINAL CLÁSSICO DE VAUDEVILLE PARA HAROLDO) Acho duro ser criolo (APONTA BERNARDO) mas tenho cá meu consolo (APONTA HAROLDO)
pois mais preto de que eu
é um cara ser judeu ."

DONALD Meu Deus, Miguel, voce é uma dona de casa encantadora.

HAROLDO Vai ganhar o Oscar como a anfitriã do ano. (DOUGLAS EM DIREÇÃO A ESCADA:)

MIGUEL Pode-se saber onde é que vai ? (ARTUR PARA, SE VIRA PRA ELE)

ARTUR Lá pra cima. Desculpe. (SE VIRA, CAMINHA PRA ESCADA)

MIGUEL Vai perder o fim do jogo.

ARTUR (PARA NA ESCADA) Voce podia me contar como é que acaba. Eu não gosto de contar o final. E nem permito que os espectadores que sairam tornem a entrar quando chegar o momento da sensacional revelação.

ARTUR Se eu tiver um pouco de sorte não vou voltar tão cedo.(SE VIRA, SOBE AS ESCADAS, SOME NO ESCURO)

MIGUEL (NO OUVIDO DE ALAN) O que é que voce acha que está acontecendo lá em cima ? Hein, Alan ? O que é que voce imagina que os dois estão fazendo agora ? Jogando ? bola de gude ?

DAVI Seja o que for não estão incomodando ninguém

HAROLDO N em se metendo na vida dos outros.

MIGUEL E voce tambem faria melhor se só se metesse na sua, Haroldo, estou te avisando! (UMA PAUSA)

HAROLDO (GÉLIDO) Que é que voce está ? Me avisando ? Sabe quem eu sou ? Eu sou Haroldo. Aquela pessoa a quem voce não avisa, Miguel. Porque voce e eu estamos no mesmo páreo. E nós sabemos onde botamos o pé.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 268

HAROLDO (CONTINUA)

Nós pisamos bem mansinhos, porque jogamos muito bem o jogo um do outro. Muito bem ! Oh, como conheço esse jogo que você está jogando. E como sei jogar. Você também. Você joga admiravelmente, Mas quer saber de uma coisa ? tudo somado eu ainda sou mais eu. Posso derrotar você. De modo que é melhor não me provocar. Estou te avisando. (UMA PAUSA MIGUEL COMEÇA A RIR)

MIGUEL — Você é engraçado, Dodô. Você é de matar de rir. Não é engraçado Alan ? Ou, como você diria, é jocoso. Você já viu uma boneca mais jocosa ? Ou você prefere, pederasta em vez de boneca ? Foi assim que você chamou Davi, não foi ? Um pederasta ! Um invertido. Minha ! que vocabulario mais boreocchê o teu ! Sabe que eu fiquei esperando você dizer sodomita? (UM TEMPO) Eu acho melhor você me contratar pra te atualizar. Por exemplo, não é muito novo, mas talvez você não saiba (UM TEMPO) Você sabe o que é que quer dizer Rainha dos Croquetes ? Escondedor ? Tôlha ? Me diz aí - o que é um Croquete ?

DAVI — Não faz isso, Miguel. Que adianta você estar dizendo essas coisas ?

MIGUEL — Você tem razão. Ele sabe. Ele sabe muitissimo bem o que é uma Rainha dos Croquetes. Não sabe, Alan ? (PAUSA)

ALAN — Miguel, se você está insinuando que eu sou um homosexual, só posso te dizer que está enganado.

MIGUEL — Estou ? (UM TEMPO) E Justino Stuart, Miguel ?

ALAN — Que é que tem Justino Stuar, Miguel ?

MIGUEL — O que é que tem é que você amava ele (UM TEMPO).E é ele quem você vai chamar.

ALAN — Justino e eu eramos excelentes amigos. É tudo. Desgraçadamente tivemos uma divergencia e nossa amizade acabou. Há anos que não nos falamos. É evidente que eu não vou chama-lo.

MIGUEL — Mas, segundo Justino, essa amizade era bem calorosa.

ALAN — Que é que você quer dizer com isso ?

MIGUEL — Que você dormiu com ele na Universidade. Varias vezes.

ALAN — Isso não é verdade !

MIGUEL — Varias vezes ! Uma vez, é a juventude. Duas vezes, pode ser uma fase. Varias vezes, você gosta !

ALAN — Não é verdade !

MIGUEL — É verdade ! Porque Justino Stuart é homosexual. De vez em quando vem a N. York. E me telefona. Artur foi com ele uma vez. Eu dormi com ele. E ele me contou tudo a teu respeito.

ALAN — Então só te contou mentira.(UM TEMPO)

MIGUEL — Você tinha obsessão por Justino. Só falava nele, de manhã, de tarde, d e noite. Hoje com Douglas você começou a cair na mesma chave! Que homem atraente ele é e tôda essa merda transparente. Corte

ALAN — Você gostaria de se juntar a ele e Artur lá em cima ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 269

ALAN Eu disse que ele é atraente. Ponto.

MIGUEL Quantas vezes voce tem que repetir isso ? Quantas vezes teve que dizer, falando de Justino, que bom tenista ele é, que excelente dançarino ele é, que corpo bonito o dêle, que bom gosto ele tem, como ele é brilhante, meu Deus, ah, é o sujeito mais divertido que eu conheço, puxa as garotas todas são loucas por ele e, naturalmente, nós somos os melhores amigos do mundo."

ALAN Nós...nós...eramos...realmente, muito bons amigos...excelentes, mesmo...Só isso !

MIGUEL Era evidente-E quando voce se compartava dessa maneira na frente de Laura, então era constrangedor. Até ela deve ter tido dúvidas a teu respeito.

ALAN Justino...mentiu. Se disse isso... mentiu. É uma mentira. Uma mentira infame. Agora ele é capaz de inventar qualquer coisa a meu respeito pra... se defender. Nunca vai engulir o fato de que fui eu quem o abandonei. Mas fui obrigado. Que é que eu podia fazer ? Ele me contou...contou tudo que ele era... e o que sentia. Confessou que queria ser meu amante. E eu... eu...respondi que aquilo tudo me enojava...que o maxime que podia sentir, era uma imensa pena dele. (UM TEMPO)

MIGUEL Voce acabou com a amizade, Alan, porque não podia encarar a verdade a seu proprio respeito. Ainda estaria dormindo com Justino se ele continuasse a mentir pra si mesmo, e voce tambem pudesse se enganar. Se pudessem continuar a ter namoradas, usar o rótulo de homens, e repetir que eram apenas exelentes amigos. Mas Justino sentiu que tinha que ser honesto, viver a verdade, e voce não aguentou a barra. Preferiu destruir a amizade e o amigo. (MIGUEL VAI ATÉ A MESA E PEGA UM CADERNO DE ENDEREÇOS.)

ALAN Não faz isso.

MIGUEL Justino nunca entendeu o que tinha feito pra voce romper com êle de maneira tão brutal. E punha a culpa em si proprio:

ALAN NãoÉ verdade.

MIGUEL Até que, aos poucos, foi descobrindo quem era e o que era.

ALAN Não é verdade.

MIGUEL Mas até hoje não esqueceu o que voce me fez-conserva-as cicatrizes. (COLOCA O LIVRINHO NA FRENTE DE ALAN, NA MESA DO CAFÉ)

ALAN Não.

MIGUEL Pega esse telefone e chama Justino. Fala com ele, pede desculpas, e diz a ele o que voce devia ter dito há doze anos atrás. (PEGA O TELEFONE, EMPURRA-O PARA ALAN)

ALAN Não ! Ele mentiu ! Nem uma palavra é verdade !

MIGUEL Chama ele ! (ALAN NÃO QUER PEGAR O TELEFONE.) Então está

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.270

HAROLDO / Você é tão prestativo. (MIGUEL COMEÇA A DISCAR)

ALAN / Me dá aqui. (MIGUEL PASSA O FONE PARA ALAN. ALAN PEGA O FONE) DESLIGA UM INSTANTE, LEVANTA O FONE OUTRA VEZ, COMEÇA A DISCAR TODOS OLHAM EM SILÊNCIO; ALAN ACABA DE DISCAR, LEVANTA O FONE AO OUVIDO)... Alô ?

MIGUEL / Um ponto.

ALAN / ..alô... é Alan.

MIGUEL / É Justino ?

ALAN / Eu sei que é uma surpresa.

MIGUEL / Pudera não ! Depois de dez anos. Mais dois pontos.

ALAN / Eu... eu estou em N. York. É. Eu... não posso explicar agora. Eu... só chamei você pra te dizer...que...(PAUSA)

MIGUEL / Que eu te amo ! Eu te amo !

ALAN / Eu te amo muito e quero que voce me perdoe.

MIGUEL / Me dá isso ! (ARRANCA O TELEFONE DA MÃO DE ALAN) Justino ! Você ouviu bem o que êsse canalha disse ? (UM TEMPO. MIGUEL SUBITAMENTE, FICA SEM FALA)... Laura ? (UM TEMPO) Não, claro que eu sabia que era você. (UM TEMPO) Como vai você Laura? Muito bem, obrigado. É. Sim. Ele me contou tudo. Ora, não tem o que agradecer, Laura. Por favor... por favor...(UM TEMPO) Eu... Eu vou chamar ele de novo. (UM TEMPO) Um beijo nas crianças.

ALAN / Meu bem ? Eu vou pegar o primeiro avião que puder. Está. Me desculpa também. Eu te amo muito. (DESLIGA, FICA EMPERTIGADO, VAI ATÉ A PORTA, PARA, SE VIRA, EXAMINA O GRUPO) Obrigado, MIguel. (ABRE A PORTA E SAI. SILÊNCIO. MIGUEL, SEM DIZER NADA MERGULHA VAGAROSAMENTE NO SOFÁ, SOBRE O ROSTO, PAUSA.)

CAUBOI / Quem ganhou ?

DONALD / O jogo foi anulado. (HAROLDO VAI ATÉ MIGUEL)

HAROLDO / (CALMA, FRIA E CLINICAMENTE) Agora é a minha vez. E você esteja preparado ou não, escuta Miguel. (UM TEMPO) Você é um homem triste e patético. Você é homosexual e não quer ser. Mas não há nada que você possa fazer pra mudar isso. Nem tôdas as rezas do mundo, nem que compre tôdas as análises do todos os analistas durante todos os anos que lhe restam de vida. Pode até acontecer que um dia consiga viver uma vida heterosexual. Se tentar desesperadamente, se empregar nisso o mesmo fervor que emprega para destruir os outros. Mas você sempre será homosexual também. Sempre, Miguel, Sempre. Sempre. Até morrer. (SE VIRA, JUNTA OS PRESENTES, VAI ATÉ DAVI.DAVI SE LEVANTA SEM JEITO.) Meus amigos, muito obrigado pela festa magnifica, e pelo super presente. (OLHA PRO CAUBOI)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 271

HAROLDO CONTINUA

Era exatamente que eu estava querendo. (DAVI SORRI, HAROLDO DÁ UM ABRAÇO NELE, VÊ BERNARDO SENTADO NO CHÃO, A CABEÇA CURVADA)... Bernardo, muito obrigado. (NÃO HÁ RESPOSTA PARA DAVI) Você leva êle pra casa ?

DAVI Não se preocupe com ele. Eu tomo conta. (HAROLDO SE VIRA PRA DONALD, QUE ESTÀ NO BAR PREPARANDO OUTRO DRINQUE)

HAROLDO DONALD, foi umá grande prazer ver você.

DONALD Boa noite, Haroldo. Vamos nos ver um dia dêsses.

HAROLDO Ótimo. Talve eu te convide pruma reunião na Sinagoga. (VAI ATÉ O CAUBOI) Vamos embora, Texas. Pra minha casa. (CAUBOI SE LEVANTA FICA JUNTO DELE) Você é bom?

CAUBOI Bom ...eu não sou como êsses profissionais que tem por aí. Eu procuro fazer um pouco de carinho - é a maniera que eu tenho de não me sentir uma vagabunda, né. (UM TEMPO. HAROLDO SE VIRA. CAUBOI ABRE A PORTA. VÃO SAINDO. HAROLDO PARA)

HAROLDO Oh, Miguel ... obrigado por ter me feito rir tanto. Te ligo amanhã. (NÃO HÁ RESPOSTA. UM TEMPO. HAROLDO E O CAUBOI SAEM).

DAVI Vamos, Bernardo. Tá na hora de ir pra cama. (DAVI, FRACO COMO É, CONSEGUE COLOCAR O BRAÇO DE BERNARDO EM VOLTA DO PESCOÇO E LEVANTÁ-LO). O, mar como você pesa, minha santa.

BERNARDO (QUASE INAUDIVEL) Por que é que eu chamei? Por que?

DAVI Obrigado Miguel, Boa Noite, Donald.

DONALD Boa noite, Davi.

BERNARDO Por que...

DAVI Tá tudo bem, Bernardo, Está tudo certo. Vou te preparar um com café e você vai ver que está tudo bem. (DAVI PRATICAMENTE CARREGA BERNARDO PRA FORA. DONALD FECHA A PORTA; SILENCIO. MIGUEL, DEVARGAZINHO, ESCORREGA DE SÒFA PRO CHÃO. UM TEMPO. ENTÃO, TAMBÉM DEVAR, COMEÇA UM GEMIDO BAIXO QUE VAI AUMENTANDO - QUASE COMO UMA SIRENE QUE SE APROXIMA. SUBITO BATE COM AS MÃOS ABERTAS NOS OUVIDOS)

MIGUEL (EM PÂNICO) Donald ! Donald'. Donald ! Donald!

(DONALD LARGA O COPO. CORRE PRA MIGUEL AGORA ESTA BRANCO DE MÊDO; LÀGRIMAS CORREM DOS OLHOS DELE. COMEÇA A FALAR, ATRAPALHADAMENTE). Oh, não. Não ! O que foi que eu fiz ? Oh, meu Deus, pra que que eu fui fazer ? (MIGUEL SE RETORCE. DONALD SEGURA-O, ACALENTA-O)

DONALD Miguel! Miguel !

MIGUEL (CHORANDO) Oh, não! Não ! Está começando ! O alcool está baixando e a angustia está crescendo ! Oh, não ! Já estou sentindo ! Eu sei o que vai acontecer, Donald, Donald ! Não se abandona ! Por favor ! Por favor ! Oh, meu Deus, que coisa eu fiz ! Oh, meu Jesus, que angustia ! Que culpa ! Eu não aguento mais ! Eu não quero mais !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 272

DONALD / (Dominando-o fìsicamente) Miguel ! Miguel ! Pára, Miguel ! Eu te deu um Valium - tenho aqui no bolso.

MIGUEL / Não ! Não! Pílulas e alcool, não ! Eu morro !

DONALD / Não vou te dar o vidro inteiro ! Pára, Miguel, me larga.

MIGUEL / Não me larga ! (MIGUEL SE ACALMA UM POUCO, DÁ FOLGA SUFICIENTE A DONALD PRA QUE ESTE META A MÃO NO BOLSO, PEGUE UM FRASCO DE PLÁSTICO, ABRA:O E DÊ A ELE UM TRANQUILIZANTE)

DONALD / Toma.

MIGUEL / (SOLUÇANDO) Sem água eu não engulo isso !

DONALD / Se você me largar um minuto eu vou buscar. (MIGUEL O SOLTA. ÊLE APANHA UM COPO D'ÁGUA NO BAR, VOLTA). Vossa água, Sua Magestade. (UM TEMPO) Miguel, pára êsse chôro e toma a pílula ! (MIGUEL FICA DIREITO, PÕE A PILULA NA BÔCA, EM MEIO AOS MAIORES SOLUÇOS, BEBE A ÁGUA, DEVOLVE O COPO.)

MIGUEL / Me sinto como Old Man River - cansado de viver e com mêdo de morrer. (DONALD PÕE O COPO NO BAR, VOLTA PRO SOFÁ, SENTA. MIGUEL COMO QUE DESMAIA EM SEUS BRAÇOS, CHORANDO, PAUSA)

DONALD / Shhhhhhh. Shhhhhh. Miguel. Miguel. (Nina-o pra lá e pra cá. Miguel se acalma. PAUSA)

MIGUEL / ... Se nós... se pelo menos a gente conseguisse... nãõ se odiar tanto. É isso, você sabe. Se a gente aprendesse a não odiar tanto a si próprio.

DONALD / Sim, eu sei. Eu sei. (UM T EMPO) Ainda que pareça incrível você já foi pior de que é. (UM TEMPO) Talvez com bastante esforço, se você quiser mesmo, você possa melhorar mais , tem que tentar. (MIGUEL FICA DIREITO, SE EMPERTIGA, SECA OS OLHOS NA MANGA)

MIGUEL / Como é mesmo a piada : se alguem me mostrar um fresco feliz, está me mostrando um cadaver fresco. (ATENÇÃO NESSA FORMA ESTÁ PRESERVADO O TROCADILHO E A PIADA. MAS, TALVEZ, NUMA TRADUÇÃO MAIS SÉRIA, FIQUE MAIS AMARGO E MELHOR." SÓ EXISTE UMA BICHA FELIZ - É UMA BICHA MORTA." OU ENTÃO : "Mostrem-me uma bicha feliz e eu lhes mostrarei uma bicha morta." N.T.)

DONALD / Não conheço. Nunca ouvi.

MIGUEL / E olha aqui, Donald, não vem com essa atitude superior pra cima de mim não. "Com um pouco mais de esfôrço," tem que tentar." Ora essa ! Você também tem muito que remar antes de chegar à perfeição, queridinha.

DONALD / Eu nunca disse que não tinha.

MIGUEL / E já que estamos no assunto - acho esse teu analista um charlatão. (MIGUEL ESTÁ ESPIRRANDO. DONALD LHE DÁ UM LENÇO. MIGUEL ASSOA O NARIZ)

DONALD / Você antes disse que ele era um safado. Decide.

MIGUEL / Não tem que decidir nada. É um charlatão safado. Ou um safado de um charlatão. Pode escolher. (DONALD SE LEVANTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-273 71

MIGUEL CONTINUA
VAI APANHAR UM DRINQUE)

DONALD (COM UM SUSPIRO) Haroldo tem razão. Voce não vai mudar nunca.

MIGUEL Volta aqui, Donald. Volta aqui, Shane.

DONALD Assim que voce tiver outro ataque de angustia.

MIGUEL Eu preciso de voce. Como Mickey Mouse precisa de Minnie Mouse, como o pato Donald precisa de pata Minnie precisa de Donnie...

DONALD O meu nome é Donald. Me chama Donald. Voce nunca deve chamar de Donnie uma pessoa que se chama Donald...

MIGUEL (AGARRA A CABEÇA GEME) Ohhhhhh !..... fóssa ! Fossa ! Que angústia insuportavel ! Amanhã eu vou passar o dia inteiro no fundo do poço. Vai ser um dia horrivel em Black Rock, Um dia cheio de nervos, nervos e mais nervos ! (MIGUEL SE LEVANTA DO SÓFA, EXAMINA A CONFUSÃO DE PRATOS E PAPEIS DE EMBRULHO.) Voce não acha que é melhor tocar fogo nisso tudo (UM TEMPO)

DONALD Porque é que Alan não foi embora,Miguel ? Por que ele aguentou tudo o que voce fez ?

MIGUEL Não há acidentes. Ele estava pedindo pra ser morto. Estava morrendo de vontade que alguem o massacrasse. E conseguiu o que queria.

DONALD Ele podia estar dizendo a verdade - Justino podia ter mentido.

MIGUEL Quem sabe ? Que horas são ;?

DONALD Acho que já é depois de amanhã.(Miguel vai até a porta da cozinha, enfia a cabeça pra dentro. VOLTA COM UMA CAPA DE CHUVA)

MIGUEL É cêdo. (VAI ATÉ UM ARMARIO, PEGA UM BLAZER VESTE)

DONALD O que é que a vida nos reserva ? Onde é que voce vai ?

MIGUEL A cama esta ocupada e eu não quero mesmo ir dormir antes de andar um pouco, pra curtir o pileque. Se eu fôr dormir assim quando acordar vão ter que me botar numa cela de hospicio- que é talvez onde eu já devia estar morando.(UM TEMPO) E...e...além disso a meia noite tem uma missa em São Malaquia onde vai todo o pessoal de teatro. Vou até lá dar uma olhada

DONALD (LEVANTA O COPO) Resa por mim.

MIGUEL (INDICA O QUARTO) Quando eu voltar espero que eles já tenham se mandado.

DONALD Comigo não se preocupe eu me mando assim que esvaziar essa garrafa.

MIGUEL Vejo voce sabado que vem ?

DONALD Claro. A não ser que voce tenha outro programa.

MIGUEL Não. (SE VIRA PARA SAIR)

DONALD Miguel ?

MIGUEL (PARA,SE VIRA) Que é ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 274

DONALD Por acaso ele te disse porque é que estava chorando ao telefone ? O que é que ele tinha tanto que falar contigo ?

MIGUEL Sei lá. Pode ser que quisesse contar que tinha se separado de Laura. Ou outra coisa qualquer que depois esqueceu-mudou de ideia.

DONALD Pode ser. (UM TEMPO) Fico pensando em porque se separaram.

MIGUEL ...Como meu pai me disse, morrendo nos meus braços:" Eu não entendo nada. Nem nunca entendi." (UM TEMPO. DONALD VAI À PILHA DE LIVROS, ESCOLHE UM, SENTA NA CADEIRA.) Quando voce sair apaga a luz. tá ? (DONALD ACENDE. MIGUEL OLHA PRA ÊLE DURANTE UM TEMPO.

(DONALD se concentra no livro. Miguel abre a porta e sai)

CORTINA....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.275

PROC.- 896
LIV.- 01
PAG.- 28
REG.- 882

MJ - DPF - UCDP
ARQUIVO
N° PROTOCOLO: 27655
PRAÇA: CURITIBA - PR
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 18 c/corte
N.° CERTIFICADO: 882
TÉRMINO VALIDADE __/__/19__

OS GAROTOS DA BANDA

MART CROWLEY

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376/p.27

MJ-DPF-SRA/BSB
19 MAI 14 23 75 027655

DPF-SRA
fl. n.º 07

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

OF. Nº 1031/75-SCDP/SR/PR Em 13 de maio de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assunto Peça teatral para censura (remete)

De ordem
ao arquivo
em 20 05 75

FICHADO
S. A. DCDP

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, temos a honra de encaminhar a V. Sª 03 (três) vias da peça teatral "OS RAPAZES DA BANDA", de autoria de Mart Crowley, para fins de censura.

Aproveitando a oportunidade, renovamos a V. Sª. as manifestações de elevada estima e distinta consideração.

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira
Superintendente Regional do DPF/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.277

3
4

TEATRO DE
ROBERTO MENGHINI

Curitiba, 7 de Maio de 1975

SENHOR DIRETOR:

Anexo ao presente, estamos encaminhando a Vossa Senhoria, para revisão e liberação desse Serviço de Censura de Diversões Públicas, três (3) exemplares da peça de Mart Cowley "OS RAPASES DA BANDA", tradução de Millôr Fernandes, a ser apresentada pela Cia. de Teatro ROBERTO MENGHINI, no Teatro Guaíra à partir do dia 2 de Julho proximo.

Outrossim, solicitamos à Vossa Senhoria, se digne mandar devolver este material à Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.

Na oportunidade, renovamos à Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

Roberto Menghini
Diretor Geral.

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
Dr. ROGÉRIO NUNES
MD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL
Edificio B.N.D.E. - 3º andar
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.278

4

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio , 29 de Abril de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

RAPASES DA BANDA

Original de Mart Cowley

Tradução de Millôr Fernandes

Próxima apresentação de Cia. de Teatro Roberto Menghini

Teatro Guaíra Cidade Curitiba

Estado do Paraná

A estréia está prevista para 2ª Quinzena de Julho de 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SBAT
RIO - BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.279

5
8

C A S T

Miguel - Trinta anos, elegante, cara comum

Donald - Vinte e oito anos, meio louro, representante típico da boa aparência e saúde americana

Davi - Trinta e três anos, pequeno, frágil, bem comum

Artur - Vinte nove anos, belíssimo

Douglas - Trinta e dois anos, alto, sólido, atlético, atraente

Bernardo - Vinte e oito anos, negro, boa aparência

Cowboy - Vinte e dois anos, louro claro, musculoso, bonitinho demais

Haroldo - Trinta e dois anos, moreno, leve, mebros fortes, estranha cara de semita

Alan - Trinta anos, aspecto aristocrático anglo-saxão.

A
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ
Autoriza a Turma de Censura do D.P.F. à proceder a Censura desta Obra, cuja Autor, é filiado a esta Sociedade.
Curitiba, 12 05 de 1975
Julio Ruf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.280

6

Aos intérpretes

Dando o desuso da língua brasileira, sobretudo na televisão, o certo pessaou a ser errado e, o errado, certo. Assim, algumas das formas que emprego podem parecer, à primeira vista, por serem excessivamente coloquiais, pouco coloquiais. Já que a linguagem coloquial é a mais / estranha possíveis, a mesma pessoa falando em vários tons (níveis intelectuais) erudita e vulgarmente, na mesma hora e até na mesma frase. Peço, quando a construção parecer difícil, o esforço de mais uma leitura. Apoiando-se a leitura devidas palavras tônicas, nos sentidos exatos, no rítimo correto, tenho a certeza de qeu se obterá uma extrema facilidade de / comunicação.

O Tradutor

A peça é dividida em dois atos. A ação é continua numa só noite, no / tempo necessário à realização do Script.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.281

NEW YORK - EAST FIFTIES

Apartamento duplo elegantemente mobiliado, composto de um living e, em plano superior, um quarto de dormir. Música de Bossa Nova berrando numa vitrola.

Miguel, usando robe, entra da cozinha com algumas garrafas de bebidas. Cruza para colocá-las no bar, examina se o apo-' sento está em ordem, sobe para o nível do quarto enquanto improvisa alguns passos de dança. No quarto, passa diante de um espelho, estuda a cabeleira - suspira. Pega um pente e um secador, entre em atividade.

O buzzer (aparelho de comunicação interna) da / porta da frente soa. Um tempo. Miguel pára, ouve, desliga o secador. Mais buzzer. Miguel vai depressa até o living, desliga a música, abre a porta' descobrindo Donald, vestido de cáqui e camisa Dacoste, na mão uma valise' com fecho-eclér, dessas de aviação. (O Cáqui aqui (Khakie) creio se tra-' tar de uma dessas roupas que no Brasil se chamam safari. N.T.).

Miguel - Donald, você está adiantado um dia e meio.

Donald - (Entra) O analista cancelou minha hora.

Miguel - Cancelou! Como é que você entrou?

Donald - A porta da rua estava aberta.

Miguel - Toma um drinque ?

Donald - (Dirigindo-se ao quarto de dormir pra deixar a valise) Primeiro' quero tomar um banho de chuveiro. Hoje estou precisando de uma / boa curtição, vou tentar descansar e curtir alguma coisa.

Miguel - Está na fossa por causa do médico?

Donald - (Voltando) Pô! Eu estava no fundo do poço muito antes de chegar' lá.

Miguel - Por que que o bunda-soja cancelou a consulta?

Donald - Um virus ou coisa parecida. Estava com uma cara horrível.

Miguel - (Pegando uma bolsa de compras) Comprei uma porção de bobagens / pra te levantar a moral. Olha, sabão de sândalo...

Donald - (Tirando as meias e os sapatos) Já estou bem melhor.

Miguel - (Mostrando outros artigos)... e uma escova de dentes só pra você. Já estou com o saco cheio de te pedir prá não usar a minha. Me / dá nojo...

Donald - A mim também.

Miguel - Você já botou essa boquinha em coisas bem piores. (Pega lata cilíndrica) Prá você também... uma coisa chamada "Controle". Ô, contei: tem a frase "Pra cavalheiros" escrita 37 vezes na porra da lata!

Donald - Acho que é pras bonecas se sentirem com alguma coisa máscula em cima. Podem escrever trinta e sete vezes "Cacto" que miguel o laquê não deixa de ser laquê.(Donald ri).

COM CORTES
Corte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.282

Miguel - Vou arrumar uma prateleira só prá você no banheiro. Por falar nisso, você vai dormir aqui ?

Donald - Néca. Vou pegar o carro e me mandar de volta hoje mesmo. Eu ainda fico cheio de urticárias quando tenho que permanecer nesta cidade muito tempo. Já estou melhor, mas ainda não estou tão bom assim.

Miguel - É o que você diz todo o fim de semana.

Donald - Talvez com mais dez anos de análise eu possa ficar uma noite inteira em Nova Yorque.

Miguel - E talvez com mais vinte anos de análise você possa nunca mais vir aqui.

Donald - Se eu viver isso tudo.

Miguel - Vive sim. Se um domingo desses não se arrebentar na auto-estrada de Long Island, é claro. Eu nunca entendi como é que você consegue moltar a Hampston depois de engulir tanques de Martini.

Donald - Você pode acreditar, é mais fácil ir do que vir. Já teve um ataque de angústia a 100 quilômetros a hora? Pois olha, hoje eu realmente não me aguentava, tinha que ver o psicanalista de qualquer maneira, e quando, depois de um esforço incrível, estourei no consultório, me atirei no sofá e comecei a vomitar toda a minha depressão, ele cortou a onda dizendo: "Donald, eu tenho que cancelar a sessão de hoje, estou muito mal".

Miguel - Porque você não respondeu que estava muito mais doente do que ele?

Donald - Ele sabe disso. (Entra no baneiro, tinha os sapatos e as meias. / Miguel segue) Corte

Miguel - E por que o bunda-suja não telefonou prá você ? Imagine se você tivesse guiado toda essa distância só prá ir lá?

Donald - (Tirando a camisa) Por que você só chama ele de bunda-suja? Corte

Miguel - Tem que ser. Onde é que se viu um analista marcar uma sessão de duas horas numa noite de sábado ?

Donald - Simplesmente porque ele prefere descansar na segunda-feira.

Miguel - Quer dizer, trabalha até tarde no sábado e descanso, na segunda - feira, que é que ele é, psiquiatra ou cabelereiro ?

Donald - Os dois, eu acho. O que ele tira de dentro da minha cabeça me deixa de cabelo arrepiado. Ondulação permanente. (Deita na cama) De qualquer maneira eu tinha mesmo que vir. Fui convidado prum aniversário. Ou não fui ?

Miguel - Hi!, você tinha que me lembrar! Se há uma coisa pra qual eu não / tenho o menor saco no momento é pra ver cinco bichas loucas cantando "Parabéns prá você."

Donald - Quem vem ?

Miguel - Na verdade só vêm umas amiguinhas do Haroldo. O aniversário é dele e eu quero tudo exatamente como ele gosta. Não quero ficar ouvindo ele repetir mil vezes que ninguém nunca fêz nada a não ser para si próprios.

COM CORTES
COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.283

Donald - Para sí próprio ?

Miguel - Tá. Mas eu acho que você já conhece tomo mundo, as mesmas caras de sempre, as mesmas bonecas cansadas de guerra que badalam por aí desde o primeiro dia da criação. Ao todo sete, contando Ha-' roldo, você e eu.

Donald - Você está me classificando como bicha louca ou como a boneca / cansada de guerra ?

COM CORTES

COM CORTES

Miguel - Ah, perdão. Seis bichas loucas e um viado na fossa.

Donald - Você acha que o Haroldo vai se incomodar com a minha presença ? Tecnicamente eu ou teu amigo, não sou amigo.

Miguel - Se ele se incomodar que me mude. Já te deixo em paz. Só um minu tinho pra eu fazer uma coisa.

Donald - Cirurgia plástica, já a essa hora?

Miguel - (Mostra-lhe o dedo pai-de-todos, vai ao espelho) Vou apenas pen tear meu cabelo pela quadragésima vêz. Engraçado, o complexo de careca: eu sempre falo cabelo no singular. Meu cabelo cai ao / longo das minhas espáduas. Só que não volta.

Donald - Você é um paranoide completo. Tem cabelo pra vender.

Miguel - O que você tem a oportunidade rara de contemplar é uma obra-pri ma de tapiação. A linha da minha cabeleira começa aqui. (Indica o alto da cabeça) Um longo processo de tortura obriga os meus / cabelos a virem até aqui.

Donald - Tudo que lhe posso desejar é que não haja uma ventania.

Miguel - Você não sabe o que eu sofro! Quando estou numa boate, basta / uma clarineta soprar mais forte que eu estremeço. Qualquer ven- tinho me transforma num caraca com cabelo de pagem. (Corre os d dedos pelos cabelos, afasta-os do couro cabeludo, abaixa a cabe ça prá que Donald possa ver. Donald fica em silêncio) Não é na- da bom, hein?

Donald - Bonito não é não.

Miguel - Isso se chama "ficar velho". Ah, o maravilhoso esquema da exis- tência, primavera, verão, outono, inverno e, a morte. Quem foi' que bolou isso ?

Donald - Ninguém conhecido.

Miguel - (Volta-se para examinar o espelho, suspira) Numa coisa, pelo me nos, a masturbação é insuperável... você não precisa ser bonito. (Tira o robe, joga-o para Donald ri, pega o robe, sai para o ba Nheiro. Miguel tira um suéter de uma arca, veste-o) Porque é / que você está tão deprimido? Quero dizer, além do normal. (Um tempo)

Donald - (Relutante) Olha Miguel, eu realmente prefiro não falar.

Miguel - Bom, se você não vai me dizer, como é que nós podemos nos enten der em profundidade, como é que podemos manter, ou atingir, uma amizade quente, significativa, gratificante ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.284

COM CORTES

Donald - No cu, bouzinho!

Miguel - Que linguagem, Capitão Butler, como o senhor fala! (Aqui imita sotaque sulino, o que, no Brasil, não tem sentido. Pode ser feito, com um tom idiota qualquer. N.T.)

Donald - (Depois de uma pausa aparece na porta com um copo d'água e um / pequeno frasco de pílulas. Miguel olha.) Acontece que hoje, eu cheguei à conclusão de que minha vocação mesmo é o fracasso. / Sou um fracassado vocacional. Nasci com esse indestrutível ta-' lento. (Um Tempo)

COM CORTES

Miguel - Você sabe, há algum tempo atrás você me dizia coisas assim e eu realmente não entendia picas do que você estava falando.

Donald - (Toma algumas pílulas) Naturalmente, tudo começou com Evelina e Walter.

Miguel - Evidente. Quando é que a coisa não começa com papai e mamãe? Infelizmente todos nós tivemos na vida um Walter e uma Evelina.' Os bolhas! Você não curte essa palavra - bolha? Você se lembra' da Bárbara ? Ela dizia essa palavra melhor do que ninguém. (No original, ele fala de Bárbara Stanwick, imitação que não tem / sentido no Brasil. Deve fazer uma imitação feminina qualquer, / ridícula, naturalmente. N.T.) "Me chama de chata, bolha"!

Donald - Bem, acho que a noite começa já tendo perdido oficialmente qual quer vestígio de sanidade mental.

Miguel - Oh, Donald, você está tão sério hoje! Você tem sede de prazer,' meu bem, e eu bebo por dois! (Canta) "Forget your troubles, / c'men get happy! You batter chase your blues away. Shout, Hallelujah! c'mon get happy..." (Percebe que Donald não está ligado.) Tem alguma coisa mais chata do que uma bicha imitando Judy Garland ?

Donald - Uma bicha imitando Bate Davis.

Miguel - Enquanto isso os dois personagens voltam a falar do síndrome / Eveline e Walter.

Donald - O pino quadrado querendo entrar no furo redondo.

COM CORTES

Miguel - Hurrá, os analistas devem viver de saco cheio só de ouvir falar como o "paiê" e a "mâiê" conseguiram transformar o queridinho / numa queridinha.

Donald - A coisa já está mais avançada agora. Hoje, finalmente, eu já / posso ver como é que outras peças do quebra-cabaça completam o' mistério. Por exemplo, já sei porque em toda a minha vida, nunca termino nada que começo... é uma compulsão neurótica para o fracasso. Percebi que sempre que eu fracassava Eveline me amava, mais, e me amava mais porque isso desagradava Walter, que exigia perfeição. E quando eu errava, ela estava sempre alí, pronta e feliz, com os braços cheios de compensação. De modo que eu comecei a identificar o fracasso como o amor de minha mãe. E come-'

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.285

Donald - cei a errar de propósito para ter mais amor. Não terminei a universidade e nunca fiquei muito tempo em nenhum emprego, nesta / maldita cidade. Acabei vivendo num quarto em cima de uma garage, esfregando chão pra me manter vivo. Me dá um fracasso e eu me / sinto em casa. Porque foi isso que eu aprendi em casa.

Miguel - Desmafagafizadores.

Donald - O quê ?

Miguel - Um ninho de mafagafos e com sete mafagafinhos. Quem melhor os mafagafizar, melhor desmafagafizadores será. Eles te desmafagafizaram, bicho. São bons desmafagafizadores.

Donald - É. É fácil quando pegam o mafagafo bem pequenininho. (Tempo. Miguel subitamente arranca o suéter, joga-o no ar, deixando-o cair ao acaso, puxa um outro, enfia-o, desce correndo pro living. Donald o segue) Hei, onde é que você vai ?

Miguel - Preparar uns drinques! Acho que precisamos pelo menos uns trinta e sete !

Donald - Onde é que você arranjou esse suéter ?

Miguel - Naquela lojinha divina no início da 58, "Hermes".

Donald - Eu esfregando o rabo nesses assoalhos o dia inteiro pra ganhar quarenta e cinco dólares por semana e você aí, botando fora suéters de "cashmere".

Miguel - Aquele que eu joguei no chão inda agora não é "cashmere" é "vi-' cunha".

Donald - Ah! perdão!

Miguel - Você podia arranjar outro emprego. Esgrefa o rabinho no assoa- / lho porque gosta, nêga. Isso é, como você mesmo diz, a tua neurose.

Donald - Ah! e eu que sempre pensei que fosse meu destino.

Miguel - Além disso, o fato de usar roupas caras não quer dizer que estejam pagas.

Donald - Isso, como você mesmo diz, é a tua neurose.

Miguel - Eu sou um gatotão estragado. A maturidade passou por mim sem dar bom-dia. Na verdade não tem nada pior do que um fruto maduro. Maduro me lembra o Vitor.

Donald - Que Vitor ?

Miguel - Vitor Mature, se lembra dele ? (Imita fortão cafageste). Trabalhou em todos os filmes da Betty Grable. Vai dizer que também se lembra da Betty ? Que não era nascido. (Conta à Grable) "I can't begin to tell you, how much you mean to me..." Betty cantava isso em 1945. Quarenta e cinco ? Quarenta e três. Não, em quarenta e três foi Coney Island", que eles refilmaram em cinquenta com o nome de Avenida das Ilusões. É Dolly Sisters foi em quarenta e / cinco.

Donald - Como é que eu fiu perder todos esses extraordinários marcos da / história do cinema americano ? Olha, Miguel, eu posso entender /

COM CORTES
Corte
COM CORTES
Corte
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.286

que uma pessoa tenha laços, afinidades, intelectuais como o teatro, mas cinema, é um lixo! Alguém pode levar cinema a sério ?

Miguel - Me desculpe, Donald, se ofendi o teu alto critério artístico. Mas ainda que pareça estranho, lá em Café Quente, no Mississipi, não' havia à mão nenhum teatro Shubert. Você sabe lá o que é viver num lugar chamado Café Quente ?

Donald - De qualquer maneira graças as maravilhas do ecran, a tua neurose' ganhou um certo estilo. É preciso um certo "flair" para pegar um' cheque de desemprego, arrancado do seguro social a duras penas, e torrar ele em meia hora no primeiro inferninho que aparece.

Miguel - Não vejo porque morder de angústia só porque estou até aqui de dívidas. Prefiro pensar que há um lado criativo na minha maneira de tapear os cobradores.

Donald - Pode ser. (Tempo) Miguel, é gente como você que estraga a reputação dos pederastas.

Miguel - E você, Donald, você é cartão de crédito de homossexual. Um viado cumpridor dos seus deveres, trabalhador sério, lavador de chão honesto, uma bicha confiável, que não deve nada a ninguém.

Donald - Um exemplo de boneca. (Miguel pegou algumas fitas e papel e começa a embrulhar o presente de aniversário de Haroldo).

Miguel - Podem achar que é pra bancar o bacana que eu vivo pulando de Beverly Hills pra Roma, de Roma pra Acapulco, de Acapulco pra Amsterdam. Mas vou te dizer uma coisa, viajo milhares e milhares de' milhas porque o único lugar em que me sinto realmente feliz é lá em cima, na porta do avião. (Ajeita a fita do pacote, continua) - Está chateado com Escandinávia? Experimente a Grécia. Cheio de / carne escura ? Prova a carne branca. Detesta Tequilla, por que / não toma Slivovitz ? Cansado dos rapazes ?, pegue umas moças. E por que não moças e rapazes ao mesmo tempo, em combinações variadas ? E se já se encheu de gente, porque não pensa em drogas, bolinhas, maconha, coca, poppers. (Deve fazer o gesto equivalente a O último, poppers, é de cheirar, volátil, ao contrário da coca, / pó. N.T.) Acha isso fraco ? Entre na pesada. (Gesto de injeção na veia) Hein, Donald, me diz - você é capaz de sugerir alguma coisa mais pro menininho mau experimentar ?! Alguma coisa mais em que o menininho mau possa satisfazer o seu ego doente, estúpido, vazio, estragado, podre, o seu ego egoísta e egocêntrico ? Você acha que isso é o bacana, Donald, é o bom estilo ? É isso que você lamenta não ter ? É isso que você sente que perdeu na vida, minhas fugas' histéricas de país em país, de festa em festa, de bar em bar, de cama em cama, de porre em porre e tudo assim, no vazio, sem dinheiro, da mão pra boca ?! (Um Tempo) Corre, cobra, corre, compra, pede emprestado, faz gasta, corre, bota fora, desperdiça, pede corre, corre, corre, esbanja, esbanja, esbanja. (Um tempo) E pra quê? E prá quê ?

COM CORTES
COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 287

Donald - Pra que, Miguel ? Pra que ?

Miguel - Realmente prefiro não entrar nisso.

Donald - Dessa maneira a nossa conversa não tem profundidade.

Miguel - Ah, você já sabe tudo de cor e salteado. A mesma canção, segunda parte. O motivo de tudo é que a minha Evelina se recusou a me deixar crescer. Estava determinada a me manter criança a vida inteira. E foi muito bem sucedida. Enquanto isso o meu Walter não só permitia tudo como lhe dava pleno apôio. (Um Tempo) O que você / vê na sua frente é um bebê de trinta anos. Foi tudo feito em nome do amor, e que ela rotulava com esse nome e possivelmente / acreditava com toda sinceridade que fosse. Na verdade, aquela / história, estava apenas satisfazendo as próprias necessidades de afeto, enchendo a própria solidão. (Um tempo) Fêz de mim sua amiguinha inseparável. (Um tempo) Víamos juntas todos aqueles fil-' mes cafonas. Eu escolhia as roupas que ela devia comprar, dizia' como ela devia vestir e ela me levava ao salão de beleza. Fazíamos permanentes e manicure juntas, pintávamos o cabelo da mesma' cor. (Um tempo) E Walter deixava. (Um tempo) E ela me concencia' de que eu era uma criança doente, que não podia correr, nem brincar, nem suar, nem ser empurrada pelos brutos da vizinhança, ah, não, nunca! Eu era pálido e frágil e, do geito que ela falava a' meu respeito, praticamente uma mulher. Nem sei quantas milhares' de vezes ouvi ela dizer: "Ah, Miguel, você devia ser uma menina!" Eu acho que devia mesmo, eu era pálido, frágil, branco e encaracolado, ia sempre pra cama com um saco de água quente na barriga, cercado de minhas bonecas, minhas roupas de bonecas, minhas casinhas de boneca. (Tempo mais rápido) E Walter comprava tudo! (Tempo. Com mais velocidade) E ela me acalentava, punha Viquevaporube no meu peito, creme de beleza no meu rosto e repetia sempre / que eu tinha uns olhos lindos e uns lábios maravilhosos. Tomávamos banho juntos na mesma banheira até o dia em que fiquei tão / grande que já não dava mais. Me obrigou a dormir na mesma cama / que ela até os catorze anos. Até o dia em que eu bati o pé e disse que não dormia lá, nem mais uma noite. Não queria me preparar pra enfrentar a vida, a sair sozinho no mundo, porque, se eu conseguisse, ela ficava abandonada. Mas um dia, eu fui. Um dia eu / me mandei. O aleijão monstruoso se levantou, largou a muleta e escapengou pra liberdade. E aqui está ele, indisciplinado, despreparado, deseducado, desequipado, incapaz para a vida* (Um tempo) E*quer saber de uma coisa? Até hoje ela ainda repete: "Não me interessa que você tenha trinta, quarenta ou setenta anos, você é o meu bebezinho". Você não pode imaginar como isso me põe furioso. Essa vaca nunca vai entender que eu dou, sempre vou ser, filho, filho dela, mas que não sou bebezinho há mais de vinte e / cinco anos! (Um tempo) E não me entenda mal. É muito fácil ti-

COM CORTES COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.288

rar o corpo fora e dizer que a culpa toda é deles, de Walter e Evelina. Mas no fim, somos responsáveis por nós mesmos. Porque eu acho, não estou certo, mas quero acreditar que seja assim:' eu acho que de uma maneira patética e perigosa, todo o êrro deles é nos amar demais. (Um Tempo) (Donald hesita, vai até Miguel, abraça-o demoradamente. É um gesto de absoluto carinho, cheio de calor) Não há nada melhor do que uma boa autopiedade, você não acha?

Donald - Nada!

Miguel - (A la Bette Davis) Eu adoro sentimentalismo barato, ok. Estou' recebendo pedidos para os drinques. Que é que vai ser?

Donald - Um Martini Beefeater extra-sexo, on the rocks.

Miguel - Num minuto. (Donald sobe a escada, entra no banheiro. Miguel desaparece na cozinha. Volta logo, carregando um balde de gêlo' numa mão, uma bandeija de prata com muitos pedaços de sirí na outra, cantando "Acapulco" "Down Argentina Way", ou qualquer outra velha melodia de Betty Grable. O telefone toca. Miguel atende) Alô, chefe dos travestís do Crazy Horse. (Um tempo) Alan? Ah, desculpe, é você ? Não posso acreditar! Como é que você vai ?' Onde é que você está? Aqui ? Ótimo! Quando é que você chegou? / Laura está com você ? Oh. O que? Não. Não. Estou ocupado. É, infelizmente já tenho um compromisso hoje. Não posso. Agora, Alan? Olhe aqui, Alan, meu caro, é que é o aniversário de um amigo, / eu estou reunindo um grupo de pessoas e... Não, não é exatamente uma festa de aniversário, ou por outra festa de aniversário' é, mas... Quer dizer, se a gente pode chamar de festa de alguma coisa. Lamento muito não poder convidar você prá vir até aqui mas é que eu sei que não ia dar certo, você ia se encher. Não,' não tem jeito... E que seria chato eu me encontrar com você só dez minutos e depois você ter que ir embora... Eu... Alan ? / Alan? Que é que há ? Você está... está chorando ? Oh, Alan, que foi que aconteceu ? Alan, escuta, vem cá, então. Não, não, ora, pode vir. Eu disse por dizer. Tá, vem logo! Toma um drinque e depois você faz o que quizer, ok? Alan... você está se sentindo bem? Tá? O mesmo lugar. Tchau. (Desliga lentamente, fica / olhando um pouco vago no espaço. Donald aparece. Tomou banho e' mudou de roupa. Faz uma pose).

Donald - Como é que é ? Estou facinante ? (Miguel olha)

Miguel - (Sem inflexão) Você está absolutamente fascinante. Isto é, está uma merda e porisso eu estou absolutamente fascinado.

COM CORTES

COM CORTES

Donald - (Deprimido) Como dizia a raposa as uvas estão verdes.

Miguel - Você não vai acreditar o que acabou de acontecer.

Donald - Quedê meu drinque ?

Miguel - Não fiz, estava falando ao telefone. (Donald vai ao bar, faz um Martini) O meu velho companheiro de quarto de Georgetown acabou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.289

de telefonar.

Donald - Alan de que mesmo ?

Miguel - McCarthy. Veio a Nova Yorque prum negócio qualquer e vai dar uma passada aqui agora mesmo.

Donald - Espera que ele saiba a letra do "Parabéns prá você"

Miguel - Ah, porra, será que você não entende ? É uma situação chata. Alan é normal. Quadrado. (Imita granfinona falando mas benzérrimo, meu bem, caindo de distinção. De uma família podre de chique)

Donald - (No mesmo tom) Ah, isso é tão importante.

Miguel - (Fala normal) Você me entende, ele é desses que considera gente de teatro, um bando de vagabundos. Que é que você pensa que ele vai achar desse show de perdidas que eu organizei pra hoje ?

Donald - (Sorvendo o drinque) Está caindo bem!

Miguel - Não quer uma perninha de sirí ?

Donald - Agora não. Por que você convidou ele ?

Miguel - Ele se convidou. Disse que tinha de me ver hoje, imediatamente. Quando estavalfalando comigo não se aguentou nas pontas perdeu completamente o controle e começou a chorar.

Donald - Vai ver é outro que adora uma auto-piedade.

Miguel - Grandes suspiros e enormes soluços. Uma curtição, realmente. E não estilo dele. Sacomé, aquele cara tão controlado que não pisca um olho quando o avião está caindo? Que é que eu vou fazer ?

Donald - Mas que é que te interessa a opinião dele ?

Miguel - Falar verdade não sai, mas...

Donald - Ou, de repente você está com vergonha dos amigos?

Miguel - Donald, você é a única pessoa no mundo que me faz morrer de vergonha. Os padrões de certas pessoas não são iguais aos nossos, entendeu ? E se você não aceita isso é tão atrasado, tão estreito quanto acha que eles são.

Donald - Você sabe o que você é, Miguel? Você é uma pessoa ao vivo.

Miguel - Muito obrigado e vá-se. (Miguel cruza, pega um pedaço de sirí e morde) Quer um pedaço ?

Donald - Não, obrigado. Como é que você consegue ser amigo de um chato desses?

Miguel - Você pode não acreditar, mas houve uma época em minha vida em que eu não andava por aí "anunciando" que era puto.

Donald - Isso deve ter sido antes da invenção da imprensa.

Miguel - Se lhe interessa eu só me revelei depois que saí da faculdade.

Donald - Pois olha, eu estava certo de que a primeira vêz que nós trocamos nosso encontro foi num bar de bichas na Terceira Avenida. E você ainda estava às voltas com o vestibular.

Miguel - Babaca!

Donald - Lingua suja.

Miguel - Se referindo ao sirí) Não quer mesmo provar um pedacinho?

Donald - Agora não! Me permite recusar?

COM CORTES Corte
COM CORTES Corte
COM CORTES Corte
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.290

Miguel - Ué, vai ficar frio. Que horas são?

Donald - Não sei. Cêdo.

Miguel - Onde está o Alan ?

Donald - Quer mais Club-soda ?

Miguel - O que ?

Donald - Só tem club-soda nesse copo. Isso não é gin, como o meu. Quer mais?

Miguel - Não.

Donald - Este é o 4º fim de semana que venho aqui e você não bebe. Deixou debeber ?

Miguel - E de fumar também.

Donald - E de fumar, também. Há quanto tempo?

Miguel - Um mês e pouco.

Donald - Impressionante.

Miguel - Descobri Deus.

Donald - Impressionante, prá você.

Miguel - Ou Deus está morto ?

Donald - Está, graças a Deus. E não fica em pânico só porque estou te fazendo um elogio.

Miguel - Você sempre disse que eu bebo melhor do que ninguém.

Donald - Mas eu sempre soube também o momento exato em que você ficava alto, tinha uma coisa.

Miguel - Eu ficava agressivo.

Donald - Agora parece mais feliz, um pouco mais leve, parece.

Miguel - (Calmamente) Obrigado.

Doandl - O que é que fêz você parar, o analista?

Miguel - Ele influiu bastante, é claro. Mas o certo é que eu não ia sobreviver a outra ressaca. Eu achei que não ia resistir a mais um ataque de angústia quando acordasse de manhã, depois de outra noite de porre. A fosse já não tinha mais fundo. Fossa! Angústia! Ansiedade! Culpa! E aí, o pânico. O pânico daquele pedacinho de se-' gunda quando você abre o olho de manhã e diz: "Oh, meu Deus, o que é que eu fiz ontem ?" e, Zap, lembra tudo de repente.

Doandl- Me conta tudo.

Miguel - Aí é o café, a aspirina, Alka-Seltzer, Darvon, Daprisal e um chamado ansioso para o F.A. - Fossas Anônimas.

Donald - "Bom dia, F. A...".

Miguel - "Olá, bom dia! Eu fiquei muito ruim ontem de noite ? Fiz alguma' coisa errada ? Nada terrível não, foi ?"

Donald - (Rindo) Quantas vezes! Quantas vezes!

Miguel - E daí em diante aquela luta terrível pra conseguir sobreviver / até a hora do almoço, quando você pode um Blood-Mary duplo, isso é, se você consegue esperar até a hora do almoço, e lpgo está / meio porrado de novo e inútil pro resto do dia. Só tem uma cura' certa, dormir pro resto do dia. Só tem uma cura certa, dormir / quarenta e oito horas, mas quem é que faz isso ? Em vêz disso vo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.291

cê se aguenta por ali mesmo até o entardecer e aí já está pronto pro que der e vier. Felizmente o que vém é outra festa, outra bebedeira e a merda da rotina continha, sem fim. Ou até o fim. (um tempo) O negócio é que eu fiquei nesse redemoinho muito tempo e, ou saía, ou morria de força centrífuga.

Donald - Você está achando viver de cuca limpa melhor do que o nirvana do álcool?

Miguel - Olha, essas coisas todas que sempre me disseram agora parecem / verdade. Nada se compara com a experiência do sujeito funcionar' com suas faculdades naturais no máximo da capacidade. Só tem uma coisa... eu dava a vida por um drinque. (Som do buzzer na parede)

Donald - Deve ser o seminarista...

Miguel - De repente a angústia me come as tripas, (Aperta o botão do painel na parede) Agora, escuta aqui, Donald...

Donald - Miguel, não me insulte com um sermão sobre comportamento social.' Prometo sentar com as pernas bem abertas e conservar a voz no registro mais grave.

Miguel - Donald, você é realmente um babaca! (A porta do apartamento soa' várias vezes. Miguel vai até lá, abre-a de um golpe, descobre XX Davi, Artur e Douglas. Davi está de Bermudas e sueter. Artur usa uma camisa turtleneck e sandálias. Douglas usa uma terno Ivy Lea que com colete e sapatos cordovan. Artur e Douglas trazem presentes. Davi tras uma grande bandeja coberta.)

Davi - (Estourando na sala) Ninguém se mexe! É a polícia. Está tudo preso! (Acompanha isso com uma enorme gargalhada rouca. Se atira nos braços de Miguel, dá-lhe um grande beijo no rosto. Referindo-se à / bandeja) Alô, querida. Bundinha à caçadora.

Miguel - (Já meio cheio) Alô, Davi. Bota na cozinha.

Davi - Bota onde ? (Vê Donald) Quem é essa mulher exótica?

Miguel - Olá, Artur. Douglas, como vai? (Eles dizem HAI, apertam a mão e entram. Miguel olha no corredor, entra, fecha a porta)

Donald - Ciao, Davi.

Davi - Meu bem, pensei que você tivesse falecido! (palavra bem viada). Onde é que você anda escondendo esses seus maravilhosos traços gregos?

Donald - Eu não moro mais na cidade.

Miguel - (Para Artur e Douglas, referindo-se aos presentes) - Deixe que eu cuido desses. Davi, quedê o teu?

Davi - Chega mais tarde (Davi sai para a cozinha. Os olhares de Artur e / Donald se encontram. Douglas entregou o presente a Miguel. Artur / esta muito preocupado)

Douglas - Artur! Artur!

Artur - Que é?

Douglas - Entrega o presente ao Miguel!

Artur - Toma! (Para Douglas) Mais alto. Senão a mamãe não ouve você na Filadélfia.

Douglas - Ué, você está aí, em transe

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.292

Miguel - (Para Artur e Douglas quando Davi volta) Vocês já conhecem Donald, não conheciam?

Donald - Claro. Prazer em vê-los (Para Douglas) Hai!

Douglas - (Apertando a mão). O prazer é meu.

Miguel - Ué, eu pensei que vocês já tinham se encontrado antes.

Donald - Bem...

Artur - Encontrar propriamente nós nunca nos encontramos... Mas já... hai!

Donald - Hai!

Douglas - Mas já o que?

Artur - ... já nos vimos antes.

Miguel - Que coisa esquisita.

Douglas - Vocês se viram sem se encontrar.

Artur - Que é que há? Que foi que eu disse de tão estranho?

Douglas - Onde?

Davi - (A parte para Miguel, mas alto) - Acho que vão ter a primeira briga do dia.

Artur - A primeira desde que descemos do táxi.

Miguel - (Referindo-se a Davi) Onde é que você achou este lixo?

Artur - Na rua, empostado num poste.

Davi - Com uma orquídea no rabo e enormes lábios úmidos pintados por fora da linha da boca.

COM CORTES

COM CORTES

Miguel - Como Maria Montez?

Donald - Ah, por favor!

Davi - (Para Donald) Que é que você tem contra Maria? Era uma boa mulher.

Miguel - Ouça todo mundo, vem aí um velho amigo meu, do tempo de colégio. Está de passagem pela cidade e vem aqui tomar um drinque rápido/ antes de ir jantar, não sei onde. Mas, por favor, ele é normal,' de modo que...

Artur - Nor-mal! Se é o que eu conheci é tão normal quanto um concunda cego.

Miguel - Não, você conheceu foi Justino Stuart.

Douglas - Não me lembro de ninguém com esse nome.

Artur - Claro que não; quem encontrou com ele fui eu.

Miguel - Bem, quem vem aqui é outra pessoa.

Donald - Alan Mac-Carthy. Um íntimo totalmente estranho.

Miguel - Não é que eu me importe muito com o que ele vai pensar de mim. Realmente não é isso. Mas eu sei que ele não está preparado pro choque. Aliás nunca vai estar. Você compreende isso, não Douglas?

Douglas - Oh! claro.

Artur - Você acredita honestamente que ele não sabe nada a seu respeito?

Miguel - Se tem a mais leve suspeita nunca deu o menor sinal.

Davi - Se não percebeu minha filha, deve ter tomado lavagem cerebral em criança. (Sai pela escada, entra no banheiro).

Miguel - Eu era supercuidadoso quando estava no colégio e continuo tomando' todo cuidado sempre que encontro com ele. Não sei bem porque, mas, é assim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 293

Donald - Frescura.

Miguel - Você pode dizer, que eu sou um cara, Donald, mas nós éramos muito amigos. Ele era meu melhor amigo. Se o balão furasse de repente / ele ia morrer de horror. Não era justo deixar que ele percebesse. Você pode achar que isso é uma simulação imbecil, mas eu sou as-' sim. Digam o que quiserem.

Donald - Eu posso.

Miguel - Bem, mesmo você tem que admitir que é muito mais simples lidar / com o mundo como ele él aceitar as regras, e depois sair, em fren te e fazer a gente entender. Pra que criar choques desnecessários? Você compreende isso não compreende?

Donald - Agora que você colocou em linguagem leiga.

Miguel - No colégio eu era igualzinho ao Alan. Ninguém tinha mais garotas' do que nós. Andávamos sempre na maior pinta, quer dizer, a pinta' meia cafona da época, aqueles paletos de azulona, sapatões de cor da (Para Douglas) Desculpe. (A frase deve ser adaptada à roupa / que Douglas estiver usando, para dar efeito. N.T.)

Douglas - Não há nada.

Miguel - Eu enrusti a coisa muito tempo. Acho até que não estava mentindo' nem pra mim mesmo. Eu pensava realmente que era normal.

Davi - (Descendo a escada enquanto enfia um kleenex na manga) Quem é que a gente tem que enrabar pra conseguir um drinque nesta casa?

Miguel - Quer sossegar o teu rabo em algum lugar? (Davi senta na escada) Eu eu pensava que era normal. O que sei é que só me declarei depois' de formado.

Donald - E aqueles fins de semana da faculdade?

Miguel - Eu ainda não tinha me declarado. Ainda estava no síndroma: "Porra, como eu estava bêbado ontem de noite"!

Artur - O que?

Miguel - Síndroma, uma reunião de sintomas. O síndroma: "Porra, como eu estava bêbado ontem de noite" aparece quando você se excedeu com / alguém no colégio. No dia seguinte vocês têm que se encontrar cara a cara e então ambos caem na merda de um fingimento que acaba / sempre no mesmo: "Rapaz, eu bebi demais ontem de noite! Porra, não me lembro absolutamente nada do que fiz". (Todos riem)

Donald - Você se sentia culpado porque era católico.

Miguel - Não é isso. O síndroma "Porra, como eu estav bêbado ontem de noite" não tem religião. A coisa, tem relação com imaturidade. Embora te-nha que admitir que o síndroma aparece numa porcentagem altíssima' entre os mórmons.

Davi - Vagabundos!

Miguel - Naquele tempo nós todos procurávamos arranjar uma maneira de justi ficar nosso comportamento. Mais tarde descobri que até Justino Stu art, meu melhor amigo...

Donald - Depois de Alan MacCarthy.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P.294

Miguel - (Um olhar para Donald)... estava fazendo o mesmo. Só que, nos fins de semana, Justino ia pra Boston. (Artur e Davi riem)

Artur - (A Douglas) Isso te lembra alguma coisa?

Miguel - É, muito antes que Justino, ou eu, ou Deus sabe quem, se revelasse era comum a gente ✱ ficar de porre e (tom viado) fazer verdadeiras loucuras. Porque no síndroma: "Porra, como eu estava bêbado ontem' dde noite!" o cara está realmente bêbado. Isso é uma parte de verdade. Só que sabe muitíssimo bem o que está fazendo. (Riso geral) / Oh, meu Deus, eu só tinha coragem de entrar num bar de bichas quando estava realmente muito doido.

Donald - Como os tempos mudaram!

Miguel - Muito. Últimamente eu comecei a ter verdadeiro nojo dessses lugares. Todo mundo alí em pé esperando, olhando, esperando - me dá a impressão de um intervalo de teatro eterno, onde o ato final nunca começa.

Douglas - (Para Artur) Isso te lembra alguma coisa?

Davi - Eu também não suporto esses bares. Parece uma brincadeira de gato e' rato, todo mundo fica alí em pé a noite inteira cada um olhando bem' no olhos do outro e a gente acaba indo para casa sózinho.

Miguel - E com a cuca dopada.

Artur - A maior parte só consegue contato sexual quando está muito drogado. (Rápido olhar a Douglas que não acha engraçado) É o que dizem.

Miguel - Se você se lembra, Donald, a primeira vêz em que nós trepamos eu estava tão bêbado que mal podia ficar em pé.

Donald - Você estava tão bêbado que nada em você ficava em pé.

Miguel - (Fingindo inocência) Porra, eu estava tão bêbado que não me lembro de nada.

Donald - Você se lembra foi tão lamentável.

Miguel - (Canta para Donald) "Amigos apenas, amantes não mais..."

Davi - É o que todo mundo diz.

Donald - Na verdade nunca fomos.

Miguel - Nem tivemos tempo de ser, nos conhecêmos muito depressa. (O buzzer da porta toca) Meu Deus, é Alan. Agora, eu peço, todo mundo: me façam um favor. Moderação durante alguns minutos. Ele sai logo.

Davi - O que a Lalá disser a Lili faz.

Miguel - É exatamente disso que estou falando, Davi. Para com essa porra.

Davi - Desculpe. (Com voz bem grossa, para Donald) Que é que você achou da' minha participação no campeonato de Luta-livre?

Donald - (Voz grossa) Magnífico. Como sempre, você baixou o pau. (Miguel / vai à porta, abre e descobre Bernardo, coletinho esporte e gravata. Traz um presente e duas garrafas de vinho tinto.)

Davi - (Berro) Oh, é só um outro mágico.

Bernardo - (Gesto com o dedo indicador e polegar) O mágico de Óz.

Davi - Mandrake, o que esconde tudo. (Bernardo entra. Miguel olha no corredor)

COM CORTES Corte
COM CORTES Corte
COM CORTES Corte
COM CORTES Corte
COM CORTES Corte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0316, p.295

Miguel - Bernardo, a porta lá em baixo está aberta?

Bernardo - Estava. Eu fechei.

Miguel - (Ah, bom. (Bernardo vai por o vinho no bar).(Referindo-se às garrafas de vinho) Me dá aqui. Põe o teu presente junto com os outros.' (Miguel fecha a porta, Bernardo lhe passa o presente. O telefone / toca)

Bernardo - Hai, Artur. Hai, Douglas.

Miguel - Meu bem Cristo dos Andes. Donald, atende o bar aí, por favor. (Miguel dá as garrafas a Donald, vai ao telefone)

Bernardo - (Estendendo a mão a Donald) Olá, Donald. Bom ver você.

Donald - Ô, Bernardo.

Miguel - (No telefone) Alo? Alan?

Davi - Olá, Bernadete. Alguém já te disse que voce ficaria divina nuam rede lilás, cercada pot bustos de mármore antigo, ventiladores no teto e potes e potes de luxuriosas plantas tropicais?

Bernardo - Davi, você é tão bicha. Bai ganhar o bolo.

Davi - Por falar em bolo, quem foi que fez a obra de arte?

Artur - Eu. Isto é, eu encomendei.

Davi - Quantas velas mandou botar - oitenta?

Miguel - ... o que? Espere um instante. Tem muito barulho aqui. Vou passar' pro outro telefone. (Aperta um botão, desliga, corre pra escada)

Artur - Miguel, o bolo chegou?

Miguel - Ainda não.

Donald - (Pra Miguel, quando este passa) Que é que há?

Miguel - E eu sei?

Artur - Acho melhor eu reclamar. Posso usar o telefone direto?

Miguel - (Subindo) Claro. (Fica duro na escada, se volta) Olha, pessoal, / tem umas pernihhas de siri aí na bandeja. Sirvam-se. (Donald saco de a cabeça. Miguel entra no quarto, Artur vai ao telefone, aperta o botão para deixar a linha livre, liga pra informações)

Donald - Quem é que quer um drinque? (Douglas e Bernardo dizem EU ou fazem gesto de assentimento)

Davi - (Tirando o suéter) Eu sirvo. Eu sou uma garçonete de monoquini servindo no Play-Boy-Club.

Bernardo - Por favor, poupe-nos a visão dantesco de tuas tetas murchas.

Davi - (Para Douglas e Artur) Que é que vocês vão querer, ñ garotos?

Miguel - (No telefone ao lado da cama)... Pronto, Alan.

Artur - Vodka e água tônica. (No telefone) Por favor, eu quero o número da Confeitaria Marseilles, em Manhattan.

COM CORTES

Davi - Uma fódica e uma tônica e...

Douglas - Tem cerveja?

Davi - Cerveja! Quem é que bebe cerveja antes do jantar?

Bernardo - Os que bebem cerveja.

Donald - É difícil de entender?

Miguel - ... não, Alan, não seja bobo. Não tem nada do que se desculpar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316, p.296

Davi - Deixa eu ver quem bebe cervaja. Motoristas. Quero dizer, motoristas de caminhão. Pintores, quero dizer, pintores de parede. Professores não. Professores bebem Xéres.

Douglas - O professor aqui bebe cerveja.

Davi - Então talvez eu esteja me referindo a professores de escola pública. (Para Artur) Como é que um artista divino como você consegue viver / com esse paquiderme insensível?

Artur - (Tornando a discar) Não consigo.

Bernardo - Davi, você saia correndo pra viver com Douglas agora mesmo. Bastava ele esticar o dedinho. Num minuto você ia. Em cinquenta e / oito segundo. E sabe como você é sssssensssssível.

Davi - Por que você não pega aí um pedaço de melancia e enfia no rabo?

Miguel - ... Alan, não seja ridículo!

Donald - Pega aí, Douglas.

Douglas - Obrigado.

Artur - Que merda, não respondem.

Donald - Que é que você toma, Davi?

Bernardo - O que ele toma? (Intencional) O que é que você toma, Davi?

Davi - Vodka martini on the rocks, por favor.

Artur - (Desliga) Bem, vamos esperar que tragam. (Donald entrega um drinque a Artur, os olhos dos dois tornam a se encontrar. Um vago sorriso / aparece nos lábios de Artur. Donald volta ao bar para fazer o drinque ao Davi)

Miguel - Almoço amanhã? Ótimo! Uma hora. O restaurante do Plaza, está bem? / É, em baixo. Tá.

Bernardo - (Para Donald) Donald que biblioteca você tem lido ultimamente?

Donald - Só umas duas ou três. Esta semana li as obras completas de Doris / Lesaing. Ando muito deprimido.

Miguel - Alan, esquece isso, está bem? Tá. Tchau. (Desliga, vai deixar o / quarto. Pára. Rápidamente tira a suéter que está usando, pega xxx' outra, cruza para a escada);

Donald - Você não está trabalhando mais, no serviço de Circulação?

Bernardo - Continuo lá mesmo. Todo dia,

Donald - AH, bom, eu é que não tenho ido mais lá. Desdexque me mudei só venho a Nova Yorque sábado à noite. (Muda sua pilha de livros do lugar em que está, no bar).

Douglas - Mas você trouxe um estoque pra semana inteira. (Miguel desce a escada)

Bernardo - Está brincando? Ele devora isso tudo em dois dias.

Davi - Pra mim isso duraria dois anos. Ainda não acabei de ler o "Guerra e Paz". E olha que comecei a lei em 1912.

Miguel - (Para Donald) Ainda bem, ele não vem.

Donald - Acho que agora davam mesmo.

Bernardo - Tem gente que come, tem gente que bebe, tem gente que cheira... (Gesto de droga)

Davi - Tem gente que fuma.

COM CORTES

COM CORTES

COM CORTES

COM CORTES

COM CORTES

Cont

Corte

Corte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.297

Donald - Eu leio.

Miguel - E lê, e lê, e lê. Às bezes tenho a impressão de que ele vai gozar só porque descobriu num sebo um livro que não esperava.

Davi - Que é que ele gosta mais, capa dura ou brochura?

Douglas - Pelo menos Donald é um escapista construtivo.

Miguel - É. Eu sçou um escapista aéreo. Sempre que posso entro num avião e me mando. Isto é, entrava. Não tenho mais dinheiro pra fazer isso Em vez de avião, vou a sauna.

Davi - Pois, eu, agora, pretendo fazer os dois. Vou voar pra California...

Bernardo - Você ainda faz aquele número que fazia no Tijuana?

Davi - (Sem entender) Hein?

Bernardo - Você com o burro.

Davi - Vou a São Francisco, gozar minhas férias. Férias suadas, minhas / odaliscas.

Artur - Não vai comprar nada?

Davi - Ah, vou olhar umas coisas pruns clientes, mas tenho andado tão ocupado ultimamente que daria a vida para nunca mais ver uma lâmpada / art-noveaux, nem uma cadeira Barcelona. Vou direto ao Club Baths me meto lá dentro no bem-bom e só saio daqui a uma semana, quando o auto-falante anunciar que o avião da TWA já está no aeroporto, com as turbinas ligadas.

Bernardo - (Para Davi) Você nunca vai conseguir viver fora da sauna, vai?' Na última vez que ele foi no banho tinha lá um peludão deitado' no meio do vapor. Quando Davi entrou ele disse: "Estou aqui desenferrujando". E Davi respondeu logo: "E eu que adoro um ferro". (Todo mundo ri)

COM CORTES

COM CORTES

Corte

Davi - Você tem que contar tudo que faz, não Bernardo? (Donald cruza e entrega um drinque a Davi) Obrigado, filhinho. Você ainda mora com / seus pais?

Donald - Moro. Mas tá tudo bem, meus pais são muito compreensivos. Mamãe / se vira no trotoir e papai é um cáften muito competente. (Davi / cai na gargalhada, bate no joelho de Douglas, este se levanta, muda de lugar. Donald se vira pro Miguel) Quedê o Alan?

Miguel - Está numa fossa danada, porque perdeu o controle antes. Se desculpa o tempo todo, tenta explicar, aquele negócio. Deu a volta e virou de novo o Alan antigo bem na frente dos meus olhos.

Donald - Ouvidos.

Miguel - Ouvidos. É, estou vendo que o siri não fez muito sucesso. (Vai tirar a bandeja)

Davi - Deixa essa droga aí senão quer ter a mão decepada. Eu ia me servir.

Miguel - Está realmente uma delícia. (Um olhar para Donald) Não sei porque todo mundo parece detestar.

Donald - Tem vezes que você me lembra a tortura chinesa da água. Tic, tic, tic, tic, Inexorável.

Corte

Miguel - Puto. (Douglas toca um disco)

COM CORTES

Bernardo - Oi. meninada, esse pé que é o som.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.298

Davi - Basta um bombo tocar que os olhos dele brilham como uma vitrine de Cartier. (Bernardo o acompanha) E Haroldo, quando é que ele vem? / Onde é que anda o fresco gelado?

Miguel - (Para Donald) Davi chama Haroldo de fresco gelado porque ele era professor de esqui.

Davi - Deve ser divino ele fazendo um 8 na cama. (Rebola para mostrar. Miguel e Bernardo agora dançam animadamente)

Donald - (A Miguel) Se tua mãe te visse agora, rebolando assim, tinha um' ataque.

Miguel - Tem uma câmara escondido ai, é? (O painel da porta toca, Davi / volta um grito)

Davi - Ai, meu Deus, que horror, é a justa! Ai meu Deus, vamos todos em cana. Ai, meu Deus, que cana dura. (Miguel vai ao painel, aperta o botão. Douglas abaixa a música. Miguel abre um pouco a porta, põe a cabeça pra fora)

Bernardo - Deve ser o Haroldo. (Miguel se inclina pra dentro)

Artur - Graças à Deus. (Miguel vai ao corredor, quase fechando a porta / atrás de si)

COM CORTES Corte

Davi - (Gritando) Pergunta se ele tem pão bisnaga. Sem o til.

Douglas - Para com isso, Davi.

Davi - Pergunta se tem pão dormido. Eu quero dormir com um pão.

Douglas - Você se acha uma graça, hein?

Davi - Você sabe que você me lembra uma tia que só dava escondido?

COM CORTES Corte

Douglas - E você me lembra um sobrado de galinha.

COM CORTES Corte

Davi - No bom sentido, naturalmente. (Douglas eleva de novo a música)

Miguel - (No corredor) Obrigado. Boa noite. (Entra com uma caixa de bolo,' fecha a porta, leva a caixa para a cozinha)

Artur - Bernardo, você se lembra daquele negócio que a gente fazia em Fire Island? (Começa a balançar num espécie de Madison)

Bernardo - Isso foi in há tanto tempo que eu até já tinha esquecido.

Davi - Eu me lembro. (Levanta, fica aceso, começa a dar os passos. Artur e Bernarda acompanham)

Artur - É. É. Isso mesmo. Isso mesmo. (Miguel vem da cozinha, acompanha-os na dança)

Miguel - E agora, as nossas jambetes geriátricas. (Agora fazem os passos / com uma marcação quase profissional. Donald vem sentar no braço / de uma poltrona, sorve a bebida, olhando com fascínio. Douglas / vai ao bar, pega outra cerveja. O buzzer da porta toca. Ninguém / parece ouvir. Toca de novo. Douglas se vira para porta, hesita. / Olha para Miguel, que agora está profundamente envolvido nas complicações da dança. Ninguém, parece, ouviu o buzzer. Douglas vai' até a porta, abre-a, dá com Alan. Alan está de black-tie. Os dançarinos continuam, se virando e dando apalmadas nos joelhos, batendo os calcanhares rindo com abandono. De súbito Miguel olha, / vê, e pára, duro. Donald vê que Miguel parou, acompanha o olhar /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 299

dele, vê o que ele viu. Levanta-se, lentamente. Miguel vai até o toca-disco, desliga-o de uma vêz. Davi, Artur e Bernardo ainda / dão uns saltinhos fora do compasso, olham para ver o que aconteceu). Eu pensei que você tinha dito que não vinha.

Alan - É... bem... peço mil desculpas...

Miguel - (Forçando a barra) Bem, nos estávamos aí... nesse ridículo.

Alan - Quando eu liguei para você, falar, verdade, estava aí mesmo num telefone aqui perto. Não tive coragem, mas depois... como meu jantar também não é longe...

Miguel - ... Davi estava mostrando, como uma moda fica ridícula assim, que assim que sai de moda.

Alan - ... eu só subi porque, quando ia passando, vi a porta lá em baixo' estava aberta...

Miguel - Este é Davi. (Davi faz uma reverência. Miguel o fuzila com um / um olhar). Hei, todo mundo, este é Alan McCarthy. Da esquerda / pra direita, Artur, Davi, Bernardo, Donald e Douglas. (Todos murmuram, Alô, olá, hai) Você toma um drinque?

Alan - Não, obrigado. Eu... realmente... não posso ficar muito tempo.

Miguel - Ora, já que você veio, fica um pouco. Que é que você toma?

Alan - Você tem Rya?

Miguel - Lamento muito mas está fora de moda nesta casa. Você tem que optar por Gin. Whisky ou Vódka.

Donald - Ou cerveja.

Alan - Whisky, por favor. (Miguel vai ao bar, Donald o interrompe)

Donald - Eu sirvo. (Vai ao bar)

Douglas - (Riso forçado) Acho que sou o último bebedor de cerveja no mundo inteiro.

Alan - (Olhando em volta) Quem é... o aniversariante?

Artur - Haroldo.

Alan - (Olhando em volta) Haroldo?

Bernardo - Ainda não chegou.

Davi - Ela nunca chega na hora (Miguel mata Davi com um olhar fulminante) Ele nunca chega na hora marcada, mesmo quando...

Miguel - Alan é de Washington. Frequentamos a faculdade juntos. Georgetown. (Um tempo. silêncio)

Davi - Mas que coisa impressionante. (Donald entrega o drinque a Alan)

Donald - Vê se está muito forte.

Alan - (Toma um golaço) Está muito bom, obrigado. Excelente.

Douglas - Você trabalha pro governo?

Alan - Não. Sou advogado. O que... você.... você faz o que?

Douglas.- Professor. Curso médio.

Alan - Ah, você parece muito mais um atleta. Tem o aspecto de quem vive fazendo exercício.

Douglas - Bem, nunca fui profissional mas jogava no time de basquete da Universidade e ainda jogo tenis quase todo dia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 300

Alan - Eu também.

Douglas - Acho um esporte formidável.

Alan - Eu também. Completo. (Um tempo, silêncio) O que... o que você ensina?

Douglas - Matemática.

Alan - Matemática?

Douglas - É.

Alan - Matemática. Bom!

Davi - Você parece tão entusiasmado que me dá a impressão de que vai sair correndo para comprar uma régua de cálculos.

Miguel - Davi. Estou precisando de alguém pra me ajudar a preparar o jantar. Você acaba de ser eleito por unanimidade. Vem!

Davi - Eu sou sempre o eleito.

Bernardo - Você nasceu pro trabalho doméstico.

Davi - Como disse a boneca africana! Vem você também fica me abanando enquanto eu preparo a salada.

Miguel - (Com olhar feros. Sorriso falso) Vem logo, Davi. (Miguel empurra a porta de vai e vem, deixando Bernardo e Davi passarem. Entra / atrás. A porta se fecha. Mas o som abafado da voz do Miguel pode ser ouvida. Voz OFF) Seu filho da puta.

COM CORTES

Davi - (Fora) Que diabo você quer de mim?

Douglas - Por que não nos sentamos todos, confortavelmente?

Alan - Claro. (Douglas e Alan se sentam no sofá. Artur cruza para o bar, refaz seu drinque. Donald se aproxima com o seu)

Artur - Olá.

Donald - Oba!

Alan - Estou tão constrangido, de penetra na festa de vocês, assim...

Artur - (A Donald) Como é que você vai?

Donald - Muito bem, obrigado.

Douglas - (Para Alan) Ora, não tem importância...

Donald - (Para Artur) E você?

Artur - Oh... muito bem.

Alan - (Para Douglas) Você é casado? (Artur ouve isso, se volta para olhar na direção do sofá. Miguel entra da cozinha).

Douglas - (Observando Artur e Donald) O que?

Alan - Estou vendo que você é casado. (Aponta para aliança no dêdo de Douglas)

Douglas - Ah!

Miguel - (De olho em Donald) É. Douglas é casado.

Alan - Tem filhos?

Douglas - Tenho. Um menino de nove e uma menina de sete. Você devia ver o garoto jogando tênis. É de envergonhar o pai.

Donald - (Evitando o olhar de Miguel) É melhor eu ir buscar gelo. (Sai para a cosinha)

Alan - (Para Douglas) Eu tenho duas filhas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 301

Douglas - Formidável.

Miguel - Como vão as meninas, Alan?

Alan - Maravilhosas. (Cacode a cabeça) Eu acho ambas realmente maravilhosas. Sou maluco por elas.

Douglas - Há quantox tempo você é casado?

Alan - Nove anos. É inacreditável, Miguel?

Miguel - É mesmo.

Alan - Mig costumava sair com a minha mulher quando ainda estávamos todos na Faculdade.

Miguel - É inacreditável.

Alan - (Para Douglas) Você vive na cidade?

Artur - Vivemos. (Se aproxima, senta-se no sofá perto de Douglas)

Alan - Ah!

Douglas - Estou me divorciando. Artur e eu somos companheiros de quarto.

Miguel - É.

Alan - Ah, me desculpem. Quero dizer...

Douglas - Eu compreendo.

Alan - (Se levanta) Eu... Eu acho que vou tomar outro drinque, posso?

Miguel - Claro. Que é que voce estava tomando?

Alan - Eu mesmo preparo. Posso? (Se levanta, dirige-se ao bar. De repente há um barulho fora de cena. Alan salta olha em direção à porta da cozinha.) Que foi isso? (Donald entra com o balde de gelo)

Miguel - Me desculpe. Conflito de temperamentos na cozinha! (Miguel sai / pela porta de vai-e-vem. Alan continua andando até o bar fica, / nervosamente, levantando e abaixando garrafas, procutando pelo / whisky)

Douglas - (Para Artur) Artur, de onde é que você conhece esse camarada?

Artur - Que camarada?

Douglas - Esse camarada.

Artur - Não sei. De pelaí. Dos bares.

Donald - Posso servir você, Alan?

Alan - Eu... eu não consigo encontrar o whisky.

Donald - Por acaso está na sua mão.

Alan - Oh. Que coisa. Que estupidez a minha! (Donald fica observando en-/ quanto Alan se atrapalha xxx todo com a garrafa de whisky)

Donald - Por que você não deixa xx eu servir?

Alan - (Agradecido, lhe entrega tudo) Obrigado.

Donald - Você toma com soda ou com água?

Alan - Puro, por favor, com uma pedrinha de gelo! (Miguel entra)

Miguel - Você vê, Alan, eu te disse que hoje não tinha ambiente pra gente conversar. Mas nós...

Alan - Não tem importância. Assim que eu terminar este whisky vou embora... (Toma um longo trago)

Artur - E Haroldo, que não aparece?

Miguel - Ah, sempre atrasado. Continua com a fobia de aparecer em público! Leva horas pra se [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376/P.302

Artur - Por que? (Davi entra com um avental amarrado na cintura, carregando um monte de pratos que depositam em cima de um aparador. Miguel gira os olhos dentro das órbitas)

Davi - Porque o que?

Artur - Porque Haroldo leva horas se preparando antes de sair?

Davi - Porque é uma senhora muito doente, muito neurótica, menopáusica. / (Sai para a cozinha. Alan termina o drinque)

Miguel - Alan, eu ia te dizer que, se voce quiser podemos conversar no / quarto, lá em cima.

Alan - Não, Miguel, realmente não têm importância?

Miguel - Vem. Pega o teu copo e vem.

Alan - Eu... eu já acabei.

Miguel - Então faz outro e vem. (Donald pega a garrafa de whisky e serve o copo de Alan. Miguel vai subindo a escada)

Alan - (Para Donald) Obrigado.

Donald - Não tem de que.

Alan - (Para Douglas) Desculpe-nos. É só um minutinho.

Artur - Ele não vai embora. (Um tempo)

Miguel - (Na escada) Sobe, Alan. Eu já vou. (Alan, meio sem jeito sobxe para o quarto. Miguel vai a cozinha. Um tempo)

Douglas - (Para Artur) O que é que qeur dizer isso?

Artur - Que é que quer dizer isso o que?

Douglas - Você sabe.

Artur - Quer outra cerveja?

Douglas - Não. Você está com ciúmes, não está? (Douglas começa a rir, Artur não gosta).

Artur - Eu me chamo Artur. O ciumento é você. (Vai até Donald) Hei, Donald onde é que você se escondeu esse tempo todo? Nunca mais vi você. / (Miguel entra para testemunhar a cena com desagrado. Se vira, sob' a escada. No quarto Alan esta sentado na beira da cama. Miguel para no espelho pra ajeitar o cabelo. Em baixo Douglas se levanta, / Entra na cozinha. Donald e Artur vão até um canto do aposento, sentam-se olhando para cima, falam baixinho)

Alan - (Para Miguel) É um apartamento maravilhoso.

Miguel - Caro demais. Trabalho pra pagar o aluguel.

Alan - O que é que você faz agora?

Miguel - Nada.

Alan - Não está mais escrevebdo?

Miguel - Nunca mais olhei pruma máquina de escrever, depois que vendi aquele script tão maravilhoso, mas tão maravilhoso, que nunca foi filmado.

Alan - É mesmo. A última vez em que nos encontramos você estva embarcando' pra Califórnia. Ou era para Europa?

Miguel - Hollywood. Que não é na Europa e nãp tem nada a ver com a California.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.303

Alan - Nunca estive lá mas imagino que deve ser horrível. Todo mundo me parece gente muito cafageste, muito...

Miguel - Não. Nem todo mundo. (Alan rí. um tempo. Miguel senta na cama). / Alan, eu queria tentar te explicar essa reunião...

Alan - Explicar o que, Alan? Tem vezes em que a gente não pode convidar um ~~xixxx~~ amigo pruma festa e ele fica sentido, toma a coisa como uma / ofensa pessoal. Mas você me conhece. Eu é que devia pedir desculpas por bancar o penetra.

Miguel - Não é disso que eu queria falar.

Alan - Os teus amigos parecem todos pessoas formidáveis. Esse Douglas é um sujeito legal.

Miguel - ... é. É sim!

Alan - Acho que temos muita coisa em comum, nós dois. Como é mesmo o nome' do companheiro de quarto dele?

Miguel - Artur.

Alan - Que é que ele faz?

Miguel - Pinta. Faz desenho industrial.

Alan - Também gostei muito do Donald. o único com quem não me simpatizei / foi esse, como se chama mesmo? Ah, Davi.

Miguel - Ah, Davi, é.

Alan - Eu não aguento esse tipo de brincadeira. Me deixa deprimido.

Miguel - Que tipo de brincadeira, Alan?

Alan - Você sabe, tudo que ele diz, a maneira de dizer. É um tipo de senso de humor que não me agrada.

Miguel - Mas às vezes ele consegue ser realmente muito engraçado.

Alan - Acredito. Quer dizer para quem acha divertido essa espécie de coisa. Pra mim ele me dá a impressão de um bruto pederasta. (Silêncio, pausa) Desculpe eu dizer isso, Miguel. É horrível a gente dizer de / quem for. Mas você conhece ele melhor do que eu, tem que admitir / que ele é afeminado.

Miguel - É. Um pouco.

Alan - Um pouco! Tem vezes que parece um travesti. Quero dizer não me admire nada que estivessa tentando ensinar aquela dança a vocês. Provavelmente estava querendo dançar com você (Pausa) Oh, Miguel, esquece tudo isso. Você me conhece bem, sabe como eu sou. A tua vida particular ninguém tem nada com ela.

Miguel - (Gélido) Você está enganado. Eu não sei como você é.

Alan - Quer dizer, eu não ligo a mínima pro que as outras pessoas fazem .' Desde que não façam em público, nem me procurem forçar as outras / pessoas a fazer o que elas fazem.

Miguel - Diz, Alan, por que é que você estava chorando no telefone?

Alan - Oh, eu me sinto tão imbecil pensando nisso. Senti vontade de me matar depois daquele descontrole. Fiquei tão envergonhado que verdadeiramente preferia morrer a fazer de novo aquilo.

Miguel - Mas, Alan, se voce estava com um ~~xxxxxxxx~~ problema sério não tem' motivo algum pra ~~xix~~ ficar envergonhado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.304

Alan - Olha, Miguel, só posso te pedir uma coisa: aceite as minhas desculpas por ter agido como um idiota.

Miguel - Você devia estar muito perturbado, uê. Senão não ia dizer que estava, nem que precisava tanto me ver. Tinha que me ver, precisava falar comigo.

Alan - Você é capaz de esquecer isso? Fez de conta que nunca aconteceu. / Eu sei o que fiz. Está bem?

Miguel - Há alguma coisa errada entre você e Laura?

Alan - Escuta Miguel, infelizmente eu tenho mesmo que ir embora.

Miguel - Que é que você veio fazer em Nova Yorque?

Alan - Estou atrasadíssimo pro jantar.

Miguel - De quem é o jantar? Onde é que você vai?

Alan - É aí o banheiro?

Miguel - É.

Alan - Me desculpe. (Entra no banheiro rapidamente. Fecha a porta. Miguel fica em silêncio, senta na cama, contempla o espaço. Em baixo Davi sai da dozinha saltitante, descobre Donald e Artur numa conversa / tranquila e íntima).

Davi - O-que-é-que-está-acontecendo-aqui, meu-Deus, oh-Maria, que-pergunta! (Põe um saleiro e uma moenda de pimenta na mesa. Douglas entra trazendo uma garrafa de vinho tinto e um sacarrolha. Olha para Donald e Artur. Donald o vê, se levanta)

Donald - Douglas, por que você não se junta conosco?

Douglas - Uma sugestão interessante. De quem é a idéia?

Donald - Minha.

Artur - (Para Douglas) Ele está sugerindo uma conversa a três, Douglas. / Só isso. (Bernardo entra, vindo da cozinha, com quatro garrafas / de vinho)

Davi - (Para Berbardo) Onde estão as outras garrafas de vinho?

Bernardo - Tô trabaiando o mais que eu posso, nhô patrão.

Davi - Com essa gente não se pode facilitar. Não conhecem o seu lugar. / Não se pode perdê-los de vista. (Some na cozinha. Donald sai de / perto de Artur, vai à mesa de café, serve-se das pernihhas de siri. Douglas abre o vinho, põe na mesa. Miguel levanta da cama e desce' a escada. Embaixo Douglas cruza para Artur)

Douglas - Eu pensei que você fosse respeitar o nosso acordo.

Artur - Não temos nenhum acordo.

Douglas - Eu acho que temos.

Artur - Você tem. Eu nunca concordei com coisa nenhuma. (Donald olha para Miguel, levanta pedaço de siri em direção dele)

Donald - À tua!

Miguel - À tua!

Bernardo - Onde está o cavalheiro?

Miguel - Mijando. Se vocês aguentarem mais cinco minutos, ele vai embora.

COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.305

(A porta toca. Miguel se dirige pra lá)

Artur - Enfim! (Miguel abre a porta e aparece um rapaz de músculos, com botas, tights levi, lenço de algodão, chapéu de Cowboy. No pulso tem um cartão grande, amarrado com uma fita)

Cowboy - (Cantando depressa) Parabéns pra você, Nesta data querida, Parabéns belo Haroldo, Muitos anos de vida. (Assim que acaba dá um bruto abraço e um enorme beijo na boca de Miguel. Todos estão em pé, duros, em silêncio)

Miguel - Que diabo é isso? (Davi rebola vindo da cozinha)

Davi - Ele é o meu presente pro Haroldo, mas o desgraçado chegou cêdo.' (Rápido, pro cowboy) E esse nem é o Haroldo, imbecil.

Cowboy - Você disse que era quem vinha atender na porta.

Davi - Mas disse também que era à meia noite em ponto. (Rápido, / pro grupo) Ele está no papel do mignight cowboy.

Donald - Ele é um midnight cowboy.

Miguel - Pra mim ele saiu agora mesmo de uma peça de Tenessee Willians.

Davi - (Ao cowboy) Só é meia noite em ponto e tem que cantar pra pessoa certa, cacete! Eu repeti dez vezes que Haroldo tem um cabelo muito, muito crespo e muito, muito preto. (Referindo-se a Miguel) / O nossa amizade em questão é praticamente caracol!

Miguel - Muito obrigado. E antes que eu me esqueça, foda-se.

Bernardo - Ainda bem que eu não fui abrir a porta.

Davi - A minha descrição não se referiu a nada tão crespo, nem tão preto

Cowboy - Eu me esqueci. Além disso, por volta da meia noite eu quero dar minha espiada nos bares.

Davi - Que é que vôcê quer dizer, dar minha espiada onde? Olha aqui, ô / bonequinha, eu pageui você pra noite toda.

Cowboy - Eu maxuquei minha coxa fazendo exercício e queria ir pra cama cedo.

Bernardo - Talvez vá, quem sabe? Depende do Haroldo.

Artur - (Pro Cowboy) Coitadinho. Que foi que aconteceu?

Cowboy - Eu perdi a garra quando estava fazendo sustentação de oitenta quilos, caí pra trás, nos calcanhares e torci o costureiro.

Davi - Quem manda você levantar peso usando salto sete e meio?

Cowboy - (Sem entender) Eu não devia era fazer sustentação. Meu pulso é / fraco, não dá pé.

Davi - Pulso fraco, meu Deus, que bonitinho. Voce desmunheca, minha nega, você desmunheca.

Bernardo - Eu pensei que você só entendesse de levantamento de pau.

Miguel - Quem foi mesmo que disse, "me mostrem Cesar Wilde vestido de / Cowboy e eu lhes mostrarei um cavalheiro bem viado".

Donald - Não sei. Quem foi?

Miguel - (Voz de Catharine Hepburn) Eu sei. Katherine Hepburn.

Artur - (Pro Cowboy) O que é que diz esse cartão?

Cowboy - (Erguendo o pulso) Taí, Lêi

Artur - (Lendo) "Querido Haroldo, bang, bang, babg, você está mais vivo do

COM CORTES Cort
COM CORTES Cort
COM CORTES
COM CORTES Cort

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 306

que nunca. Mas vai cair pra trás e bancar o morto ao ver esse presente. Feliz Aniversário. Davi".

Bernardo - Davi, você é um verdadeiro poeta.

Artur - E sempre com o mesmo toque de bom gosto.

Miguel - Imagino o esforço que você fez pra não mandar colocar um luminoso no Times Square.

Davi - (Olhando pro alto da escada) Corte a ação. Muda o ambiente. Vem aí a freira arrependida.

Miguel - Deixa de ser escroto. (Alan desce, todo mundo em silêncio)

Alan - Bem, vou indo. Muito obrigado pelo drinque, Miguel.

Miguel - Foi um enorme prazer, Alan. Nós vemos amanhã?

Alan - Não. Eu acho que vou estar muito ocupado. Talvez até volte pra Washigton.

Davi - Tem algum encontro furtivo na Praça Lafayette?

Alan - O que?

Douglas - Davi!

Davi - Esquece.

Alan - (Vê o Cowboy) É o Haroldo?

Davi - Não, não é o Haroldo. É pro Haroldo. (Silêncio. Alan deixa a frase passar. Se vira para Douglas)

Alan - Tchau, Douglas. Foi um prazer conhecê-lo.

Douglas - O mesmo digo eu. (Aperto de mão)

Alan - Se... se você alguma vez for a Washigton eu gostaria muito de lhe / apresentar minha esposa.

Artur - Ia ser muito divertido, não ia, Douglas?

Davi - É mesmo, meles adorariam conhece-lo, cê-la. Eu sempre me atrapalho / com os pronomes.

Alan - (Rápido para Davi) Quantas erres tem a palavra pronome?

Davi - Porque você não beija o meu rabo, começa com um bem grande!

Alan - E você por que não faz o que tem vontade que é chupar meu pau?

Davi - Que é que há com tua mulher que não faz isso? Tem cachumba? Boca mole?

Alan - (Fora de si) Pederasta, viado, puto (investe contra David) invertido. Eu te mato, anãozinho escroto! Seu pederasta escroto. Pederasta! Pederasta! (Pandemonio Alan derruba Davi no chão antes que alguém se refaça da surpresa e possa contê-lo)

Davi - Oh, meu Deus, me socorre alguém aí! Bernardo! Ele está me matando. (Bernardo e Douglas correm pra frente. Davi continua gritando. O / sangue espirra do nariz dele)

Douglas - Alan! Alan ! Alan!

Davi - Tirem ele daqui! Tirem ele daqui! Ai, meu Deus, ele quebrou meu nariz! Eu vou morrer! Estou me esvaindo em sangue! (Artur foi febbar' a porta. Com um movimento violento, verdadeiramente atlético. Douglas consegue arrancar Alan de cima de Davi e arrasta-o para trás, através do living. Bernardo se curva sobre Davi. Põe um braço por baixo dele, levanta-o)

COM CORTES COM CORTES COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P-307

Bernardo - Alguém aí me dáuum pouco de gelo! E um pano! (Artur corre até o bar, pega a toalha e o balde de gelo, corre para por as duas coisas perto de Bernardo e Davi. Bernardo, rapidamente envolve algum gelo na toalha e coloca esta na boca de Davi)

Davi - Oh, meu rosto!

Bernardo - Ele arrebentou seu lábio, foi só isso. Está tudo bem. (Douglas' colocou Alan no chão, no outro lado do aposento. Alan desiste / da briga. Relaxa cansadom apoiado em Douglas, gemendo e batendo com os punhos ritmicamente contra o peito dele. Miguel continua de pé no mesmo lugar, no centro do aposento, imóvel, Donald cruza para o Cowboy)

Donald - Você se importa de esperar ali junto dos presentes? (O Cowboy anda até onde estão os presentes. Donald continua, olha o machucado de Davi. Pega seu copo, engole um longo trago. A porta toca. Donald se vira pra Miguel, espera. Miguel não se mexe. Donald vai / até a porta. Abreea e descobre Haroldo) Bem, Haroldo! Feliz aniversário! .... Chegou ainda a tempo de assistir o fim do melhor / show que esta casa já teve o prazer de apreeentar. (Haroldo olha um olhar sem expressão na direção de Miguel, que retribui da mesma maneira)

Cowboy - (Avançando para Haroldo) Parabéns a você
Nesta data querida
Parabéns, belo Haroldo
Muitos anos de vida

(Lança os braços sobre Haroldo, dá-lhe um beijo enorme. Donald / olha pra Miguel, que assiste a cena com estoicismo. Haroldo empurra o Cowboy, lê o cartão, começa a rir. Miguel se vira, começa a examinar o aposento. Donald o observa. Vagarosamente Miguel começa a se movimentar. Avança até o bar, serve um copo de gin, levanta-o até os lábios, bebe-o até o fim. Donald olha em silêncio, enquanto Haroldo ri, ri, ri, ri e ri)

C O R T I N A

Fim do Primeiro Ato

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 308

Segundo Ato

(Um momento mais tarde. Haroldo ainda ri. Miguel, na mesma posição, baixa o copo, se vira para Haroldo)

Miguel - Que pôrra de graça você está achando não pára de rir?

Haroldo - (Sem se intimidar, uma mão meia boba na cintura) A vida. A vida é uma pôrra muito engraçada. Você se lembra? A vida.

Miguel - Você está drogado, Olha aí o braço.

Artur - Feliz aniversário, Haroldo.

Miguel - (Para Haroldo) Você está drogado e atrasadíssimo! Você era esperado aqui entre oito e meia e nove horas, no máximo. Você é incorrigível!

Haroldo - O que sou, Miguel, é uma bicha semita de trinta e dois anos de idade, feia, com o rosto marcado de bexigas. E se demoro um pouco mais do que as outras pra me arrumar e se puxo um pouco de fumaça pra ter coragem de mostrar na rua a merda desta cara, ninguém tem nada com isso. (Completa mudança numa fração de segundo, para num tom amistoso, íntimo) E você, como está você está à noite? Está bem? (Donald levanta Alan para o sofá. Miguel se afasta de Haroldo, Serve-se de outro drinque. Donald observa Haroldo passa por Miguel, vai até onde Bernardo está ajudando Davi. Artur bota de novo o balde no bar. Miguel põe gelo no drinque)

Davi - Meus parabéns, Dodô.

Haroldo - Que foi que te aconteceu?

Davi - (Geme) Nem pergunte!

Haroldo - Os teus lábios estão ficando azuis, parece que você andou chupando o pau do admirável Homem das Neves.

Davi - Aquela pica elegante alí me agrediu! (Indica Alan. Haroldo olha na direção do sofá. Alan curvou a cabeça na direção do próprio colo)

Miguel - Cuidado, Davi, você sabe que esse tipo de coisa deixa ele descontrolado. (Alan cobre os ouvidos)

Haroldo - Quem é ele? Quem é ela? O que ela almeja?

Davi - Não sei e tenho raiva de quem saba.

Douglas - Ele se chama Alan McCarthy

Miguel - Me desculpe por não ter feito uma apresentação formal.

Haroldo - (Sarcástico, para Miguel) Não vai dizer que é o famoso companheiro de cola dos bons tempos de colégio)

Miguel - (Pega um cubo de gelo do cobo, joga-o para Haroldo) Vê se fez um número oito aí.

Haroldo - Bom, bom, bom. Afinal tenho o imenso prazer de conhecer o velho Alan. Ao vivo e de black-tie. É teu presente surpresa pra mim, Miguel?

Artur - Acho que Alan foi quem ganhou mais surpresa esta noite.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.309 35

Donald - Pelo visto, até perdeu a fala.

Davi - Espero que ele tenha uma embolia. É um animal!

Cowboy - (Indicando Alan) Ele também faz anos hoje?

Davi - (Indicando o Cowboy para Haroldo) Essa é a tua surpresa.

Artur - Por falar em animais.

Davi - De mim pra você, querida. Você gosta?

Haroldo - Acho que ele tem uma cara interessante e o corpo não é mau, mas eu não fico ligado quando um cara não é capaz de nenhuma opinião inteligente sobre arte. Você sabe.

Davi - Sei, é uma pena.

Haroldo - Eu nunca poderia amar uma pessoa assim.

Davi - Nunca. Alguém pode?

Haroldo - Você e eu, olha aí duas que podia! Ah, Mary, ela é diviiiiiina!

Davi - Pode ser burra mas é toda sua,

Haroldo - Em coisas de coração não há regras! Onde é que você comprou ele?

Davi - Rae me indicou.

Miguel - (Para Donald) Rae é Rae Clark. R-A-E. É uma velha amiga de Davi, canta num buteco do Village. Usa ternos de riscas e se arruma como "Miss Rae Clarck - canções feitas sob medida".

Davi - Mis Rae Clarck. Canções para o seu gosto.

Miguel - Você conhece alguma coisa mais cafona?

Davi - Rae é uma chantense fabulosa. Adoro quando ele diz "Down in the / depths in the Ninetieth Floor".

Miguel - O hino nacional das bichas. (Sai para cosinha cantando "Down in / the depths" num tom de barítino)

Haroldo - (Para Davi) Só posso dar graças a Deus por Miss Rae Clarck existir. Acho o teu presente uma super-sumpresa. Estou tão emocionado que te daria um beijo se não tivesse nojo de sangue.

Davi - Oh, oh, oh, olha o meu suéter!

Haroldo - A cara é que está horrível! Você vai desmaiar quando se olhar no espelho.

Bernardo - Vamos, Davi, vamos te levar. Meus parabéns Haroldo.

Haroldo - (Sorrindo) Obrigada, meu amor.

Davi - Ah, o meu suéter está arruinado.

Miguel - (Da cozinha) Pega um meu lá no quarto.

Donald - O que está no chão é vicunho.

Bernardo - (Para Davi) Você vai se sentir melhor depois de lavar o rosto.

Davi - A coisa podia ser bem pior. Imagina se eu fosse atacada por um homem. (Bnernardo conduz Davi por quarto)

Haroldo - Mais um aniversário tranquilo no convívio dos amigos. (Miguel / volta com uma garrafa de vinho, um copo de vinho branco de cristal verde, serve enquanto anda)

Miguel - Aqui está uma garrafa gelada de Pouilly-Fuissé que eu comprei especialmente pra você, boneca.

Haroldo - Minha gatinha, eu perdoo tudo. Você pode ficar. Não. Você pode' ficar, mas eu não perdoo nada. Tin-Tin.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 310

Miguel - Eu adoraria que tudo fosse tão diferente, Dodô.

Haroldo - (Indicando Alan) Quem foi que autorizou o Doutor Direito a comemorar meu aniversário?

Donald - A entrada é franca.

Haroldo - (Referindo-se a Donald) E quem autorizou ele?

Miguel - A culpa é minha, em ambos os casos. Você sabe, eu, quando cometo' um erro, vou até o fim da entrada.

Haroldo - Não pode viver sem uma muleta, hein?

Donald - Eu não vou sair. (Vai ao bar, prepara outro martini)

Haroldo - Ninguém nunca pensa completamente em outra pessoa. Todo mundo / pensa sempre em sí próprio, em se auto-satisfazer. Às vezes é só um pouquinho, mas todo mundo engana todo mundo.

Artur - (Referindo-se a Alan) Que é que ele tem, tapando o rosto há mais / de meia hora?

Donald - Deve estar na fossa. (Donald olha pra Miguel, que devolve o olhar gelado como aço)

Douglas - (Para Alan) Te preparo um drinque?

Artur - Como é que ele pode ouvir tapando os ouvidos?

Haroldo - Está ouvindo muito bem. Olha, ele não perderia nem uma palavra / mesmo que isso lhe custasse a vida. (Alan tira as mãos dos ouvidos) Que foi que eu disse?

Alan - Eu... eu... estou enjoado. Eu acho que... acho... vou vomitar.

Haroldo - Repete isso e não vou ter que tomar minha pílula pra diminuir o apetite. (Alan olha desesperado na direção de Douglas)

Douglas - Aguenta um pouco. (Douglas põe o braço de Alan em volta do pescoço, levanta-o, sobre as escadas com ele)

Haroldo - Devagar. Degraus por degrau. (Bernardo e Davi saem do banheiro)

Bernardo - Pronto. Está melhor?

Davi - Ah, Mari, não sei como é que poderia viver sem você (Se olha no espelho) Desculpe, mas hoje não vou deixar o seonhor fazer nenum close-up, Mr. De Mille. Até o fim da semana meu rosto só aceita Long-' shot. (Bernardo pega o suéter de Miguel no chão. Douglas e Alan estão ainda no meio da escada)

Alan - Eu não aguento, vou vomitar! Me deixa! Me deixa! (Se solta de Douglas Sobe rápidamente o resto da escada ele e Davi quase se choca. Davi' grita)

Davi - Ai, meu Deus, ele está atrás de mim! (Davi se recolhe enquanto Alan zune em direção do banheiro, batendo a porta atrás de sí. Douglas / entra no quarto)

Douglas - Ele está péssimo.

Bernardo - Péssimo da cuca. Davi, Bota isso.

Davi - Ah, Marta, me leva pra casa. Meus nervos não g aguentam mais nada,' estaw noite. (Davi pega o suéter de vicunha, começa a vestí-lo. Em' baixo Haroldo, petulamente, tira o cigarro da carteira, pega um fósforo de uma caixa especial, pisa no assento do sofá, senta-se nas / costas dele)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p-311

Haroldo - Ligando! Alguém puxa? (Risca o fósforo na sola do sapato, acende. Com uma voz forçada) Alguém se candidata? (Balança o cigarro, passando-o lentamente)

Miguel - Não, muito obrigado. (Haroldo estica o cigarro para Artur, que acena negativamente)

Donald - Não, obrigado.

Haroldo - (Para o cowboy) E você, Texas?

Cowboy - Opa! (Pega o cigarro, faz algumas inalações bem audíveis através dos dentes)

Miguel - Só o som do ritual eu já acho profundamente humilhante. (Se vira, vai ao bar, prepara outro drinque)

Artur - Eu odeio o cheiro que os poppers deixam nos dedos da gente.

Haroldo - Por que você não se levanta e vai lavar as mãos. (Davi e Bernardo descem as escadas)

Davi - Miguel, eu deixei a cassarola no fogo. Acho que já pode tirar.

Miguel - Por que você não vai?

Davi - Não posso nem sentir o cheiro de comida.

Haroldo - Pois eu estou faminto. Vou comer até ter um ataque de indigestão.

Miguel - (Pra Davi) Eu perguntei, você não vai?

Haroldo - (Pra Miguel) Ouvi falar que tinha um coquetel aqui hoje, é verdade? Em minha homenagem.

Davi - E no jantar, teu prato favorito. Eu mesmo fiz.

Bernardo - Mas quem consertou a cassarola?

Davi - Mas eu preparei o molho.

Bernardo - Mas eu fiz a saladá!

Artur - Meninas, por favor!

Miguel - Por favor o que?

Haroldo - Cuidado com a bicha agressiva. Quando está sóbria, é perigosa. / quando bebe é mortal.

Miguel - (Referindo-se a Haroldo) Não prestar atenção.

Haroldo - Eu estou faminto. Davizinha. Estou doido pra comer aquela tua lasanha temperada em ópio.

Davi - Está mesmo? Ouvir isso me dá tanto prazer que sou capaz de preparar uma antes de ir embora.

Miguel - Você não vai embora.

Bernardo - Eu ajudo. vai embora.

Artur - Eu ajudo também. E vigio pra ver se você não vai ter outra hemorragia nasal dentro do prato.

Bernardo - Se for com molho de tomate ninguém vai notar a diferença. (Davi, Bernardo e Artur saem para a cozinha)

Miguel - (Proclamação) Ninguém vai a parte alguma!

Haroldo - Amanhã você vai ter um schmertz que nem vai acreditar.

Miguel - Posso beijar a barra da sua batina, doutro Freud?

Cowboy - Que é que vocês dois estão falando? Eu não entendo.

Donald - Eles estão tentando dissecar o complexo de Édipo, meu bem. A porrada.

Cowboy - Hum? (Douglas desce a escada)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.31238

Douglas - Miguel, você tem um spray?

Haroldo - Você ajudar a segurar a cabeça dele ou a fazer o penteado?

Douglas - Spray pro ar, pra tirar o cheiro.

Miguel - Tem uma lata do spray de jasmim bem em cima do trono.

Douglas - Obrigado. (Sobe de novo)

Haroldo - (Pra Miguel) Pensei que você fosse dizer: se fosse dizer: Se fosse uma cobra te mordia.

Miguel - (Indicando o cowboy) Taí uma coisa que só o teu amigo era capaz / de dizer.

Haroldo - (A Miguel) A diferença entre nós dois é que eu estou completamente ligado e você não liga pra nada. (A Donald) Eu guardo meu fumo no armário de remédios, numa caixinha de primeiros socorros.' Me ensinaram que é o lugar mais seguro. Se a polícia bate você / tem tempo de se trancar no banheiro o jogar tudo vaso.

Donald - Boa ficha.

Haroldo - É mais lógico do que o que eu fazia, gaurdava tudo num pote de de orégano na prateleira dos temperos. Vivia mr esquecendo e volta e meia a porra da minha velha, depois de comer uma salada, ficava ligadona muito doida. (Um tempo) Eu acho que ela gosta paca. Agora, em qualquer refeição, noutro dia até no café da manhã, / ela diz: "Vamos comer uma saladinha?"

Cowboy - (Pra Miguel) Por que você disse que eu ia dizer: "se fosse uma cobra te mordia?" Sabe que é o que eu ia dizer mesmo?

Miguel - Claro que era. O teu cérebro de minhoca só pode guardar coisas assim. Você é definitivamente o tipo do cara que não consegue ler / sem mexer os lábios e que, quando senta num banho turco, puxa conversa dizendo: "Quente, hein?".

Cowboy - Eu quando vou no ginásio nunca tomo sauna nem banho turco. Faz / mal, depois do exercício. Bota os músculos flácidos.

Miguel - Que coisa, hein? Depois de você fazer aquele baita esforço pra ficar todo durão!

Cowboy - Não é?

Miguel - Você tem razão, Haroldo. Não é porque ele não consegue falar inteligentemente sobre arte é incapaz de acompanhar o sentido de duas frases seguidas.

Haroldo - Mas é muito bonito. Tem uma beleza não-natural. Tão natural. (Mão com a palma para cima num gesto rápido) Embora isso não queira dizer nada.

Miguel - Mas não quer dizer tudo.

Haroldo - É bom você ir se convencendo disso enquanto o seu cabelo cai aos montes no soalho. (De novo mesmo gesto anterior) Não que não seja uma coisa natural o cabelo recuar com a maturidade. Não que / essas linhas que começaram a riscar nossa fisionomia sejam tão' dolorosas assim, pois lhes dão tanta personalidade.

Miguel - Nesse negócio de idade os viados são piores que as mulheres. Quan

COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 313

do chegam aos trinta pensam que a vida acabou. Beleza física não é um troço tão importante.

Haroldo - Claro que não, nem podia ser. A beleza depende do olho de quem vê,

Miguel - E é uma coisa tão epidérmica. o que vale são os dotes de espírito. Não se esqueça também de dizer isso.

Haroldo - Não me esqueci em absoluto. E tem mais. É tão transitório. É terrivelmente transitório. Eu pergunto quantos anos dura? Trinta, / quarenta anos, no máximo, dependendo de como você se cuida. Não contando, naturalmente, que você pode morrer antes dela acabar.' Sim, é uma coisa triste olhar para o rosto desse pobre rapaz. É' trágico. É um ser definitivamente marcado! (Pega o rosto do Cowboy nas mãos) Como pode essa beleza jamais se comparar com a minha alma? Embora eu nunca tenha visto minha alma, tenho a opinião do rabino de mamãe, é maravilhosa! Ainda não consegui localizar onde ela está mas, se conseguir, troco imediatamente por uma beleza epidérmica, transitória, insignificante! (Alan anda, ainda fraco, pelo quarto, senta na cama. Em baixo Artur entra na cozinha com as travessas de salada. Douglas entra no quarto e apaga as luzes. Alan deita. Agora só a luz do banheiro e do poço da escada iluminam o quarto).

Miguel - (Faz sinal da cruz com o drinque na mão) Perdoai-o, Pai, porque / ele não sabe o que faz. (Douglas fica parado no meia escuridão)

Haroldo - Miguel, você me mata. Você não sabe de que lado do muro está. Se alguém fiz alguma coisa pró-religião você é contra. Se alguém nega Deus, você é contra. Não é difícil perceber que você tem al-' gum problema nessa área. Não pode viver com e nem pode viver sem. (Davi atravessa a porta de vai-e-vem, carregando a cassarola)

Davi - Gororoba quente! Quem vai querer?

Miguel - (Para Davi) Pode-se matar você com muito pouco esfôrço.

Haroldo - (Para Miguel) Você investe muito nessa grande Apólice de Seguro / chamada igreja.

Miguel - É verdade. Eu acredito em Deus. Se ficar provado que ele não existe, paciência. Não se perde nada. Mas se acontecer dele existir / eu estou coberto. (Bernardo entra, carregando uma grande tigela / de slada. Põe na mesa, acende as velas)

Davi - (Para Miguel) Uma freira hipócrita, éo que você é.

Miguel - Exato. Eu seou um desses católicos completamente podres, que enche a cara, peca a noite inteira e de manhã, a primeira coisa / que faz é ir à missa.

Davi - Gilda Pecadora. Depende do que você pensa que o pecado, é.

Miguel - Você quer fechar a pôrra dessa boca suja e voltar pra pôrra da cozinha?

Davi - Eu faço o que você quiser, mas não me bata! (Sai, um tempo)

Miguel - No fundo esse cara tem razão, eu só me confesso quando vou viajar de avião.

Bernardo - E se Deus fôr mais pesado do que o Brasil? (Um tempo) Pra você en

COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-314

tão a força de Deus só parece a dez mil metro de altura?

Miguel - Acho que sim. Aqui no chão, eu sou Deus. Lá em cima eu sou apenas mais um filho da puta, aparavorado. (Um tempo)

Bernardo - E eu, que sou apavorado, aqui na terra?

Cowboy - Eu também. (Um tempo) Isso é, quando eu não estou no barato do ácido nem doi dão no fumo. (Douglas desce a escad)

Artur - (Pra Douglas) Que tal o rapazinho é bem dotado?

Douglas - (Ignorando a provocação para Miguel) Eele está descansando 1 minuto

Haroldo - O banheiro ainda está cheirando mal?

Douglas - Está melhor.

Miguel - Antes cheirava a alguém vomitando. Agora cheira a alguém vomitando no jardim.

Artur - E como vai o grande herói?

Douglas - Não enche, tá? (Davi entra com cesto de rolls cobertos com um / guardanapo, coloca-o na mesa)

Davi - O jantar está na mesa. (Haroldo se aproxima do bufé)

Haroldo - Davi, está realmente fabuloso.

Davi - Se alguém me quisesse eu daria uma esposa perfeita. (Davi serve a pasta. Bernardo serve a salada, depois o vinho, Miguel vai ao bar, faz outro drinque) Sei cozinhar arrumar um apartamento, receber muito bem... (Pega uma rosa de cabo comprido num arranjo sobre a mesa, coloca a rosa entre os dentes, esta os dedos, faz uma pose) Me dá / um beijo, eu sou a Carmem! (Haroldo olha-o sem expressão, ignora-o. Davi tira a flor da boca) Pra essa número as castanholas são indispensáveis.

Miguel - E uma saída de emergência pra se alguém quiser lhe dar uma porrada. (Douglas se aproxima da mesa)

Davi - Que é que você prefere, garotão?

Artur - Alan MacCarthy com bastante maionese.

Davi - Ah, eu não entendo vocês dois. (Indica Artur, depois Douglas) Eu / pensei que você estivesse danado com ele e é ele quem fica aí, querendo te emputecer. Que é que há?

Artur - Esquece. (Cowboy se aproxima da mesa. Davi lha dá um prato de comida. Bernardo lhe dá salada e um copo de vinho. Douglas vai até o sofá, sentam pôr prato e copo na mesinha de café, em frente, Haroldo vai até a escada, senta e come)

Cowboy - Que é isso?

Artur - Lazanha.

Cowboy - Parece espagueti amassado com picadinho de carne.

Donald - É que é feito na sauna, leva um banho de vapor.

Cowboy - Ah, é?

Miguel - (Com despreso) Parece espagueti amassado. Ah, Haroldo, como eu te invejo.

Haroldo - Deve ser um grilo, pra você que conhece tanto de haute cuisine. Raconteur, gourmet, viado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.315

(Artur pega um prato de comida, vai se sentar nas costas do sofá, pela parte de trás.)

Cowboy - Está bom.

Haroldo - (Rápido) Gosta, come.

Miguel - Enche bem a boca pra pelo menos, ficar calado. (Donald pega um prato

Bernardo - (A Donald) Vinho?

Donald - Não, obrigado.

Miguel - Ah, vamos lá, menino força um pouco. Bebe um copinho di vin ordinaire para ajudar a descer essa massa deprimente.

Haroldo - Sommalier, connoissaer, porco. (Donald pega o copo de vinho, vai até o bar, põe o copo de vinho lá, se encosta na parede, come. / Davi dá um prato a Bernardo)

Bernardo - Você não come nada?

Davi - Não. Meus lábios estão doendo muito.

Miguel - (Vai até a mesa, pega faca) Dizem que se você puser uma faca em / baixo da cama ela corta a dor.

Haroldo - (A Miguel) Dizem que se você puser uma faca embaixo do queixo, ' ela te corta o pescoço.

Davi - Ninguém vai levar um prato pro Alan?

Miguel - O saco de pancadas agora virou irmã de caridade.

Artur - Douglas?

Douglas - Acho que ele não tem apetite. (Alan, como se tivesse ouvido seu' nome, levanta da cama, anda lentamento para o alto do poço da escada, Bernardo pega o seu prato, se aproxima da escada, senta no chão. Miguel raspa um poco de vinho vazio com a faca)

Miguel - Senhores e senhoras, perdão, senhoras e senhores, gostaria de anunciar que acabaram de comer Sebastião Venable.

Cowboy - Comeram o que?

Miguel - O que, não, imbecil. Quem. É um personagem de uma peça de teatro. Uma bicha que é comida viva. Por via oral!

Cowboy - Deus do céu.

Davi - Costeleta de bicha. Bicha em postas. Bicha à moda. Bicha com batata frita.

Douglas - De quem é a peça? Edward Albee?

Miguel - Não. Tenesse Williamns.

Douglas - Ah, é?

Miguel - Albee escreveu "Quem tem medo de Virgínia Wolf?"

Artur - Um casal que se estraçalha...

Douglas - Eu sei, mas pensei que ele também tinha escrito a outra.

Artur - Pois é. Não escreveu.

Douglas - Então eu me enganei.

Artur - Pois é, você cometeu um erro.

Douglas - Está bem, cometi um erro.

Artur - Ou nunca tinha ouvido falar.

Douglas - Que diferença faz? Você não sabe comar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.36 A2 f

Cowboy - Eduardo o que?

Miguel - (A Davi) Quanto você pagou por ele?

Davi - Iiiiiiii, um roubo.

Miguel - Pô, isso é um sanduíche de presunto, não vale mais do cinquenta centavos a qualquer hora do dia ou da noite.

Haroldo - Rei do mundo porco. Rei do chiqueiro. (Miguel lhe dá um olhar. Donald leva seu prato à mesa.

Davi - (A Donald) Não quer mais um pouco?

Donald - Não, Davi, obrigado, Estava muito bom.

Davi - Gostou?

Cowboy - Que roubo? Eu custo vinte dólares. (Bernardo devolve seu prato)

Davi - Mais?

Bernardo - (Acena que não) Estava delicioso apesar de ter sido mesmo que fiz.

Davi - Alguém quer repetir?

Haroldo - Eu. Vou repetir uma, duas, três, cinco vezes! (Levanta vai até a mesa). Estou absolutamente desesperado pra conservar meu peso acima do normal) (Bernardo se curva para cochichar alguma / coisa no ouvido de Davi. Davi acena afirmativamente, Bernardo' cruza para o Cowboy, fala no ouvido dele um tempo. Bowboy põe' seu prato no bufê, segue Davi e Bernardo até a cozinha)

Miguel - (Parodiando Haroldo) Você está completamente paranoide em todos os sentidos.

Haroldo - Oh, é? Então me fez um grande favor e não me diz o que eu devo fazer.

Miguel - Você passa fome dias inteiros, só com café e queijo branco, para depos se entupir até a goela numa única refeição. E aí começa a se sentir culpado, a gemer e a chorar porque está cada vez mais gordo, porque está cada vez mais feio, e a verdade é que nunca foi mais gordo e nem mais magro do que agora.

Davi - Paranoia digestiva. (Davi vai a mesinha de café, pegar o prato vazio de Douglas)

Doulgas - Excepcional, Davi.

Davi - Eu seou ou não sou uma senhora cozinheira, Mary?

Miguel - (AHaroldo) e esse atrazo patológico. É uma coisa completamente' neurótica.

Haroldo - Ligando.

Miguel - Horas e horas em pé na frente de um espelho antes de ganhar coragem para pisar na rua. E não parecendo nem com milímetro melhor' apesar de não sei quantas mil aplicações dessas porras desses / óleos, creme, máscaras e o caralho a quatro.

Haroldo - Eu tenho uma pele horrível, posso me defender?

Miguel - Quem não teria dpois depassar a vida inteira com uma pinça na / mão deliberadamente arrebentando os poros? Não é de espantar / que você tenha essas crateras na cara depois de anos e anos de' cavucação.

COM CORTES COM CORTES Cordel

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 317

Haroldo - (Frio mas definitivo) Sua porca odienta.

Miguel - É, voce tem todas essas marcas na cara, mas não são, tão horrendas assim, se deixasse a pele em paz não ficaria pior.

Haroldo - Naturalmente, agora você está esperando que eu o cumprimente pela sua extrema honestidade, diz que não? Por ser tão meu amigo / que diz aquilo que nenhum outro tem coragem de me dizer, Suino.

Miguel - E as pilulas! (Para o grupo todo) O ano inteiro ele vem economizando, juntando, armazenando, colecionando barbitúricos. Como um esquilo porra louca. Centenas de Nembutais, centenas de Seconais. Tudo como preparação e antecipação do longo inverno de sua morte. (Silêncio) Mas eu te digo uma coisa, na cara, Dodô. Quando chegar a hora voce não vai ter coragem. Nem sempre é como acontece nas / peças, nem todos os pederastas têm coragem de estourar os cornos no fim da história.

COM CORTES

Haroldo - Talvez você tenha razão. O tempo dirá. Dirá, não tem dúvida. Mas, enquanto isso, você se esqueceu de falar num detalhe meus cosméticos e adstringentes estão pagos, e o banheiro está pago, as / pinças e as pílulas estão pagas. (Davi de repente desliga o comutador. O aposento fica no escuro exceto pela luz das velas na mesa de bufê. Davi começa a cantar "Parabéns pra você". Imediatamente Bernardo abre a porta de vai-e-vem e o cowboy entra, carregando um bolo cheio de velas acesas. Todo mundo juntou-se ao "Parabéns pra você, Nesta data querida". Etc... Acaba com um grande aplauso. Miguel se vira, vai até o bar, faz outro drinque)

Davi - Sopra as velas, Mary e pensa um desejo.

Miguel - (Pra si próprio) Sopra tuas velas, Margarida. (O Cowboy colocou o bolo em frente de Haroldo. Este pensa um instante sopra as velas! Mais aplausos)

Davi - Auuuuuuu! Ela hoje fica um aninho menos moça.

Haroldo - (Grunhe, geme, segura a cabeça) Aê, meu Deus! (Bernardo trouxe / pratos de sobremesa, e garfos. O aposento continua iluminado só pelas velas. Cowboy bota o bolo na mesa e Bernardo começa a corta fatias, colocando-as nos pratos)

Douglas - Agora você tem que abrir os presentes.

Haroldo - Tenho que abrir aqui?

Davi - Claro que tem que abrir aqui. (Entrega um presente e Haroldo, que começa a rasgar o papel)

Haroldo - Onde está o cartão?

Davi - Aqui.

Haroldo - Ah, do Artur. (Acaba de rasgar o papel) Oh, que divino! Ah, Artur, amei. Amei! (Haroldo mostra um desenho, frafismo, parecendo um desses cartões do jogo de monopólio)

Cowboy - Que é isso?

Haroldo - Pop-arte.

Cowboy - Ahn!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.318

Donald - (Pra Artur) É sensacional. Foi você quem fez?

Artur - Foi.

Haroldo - É extraordinário, Artur. Vai pra parede assim que eu chegar em casa. (Da um beijo no rosto de Artur)

Cowboy - (Pra Haroldo) Eu não estou entendendo. Isso daí não é o mapa do metrô?

Miguel - Alguém quer fazer o favor de tirar esse troço da minha frente ? (Haroldo abre ouyro presente, pega o cartão que está dentro)

Haroldo - Ah, que suéter alinhada! Obrigado Douglas.

Douglas - Se você não gostar pode trocar.

Haroldo - Não, eu acho formidável! Adoro essa cor. (Donald vai ao bar / prepara um brandy com soda)

Bernardo - Quem quer bolo?

Davi - Todo mundo?

Donald - Pra mim, não. (Douglas se aproxima da mesa. Bernardo lhe dá um pedaço de bolo, passa outro ao Cowboy e outro ao Artur. Haroldo rasga o papel de outro presente e rí bem alto)

Haroldo - Oh, Bernardo! Que divino! Olha todo mundo! Joelheiras bordadas. (Mostra um par de joelheiras de basquetebol com iniciais em cequins)

Bernardo - Monograma em Cequins.

Davi - Bernardo, você é tão Cam!

Miguel - Bem, os mais velhinhos já ouviram falar de Gloria de Havana e / de Billy de Wolfe, agora estão vendo a propria Rosemary de Camp.

Bernardo - Quem?

Davi - Eu nunca perco um filme de Rosemary de Camp

Douglas - Nunca ouvi falar.

Cowboy - Nem eu.

Douglas - Nem todo mundo passou a vida inteira num cinema, Miguel. Tem / pessoas que jogam baseball.

Donald - Eu corto grama.

Davi - Não quero bancar o superior bão, mas eu sei quem é Rosemary de / Camp.

Miguel - Tá na cara. Eu duvido é que você conheça um campo de baseball / ou um corta grama. (Haroldo abriu o último presente, fica em silêncio, pausa)

Haroldo - Obrigado, Miguel.

Miguel - Que? (Se vira pra ver o presente) Oh! (Um Tempo) Não tem de que. (Acaba o drinque, volta ao bar)

Artur - O que é, Haroldo ? (Um tempo)

Haroldo - É uma fotografia dele, numa moldura de prata. Com uma inscrição gravada a data.

Bernardo - Que é que diz.

Haroldo - É.... coisa pessoal. (Miguel vem logo do bar)

Miguel - Hey, Bernardo, bota aí uma música pra animar o papo.

Bernardo - Ok.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.319

Davi - Ótimo, estou louco pra dançar.

Miguel - Que tal uma exibição pessoal, Davi? Uma das tuas especialidades, aquele sapateado militar que você dança com uma classe que...

Davi - Eu não danço isso em aniversário, só no dia da Pátria. (Bernardo põe um disco romantico, Davi vai até ele. Os dois começam a dançar vagarosamente)

Artur - Vem, Miguel.

Miguel - Eu só sei guiando.

Artur - Vem, eu sigo. (Começam a dançar)

Haroldo - Vamos nos, Texas, nós também. (O Cowboy obedece mas é uma desgraça como dançarina. Haroldo desiste, pega outro cigarro acende um fósforo, Quando faz isso, percebe alguém na escada, vai até Alan. Sopra o fósforo) Quer dançar?

Davi - (Vê Alan) Ahhhh! Irene, a terrível, voltou!

Miguel - Oh, olá, Alan. Está melhor? Foi nesse pedaço que você encontou, não foi? (Alan dirige-se diretamente à porta, Miguel se atravessa no Caminho) Me desculpe, Artur. (Alan atinge a porta, abriu-a, mas o impede, bate a porta, se encosta nela, cruando as pernas.) Como eles dizem no sul não se deve andar depressa quando o sol está a pino.

Haroldo - Uma revolução completa. (Miguel pega Alan pelo braço lentamente Devagarzinho leva-o de volta ao centro do aposento).

Miguel - Você não provou o bolo. Nem viu Haroldo abrir os presentes, mas não perdeu tudo. Ainda vai pegar o melhor da festa. Vamos fazer um jogo. (Estão juntos a vitrola, Miguel tira o disco. A música para, com ela a dança. Miguel solta Alan, bate palmas) Hei, todo mundo, hora do jogo! (Alan se movimenta, Miguel pega-o delicadamente pela manga)

Haroldo - Porque você não deixa ele ir embora, Miguel?

Miguel - Ele pode fazer o que bem entender, mas ó depois da gente johar um pouquinho.

Davi - Qual é o jogo, quem imita melhor estrela de cinema?

Miguel - Esse jogo é bicha para Alan entrar, ia perder longe pra você.

Davi - Quem sabe? Ele pode ser uma revelação.

Bernardo - Que tal gosto, não gosto? (Miguel solta Alan, pega um lápis e um bloco de papel)

Miguel - Dá muito trabalho arranjar tanto lápis e papel e, além disso, Davi escreve sempre a mesma coisa. Ele não gosta de flores e frutas artificiais, nem de moedores de café transformados em abajour, gosta de Mabel Mercer, poodles e All about Eve. Ainda tem o perigo dele começar a recitar o diálogo do filme de ponta e ponta.

Davi - Ah, de vez em quando eu escrevo umas coisas diferentes.

Miguel - Como manter a pele morena no inverno?

Davi - Eu sempre escreve que gosto da minha cachorrinha Chi-chi por que gosto, ué. Adoro ela.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.320 46

Miguel - Para quem é do sexo masculino, um poodle uma veradeira insignia de desvio sexual.

Bernardo - Você sabe porque as velhotas adoram poodles? Ele lambem elas.

Davi - Lambem nada!

Artur - Podíamos jogar aquele, como é? B de Botticelli...

Miguel - Ou bunda de Botticelli, ou pau de Paulina Bonaparte, que era lésbica, mas não vamos jogar nada disso. (Um tempo)

Haroldo - Que é que você está querendo jogar, Miguel o jogo da Verdade? (Miguel dá um risinho pra si próprio)

Miguel - Sabidinho, Dodô.

Haroldo - Ou você prefere jogar Assassinato? Vocês todos lembram como é, / não lembram?

Miguel - Muito muito engraçadinho.

Donald - Se me lembro bem, as regras de jogo da verdade é de assassinato / são as mesmas, no fim alguém sai morto.

Miguel - Em coisas do coração não há regras. Não é isso, Haroldo?

Haroldo - É o que eu sempre digo.

Miguel - Bem, possível, esse é o nome do jogo. Coisas do coração.

Cowboy - Nunca joguei isso.

Miguel - Claro que nunca jogou, eu acabei de inventar agora mesmo Dondoca. Coisas do coração é uma combinação de jogo da Verdade com Assassinato, tem um barato diferente.

Alan - Mig, eu vou embora (Começam a rir)

Miguel - (Com firmeza) Fica aí.

Haroldo - Miguel, deixa ele ir embora.

Miguel - Ele não está querendo ir embora coisa nenhuma. Se quisesse já tinha ido a muito tempo, alías nem teriavindo aqui, pra começar de conversa.

Alan - (Segurando a testa) Mig, eu me sinto bem!

Miguel - (Em tom baixo mas articulando com precisão) Meu nome é Miguel, Miguel é como todos me chamam. Nunca chamo de Mig uma pessoa chamada Miguel. Nós, os Miguéis, ficamos muito nervosos quando nos chamam assim, Se não acredita chame outra vez.

Alan - Desculpe. Nem posso pensar.

Miguel - Pode. Pode sim. O que você hão pode, não consegue, é sair daqui. É como assistir um desastre horrível, você não pode olhar mas não pode deixar de olhar.

Alan - Eu... me... sinto... tão fraco.

Miguel - Você é fraco. Muito mais fraco do que pensa. (Pega Alan pelo braço, levaó até uma cadeira. Devagar, deliberadamente, empurra-o nela) Agora, vamos lá. Quem vai jogar com Alan e eu? Todo mundo?

Haroldo - Não tenho a menor intenção de entrar nisso.

Donald - Nem eu.

Miguel - Bom, nem todo mundo participa da vida. Tem sempte uma maioria silenciosa que fica no meio fio, espiando.

Artur - Como é o jogo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 321

gente realmente pensa que ama acima de tudo).

Douglas - Estou fora.

Artur - Ah, não está não. Tem de jogar.

Douglas - Você deseja muito que eu entre, né?

Artur - Claro que sim. Quero muito saber quem você vai chamar, depois de todos as conversinhas que tenho ouvido ultimamente. Quem você / vai chamar? Você vai me chamar?

Miguel - (Pra Bernardo) Como você diz há, sempre no paraíso.

Haroldo - Se não houver, você põe. Confio na tua habilidade nesse sentido.

Douglas - E quem você chamaria? Pensa que eu penso um minuto que seira eu? Pensa que eu penso que um telefonema basta? Você ia ter que ligar pra muita gente! Pelo menos três interurbanos e só Deus sabe quantos locais.

Cowboy - Que sorte que não sou eu que pago essa conta.

Miguel - Cala a boca!

Haroldo - (Fingindo que fala baixo pro Cowboy) Não se preocupe, Miguel / também não paga.

Miguel - Bem, o jogo é assim...

Artur - Eu pensei que não tivesse regras.

Miguel - Tá certo. Em coisas do coração não há regras. Mas tem um sistema de pontos. Senão, quem ganha? (Não há respostas. Um tempo) Quem' fizer a chamada, ganha um ponto. Se a pessoa chamada responder,' o jogador ganha mais dois pontos. Se outra pessoa responder, um' ponto. Se ninguém responder o jogador tá fudido.

Donald - Quem topa essa besteira já está fudido de saída.

Haroldo - É claro, um imbecil sempre se fode.

Miguel - Se a pessoa atender e o jogador disser quem é ganha dois pontos. E, grande prêmio, se o jogador disser que ama a pessoa pra quem' ligou, ganha um número máximo de pontos, cinco!

Haroldo - Nojento.

Miguel - Portanto o jogador pode ganhar um máximo de dez pontos e um mínimo de um.

Haroldo - E um mínimo de nenhum, se não se meter misso.

Miguel - Ganha quem obtiver maior número de pontos.

Alan - Douglas, vamos embora daqui.

Davi - Cra essa! Vocês ouviram essa?

Miguel - Só vocês dois juntinhos? Os amigiunhos, é? Os chapas, os rapagões. os machões.

Davi - Eu acho que o Artur, pelo menos, devia ser consultado.

Bernardo - Davi.

Miguel - A governanta fala. (Cruza para pagar o telefone e o traz pra junto do grupo) Então, quem joga? Não incluindo o Cowboy que, como / presente, é neutro. E, naturalmente, o voyeur. (Um tempo) Davi? / Bernarda?

Bernarda - Acho que não estou interessado.

Miguel -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376, p.322

Miguel - Mas como, Bernardo? Eu teu velho espírito esportivo?
Bernardo - Não vejo graça nenhuma de esportivo nesse jogo.
Haroldo - É absolutamente odiento.
Alan - Artur, vem comigo.
Artur - Você não compreende, Alan. Não posso. Você pode... mas eu não.
Alan - Por que, Artur? Por que você não pode?
Douglas - (Para Artur) Se ele não entende, porque não explica? Explica a ele!
Miguel - Eu explico.
Haroldo - Tenho presentimento de que você é a pessoa indicada.
Miguel - Embora eu duvido que faça a menor diferença. Esse tipo se recusa a entender aquilo que não quer aceitar. Rejeita os fatos. Alan / pertence decididamente à escola de Avestruz. (Um tempo) Alan...' Artur e Douglas são amantes. Não são apenas companheiros de quarto, são companheiros de cama. Amantes.
Alan - Miguel.
Miguel - Nenhum homem tem companheiro de quarto depois dos trinta anos. / Enfia o galho, seu!
Artur - Douglas é quem tem mais de trinta.
Miguel - Bem, você é quem está querendo!
Alan - ... Douglas? (Um tempo)
Douglas - É Alan. Artur é meu amante.
Alan - Mas... mas... você é casado. (Miguel, Artur, Davi e Cowboy caem na gargalhada)
Haroldo - Acho que você acabou de dizer uma piada.
Miguel - Há quantos tempo vocês não ouviam essa, ein? Um homem é casado & logo, automaticamente, é um heterossecual. (Um tempo) Alan, Douglas ataca dos dois lados com uma grande predileção por um dos / dois naturalmente. (Um tempo) Agora. Quem faz a primeira ligação? Davi ?
Davi - Faz você, Bernardo.
Bernardo - Eu não quero.
Davi - Eu também não quero. Não quero mesmo.
Donald - (Pra si próprio) Não há acidentes.
Miguel - Eu desejo, então que, quando você for pra casa, se arrebente no / primeiro poste.
Davi - (Para Bernardo) Vai. Liga pra Pedro Dahlback. Não é quem você gostaria de chamar? Liga!
Miguel - Qual é Pedro Dahlback?
Davi - Um rapaz de Detroit. A mãe de Bernardo é lavadeira da casa dele desde que Bernardo era menino.
Bernardo - Eu também trabalhava pra eles, depois da escola e durante as / férias.
Davi - E o patrãozinho ficou sendo pra ele a encarnação do Mito do Herói.
Bernardo - Acho que eu gostei dele a minha vida inteira. Mas ele nunca nem siquer percebeu que eu existia. E, além de tudo, ele é normal.
Cowboy - Quer dizer que nunca aconteceu nada entre vocês dois?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316,P.323

Davi - Ah, um dia, finalmente, aconteceu, na piscina, de noite, depois de uma bruta festa e uma tremenda bebedeira:

Artur - Com o vinho certo e a música exata muito poucos resistem a curiosidade.

Miguel - Parece que esse Dahlback tem um bocado de Lady Chaterley, você / não acha, Donald?

Donald - Só que Lady Chaterley não tinha piscina.

Bernardo ... e depois saímos nadando nus, com as luzes apagadas, só com a luz da lua brilhando na água.

Donald ...e, se estou bem lembrado, a cabana também não tinha luz elétrica.

Bernardo - Foi muito bonito.

Miguel - Que romântico! E aí, na manhã seguinte, você levou café e Alka-Seltzer para ele numa bandeja.

Bernardo - Levei, mas foi à tarde. Me lembro que fiquei a manhã inteira / horrorizado com a idéia de ter que olhar pra ele. Mas fingiu / que nada tinha acontecido.

Miguel - Porra, devia estar tão bêbado que não se lembrava de nada.

Bernardo - É. Eu fiquei realmente aliviado.

Miguel - Estranho como isso acontece. Agora, pra ganhar dez pontos, liga' pra esse mentiroso! (Um tempo, Bernardo pega o telefone, disca)

Artur - Você sabe o número?

Bernardo - Claro. Eele está de novo morando em casa. Em Grosso Pointe. / Acabou de separar da terceira mulher. (Todos observam Bernardo enquanto ele coloca o receptor no ouvido, espera. Um tempo. / Ele desliga rapidamente)

Davi - N.R. ou L. O.?

Miguel - Ele nem deu tempo de eu perceber. (Forçando) Vamos Bernardo, liga de novo. Não fica com medo. Você tem vontade, voce sabe que / tem. Vai, liga, bicho. Pega o pretinho aí, põe esse negócio no / ouvido, mete o dedinho nesses buraquinhos, mata tua sede. Bebe / tua curiosidade. Qué que custa? Qué que você vai perder? (Um tempo Bernardo pega o telefone, disca de novo. Destas vezes deixa / tocar)

Haroldo - Nojento.

Cowboy - Que é N.R. e L.O.?

Davi - Língua de telefonista, não responde e linha ocupada.

Bernardo - ... Alô?

Miguel - Um ponto. (Eficientemente, toma nota no bloco)

Bernardo - Quem fala? Oh, madame Dahlback?

Miguel - (Tomando nota) Um ponto.

Bernardo - ... aqui é Bernardo, o filho da Francina... como vai a senhora, bem? Bem, muito bem, obrigado. Madame Dahlbeck... eu... Pedro está? Oh. Ah. Sim, compreendo.

Miguel - (Sacode a cabeça) Shiiiiiiiii....

COM CORTES
COM CORTES
COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.324

Bernardo - ... ah, não. Não é nada importante, não. Eu só queria... dizer a ele... que... eu queria que ele soubesse... que... eu... eu...

Miguel - (Fazendo o porte com convicção e fim de arrancar o que quer) Eu o amo. Que eu sempre o amei.

Bernardo - ...que eu fiquei muito triste em saber que ele se separou.

Miguel - Zero! Zero!

Bernardo - ... mamãe me escreveu. Foi. É. senti muito, sim. Bem. A senhora, por favor, fala com ele que eu telefonei e disse isso. É, que eu estou muito, muito triste em saber... e que gostaria muito que... que tudo pudesse se resolver da melhor maneira. Sim. Sim senhora. Obrigado. Boa noite. (Desliga lentamente. Miguel traça uma linha decidida no bloco, faz um pomto final)

Miguel - Total, dois pontos. Péssimo. O próximo. (Arranca o telefone das / mãos de Bernardo, empurra-o nas mãos de Davi)

Davi - Você está bom, Bernardo?

Bernardo - (Quase para si próprio) Por que é que eu liguei? Por que é que / eu fiz isso?

Artur - Onde é que ele estava?

Bernardo - Saiu com uma amiga.

Miguel - Vamos, Davi. Não faz doce. (Davi pega o telefone, liga para informações. Um tempo)

Davi - Por favor, eu queria o número, no Bronx, de um senhor Delbert Betts.

Artur - Um senhor Delbert Betts! Quantos será que tem?

Bernardo - Ah, pra que que eu fiu chamar? Eu não devia ter feito isso.

Davi - Não, o número da residência, por fabor. (Abana a mão para Miguel, pedindo lápis. Miguel dá o lápis. Ele escreve na caixa do telefone, de plástico, de plastico branco) Obrigada. (Um tempo, e ele indignado, bate com o telefone) A mãrra desse serviço de informações sempre me chama de madame!

COM CORTES

Artur - Quem manda você dizer obrigada?

Miguel - E vê se não me suja o telefone todo. (Arranca o lápis das mãos de Davi)

Davi - Isso saí, com um pouco de cuspe.

Miguel - Voce usa o teu cuspe pra tanta coisa.

Artur - Quem é esse Delbert Betts?

Davi - É a pessoa. A pessoa que eu sempre amei na vida. (A Miguel) Não foi isso que você disse pra mim ligar?

Miguel - Isso mesmo, Davi.

Artur - Como é que voce pode gostar de um cara com esse nome?

Miguel - É mesmo, Davi, como é que você pode gostar de alguém com esse nome? Já pensou num cartão de vizitas com esse nome? Você não acha horrível, Alan? (Miguel dá uma palmada no ombro de Alan, que fica em silencio. Miguel dá uma risadinha abafada)

Davi - Eu concordo que o nome não é bom, mas o dono é uma lindeza. Pelo / menos era, no Colégio. É verdade que eu não o vejo desde que termi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 325

nou o secundário, e ele era sete anos mais velho que eu.

Miguel - Putz! É melhor você ligar depressa pra pegar ele antes de entrar na cova.

Davi - Eu gostei dele a primeira vez em que vi eu estava no quinto ano, ele já estava terminando o curso. Eu continuei no secundário, ele foi / pra Universidade, se formou em odontologia.

Miguel - (Com desgosto de quem bão quer acreditar no que ouve) Um dentista!

Davi - Um dentista, é. Delbert Bettz, doutor em boca aberta, com um consultório num edifício bancário.

Haroldo - E aí, naturalmente, você mandou arrancar todos os dentes da boquinha só pra dar pra ele.

Davi - Não. Só mandei limpar os dentes (Donald vem do bar com dois drinques)

Bernardo - (Para si próprio) Oh, eu não devia ter chamado.

Miguel - Quer calar a boca, Bernardo? Ou pelo menos, muda tua fossa de paisagem. Vai! (Miguel aponta o dedo para escada. Bernardo pega a garrafa de vinho, o copo e vai pra escada, enchando o copo enquanto / anda)

Davi - Me lembro que não conseguia tirar os olhos dele enquanto ele me tratava. É preciso me contar pra não chupar os dedos dele.

Artur - Sonhando, naturalmente, que ele era um dedo duro.

Haroldo - Confissão realmente estonteante.

Miguel - Dacátlo é fálico.

Haroldo - Não estou brincando, me deixa... (Gesto com as mãos indicando tonteira. Donald leva um dos drinques Alan. Alan pega o copo, bebe / tudo)

Miguel - (Referindo-se a Donald) Sara Samaritana.

Davi - Disse a ele que queria limpar os dentes pra Festa de Formatura, Era eu quem estava encarregado da decoração. Expliquei que tinha escolhido um tema celestial, que estava cortando estrelas de folhas de Flandres e fazendo nuves com tela de galinheiro e malacacheta. (um' tempo) Ele não podia ter ficado menos interessado.

Cowboy - No Natal me cobriram o corpo com malacacheta para eu entrar de anjo nú numa festinha de embalo. Puxa, sou, depois levou horas pra malacacheta desgrudar, sobretudo dos pentelhos.

Davi - ... eu contei a ele que eu ia queimar incenso em vários potes, pro' salão ficar todo cheio de fumaça e as pessoas terem a sensação de / estar no céu, eu tinha visto isso num filme da Rita Hayworth chamado, não me lembro o nome.

Miguel - ... o filme se chamava Além do Horizonte. Qualquer garota sabe.

Cowboy - ...e, além disso, a malacacheta fês um milhão de cortezinhos nos meus dedos. Rapaz, como picava! Você já imaginou se aquela negócio entrasse no meu... (Miguel, num círculo, se aproxima ameaçadoramente) Eu fico quieto.

Davi - Ele estava noivo duma garota bussa e bunduda chamada Leraine, Vocês precisavam conhecer era a mãe dela: realmente uma super babaca.

Miguel - Não divaga.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p-326

Davi - O negócio é que eu estava liquidado. Numa embrulhada total. Não comia, não dormia, não conseguia ficar em pé, nem sentado, nem deitado, nada. Mal conseguia cortar as estrelas e acabar as nuvens pra festa. Então' resolvi ligar para ele e perguntei se podia me encontrar com ele só-' zinho.

Haroldo - Em matéria de tática eu já vi mulheres. (Donald olha Alan, que / afasta o olhar)

Davi - Respondeu que estaba bem, paara mim ir na casa dele. Eu estava tão / nervoso que minhas mãos tremiam. Pensei que ia ficar sem voz. Dessa' vez nem tive coragem de olhar para ele, fitei um ponto qualquer no / espaço e cuspi tudo que eu queria. Disse a ele... que eu queria ser' amigo dele. Disse que nunca tinha tido um amigo com quem pudesse conversar francamente, confiar, contar tudo. Perguntei se ele queria / ser esse amigo.

Cowboy - Hiiiii. Está roubado!

Miguel - Shhhhhhh!

Bernardo - E que foi que ele disse?

Davi - Disse que teria muito prazer em ser meu amigo. Que sempre que eu quizesse falar com ele era só chamar. Apertou a minha mão trêmula, suada, e eu fui embora, pisando nas nuvens.

Miguel - Da tela de galinheiro e malacacheta.

Davi - No dia seguinte eu comprei um isqueiro folheado a ouro, mandei gravar as iniciais dele e escrevi um cartão dizendo: de seu amigo, Davi.

Haroldo - Coronel, aos dezessete anos!

Cowboy - Epa. E já mandado presente con cartão.

Davi - ... mas aí, na noite da festa, eu descobri...

Bernardo - Descobriu o que?

Davi - Quando passei pelo salão ouvi risadinhas de duas garotas minhas conhecidas. Estavam atrás de duas horrendas colunas gregas.de cartão, que eu tinha comprado quilômetros de algodãozinho e envolvida as colunas de tal forma que ficaram até parecendo gregas de verdade.' Ah, Mary, pra certos improvises de beleza só bicha mesmo.

Miguel - Mas não divaga!

Davi - A garota que estava contando a história disse que a mãe dela é quem tinha contado. Quem tinha contado a mãe dela tinha sido a mãe de Loraine. Quer dizer, Delbert tinha contado tudo a Loraine; minha visita, meu presente e a bunduda logo espalhou pra todo mundo. Porque,' na festa, todo mundo ria de mim, fazendo piadas. Até as velhotas riam, comentando que eu era tarado pelo Doutor Delbert Betts e tinha' implorado a ele pra ser meu amigo. (Um tempo) O que eles não sabiam é que eu estava apaixonado. E que continuaria apaixonado anos depois deles todos terem esquecido de que é que tinham rido. (Pausa) / /

Haroldo - Bem, o que eu gostaria de tomar agora era uma boa injeção de insulina.

Miguel - Liga pra ele.

Bernardo - Não liga, não, Davi.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0316, p-327

Miguel - Desde quando você manda nele?

Davi - (Para Bernardo) Que me interessa, estou fudido mesmo! Faço qualquer coisa. Faço e repito.

Bernardo - Por favor!

Miguel - Eu disse pra ligar.

Bernardo - Não obedece, Davi! Você vai se arrepender. Te deu minha palavra

Davi - Que é que eu tenho a perder?

Bernardo - A tua dignidade. É isso que você tem a perder.

Miguel - E pronto! Acabamos de ouvir o presidente da comissão dos Direitos do Homem. Dá prazer ouvir você querendo salvar a dignidade dele.' Mas permite que ele o degrade a tempo todo, esmagando você até a morte, tratando-o como um miserável Pai Tomás.

Bernardo - Ele pode fazer isso, Miguel. Eu posso. Mas você, não!

Miguel - Ué, porque essa discriminação?

Bernardo - Eu não ajo assim comigo mesmo e deixe que ele também aja assim. Deixe porque sei que é a única coisa que faz com que se sinta / meu igual. Nós dois saímos do mesmo lado do atoleiro, comemos / da mesma banda podre, mas eu tenho uma porrada de coisa mais do que ele, o Davi sabe disso. Deixe que ele me trate como um Pai' Tomas porque é a única maneira dele não se sentir completamente derrotado.

Miguel - Uma senhora consideração.

Bernardo - É a maneira dele se defender. Você também tem a sua, Miguel. / Mas ela é indescritível (Davi silenciosamente lambe o dedo e começa a limpar a caixa de telefone)

Miguel - (Pra Bernardo) Quer servir uma piadinha de salão de extremo sul / liberal? Você sabe porque os negros tem os beiços tão grandes? É' porque vivem o tempo todo: "Me dáaaaaaaaaaaa"! (Atenção. A coisa / aqui é totalmente intruduzível. Depende do ator dizer a frase com um geito bem desagradável a fim de dar a conotação calhorda, reacionaria, de Miguel nesse momento N.T.)(O som que ele faz com' os lábios é exasperante, cheio de tédio e preguiça, enquanto arrasta os pés pelo aposento).

Donald - Porra, Miguel!

Miguel - (Tenta arrancar o telefone de Davi) Eu posso muito bem prescindir do seu cuspe no meu telefone, boneca covarde.

Davi - Eu posso ser boneca mas não sou covarde. (Começa a discar) Bernardo me perdoe, sinto muito, nunca mais vou te dizer essas coisas. (Miguel olha, triunfante, Bernardo enche outro copo de vinho um tempo)L.D

Miguel - Ocupado?

Davi - (Acena que sim) Provavelmente Loraine está falando com a mãe dela.' Ah, sim, Delberto casou com Loraine.

Artur - A bunduda.

Miguel - Lamento mas você tem que dar a vez. Não podemos esperar. (Pega o telefone, entrega a Artur, que começa a discar)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P-328

Haroldo - (A Artur) Você não perde tempo.

Douglas - Quem você está chamando?

Artur - Carlitos. (Davi se levanta, arranca o telefone das mãos de Artur)

Davi - Eu me recuso a dar minha vêz! É minha vez e eu quero ela.

Miguel - Isso é que é, Davi! Duro nele, luta pela causa! Liga essa pôrra e chama o cara às falas. Eu quero um grande final!

Davi - Oh, meu Deus, acho que estou bêbado.

Miguel - Um puto fresco, tricha numa água de cair pelas tabelas.

Haroldo - O rôto falando do esfarrapado!

Miguel - (Cortando Haroldo, feroz) Bêbado, não senhor. Eu não estou bêbado! Você não pode dizer que estou bêbado! Estou?

Donald - Eu estou.

Davi - Eu também. Eu sou um bêbado invertebrado.

Miguel - (Pra Davi) Cala a boca e disca.

Davi - (Discando) Eu sou o maior bêbado invertebrado daqui e da Indochina. Está tocando. Não está mais ocupado, Alô?

Miguel - (Tomando nota) Um ponto.

Davi - Quem está falando? Quem?... Dr. Delbert Betts?

Miguel - Dois pontos.

Davi - Oh, Del, é você mesmo? Ah, ninguém. Você não me conheceu. Você não / se lembra mais de mim. Eu sou... apenas um velho amigo. Um velho amigo de guerra, bêbado de cair pelas tabelas. Alô? Alô? Alô? (Baixa o fone) Desligou. (Coloca o fone no gancho)

Miguel - Total de três pontos. Você está na frente.

Davi - Disse que eu devia estar na festa errada. (Bernardo se levanta, vai' a cozinha)

Haroldo - E tem razão. Nós todos estamos na festa errada. Devíamos estar / neutra.

Davi - Mas é tua festa Dodô. Você está se divertindo?

Haroldo - As pampas. E você? Está se divertindo, Davi? Está se divertindo,/ Davi? Está se divertindo tanto queria? (Artur pega o telefone).

Miguel - Se você está se chateando, Haroldo, nós podemos cantar de novo o Parabéns pra você me idiche.

Haroldo - (Pega outro cigarro) Nem por todo o chá da China. (Acende o cigarro)

Douglas - É minha vez agora.

Artur - É minha vez dex chamar Carlitos?

Douglas - Não. Deixa eu.

Artur - Você vai chamar Carlitos?

Miguel - O jogo está três a dois. Davi ganhando.

Alan - Não faz isso, Douglas. Você não vê, Bernardo tem razão.

Douglas - (Com firmeza) Eu quero. (Um tempo. Estende a mão pedindo o telefone) Artur! (Um tempo).

Artur - (Dá o telefone a ele) Você manda, não pede.

Cowboy - (Para Artur) Ele vai chamar o Carlitos pra você? (Artur cai na gar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 329

Artur - Carlitos é todo mundo com quem eu engane Douglas.

Donald - E todo mundo com que.

Miguel - O padeiro, o leiteiro, o açougueiro, o agente funerário. XXXXXX

Artur - Exato! Eu amo todos eles! O que Douglas se recusa entender é que eu tenho que ter todos eles. Eu não do tipo que casa pra sempre. Nunca vou ser. XXXXXXX

Haroldo - Cigana!

Artur - Quem você está chamando?

Douglas - Está com ciúmes?

Artur - Curioso paca!

Miguel - E um pouquinho, atmbém.

Artur - Está chamando quem?

Miguel - Nunca te ocorreu que Douglas pode estar te passando pra trás / tando quanto você passa ele?

Artur - Taí uma coisa que eu gostaria. A vida ia ser muito mais fácil. Quem é que você esta chamando?

Haroldo - Seja quem fôr não está muito perto do telefone.

Douglas - Alô?

Cowboy - Deve estar na banheira.

Miguel - (Pro Cowboy) Pro canto! (Cowboy vai prum canto distante, se senta, Bernardo entra, abrindo outra garrafa de vinho, Miguel toma nota.) Um ponto.

Douglas - ... eu queria deixar um recado.

Miguel - Não está em casa. Zero.

Douglas - Por favor, diz a ele que Douglas telefonou. Sim. Oh, boa noite, muito bem, obrigado.

COM CORTES

Corte

Artur - Quem é, porra?

Douglas - ... é. Isso mesmo. O recado é pro meu companheiro de quarto, Artur. É só dizer que eu chamei e...

Artur - É o nosso serviço telefônico.

Corte

Douglas ... e disse... que eu o amo.

COM CORTES

Miguel - Cinco ponto! Voc^e disse! Ganhou um puta cinco! Disse!

Alan - Douglas! Douglas!... Você está maluco?

Douglas - Não. É isso mesmo. Você ouviu direito. Foi o que eu disse. O recado é pra Artur e é mesmo. Põe aí, Douglas. Exatamente como eu disse: "Eu o amo". Obrigado. (Desliga)

Miguel - Sete pontos no total! Douglas, você está na frente, garoto, disparado na frente dos outros!

Alan - Por que?... Oh, Douglas, porque? Porque você fez isso?

Douglas - Porque eu amo ele. E não me importo quem saiba.

Alan - Não diga isso.

Douglas - Por que não? É a verdade.

Alan - Não posso te acreditar.

Douglas-(Diretamente a Alan) Deixei minha mulher e meus filhos pra viver com Artur.

Alan - [illegible]

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 330

Alan - Eu realmente não estou interesado em ouvir isso.

Miguel - Claro que está. Continue, Douglazinho, fala mais.

Alan - Não! Não quero ouvir isso. É repugnante! (Um tempo)

Douglas - Tem homens que fazem isso por uma mulher.

Alan - Bem, isso eu posso compreender. Isso é normal.

Douglas - Mas nem sempre a coisa funciona desse modo, Alan. Por mais que a gente queira. E, Deus é testemunha, ninguém quis mais do que eu. Com toda a sinceridade eu acho que estava apaixonado pelo minha' mulher, quando casei com ela. Não pense que estava forçando, que estava tentendo provar alguma coisa pra mim mesmo. Eu a amava e ela me amava. Mas... mas tinha sempre aquela, alguma coisa lá / dentro...

Donald - Você quer dizer tua atração pelo teu próprio sexo.

Douglas - É.

Alan - Sempre?

Douglas - Não sei. Acho que sim.

Davi - Eu sabia q que eu era, desde os quatro anos de idade.

Miguel - De você todo mundo sempre soube, Davi.

Donald - Eu também sempre soube o que eu era.

Douglas - Eu não. Nem sei o momento em que resolvi admitir pra mim mesmo. / Durante muito tempo, eu fingia que era outra coisa, eu negava tudo completamente.

Miguel - Porra, como eu bebi ontem a noite!

Douglas - Mas chegou a hora em que pura e simplesmente não podia mais mentir para mim mesmo... Acho que a primeira vez foi qiando minha mulher estava grávida do segundo filho. Nós morávamos em New Haveh, no campo. Ela e os meninos ainda moram lá. Bem, quero dizer, ha-I via um congresso de professores aqui em Nova York. Ela achou que' não estava passando bem, preferiu nẽo vir, e eu vim sózinho. E naquele dia, no trem, comecei a pensar. Durante toda a viagem não / pensei em mais nada. E quinze minutos depois do trem chegar eu tinha pegado um cara no mictório da Estação.

Alan - (Suavamente) Deus do céu!

Douglas - Eu nunca tinha feito nada semelhante em toda a minha vida, e estava mortalmente apavorado. Mas, por sorte, ele era uma pessoa muito delicada. Nunca mais o vi, é engraçado, não consigo nem mesmo lembrar o nome dele. (Um tempo) O fato é que, depois disso... a / coisa foi ficando fácil.

Haroldo - A prática trás a perfeição.

Douglas - E então... algum tempo depois... não muito tempo, Artur estava em Nova York, nós encontramos numa festa em que eu tinha ido com minha mulher...

Davi - E aí começaram as encrencas de verdade.

Douglas - Isso foi à dois anos.

Artur - Eu não sei porque sempre me dão o papel de vilão do filme. Quando /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,P-331

não dizem que eu sou um estraga-lares, dizem que sou um filho da puta com quem é impossível conviver.

Haroldo - A culpa se transforma em hostilidade. Tá certo, Miguel?

Miguel - Vai catar cravos na cara com as tuas pinças, vai.

Artur - Estou cheio até os grogomilos com todo mundo, con tanta peninha do garotinho seduzido. (Se referindo a Douglas)

Davi - Ah, Artur, todo mundo sabe que você é uma Madame Bovary dos pobres.

Artur - Nunca prometi nada a ninguém. Nem vou prometer. Tenho o direito de de levar a vida sexual que bem entendo, sem dar satisfação a ninguém incluindo Douglas! E se as condições não interessa anh, adeus filhinho! Relações múltiplas é uma condição básica da minha maneira de ser.

Davi - Você pode muito bem ser bicha sem ser devassa.

Artur - Quando eu digo minha maneira de ser não estou me referindo a ser / eu não ser bicha. Estou falando à apenas do meu apetite sexual. / E não me considero um devasso. Davi, você é a pessoa mais promiscua que eu já conheci.

Davi - Eu não sou promíscuo coisa nenhuma! Absolutamente!

Miguel - Não foi você quem escolhei, Davi. É um desígnio. Uma condição. Por quem alguém haveria de querer ir pra cama mais de uma vez com uma bostinha de uma viadinha como você?

Bernardo - Miguel!

Miguel - (Pra Davi) Me diz, alguém já te passou uma cantada? Me diz! Olha / aqui, meu filho, é preciso ter coragem! Só mesmo um fugitivo do / Instituto Brailler.

Bernardo - (Pra Davi) Por que você permite que ele fale assim com você?

Haroldo - A beleza física não é tudo.

Miguel - Muito bem, Quasímodo!

Artur - Às vezes acho que estou casado com a Gestapo. Nem posso respirar / porque logo começa o interrogatório para saber o que é que eu estou respirando.

Miguel - Artur, é a tua vez de ligar.

Artur - Eu não posso aceitar a fórmula do sejamos-fiéis-e-não-olhemos-nunca-mais-pra-nenhuma-outra-pessoa. Não funciona. Se a pessoa quer / prometer isso, que se dane. Prometa e cumpra. Ou não cumpra, o problema é da pessoa. Mas, comigo, se me obrigam a isso, porra, pra / mim nada termina uma relação mais depressa do que ter que prometer, prometer.

Haroldo - O meu reino por um Vagostenil. Um Librium mesmo serve.

Bernardo - (Agora completamente no porre) É, liberdade, meu bem! Li-ber-da-de!

Artur - A gente tem que ter! De outra maneira não funciona. Quem jura fidelidade eterna está mentindo. Pelo menos a maior parte das pessoas / está. Noventa por cento. Se enganam mutuamente o tempo todo e mentem, /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.332

mentem, mentem o tempo todo. Lamento muito mas não sou assim e nem vou ser. Isso deixa Douglas desesperado.

Douglas - São os tais dez por cento.

Artur - A única maneira de manter a coisa é procurando ter o máximo de compreensão.

Douglas - Eu tenho procurado. Eu tenho.

Artur - Ah, sem essa!

Douglas - Eu concordei com o acordo.

Artur - Teu acordo.

Miguel - Que acordo?

Artur - Um ménage,

Haroldo - Acordo entre amantes.

Artur - Olha, conheço uma porção de gente que acha que essa é a solução .' Não consideram isso enganar. Mas não é o meu estilo!

Douglas - Bem, se há alguém que não queria era eu.

Artur - Então quem é que queria.

Douglas - Foi um... compromisso.

Artur - Exatamente.

Douglas - E você aceitou.

Artur - Eu não aceitei coisa.nenhuma. Você inventou o compromisso e me informou que eu estava de acordo.

Cowboy - Eu não entendo nada. Que é uma mé... ména...

Miguel - Ménage a trois, meu anjo. Dois é bom, três é melhor.

Cowboy - Ahhhh!

Douglas - Pra alguns funciona.

Artur - Bem, eu não topo grupo-terapia. Lamento muito mas dessa maneira não consigo relacionar com ninguém nem coisa alguma. Sou quadradão, gosto de muitos mas ~~xx~~ um de cada vez.

Miguel - (Pra Artur) Você gostou de Donald como uma atração... unilateral? (Pausa)

Artur - Gostei. Isso mesmo.

Donald - Eu também, Artur.

Artur - (Para Donald, referindo-se a Miguel) Você disse a ele?

Donald - Não.

Miguel - Ficou perfeitamenye óbvio assim que você entrou. Aquela frescura / na base de Strangers in the night: já nos vimos mas nunca nos encontramos?

Donald - É verdade. Nós nos vimos na sauna e fomos pra cama juntos mas nunca trocamos uma palavra. Nem sabíamos o nome um do outro.

Dabi - Vocês têm mais sorte do que eu. Quando não vou preso e meu boneco na hora de ir embora, me diz que está com hepatite.

Miguel - Na primavera as abelhas chupam as flores em busca de outros amores. O jovem fresco procura o fresco jovem.

Artur - (Pra Douglas) Não fica me olhando assim. Você passou a noite inteira brincando de esconde-esconde aí com o entendido.

COM CORTES
COM CORTES
COM CORTES
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 59/333

Donald - Acho que ele só queria te mostrar que o que é bom pro pau é bom p'ras costas.

Douglas - Exatamente.

Artur - (Pra Douglas) O que eu acho é que você adoraria se nós três fôssemos curtir juntos.

Douglas - Pelo menos seria juntos.

Artur - A sutileza me escapa.

Douglas - Estou sendo compreensivo. Quejcompreensão maior você espera?

Artur - Espere respeito, pela liberdade de ambos. Sem necessidade de mentir nem fingir. Do meu próprio jeito, Douglas, eu também te amo, mas você tem que entender que embora eu queira continuar vivendo com você, de vez em quando tem que haver outros. Não quero te esfregar isso na cara. Se acontecer, eu não vou nem mencionar. Mas, se você perguntar, eu digo. Não quero te machucar, te ferir, mas não vou mentir quando você me pergunta uma coisa coisa tão séria.

Bernardo - Ele marcou pontes.

Miguel - O que?

Bernardo - Ele disse a frase. Ele disse: eu te amo! pro Artur. Marcou pontos, sim senhor.

Miguel - Mas não foi no telefone.

Donald - Mas falou, era! Só não usou o telefone.

Miguel - Pois é: o jogo é no telefone. Não ganha ponto nenhum.

Bernardo - Ganha cinco, sim senhor!

Miguel - Não usou o telefone. Portanto não ganha pôrra nenhuma! (Artur / vai ao telefone, levanta o fone, olha o número da segunda linha, disca, o telefone toca)

Artur - É pra você, Douglas. Não vai atender? (O telefone continua tocar, Douglas se levanta, sobe a escada até o quarto. Pausa ele aperta o botão da linha interna, pega o fone. Em baixo todo mundo está / em silêncio)

Douglas - Alô?

Bernardo - Um ponto.

Artur - Alô, Douglas.

Bernardo - Dois pontos.

Artur - Aqui é Artur.

Bernardo - Mais dois pontos.

Artur - Não sei o que isso vale, Douglas, mas eu te amo.

Bernardo - Cinco pontos!

Douglas - Aquilo... olha, eeeuuu.... eu vou tentar.

Artur - Eu também. (Ambos desligam, Artur primeiro)

Bernardo - Total: dez pontos! Daz!

Davi - Artur é o vencedor.

Haroldo - Bem, o jogo foi muito menos embaraçado do que eu pensava.

Miguel - O jog ainda não acabou! (Douglas anda em direção à cama, na escu* ridão) É a tua vez, Alan! (Pega o fone, coloca-o agressivamente / na frente de Alan) Corte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.334

Davi - Miguel, não faz isso!

Miguel —Não te meta!

Davi - Você não é obrigado, Alan. Você não é obrigado.

Alan - Davi... Eu lamento muito pelo que eu fiz(Um tempo)

Davi - ... ahn, esquece.

Mihuel - Persoai, senhor, os nossos erros e deixai em tentação, agora que estamos ligados pelos sagrados laços do masoquismo. Você pode decorar o apartamento dele, Davi e, em troca, ele tira você da cadeia a aproxima vez que fôr preso por atentado ao pudor. (Um tempo) Você vai ligar, Alan? (Silêncio) Não se lembra de ninguém ? Precisa de pensar um pouco? Nós esperamos. (Silêncio)

Haroldo - Acho que estamos assistindo ao último round.

Cowboy - Chamar quem? Ele nunca amou aninguém.

Miguel - (Canta um final clássico de vaudeville para Haroldo) Acho duro / ser criolo. (Aponta Bernardo) mas tenho cá meu consolo (Aponta / Haroldo) pois mais preto do que eu é um cara ser judeu.

Donald - Meu Deus, Miguel, você é uma dona de casa encantadora.

Haroldo - Vai ganhar o Oscar como a anfitriã do ano. (Douglas em direção a escada)

Miguel - Pode-se saber onde é que vai? (Artur para, se vira pra ele)

Artur - Lá pra cima. Desculpe. (Se vira, caminha pra escada)

Miguel - Vai perder o fim do jogo.

Artur - (Para na escada) Você podia me contar como é que acaba.

Miguel - Eu não gosto de contar o final. E nem permito que os espectadores que sairam tornem a entrar quando chegar o momento da sensacional revelação.

Artur - Se eu tiver um pouco de sorte não vou voltar tão cedo. (Se vira, / sobe as escadas, some no escuro)

Miguel - (No ouvido de Alan) O que é que você acha que está acontecendo lá em cima? Hein, Alan? O que é que você imagina que os dois estão / fazendo agora? Jogando? Bola de Gude?

Davi - Seja o que for não estão incomodando ninguém.

Haroldo - Nem se metendo na vida dos outros.

Miguel - E você também faria melhor se só se metesse na sua, Haroldo, estou te avisando! (Uma pausa)

Haroldo - (Gélido) Que é que você está? Me aviaando? Sabe quem eu sou? Eu / sou Haroldo. Aquela pessoa a quem você não avisa, Miguel. Porque' você eu eu estamos no mesmo páreo. E nós sabemos onde botamos o / pé. Nós pisamos bem mansinhos, porque jogamos muito bem o jogo um do outro. Muito bem! Oh, como conheço esse jogo que você está jogando. E como sei jogar. Você também. Você joga admiravelmente. / Mas quer saber de uma coisa? Tudo somado eu ainda sou mais eu. / Posso derrotar você. De modo que é melhor não me provocar. Estou te avidando. (Uma pausa Miguel começa a rir)

Miguel - Você é engraçado, Dodô. Você é de matar de rir. Não é engraçado /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p.335

Alan? Ou, como você diria, é jocosa. Você ja viu uma boneca mais / jocosa? Ou você prefere, pederasta em vez de boneca? Foi assim que você chamou Davi, não foi? Um pederasta! Um invertido. Minha! que' vocabulário mais borocochô o teu! Sabe que eu fiquei esperando você dizer sodomita? (Um tempo) Eu acho melhor você me contratar pra te atualizar. Por exemplo, não é muito novo, mas talvez você não / saiba (Um tempo) Você sabe o que é que quer dizer Rainha dos Cro-' quetes? Escondedor? Trôlha? Me diz aí, o que é um Croquete?

Davi - Não faz isso, Miguel. Que adianta você estar dizendo essas coisas?

Miguel - Você tem razão. Ele sabe. Ele sabe muitíssimo bem o que é uma Rainha dos Croquetes. Não sabe, Alan? (Pausa)

Alan - Miguel, se você está insinuando que eu sou um homossexual, só posso' te dizer que está enganado.

Miguel - Estou? (Um tempo) E Justino Stuart, Alan?

Alan - Que é que tem Justino Stuart, Miguel?

Miguel - O que é que tem é que você amava ele. (Um tempo) E é ele quem você vai chamar.

Alan - Justino e eu éramos excelentes amigos. É tudo. Desgraçadamente tivemos uma divergência e nossa amizade acabou. Há anos que não nos falamos, É evidente que eu não vou chamá-lo.

Miguel - Mas, segundo Justino, essa amizade era bem calorosa.

Alan - Que é que você quer dizer com isso?

Miguel - Que você dormiu com ele na Universidade. Várias vezes.

Alan - Isso não é verdade!

Miguel - Várias vezes! Uma vez, é a juventude. Duas vezes, pode ser uma fase. Várias vezes, você gosta!

Alan - Não é verdade!

Miguel - É verdade! Porque Justino Stuart é homossexual. De vez em quando / vem a Nova York. E me telefona. Artur foi com ele uma vez. Eu dormi com ele. E le me contou tudo a teu respeito.

Alan - Então só te contou mentiras. (Um tempo)

Miguel - Você tinha obseção por Justino. Só falava nele, da manhã, de tarde e de noite. Hoje com Douglas você começou a cair na mesma chave!

Alan - Que homem atraente ele é e toda essa merda transparente.

Miguel - Você gostaria de se juntar a ele e Artur lá em cima?

Alan - Eu disse que éle é atraente. Ponto.

Miguel - Quantas vezes você tem que repetir isso? Quantas vezes teve que dizer, falando de Justino, que bom tenista ele é, que excelente dançarino ele é, que corpo bonito é o dele, que bem gosto ele tem, como ele é brilhante, meu Deus, ah, é o sujeito mais divertido que / eu conheço, puxa as garotas todas são loucas por ele e, naturalemente, nós somos os melhores amigos do mundo.

Alan - Nós... nós.e. éramos... realmente, muito bons amigos... excelentes,' ~~xxxxxx~~ mesmo... só isso!

Miguel - Era evidente, e quando você se comportava dessa maneira na frente'

COM CORTES

COM CORTES

COM CORTES

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.336

de Laura, então era constrangedor. Até ele deve ter tido dúvidas a teu respeito.

Alan - Justino... mentiu... Se disse isso... mentiu. É uma mentira. Uma / mentira infame. Agora ele é capaz de inventar qualquer coisa a meu respeito pra... se defender. Nunca vai engulir o fato de que fui eu quem o abandonei. Mas fui obrigado. Que é que eu podia fazer? Ele' me contou... contou tudo que ele era... o que sentia. Confessou / que queria ser meu amante. E eu... eu.... respondi que aquilo tudo' me enojava... eu o máximo que podia sentir, era uma imensa pena de le. (Um tempo)

Miguel - Você acabou com a amizade, Alan, porque não podia encarar a verdade e seu respeito próprio. Aainda estaria dormindo com Justino se ele continuasse a mentir pra si mesmo, e você também pudesse' de enganar. Se pudessem continuar a ter namoradas, usar o rótulo de homens, e repetir que eram apenas excelentes amigos. Mas Justino sentiu que tinha que ser honesto, viver a verdade, e você / não aguentou a barra. Preferiu destruir a amizade e o amigo. (Miguel vai até a mesa e pega um caderno de endereços)

Alan - Não faz isso.

Miguel - Justino nunca entendeu o que tinha feito pra voce romper com ele de maneira tão brutal. E punha a culpa em si próprio.

Alan - Não é verdade.

Miguel - Até que, aos poucos, foi dexcobrindo quem era e o que era.

Alan - Não é verdade.

Miguel - Mas até hoje não esqueceu o que você me fez, conserva as cicatrizes. (Coloca o livrinho na frente de Alan, ma mesa do café)

Alan - Não.

Miguel - Pega esse telefone e chama Justino. Fala com ele, pede desculpas, e diz a ele o que você devia ter dito há doze anos atrás. (Pega o telefone, empurra-o para Alan)

Alan - Não! Ele mentiu! Nem uma palavra é verdade!

Miguel - Chama ele! (Alan não quer pegar o telefone) Então está bem: eu / chamo!

Haroldo - Você é tão prestativo. (Mihuel começa a discar)

Alan - Me dá aqui. (Miguel passa o fone para Alan, que pega o fone, desliga um instante, levanta o fone outra vez, começa a discar, todos / olham em silêncio. Alan acaba de discar, levanta o fone ao ouvido) ... alo?

Miguel - Um ponto.

Alan - ... alô... é Alan.

Miguel - Dois pontos.

Alan - ...é. Sou eu mesmo.

Miguel - É Justino?

Alan - Eu sei que é uma surpresa.

Miguel - Pudera não! Depois de dez anos. Maid dois pontos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 337

Alan - Eu... eu estou em Nova York. É. Eu... não posso explicar agora. Eu... só chamei você pra te dizer... que... (Pausa)

Miguel - Que eu te amo, porra! Eu te amo!

Alan - Eu te amo.

Miguel - Ganhou o páreo. Total de dez pontos! Bateu todo mundo.

Alan - Eu te amo muito e quero que você me perdoe.

Miguel - Me dá isso! (Arranca o telefone da mão de Alan) Justino, você ouviu bem o que esse filho da puta disse? (Um tempo. Miguel, subitamente fica sem fala) ... Laura? (Um tempo) Não, claro que eu sabia que era você, (Um tempo) Como vai você, Laura? Muito bem, / obrigado. É. sim. Ele me contou tudo. Ora, não tem o que me agradecer, Laura. Por favor... por favor... (Um tempo) Eu... Eu vou / chamar ele de novo. (Um tempo) Um beijo nas crianças.

Alan - Meu bem? Eu vou pegar o primeiro avião que puder. Está. Me deculpe' também. Eu te amo muito. (Desliga, fica empertigado, vai até a porta, para, se vira, examina o grupo) Obrigado, Miguel. (Abre a porta e sai, silêncio. Miguel, sem dizer nada mergulha vagarosamente no / sofá, cobre o rosto. Pausa)

Cowboy - Quem ganhou?

Donald - O jogo foi anulado. (Haroldo vai até Miguel)

Haroldo - (Calma, fria, clinicamente) Agora é a minha vez. E você esteja / preparado ou não, escuta Miguel. (Um tempo) Você é um homem triste e patético. Você é homossexual e não quer ser. Mas não há nada que você possa fazer pra mudar isso. Nem todas as rezas do / mundo, nem que compre todas as análises de todos os analistas durante todos os anos que lhe restam de vida. Pode até acontecer / que um dia consiga viver uma vida heterossexual. Se tentar desesperadamente, se empregar nisso o mesmo fervor que emprega para / destruir os outros. Mas você sempre será homossexual também. Sempre, Miguel. Sempre. Sempre. Até morrer. (Se vira, junta os presentes, vai até Davi. Davi se levanta sem jeita) Meus amigos muito obrigado pela festa magnífica, e pelo super presente. (Olha / pro Cowboy) Era exatemente e que eu estava querendo. (Davi sorri Haroldo dá um abraço nele, vê Bernardo sentado no chão, a cabeça curvada) ... Bernardo, muito obrigado. (Não há resposta. Para Davi) Você leva ele pra casa?

Davi - Não se preocupe com ela. Eu tomo conta. (Haroldo se vira pra Donald que está no bar preparando outro drink)

Haroldo - Donald, foi uma grande prazer ver você,

Donald - Boa noite, Haroldo. Vamos nos ver um dia desses.

Haroldo - Ótimo. Talvez eu te convide pruma reunião na Sinagoga. (Vai até o Cowboy) Vamos embora, Texas. Pra minha casa. (Cowboy se levanta fica junto dele) Você é bom de cama?

Cowboy - Bem... eu não sou como esses profissionais que tem por aí. Eu procuro fazer um pouco de carinho, é a maneira que eu tenho de não /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 338

me sentir uma puta, né? (Um Tempo, Haroldo se vira Cowboy abre a / porta. Vão saindo. Haroldo pára)

Haroldo - Oh, Miguel... obrigado por ter me feito rir tanto. Te ligo amanhã. (Não há resposta. Um tempo, Haroldo e o Cowboy saem)

Davi - Vamos, Bernardo. Tá na hora de ir pra cama. (Davi, fraco como é, consegue colocar o braço de Bernardo em volta do pescoço e levanta-o) § O, mar coomo você pesa, minha santa.

Bernardo - (Quase inaudível) Por que é que eu chamei? Por que?

Davi - Obrigado, Miguel. Boa noite, Donald.

Donald - Boa noite, Davi.

Bernardo - Por que...

Davi - Tá tudo bem, Bernardo. Está tudo certo. Vou te preparar um café e você vai ver que está tudo bem. (Davi praticamente carrega Bernardo / prafora, Donald fecha a porta. Silêncio. Miguel, devagarzinho, escorrega de soFá pro chão. Um tempo. Então, também devagar, começa um gemido baixo que vai aumentando, quase como uma sirene que se aproxima Súbito bate com as mãos aberta nos ouvidos)

Miguel - (Em pânico) Donald! Donald! Donald! Donald! (Donald larga o copo, corre pra Miguel agora está branco de medo. Lágrimas correm dos / olhos dele. Começa a falar, atrapalhadamente) Oh, não! Não! O que foi que eu fiz? Oh, meu Deus, prá que que eu fui fazer? (Miguel se retorce. Donald segura-o, acalenta-o)

Donald - Miguel! Miguel!

Miguel - (Chorando) Oh, não! Não! Está começando! O álcool está baixando e a angústia está crescendo! Oh, não! Já estou sentindo! Eu sei o / que vai acontecer, Donald! Donald! Não me abandona! Por favor! Por favor! Oh, meu Deus, que coisa que eu fiz! Oh, meu Jeus, que angustia! Que culpa! Eu não aguento mais! Eu não quero mais!

Donald - (Dominando-o fisicamente) Miguel! Miguel! Pára, Miguel! Eu te dar' um Valium, tenho aqui no bolso.

Miguel - Não! Não! Pílulas e álcool, não! Eu morro!

Donald - Não vou te dar o vidro inteiro porra! Pára, Miguel! Me larga. /

Miguel - (Agarrando a ele) Não!

Donald - Deixa só eu botar a mão no bolso!

Miguel - Não me larga! (Miguel se acalma um pouco, da folga suficiente a Donald pra que este meta a mão no bolso, pegue um frasco de plástico abra-o e dê a ele um tranquilizante)

Donald - Toma.

Miguel - (Soluçando) Sem água eu não engulo isso!

Donald - Se você me largar a merda de um minuto eu vou buscar. (Miguel o / solta, ele apanha um copo d'água no bat, volta) Vossa água, / sua majestade. (Um tempo) Miguel, para essa merda desse choro e toma a pílula! (Miguel fica direito, põe a pílula na boca, em meio / aos maiores soluços, bebe a água devolve o copo)

Moguel - Me sinto como Old Man River, cansado de viver e com medo de morrer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 339

(Donald põe o copo no bar, volta pro sofá, senta. Miguel como que desmaia em seus Braços) chorando, pausa)

Donald - Shhhhhhhh. Shhhhhhhhhh. Miguel. (Nina-o pra lá e pra cá. Miguel se acalma, pausa)

Miguel - Se n-ós.... Se pelo menos a gente conseguisse... não se odiar tanto É isso, você sabe. Se a gente aprendesse a não odiar tanto a si próprio.

Donald - Sim, eu sei. Eu sei. (Um tempo) Ainda que pareça incrível você já / foi pior do que é. (Um tempo) Talvez com bastante esforço, se você' quiser mesmo, voce possa melhorar mais tem que tentar. (Miguel fica direito, se empertiga, seca os olhos na manga)

Miguel - Como é mesmo a piada: se alguém me mostrar um fresco feliz, está me mostrando um cadáver fresco. (Atenção nessa forma está preservado o trocadilho e a piada. Mas, talvez numa tradução mais séria, fique / mais amargo e melhor. "Só existe uma bicha feliz, é uma bicha morta Ou então, "mostrem-me uma bicha feliz e eu lhes mostrarei uma bicha morta". N.Y.)

Donald - Não conheço. Nunca ouvi.

Miguel - E olha aqui, Donald, não vem com essa atitude superior pra cima de mim não. Com um pouco maid de esforço, tem que tentar. Ora essa! Você também tem muito que remar antes de chegar a perfeição, queridinha.

Donald - Eu nunca disse que não tinha.

Miguel - E já que estamos no assunto, acho esse teu analista um charlatão. (Miguel está espirando, Donald lhe dá um lenço, que assoa o nariz)

Donald - Você antes disse que ele era um bunda suja. Decide.

Miguel - Não tem que decidir nada. É um charlatão bunda suja. Ou um charlatão, um bunda suja charlatão. Pode escolher. (Donald se levanta / vai apanhar um drinque)

Donald - (Com um suspiro) Haroldo tem razão. Você não vai mudar nunca.

Miguel - Volta aqui, Donald. Volta aqui, Shane.

Donald - Assim que você tiver outro ataque de angústia.

Miguel - Eu preciso de você. Como Mickey Mouse precisa de Minnie Mouse, como o pato Donald precisa de pata Minnie precisa de Donnie...

Donald - O meu nome é Donald. Me chamo Donald. Você nunca deve chamar de / Donnie uma pessoa que se chama Donald...

Miguel - (Agarra a cabeça geme) Ohhhhhh!,... Fóssa! Fossa! Que angústia insupprtavel! Amanhã eu vou passar o dia inteiro no fundo do poço. / Vai ser um dia horrível em Black Rock. Um dia cheio de nervos, nervos e mais nervos! (Miguel se levanta do sofá, examina a confusão' de pratos e papéis de embrulho) Você não acha que é melhor tocar / fogo nisso tudo. (Um tempo)

Donald - Porque é que Alan não foi embora, Miguel? Por que ele aguentou tudo o que você fez?

Miguel - Não há acidentes. Ele estava pedindo pra ser morto. Estava morrendo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 34066

de vontade que alguem o massacrasse. E conseguiu o que queria.

Donald - Ele podia estar dizendo e verdade, Justino podia ter mantido.

Miguel - Quem sabe? Que horas são?

Donald - Acho que já é depois de amanhã. (Miguel vai até a porta da cozinha, enfia a cabeça pra dentro. volta com uma capa de chuva)

Miguel - É cedo. (Vai até um armário, pega um Blazer veste)

Donald - O que é que a vida nos reserva? Onde é que você vai?

Miguel - A cama está ocupada e eu não quero mesmo ir dormir antes de andar um pouco, pra curtir o pileque. Se eu for dormir assim quando acordar vãi ter que me botar numa cela de hospício que é talvez onde / eu já devia estar morando. (Um tempo) E... e... além disso a meia noite tem uma missa em São Malaquias onde vai todo o pessoal de / teatro. Vou até lá dar uma olhada.

Donald - (Levanta o copo) Reza por mim.

Miguel - (Indica o quarto) Quando eu voltar espero que eles já tenham se / mandado.

Donald - Comigo não se preocupe eu me mando assim que esvaziar essa garrafa.

Miguel - Vejo você sábado que b vem?

Donald - Claro. A não ser que você tenha outro ~~xx~~ programa.

Miguel - Não. (Se vira para sair)

Donald - Miguel?

Miguel - (Pára, se vira) Que é?

Donald - Por acaso ele te disse porque é que estava chorando ao telefone? / O que é que ele tinha tanto que falar contigo?

Miguel - Sei lá. Pode ser que quisesse contar que tinha se separado de Laura. Ou outra coisa qualquer que depois esqueceu, mudou de ~~x~~ idéia.

Donald - Pode ser. (Um tempo) Fico pensando em porque se separaram.

Miguel - ... Pode meu pai me disse, morrendo nos meus braços: Eú não entendo nada. Nem nunca entendi. (Um tempo. Donald vai a pilha de livros, escolhe um, senta na cadeira) Quando você sair apaga a luz, Tá? (Donald acende. Miguel olha pra ele durante um tempo. Donald se concentra no livro. Miguel abre a porta e sai)

C O R T I N A

F I M

A
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ
Autoriza a Turma de Censura do D.P.F. à proceder a Censura desta Obra, cujo Autor, é filiado a esta Sociedade.
Curitiba, 12 de 05 de 1975
Pela S.B.A.T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 341

67

TEATRO

TÍTULO Os Garotos da Banda

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior 18 anos c/cortes

Praça CURITIBA - PR

Obs.:

DF. 21/05/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Sr. Chefe.

Tratando-se de peça anteriormente liberada e com certificado em vigor até novembro próximo vindouro, visto que, o parecer 5181-75 foi pela interdição, a reprogramei, resultando no parecer 5182-75 que sugere liberação. Contudo, apresentando dois itens a escolha desta Chefia. Pelo que encaminho à decisão de V.S.

Em 10/6/75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura do Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Sr. Dir. D.C.D.P. tendo em vista o constante nos itens 1 e 2 do parecer nº 5182/75.

Em 10/6/75

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

Verifica-se, pela leitura do processo original, que o Exmo Sr. Ministro da Justiça ao despachar o recurso interposto pelo interessado, decidiu pela revisão do "saipt" e das marcações, recomendando à censura uma orientação nesse sentido, com o fim de solucionar o pedido de liberação da peça (fls. 189/191). Consequentemente, as modificações foram feitas (fls. 193) e o espetáculo liberado por despacho do Diretor da Polícia Federal de Segurança (fls. 194).

Assim sendo, libero a peça, na forma do parecer nº 5182/75.

Em 13/6/75

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 342

À Seção de Expedientes para emitir certificado de acordo com o parecer nº 5182-75, item 2. Ou seja: com impropriedade para menores de 18 anos, com cortes assinalados. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

Em 17/06/1975.

Florivaldo de Carvalho Queiróz.
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.343 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 5181 / 75

TÍTULO: OS GAROTOS DA BANDA de Mart Crowley

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: NÃO LIBERAÇÃO

Feito o confronto se conclui não haver identidade de texto, pois o "script" para revisão de censura contém alterações que tornam o espetáculo totalmente inviável de exibição. O texto se acha repleto de expressões pornográficas, coisa que a nova orientação da Direção-Geral deste DPF não admite. O comportamento dos personagens é totalmente inaceitável, conquanto eles se apresentam drogados. Por outro lado a peça focaliza uma deprimente festa de homossexuais onde todos se comportam imoralmente, externando seus desajustes sociais de maneira nitidamente contrária aos bons costumes.

Pelo exposto julgo não encontrar apoio no art. 10 da Lei nº 5536 o que me leva a sugerir sua não liberação.

Brasília, 27 de maio de 1975

Paulo Acácio Marra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0376,p.344

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

69

PARECER Nº 5182 / 75

TÍTULO: OS GAROTOS DA BANDA.
Autor : Mart Crowley - Tradução: Millor Fernandes.
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS - COM CORTES.

Procedi à comparação do texto ora enviado pela Cia. Teatro de Roberto Menghini com o script constante em nossos arquivos e verifiquei tratar-se da mesma obra, com ligeiras modificações que não retiram a essência da peça. Em relação ao exame encaminhado pela SCDP do Paraná posso sugerir dois caminhos a serem tomados:

1. Liberar o script com os mesmos cortes conferidos anteriormente, sendo que naquela ocasião muitos deixaram de ser registrados, provocando dificuldades entre os produtores e esta Divisão, principalmente numa obra tão discutida e comentada nos setores artísticos em 1 971;

2. Liberar o script com cortes eliminando ao máximo as expressões de baixo calão, maliciosas e picantes ou trechos chocantes, principalmente tendo em vista a sociedade altamente fechada como a do Paraná, onde será exibida a peça. Neste caso, os cortes estão indicados às páginas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 24, 25, 26, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58 e 59.

Observe-se que tais supressões estariam em conformidade com o pensamento da Direção Geral deste Departamento, devendo ainda ser considerado o enfoque dinâmico do espetáculo por ocasião do exame do ensaio geral.

Brasília, 9 de junho de 1 975.

DALMO PAIXÃO

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376 P315

~~200675~~
190675

481/75-SCTC/SC/DCDP.

Superintendente Regional do DPF no Paraná-PR

" OS GARÔTOS DA BANDA "

MART CROWLEY

Superintendente:

em Curitiba-PR

FCG/JEV

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p 346

COM CORTES 882/75

: OS GAROTOS DA BANDA

COM CORTES

MART CROWLEY

19 JUNHO 80

19 JUNHO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 347

: OS GAROTOS DA BANDA

: MART CROWLEY
MILLOR FERNANDES

COM CORTES

CIA. DE TEATRO ROBERTO MENGHINI - PR -

09 JUNHO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 01-02-03-04-05-06-07-08-09-11-12-13-14-15-16-17-20-24-25-26-28-31-32-33-34-36-37-38-40-41-42-43-44-45-47-48-49-50-51-52-53-55-57-58-59-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ROBERTO MENGHINI

19 JUNHO. 75

MANOEL FRANCISCO G. GUIDO

mh

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 348

DPF-SRA
MJ-DPF-SRA/BSB
-4 AGO 1359 25 043695

896

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

OF. Nº 1764/75-SCDP/SR/PR Em 28 de julho de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Relatório (remete)

De ordem
Ao Arquivo.
Em 05.8.75
Ilmo. Ex. Serv. Adm.

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor,

Em anexo, estamos encaminhando a V. Sª. o relatório referente ao ensaio-geral da peça teatral denominada "OS GAROTOS DA BANDA", de autoria de Mart Crowley, levado a efeito / dia 23 de julho de 1975, procedido pelo Técnico de Censura, Francisco Surek, em exercício no SCDP/SR/PR.

Valemo-nos da oportunidade para renovar a V. Sª. as manifestações de elevada estima e distinta consideração.

D. Pacheco de Oliveira

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira.
Superintendente Regional do DPF/SR/PR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 349

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

R E L A T Ó R I O

Em obediência aos termos do Ofício nº 481/75-SCTC/SC/DCDP, de 19 de junho de 1975, procedemos, na Capital do Estado do Paraná, ao ensaio-geral da peça teatral intitulada / "OS GAROTOS DA BANDA".

Autor: Mart Crowley.
Tradutor: Millôr Fernandes.
Diretor: Oraci Gemba.
Produtor: Cia. de Teatro de Roberto Menghini.
Local da encenação: Teatro Guaíra.
Duração: 130 minutos.
Nº do Certificado: 882/75.
Classificação etária: Proibido para menores / de 18 anos.

Mart Crowley, através da referida peça, expõe o problema de pessoas pervertidas sexualmente, suas bazófias e arrelias.

No cenário, onde a estrutura metálica sustenta o segundo piso da residência em que é celebrada a festa, figuram nove personagens dos quais dois terços são homossexuais / que alardeiam trajes e comedidos gestos que os caracterizam como tais.

Oraci Gemba, além de não permitir a proferição dos palavrões do desagrado da DCDP, suprimiu, de moto próprio, trechos do "script" para abreviar o prolixo espetáculo.

Os atores, profissionais, do elenco ensejam / ao "OS GAROTOS DA BANDA" encenação apresentável, sobretudo após a correção efetuada para dirimir uma procaz manifestação visual.

Curitiba, 28 de julho de 1975.

Surek

Francisco Surek.
Técnico de Censura do SCDP/SR/PR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 350

MJ - DPF - SR/SP/BSB
-9 OUT 1043 028449

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 329/78-SCDP/SR/SP

Em, 05 de outubro de 1978.

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Com o presente, encaminhamos a V.S., uma via do texto, relatórios de Leitura e de ensaio geral das peças teatrais "MACUNAÍMA" de Mário de Andrade; "MÔNICA E CEBOLINHA NO MUNDO DE ROMEU E JULIETA" de Yara Maura Silva; "OS RAPAZES DA BANDA" de Mart Crowley, tradução de Millôr Fernandes; "O MISTAGOGO" de Altair Santos e "TODOS NA CAMA" de Tito de Miglio.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 351

TEATRO

TÍTULO Os Garotos da Banda

Mart Crowley

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 C/C

Praça São Paulo - SP

Obs.: "O Título solicitado não confere com o Registrado"

DF. 18 / 10 / 78 /

Carina N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de dezoito anos, com cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: cortes indic. no parecer 3899/78

Brasília-DF, 19 de out. de 1978

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 20 / 10 / 1978

P/ CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 352

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3899/78-SCTC-SC

TÍTULO: " Os rapazes da banda "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos com cortes

(Grupo profissional)

Peça em 2 atos de : Mart Crowley -
Tradução de Millôr Fernandes -

*

A presente peça enfoca uma festa de homossexuais, no/ apartamento de Miguel. Inicia-se com o dono da casa à espera/ de seus amigos, que irão comemorar o aniversário de Haroldo./ Entretanto, a chegada de Alan, ex-colega de faculdade de Miguel, anuvia o a mbiente, tirando a espontaneidade dos convidados , que recebem do dono da casa a ordem para se comportarem "normalmente". Com o decorrer dos acontecimentos, surge uma briga entre Alan e Davi, que sai machucado.

Após o jantar, ao descer do quarto onde se havia refugiado, Alan é obrigado a participar de um jogo, onde cada um dos presentes deve telefonar para a pessoa que mais ama e confessar-lhe seu amor. Apesar de contrariados, os convidados / participam, obrigados por Miguel e assim é colocada em cena / a vida de cada um dêles. Finalmente chega a vez de Alan. Miguel convence-o a ligar para Tony, um colega de faculdade ,com quem supostamente mantivera relações. Porém, Alan liga para / sua esposa, de quem se separara há algum tempo. Isso deixa todos perplexos, mesmo Miguel, que tentara destruir o amigo. Depois da partida dos convidados, restam apenas Donald e Miguel,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376,p.353

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO: _____

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: _____

cont.

que se sente deprimido com os acontecimentos, com sua própria atuação em relação a Alan, que partira, deixando no ar uma incógnita.

O tema central da peça é o conflito de homossexuais, que temem enfrentar suas famílias e a sociedade em geral. Mesmo Davi e Bernardo, que formam um dos casais presentes, assumidos, hesitam ao confessar o amor que sentem por outros homens. Apesar de satírica, em alguns trechos, a peça deixa uma nota/ de depressão e tristeza.

Procedido ao ensaio geral, opino pela liberação da / presente, para maiores de 18 anos, devido ao conteúdo e ao vocabulário utilizado; com os cortes referentes à tóxicos, assinalados às páginas: 05, [illegible], 08, 11, 13, 22, 24, 25, 26, 28, / 39 e 43, de acordo com o que determina o Decreto 78 992/76, / em seu artigo 9º.

*

Cenário: sala de visitas com almofadas pelo chão, bar e manequins, que servem de suportes para diversos objetos. Nas / paredes, poster de Marilyn Monroe e prateleiras com livros.

De acordo com o parecer.

São Paulo, 14 de Setembro de 1978

Lia A. Reis Dinamarco

Lia A. Reis Dinamarco

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Chefe Substituto do SCDP/SR/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, P.354

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3900/78-SCTC

TÍTULO: "OS RAPAZES DA BANDA" de Mart Crowley - trad. de Millor Fernandes

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: -PARA MAIORES DE 18 ANOS COM CRTES-

Feito o confronto deste com o texto anterior, nenhuma alteração digna de nota foi por nós constatada.

Peça teatral que narra, em dois atos, fatos e acontecimentos ocorridos numa só noite, num apartamento, entre alguns rapazes.

Numa trama bem urdida e através de diálogos ora afetivos, ora íntimos, ora familiares vai se desenrolando a peça na qual cada um dos personagens deixa entrever um problema comum: o homossexualismo (assunto tão em moda hoje em * dia !).

Alguns dos personagens sabem-se "assim" e assim se descobriram desde a adolecência, outros descobrem-se * já maduros, alguns aceitam o fato sem que isso lhes cause * qualquer problema enquanto que outros temem em se "assumir" * diante da família e do mundo que os cerca.

Um deles, Alan, casado e pai de dois filhos entra na história quase que por acaso e sai fortuitamente sem * que se saiba ao certo se ele entendeu, aceitou ou rejeitou por completo o homossexualismo dos demais.

Opinamos pela liberação do presente texto, para maiores de 18 anos, com os cortes devidamente assinalados * as fls. 05, 08, 11, 22, 24, 25, 28, 39, 43 e 44 com fundamento nos artigos 8 e 9 da Lei 78.992/76.

São Paulo, 20 de julho de 1.978

Maria Angelica M.Figueiredo

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Chefe Substituto do SCDP/SR/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 355

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3901/781-SCTL-SC

TÍTULO: "OS RAPAZES DA BANDA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 9(DEZOITO) ANOS COM CORTES

PEÇA TEATRAL DE AUTORIA DE MART CROWLEY, TRADUÇÃO DE MILLÔR FERNANDES, QUE SERÁ APRESENTADA EM DOIS ATOS.

ATRAVÉS DO RELACIONAMENTO DE SEUS PERSONAGENS O AUTOR ABORDA O PROBLEMA DO HOMOSSEXUALISMO.

UM GRUPO DE AMIGOS, TODOS HOMOSSEXUAIS, ESTÃO REUNIDOS NUM APARTAMENTO PARA COMEMORAREM O ANIVERSÁRIO DE HAROLDO. A AÇÃO TRANSCORRE INTEGRALMENTE NAS DEPENDÊNCIAS DESTE APARTAMENTO. AÍ DISCUTEM SEUS PROBLEMAS, SUAS VIDAS, SE ENFRENTAM E PRINCIPALMENTE REVELAM-SE A SI MESMOS. PROCURAM-SE ACEITAR COMO SÃO.

TEXTO ADULTO, BASTANTE FORTE, ONDE É ENFOCADO, UM TEMA ATUAL, OU SEJA, O HOMOSSEXUALISMO, PROCURA MOSTRAR A VIDA DESTES HOMENS MARGINALIZADOS, SEUS ANSEIOS E SUAS ANGÚSTIAS. OPINAMOS PELA LIBERAÇÃO DO MESMO, PARA MAIORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES NAS PÁGINAS: 5, 6, 8, 11, 13, 22, 24, 25, 26, 28, 39, 43, POR FAZEREM MENÇÃO DE TÓXICOS, INFRINGINDO, ASSIM, O DISPOSTO NOS ARTIGOS 8º E 9º DO DEC. 78.992/76.

SÃO PAULO, 13 DE SETEMBRO DE 1.978

M G B Souza
Maria Glória Brasil de Souza
Técnica de Censura
Matr. 2.41 6.948

Ensaio geral

Draúzio Selmann Bornellas Coelho
Chefe Substituto do SCDP/SR/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 356

882/78

* OS GAROTOS DA BANDA * OU * OS RAPAZES DA BANDA *

MART CROWLEY

19 JULHO 80

20 OUTUBRO 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p 357

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

* OS GAROTOS DA BANDA * OU * OS RAPAZES DA BANDA *

MART CROWLEY

19 OUTUBRO 78.

PROIBIDO P/MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. COM CORTES. *

*CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DE SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP. * CORTES RELACIONADAS AS FLS. 05,08,11,13,22,24,25,26,28,39e

De acortdo com o Decreto 78.992/76 artigo 9º.

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO-SUBSTITUTO

20 OUTUBRO 78

RBS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0376, p. 358/358

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Brasília, 20 de outubro de 1978

1505/78 /

em São Paulo

229/78-SCDP/SR/SP

" OS GAROTOS DA BANDA OU OS RAPAZES DA BANDA, de Mart Crowley. e "MONICA E CEBOLINHA NO MUNDO DE ROMEU E JULIETA", de Yara Maura Silva.